

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem -IEL
Departamento de Lingüística

Aspecto no Kaingang

Solange Aparecida Gonçalves

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Lingüística
ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL),
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Campinas, 8 de março de 2007.

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem -IEL
Departamento de Lingüística

Aspecto no Kaingang

Solange Aparecida Gonçalves

Mestrado em Lingüística

Área: Línguas Indígenas

Orientador: Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis

A presente Dissertação foi aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Lingüística, no Programa de Mestrado em Lingüística do Instituto de Estudo da Linguagem - IEL da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Campinas, março de 2007.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis

Prof. Dr. Angel Corbera Mori

Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco

Prof. Dr. Rodolfo Ilari

Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo

Profª. Drª. Cristina Martins Fargetti

IEL / UNICAMP

08 de março de 2007

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

G586a Gonçalves, Solange Aparecida.
Aspecto no Kaingang / Solange Aparecida Gonçalves. --
Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Wilmar da Rocha D'Angelis.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua kaingang. 2. Índios - Línguas. 3. Sintaxe (Gramática). 4.
Semântica. 5. Gramática comparada e geral - Aspecto. I. D'Angelis,
Wilmar. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos
da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: Aspect in Kaingang (Ge).

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Kaingang language; Indians – Languages; Syntax (Grammar); Semantics; Grammar, Comparative and general - Aspect.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Mestre em Lingüística.

Banca examinadora: Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis (orientador), Prof. Dr. Angel Corbera Mori e Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco. Suplentes: Prof. Dr. Rodolfo Ilari, Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo e Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti.

Data da defesa: 08/03/2007.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

Agradecimentos

Escrever uma dissertação é percorrer um longo percurso. O tempo, entretanto, é curto. Mas, poder olhar para trás e ver que muitas pessoas fizeram parte desse caminho, é muito bom.

Não sei exatamente se consigo expressar, adequadamente, minha gratidão para com todos que colaboraram e muitas vezes sofreram e sorriram comigo. Da mesma forma, peço desculpas antecipadamente àqueles que, sem querer, possa deixar de mencionar; gostaria que soubessem que todos são igualmente importantes.

Começo, então, agradecendo àqueles que tornaram possíveis as muitas realizações até este momento: meus pais, que me ensinaram princípios e que sempre me apoiaram (até mesmo agüentaram, muito bem, meus momentos difíceis!). Ao meu companheiro de sempre, Gerson, a quem não posso deixar de citar, seja por sua bondade para comigo, seja por sua exemplar paciência. À minha irmã, Shirley, pelo encorajamento.

Ao meu orientador, prof. Dr. Wilmar D'Angelis, por acreditar e ter me dado a oportunidade.

À prof^a. Dr^a. Juracilda Veiga, pelas palavras carinhosas (em vários momentos) e pelo apoio.

Ao povo Kaingang, pela possibilidade de nossas trocas de experiências. Muitos foram os que tornaram possível meu trabalho. A todos agradeço: à professora Nilce Cardoso, minha auxiliar de transcrição; aos professores Kaingang - Adilson, Nilson, Ademir e Dirceu; à Sr^a Marli e Sr. Lino, pela acolhida; a todos que gentilmente tiveram paciência comigo e colaboraram nas entrevistas: Sr. Firmino Simão e sua esposa, Sr^a Lurdes da Luz; Sr^a Madalena de Oliveira; Malaquias dos Santos e a seu avô, Sr. João dos Santos; Sr. Jorge Garcia; prof. Ademir Brandino; Sr. Guerino Farias; Sr. Luis Tiago Kajere; Cristiane Daniela; Indiará Pinto e ao Sr. Abílio Pêneré. Ao Sr. Pedro, cacique da Área Indígena de Votouro (RS), pela autorização da minha permanência na Área.

Também aos professores dos Cursos de Formação, que direta ou indiretamente colaboraram com nossos esforços. Agradeço ao prof. Valmir Cipriano e a prof.^a Márcia Nascimento pela ajuda. Ao amigo Bruno Ferreira (professor Kaingang) agradeço pelo que pudemos aprender um com o outro.

Aos meus colegas de curso, pelo incentivo e palavras encorajadoras. Não posso deixar de citar, dentre eles, Raynice G. Pereira da Silva, que muito me auxiliou e incentivou nesses dois anos; a Renato Miguel Basso e André Antonelli, pela amizade e paciência.

Aos professores que pude ter contato mais diretamente aqui no IEL, agradeço o apoio recebido e o incentivo para continuar. Obrigada prof. Dr. Angel Corbera Mori pela sua contribuição nesses dois anos. Também à prof^a Dr^a. Filomena Sândalo e à prof^a. Dr^a. Bernadete Abaurre pelo incentivo.

Agradeço a generosidade do prof. Dr. Rodolfo Ilari e de Renato Miguel Basso, que não somente colaboraram gentilmente cedendo seu texto ainda não publicado, mas também fizeram valiosas sugestões (claro, porém, que os possíveis erros continuam meus).

A minha amiga Dörthe que gentilmente me auxiliou nas traduções dos textos em Alemão.

Finalmente, devo registrar que minha pesquisa e mestrado foram possíveis graças à bolsa que me foi concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, e minha viagem a campo contou com o apoio inestimável do FAEPEX-UNICAMP e do Programa de Pós-Graduação em Linguística do IEL.

Aspecto no Kaingang

Resumo

A presente dissertação avalia a pertinência do emprego da noção de Aspecto para definir a função desempenhada por um conjunto de partículas oracionais finais na língua Kaingang (família Jê, tronco Macro-Jê). Essa língua indígena é falada no Brasil Meridional em uma população de cerca de 30 mil pessoas. Para tanto, apresenta-se uma revisão da abordagem teórica dos fatos lingüísticos comumente classificados na categoria de Aspecto, destacando as distintas visões do fenômeno, muitas vezes tomado em perspectivas divergentes em diferentes autores. Ressalta-se, por exemplo, a distinção – para alguns teóricos, clara e necessária; para outros, inexistente ou sem grande utilidade – entre Aspecto e Acionalidade ('Aktionsart'). Há resenhas da bibliografia sobre a língua Kaingang, destacando as obras em que o tema foi abordado ou mencionado de algum modo. Finalmente, analisa-se um 'corpus' produzido, em sua maior parte, por dados colhidos diretamente em campo em função dessa pesquisa (uma parte dele, no entanto, é constituído de dados emprestados de outros trabalhos de pesquisa). A partir desses dados, sugerem-se hipóteses sobre a função de tais partículas, apontando, em algumas, efetivas funções aspectuais, mas em outras, uma função modal ou uma perspectiva de evidenciar Acionalidade.

Abstract

This dissertation evaluates the relevancy of using the notion of Aspect to define the function performed by a set of final phrasal particles in the Kaingang language (Jê family, Macro-Jê stock). This aboriginal language is spoken by a population of about thirty thousand people in Southern Brazil. For this, a revision of the theoretical approach of the linguistic facts usually classified as Aspect's category is presented, detaching the distinct viewpoints about the phenomenon, many times taken in divergent perspectives by different authors. It's standed out, for example, the distinction – for some theoreticians, clear and necessary; for others, inexistent or without much use – between Aspect and Actionality ('Aktionsart'). There are bibliography summaries on the Kaingang language, detaching the workmanships where the subject boarded or was mentioned in some way. Finally, it is analyzed a set of data that, in its bigger part, was produced in field investigation specially applied for this research (a part of it, however, is constituted of borrowed data of other works of research). From these data, hypotheses are suggested on the function of such particles, concluding, in some cases, that they have effective aspectual functions, but in others, they suggest a modal function or a perspective of evidencing Actionality.

Abreviações Utilizadas

ASP = Aspecto

ASPr = Aspecto reduplicado

fem = marcação de feminino

Imperf. = Aspecto Imperfectivo

Instr. = ‘Instrumental’

Loc. = Locativo

LT = Localização Temporal

ME = Momento do Evento

mf = Marca de Futuro¹

MF = Momento da Fala

MP = ‘Marcador Posicional’

MR = Momento de Referência

ms = Marca de Sujeito²

O = Objeto

Perf. = Aspecto Perfectivo

S = Sujeito

TAM = Tempo, Aspecto, Modo

v. = Verbo

1p = 1ª pessoa singular

2p = 2ª pessoa singular

3p = 3ª pessoa masculino singular

3pf = 3ª pessoa feminino singular

1ppl = 1ª pessoa plural

3ppl = 3ª pessoa masculino plural

3pfpl = 3ª pessoa feminino plural

(1p)+ms = 1ª pessoa singular com marcação de Sujeito³

(3p)+ms = 3ª pessoa masculino singular com marcação de Sujeito

¹ Para evitar confusão com a abreviação de MF (Momento da fala), optamos por colocar a referência de marca de Futuro em letras minúsculas (mf).

² Por não dispormos de estudos mais detalhados sobre as funções dos Marcadores de Sujeito na língua Kaingang, utilizaremos, nesse momento, apenas a referência genérica ‘ms’. São várias marcas de sujeito e usaremos a mesma nomenclatura. Ao longo dos exemplos, o leitor encontrará, com essa função, partículas como: ‘ne’, ‘vɣ’, ‘ta’, ‘tóg’, ‘tɣ’ (essas, em orações afirmativas) e ‘pi’ (em orações negativas).

³ O parêntese é necessário, porque o pronome não ocorre ali, é apenas pressuposto.

Índice

Agradecimentos	v
Resumo / Abstract	vii
Abreviações Utilizadas	viii
Capítulo 1 - O povo Kaingang e sua língua	1
1.1 O povo Kaingang	1
1.2 A língua Kaingang	6
1.2.1 Uma breve retrospectiva histórica	6
1.2.2 A ortografia Kaingang	10
1.2.3 Um pouco mais sobre a língua: algumas informações gramaticais	12
Capítulo 2 - O Conceito de ‘Aspecto’ para a Lingüística	17
2.1 Tempo Verbal: conceito geral de Tempo Físico e Tempo Lingüístico	17
2.2 Referência Temporal e Gramaticalização	19
2.2.1 Referência Temporal em Reichenbach e a reformulação por Bertinetto	19
2.2.2 Outras considerações sobre Referência Temporal	23
2.3 A origem do termo Aspecto	25
2.4 O conceito de Aspecto: uma noção não consensual	26
2.4.1 As várias visões por diferentes olhares	27
2.4.1.1 Joaquim Mattoso Câmara Junior	28
2.4.1.2 Bernard Comrie	30
2.4.1.3 Jonh Lyons	32
2.4.1.4 Talmy Givón	33

2.4.1.5 Sandra Chung e Alan Timberlake	36
2.4.1.6 Östen Dahl	38
2.4.1.7 Pier Marco Bertinetto	41
2.4.1.8 Carlota Smith	47
2.4.1.9 Simon C. Dik	48
2.4.1.10 Darbhe N. S. Bhat	49
2.4.1.11 Ataliba T. de Castilho	50
2.5 Perfectividade vs Imperfectividade	52
2.6 ‘Aspecto e <i>Aktionsart</i> ’ (‘Acionalidade’)	60
2.7 O Princípio de ‘Marcado’ e ‘Não-Marcado’ na Interpretação Temporal	66
Capítulo 3 - Tempo, Aspecto e Modo na língua Kaingang-	
- uma revisão bibliográfica	68
3.1 Frei Mansueto Barcatta de Val Floriana	68
3.2 Rosário Farini Mansur Guérios	70
3.3 Wanda Hanke	73
3.4 Ursula Wiesemann	75
3.4.a Wiesemann (1971)	76
3.4.b Wiesemann (1972)	78
3.4.c Wiesemann (2002)	84
3.4.d Wiesemann (1974)	87
3.5 Considerações Finais	89
Capítulo 4 - Dados Prévios - Uma verificação Inicial	90
Capítulo 5 - Metodologia	99
5.1 A construção de um ‘ <i>corpus</i> ’	99
5.2 A coleta de dados	100
5.3 As dificuldades de contextualização	102
5.4 Uma possível seleção de abordagem teórica para discutir Aspecto na língua Kaingang	104

Capítulo 6 - A Expressão de Tempo em Kaingang	110
6.1 Resumindo	117
Capítulo 7 - Expressão de Modo em Kaingang	118
7.1 'ra'	119
7.2 'pẽ'	122
7.3 'hẽnỹ' e 'vẽnhver'	123
7.4 'na'	125
7.5 Outras expressões de modalidade	128
7.5.1 'kamã'	128
7.5.2 'fã'	129
7.5.2 'mỹ'	130
7.6 Ocorrências de 'vẽ'	131
7.6.1 'vẽ' em orações simples (isolado e com outros marcadores)	132
7.6.2 'vẽ' em períodos compostos	135
7.6.3 'vẽ' em períodos compostos 'condicionais'	137
7.7 Considerações Finais	138
Capítulo 8 - Uma possibilidade e uma proposta de discussão dos dados para os Marcadores de Aspecto	139
8.1 Ocorrências de 'mũ'	143
8.2 Ocorrências de 'ja'	155
8.3 Ocorrências de 'ma'	160
8.4 Ocorrências de 'tĩ'	164
8.5 Ocorrências de 'nĩ'	170
8.6 Ocorrências de 'jẽ'	174
8.7 Ocorrências de 'nỹ'	175
8.8 Uma tentativa de síntese	177
Capítulo 9 - Os 'Marcadores Posicionais'	179

Capítulo 10 - A Reduplicação dos Marcadores de Aspecto	185
Capítulo 11 - Composições dos Marcadores na língua Kaingang	192
Considerações Finais	198
Bibliografia	200

Capítulo 1

O povo Kaingang e sua língua

1.1 O povo Kaingang

A denominação Kaingang aparece na documentação bibliográfica a partir de 1882, com trabalhos de Telêmaco Borba e de Frei Luiz de Cimitile (Cf Taunay 1888: 256; Baldus [1937] 1979:8 apud Veiga 2000: 24), mas anteriormente a denominação de ‘Coroados’ aparece em diferentes autores que se referem a grupos Kaingang de diferentes lugares, seja no centro do Paraná (Bigg-Wither 1878), seja na província Argentina de Misiones (Ambrosetti 1894), seja ainda no nordeste do Rio Grande do Sul (Mabilde 1897), por exemplo.

Conforme aponta Veiga (2000 e 2006), nem sempre a documentação que identifica o povo Kaingang por diferentes nomes, refere-se aos grupos dessa etnia.

Ainda segundo ela:

“o termo hoje é difundido entre eles próprios e assumido com o significado de índio’. Atualmente o termo Kaingang é certamente aquele que unifica esse povo como autodenominação para fins externos (isto é, os identifica como uma unidade diante dos ‘outros’, não-índios e outros povos indígenas)” (Veiga, 2006: 45-46).

Historicamente os Kaingang ocuparam um vasto território, não completamente contíguo, mais ou menos correspondendo à expansão maior das florestas de pinheirais (o que significa: vastas regiões do Paraná e Santa Catarina, a região do sul-sudoeste paulista, o planalto riograndense e parte de Misiones, na Argentina)

Até o final do séc. XIX e as duas primeiras décadas do séc. XX as aldeias e aldeamentos indígenas Kaingang estabelecidos viviam em relativo isolamento: os primeiros contatos oficiais e amistosos reconhecidos com comunidades Kaingang pela sociedade portuguesa ocorreram nos Campos de Guarapuava (centro do Paraná) a partir de 1812 (D’Angelis, 1984: 8-10). Mas principalmente no Sul do Brasil, a expansão agrícola e as

madeireiras passaram a ocupar os territórios indígenas e isso muitas vezes às custas de violência generalizada contra os que a ela se opunham.

O início do século XX assistiu a demarcação de boa parte das terras indígenas dos Kaingang que, no entanto, rapidamente começaram a ser cobiçada, invadidas, exploradas e griladas¹. Também as políticas de integração do SPI (Serviço de Proteção aos Índios, criado em 1910), com a promoção de arrendamentos dentro das próprias áreas sobretudo nas décadas de 50 e 60 foram fator importante para a não permanência de tradições e práticas culturais indígenas (incluída a língua), além de favorecerem as mudanças ocorridas nas demarcações das terras indígenas (a Funai também contribui, posteriormente, para tal situação). Casamentos interétnicos eram garantia de acesso, para os caboclos expropriados de suas terras pelo empreendimento colonizador europeu, a esse bem de produção: a terra .

No Rio Grande do Sul, o próprio Estado começou a tomar terras antes demarcadas aos índios já nos anos 40, mas principalmente nos anos 60, o que levou muitas comunidades Kaingang a ficarem sem terras disponíveis para plantar, tornando-se aos poucos ‘mão-de-obra’ (quase sempre temporária) fora de suas áreas.

Essa situação de exploração a que os povos indígenas de modo geral e os próprios Kaingang foram submetidos ao longo da história brasileira, resultou em diferentes situações que caracterizam o que são as comunidades indígenas hoje.

Os Kaingang sobreviveram, não sem grandes marcas. Em São Paulo, por exemplo, os Kaingang foram reduzidos a dois grupos pequenos, em áreas reduzidas (sem falar da política oficial do SPI que levou para suas áreas, na década de 40, indivíduos e famílias indígenas de outras etnias, o que resultou na quase extinção da língua no Estado de São Paulo²).

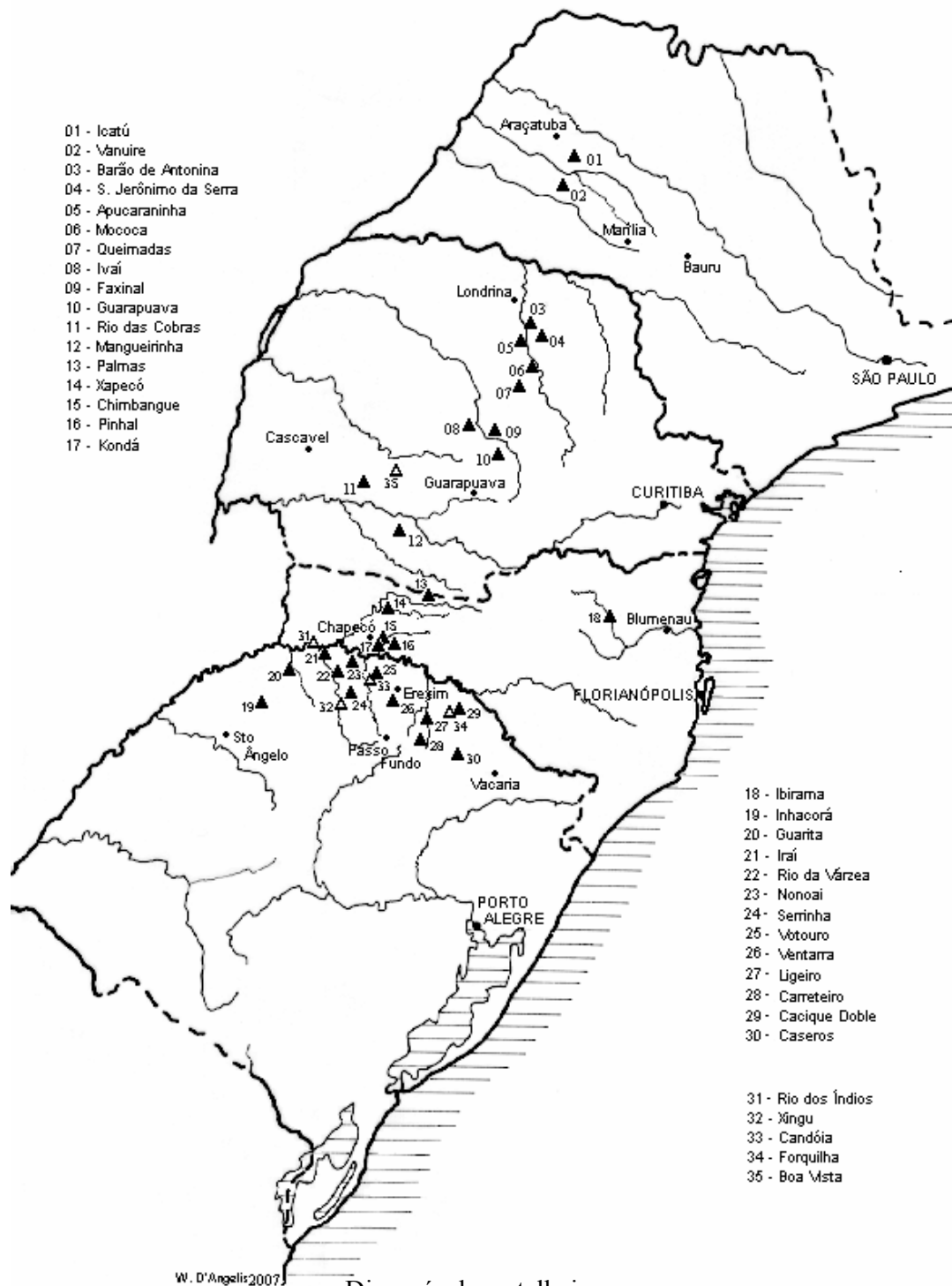
Mas mesmo assim, os Kaingang hoje são considerados um dos cinco povos indígenas mais populosos da Brasil, com aproximadamente 30 mil pessoas distribuídas em cerca de 30 áreas indígenas diferentes entre os Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (vide mapa na p. 4 e a tabela (1) na p. 5). A maioria é bilíngüe, falando ao lado de sua língua, o Português. Possuem escolas nas aldeias, na

¹ Ver D’Angelis (2002a) e Veiga (2000).

² Nos anos 80 a língua Kaingang já era considerada extinta no Estado de São Paulo. Marita Pôrto Cavalcante em sua tese de doutorado: *‘Fonologia e morfologia da língua Kaingang: o dialeto de São Paulo comparado com o dialeto do Paraná’* (1987), constata a existência de cerca de uma dezena apenas de conhecedores da língua nas duas áreas Kaingang de Icatu e Vanuíre.

maioria das quais o ensino é bilíngüe (Português e Kaingang) e os professores também em sua maioria são falantes nativos.

ÁREAS KAINGANG



Disponível: portalkaingang.org

ÁREAS INDÍGENAS KAINGANG

Tabela (1):

ÁREA INDÍGENA	UF	Nº NO MAPA	POPULAÇÃO KAINGANG
Apucarantina	PR	3.	1.350
Barão de Antonina	PR	4.	460
Cacique Doble	RS	29.	550
Carreiro	RS	28.	350
Faxinal	PR	9.	470
Guarita	RS	20.	6.100
Ibirama	SC	18.	20
Icatu	SP	1.	15
Inhacorá	RS	19.	970
Iraí	RS	21.	350
Ivaí	PR	8.	1.000
Kondá	SC	17.	300
Ligeiro	RS	27.	1.900
Mangueirinha	PR	12.	1.500
Marrecas (Guarapuava)	PR	10.	390
Mococa	PR	6.	80
Monte Caseros	RS	30.	80
Nonoai	RS	23.	2.100
Palmas	PR	13.	660
Pinhal	SC	16.	120
Queimadas	PR	7.	500
Rio da Várzea	RS	22.	375
Rio das Cobras	PR	11.	1.750
São Jerônimo da Serra	PR	5.	380
Serrinha	RS	24.	2.000
Toldo Chimbanque	SC	15.	600
Vanuíre	SP	2.	90
Ventarra	RS	26.	270
Votouro	RS	25.	1.200
Xaçecó	SC	14.	2.900
Áreas Reivindicadas			
Total			28.830

Fonte: www.portalkaingang.org

“Os Kaingang possuem metades exogâmicas patrilineares (Kamẽ e Kanhru) e estão relacionadas à nomenclatura. Seus nomes constituem uma identidade social e cerimonial” (Cf. Veiga, 2006).

Economicamente os Kaingang organizaram-se sobre uma economia baseada na caça, pesca, coleta e agricultura complementar, mas atualmente a agricultura é o elemento básico da sua economia, ao lado de famílias que dependem exclusivamente da venda de seus artesanatos.

1.2 A língua Kaingang

1.2.1 Uma breve retrospectiva histórica

Desde os primeiros contatos, os Kaingang foram alvo de ações catequéticas pela Igreja Católica, que no Império, era parte da política indigenista oficial. Já no início do século XX, numa tentativa dos capuchinhos italianos de retomar sua ação missionária no norte-paranaense (iniciada na metade de século XIX) um capuchinho italiano, Frei Mansueto Barcatta de Val Floriana foi o responsável pelo primeiro trabalho sobre a língua Kaingang: uma gramática e um dicionário (Floriana 1918 e 1920). Antes dele, apenas se conta com vocabulários ³.

Nos anos 40 surgem outros trabalhos, ainda que menos volumosos, na linha da lingüística histórico-comparativa, assinados por Mansur Guérios (1942 e 1945). Na seqüência dele, estão os estudos de Wanda Hanke, tanto do Xokleng (Hanke 1947) como do Kaingang norte-paranaense (Hanke 1950)⁴.

Segundo D'Angelis (2002a: 109), entre as muitas pressões sobre a sociedade Kaingang, encontram-se as políticas sistemáticas para que os índios deixassem de falar a língua materna, por exemplo, com a implantação das escolas primárias bilíngües, na década de 70: no final dos anos 50 instala-se, na divisa da área indígena de Rio das Cobras, no sudoeste do Paraná, a missão e centro de pesquisa lingüística do Summer Institute of Linguistics (SIL - hoje, Sociedade Internacional de Lingüística). Pela ação do SIL, com a

³ Cf. D'Angelis (2006a). '*A língua Kaingang e seu estudo*'. Disponível em: www.portalkaingang.org (acessado em outubro de 2006)

⁴ idem

formação de professores bilíngües (chamados ‘monitores bilíngües’), inicia-se a implantação de um programa educacional baseado no ‘bilingüismo de substituição’, ou seja, um modelo que propõe que a língua indígena de alfabetização (já que a criança chega na escola falando sua língua materna) ceda espaço para o Português que substitui a língua materna.

Como pesquisadora do SIL, Ursula Wieseemann passa a estudar o Kaingang nessa região de Rio das Cobras, no final da década de 50 e principalmente na década de 60. Em 1959 um primeiro estudo é tornado público, em reunião da ABA (Associação Brasileira de Antropologia), intitulado ‘*Notas sobre o proto-Kaingang: um estudo de quatro dialetos*’ (Wieseemann, 1959). Durante os anos 60, Wieseemann prepara material de ensino de Kaingang para missionários (Wieseemann, 1967) e estabelece uma sugestão de ortografia oficial iniciando a produção de cartilhas para alfabetização em Kaingang. Estabelece-se, então, um convênio envolvendo a Funai, o SIL e a IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), criando-se a primeira escola para formação de "monitores bilíngües" na área de Guarita (RS).

Na segunda metade da década de 90, um programa desenvolvido em parceria entre a Unijuí (Universidade de Ijuí, RS), Funai e igrejas para dar formação equivalente ao Magistério de Segundo Grau, formou uma primeira turma com quase 30 professores.

A partir de 2001, com participação da Funai, Unijuí e UPF (Universidade de Passo Fundo), colocou-se em andamento o Projeto Vãfy, de formação de professores Kaingang do Rio Grande do Sul em Magistério de 2º grau. O curso encerrou-se em 2006, formando mais de 80 novos professores (a maioria, profissionais já em atividade)⁵.

Estudos da língua Kaingang amparados em instituições universitárias brasileiras começam a surgir apenas em meados dos anos 80: em 1987, Marita Pôrto Cavalcante em sua tese de doutorado (IEL-Unicamp): ‘*Fonologia e morfologia da língua Kaingang: o dialeto de São Paulo comparado com o dialeto do Paraná*’ e no ano seguinte, José Baltazar Teixeira que descreveu a fonologia do dialeto Kaingang de Nonoai (RS). No primeiro caso, tratou-se de uma abordagem gerativa padrão, com algumas soluções inspiradas em

⁵ Em Santa Catarina o Governo do Estado promoveu semelhante programa de formação para professores Kaingang e Xokleng (Laklãnõ) no mesmo período (Cf. D’Angelis (2006c). *Elementos para o projeto de licenciaturas específicas (3º grau) para a etnia Kaingang*). (Não publicado).

Anderson (1974 e 1976). No segundo caso, uma abordagem segmental estruturalista, bastante calcada em Wieseemann e Kindell (1972)⁶.

Em 1986, Silvia Lucia Bigonjal Braggio defendeu tese nos Estados Unidos sobre o processo de alfabetização entre crianças Kaingang de Guarapuava: *'The sociolinguistics of literacy: a case study of the Kaingang, a Brazilian Indian tribe'*.

A partir de meados dos anos 90, Silvia Nascimento passou a estudar aspectos da sintaxe do Kaingang nos marcos de modelos recentes da teoria gerativa (Cf. Nascimento 1995 e 1996, apud D'Angelis: 2006a).

Nos anos 90, D'Angelis passou a produzir trabalhos de análise da fonologia Kaingang e, posteriormente, também sobre aspectos da sintaxe (Cf. D'Angelis 1991, 1992a, 1992b, 1995a, apud D'Angelis: 2006a), culminando com um trabalho teórico explorando os limites das teorias fonológicas com base em dados de sua investigação da língua Kaingang. Ainda segundo D'Angelis (2006a), suas investigações prosseguem em vários campos lingüísticos, dando atenção a aspectos fonéticos da língua em sua relação com a fonologia, à fonologia propriamente, à sintaxe, às questões de educação e de lingüística aplicada, aos aspectos sociolingüísticos, a aspectos semânticos, historiográficos, literários e ortográficos⁷.

Em relação a "ferramentas" lingüísticas escritas, como dicionários e gramáticas, têm-se pouco: dois trabalhos, intitulados "Dicionários" (bilíngües): o de Val Floriana (1920) e o de Wieseemann (1971, reeditado em 1981 e revisto em 2002), mas talvez apenas o de Val Floriana mereça essa designação, apesar de suas limitações. Esse, porém, é desconhecido da quase totalidade dos Kaingang. O de Wieseemann é pouco mais que um vocabulário, ao qual se agregam informações sobre pronúncia (da ortografia Kaingang) e sobre sintaxe, como um pequeno adendo gramatical.

Quanto aos materiais chamados 'didáticos' produzidos em língua Kaingang, seja pelo SIL, seja por iniciativas mais recentes, com recursos do MEC para 'oficinas' e publicações, restringem-se a cartilhas e a coletâneas de textos e não cobrem a lacuna da orientação de uma reflexão epilingüística e propriamente lingüística no ensino escolar do Kaingang, da mesma forma que não cobrem a lacuna igualmente enorme do não emprego

⁶ Disponível em: www.portalkaingang.org. (acessado em outubro de 2006).

⁷ Idem.

da língua Kaingang como língua de instrução nas disciplinas de história, geografia, matemática, etc (Cf. D'Angelis 2002a).

Desnecessário, talvez, falar sobre a influência do Português nas línguas indígenas hoje e no Kaingang de modo especial, aqui no caso. Mas de qualquer forma, vale ressaltar que as muitas comunidades indígenas tiveram suas exigências lingüísticas ampliadas a partir da intensificação do contato com os não-índios, especialmente quando a colonização chegou muito próxima dessas comunidades e então, interagir em Português passou a ser uma necessidade e isso se deu a partir de diferentes recortes históricos.

Por viverem em um país onde a língua oficial não é a sua, necessitaram adquiri-la, porque a necessidade de comunicação, seja com órgãos públicos, com empregadores, grupos religiosos, nas relações comerciais ou mesmo na escola, fizeram com que os membros dessas comunidades precisassem “entender” os vários discursos da sociedade que os envolvia. Como a maioria das sociedades indígenas no Brasil, os Kaingang precisaram empregar a língua portuguesa como recurso para estabelecer a maioria dos laços com a sociedade envolvente. Assim, no último século e meio, a língua portuguesa teve menor ou maior interferência, ou dito de outra forma, influência sobre a língua Kaingang.

No processo de incrementação das relações de contato, de início parece que na sociedade Kaingang a língua não representava uma parte importante de identidade étnica enquanto povo, mas o avanço cada vez maior da sociedade luso-brasileira resultou numa situação em que a dicotomia ser índio ou não ser índio foi sendo colocada em todos os aspectos de suas vidas cotidianas. Num primeiro momento, a tentativa de se identificar com a sociedade dominante levou ao abandono da língua materna. Porém, o resultado ao longo do tempo mostrou que o fato de se falar bem ou não o Português não evitava a discriminação, e, então houve uma revalorização da língua, como nos mostra a tentativa de se pensar uma política lingüística e uma planificação lingüística própria (D'Angelis, 2002a: 113).

Atualmente trabalhos vêm sendo desenvolvidos junto às (e com as) comunidades Kaingang no sentido de revalorização de sua língua. Espero que de alguma forma esta dissertação também colabore nesses esforços.

1.2.2 A ortografia Kaingang

A língua Kaingang é classificada na família Jê, tronco Macro-Jê (Rodrigues, 1999).

Pela extensão da localização das comunidades Kaingang eles desenvolveram cinco dialetos, segundo Wieseemann (1971 e 2002):

(i) dialeto de São Paulo: no norte do rio Paranapanema, no Estado de São Paulo (ii) dialeto do Paraná: entre os rios Paranapanema e Iguaçu

(iii) dialeto Central: entre os rios Iguaçu e Uruguai

(iv) dialeto do Sudoeste: sul do rio Uruguai e oeste do rio Passo Fundo

(v) dialeto do Sudeste: sul do rio Uruguai e leste do rio Passo Fundo.

O alfabeto em uso para escrita da língua Kaingang foi proposto pela pesquisadora-missionária do Summer Institute of Linguistics, Ursula Wieseemann (conforme já citado acima), nos anos 60 com base em uma pesquisa conduzida inicialmente sobre o dialeto Kaingang falado em Rio das Cobras (PR).

Os dados da língua Kaingang serão transcritos ortograficamente neste trabalho e para uma idéia dessa apresentação, segue-se uma pequena descrição da ortografia Kaingang.

A língua Kaingang não possui as oclusivas vozeadas (sonoras) do Português /b/, /d/, /g/, mas as consoantes nasais diante de vogais orais ganham um contorno desnasalizado que as aproxima foneticamente de uma seqüência de consoantes nasal e oclusiva vozeada do Português. Assim, /m/ passa a [mb]; /n/ passa a [nd]; /ɲ/ passa a [ɲɲ] (sem correspondente no Português) e /ŋ/ passa a [ŋg]. Isso acontece mesmo havendo encontro consonantal, no qual o “r” ocupa sempre a segunda posição: /mr/ + vogal oral (Vo) = [mbr] + Vo, e, /ŋr/ + Vo = [ŋgr] + Vo. Por se tratar de variação fonética, na ortografia a escrita das consoantes nasais não se altera na presença das vogais orais, somente a pronúncia.

Não ocorre consoante glotal inicial, segundo Wieseemann (obra citada).

O padrão silábico do Kaingang inclui:

- 1) (V) - ex: *ẽ.pỹ* “roça”;
- 2) (VC) - ex: *ĩn* “casa”;
- 3) (CV) – ex: *ka* “árvore”;

4) (CCV) – ex: *prũ* “esposa”, *mro* “banho” (a segunda consoante será sempre [r] e a inicial pode ser uma labial ou dorsal, nunca uma coronal);

5) (CVC) – ex: *téj* “comprido”;

6) (CCVC) – ex: *krĩg* “estrela”.

As consoantes finais só podem ser soantes, ou seja, quaisquer das nasais e os fonemas /r/, /w/ e /j/.

No alfabeto Kaingang:

a) sistema consonantal:

a.1 (ortograficamente):

Tabela (2)

	DESCONTÍNUAS	CONTÍNUAS
OBSTRUINTES	< p > , < t > , < k > , < ' >	< f > , < s > , < h >
SOANTES	< m > , < n > , < nh > , < g >	< v > , < r > , < j >

a.2 (fonologicamente)

Tabela (3)

	DESCONTÍNUAS	CONTÍNUAS
OBSTRUINTES	/p/, /t/, /k/, /ʔ/	/f/, /j/, /h/
SOANTES	/m/, /n/, /ɲ/, /ŋ/	/w/, /r/, /j/

b) sistema vocálico:

b.1) vogais orais (ortograficamente)

Tabela (4)

	- Posterior	+ Posterior	
		- ARRED	+ ARRED
+ alta	< i >	< y >	< u >
- alta	< e >	< á >	< o >
- baixa			
+ baixa	< é >	< a >	< ó >

b.2) vogais nasais (ortograficamente)

Tabela (5)

	- Posterior	+ Posterior	
		- ARRED	+ ARRED
	< ï >	< ÿ >	< ũ >
	< ë >		< ã >

b.1.1) vogais orais (fonologicamente)

Tabela (6)

	- Posterior	+ Posterior	
		- ARRED	+ ARRED
+ alta	/ i /	/ i̇ /	/ u /
- alta - baixa	/ e /	/ ə /	/ o /
+ baixa	/ ɛ /	/ a /	/ ɔ /

b.2.2) vogais nasais (fonologicamente)

Tabela (7)

	- Posterior	+ Posterior	
		- ARRED	+ ARRED
	/ i̇ /	/ i̇̃ /	/ ũ /
	/ ɛ̃ /		/ ɔ̃ /

1.2.3 Um pouco mais sobre a língua: algumas informações gramaticais

Os pronomes pessoais no Kaingang podem ser visualizados no quadro abaixo:

Tabela (8)

Singular			Plural	
1p.	<i>inh</i>	eu	<i>ẽg</i>	nós
2p.	<i>ã</i>	tu, você	<i>ãjag</i>	vocês
3p. não fem.	<i>ti</i>	ele	<i>ag</i>	eles
fem	<i>fi</i>	ela	<i>fag</i>	elas

Pronomes demonstrativos:

Tabela (9)

<i>ẽn</i>	aquilo lá, aquele (a) lá
<i>tag</i>	este, isto

Pronomes indefinidos:

Tabela (10)

<i>ũ</i>	alguém, algum
<i>vẽnh</i>	de alguém (usado em derivação)

Conforme Wiesemann (2002: 159-160) na língua Kaingang encontram-se:

i) “Marcadores de Sujeito” (Wiesemann, 2002: 159-160)⁸ - Tabela 11:

Tabela (11)

tóg	tỹ	vỹ	jé	mỹ
ta	ne	vé	pijé	pi

ii) “Marcadores de Aspecto” (idem, p.156) - Tabelas (12), (13) e (14):

a) “que podem seguir os verbos e um grupo de indicadores de Modo”:

Tabela (12)

<i>mũ ~ ã</i>	‘durativo, ação em progresso’
<i>nĩ ~ mnĩ</i>	‘faça qualquer tempo!’ (ocorre nas orações imperativas)
<i>ryỹ</i>	‘faça agora’ (também só ocorre nas frases imperativas)

b) “que podem seguir os verbos, descritivos ou substantivos”, podendo-se citar dentre eles:

Tabela (13)

<i>ta ~ tĩ ha</i>	‘desde agora’
<i>tẽ ~ tĩ vẽ</i>	‘até agora’
<i>tĩ</i>	‘indo, sg’
<i>tĩ</i>	‘habitualmente’
<i>vyr</i>	‘foi, tem ido’
<i>vẽ</i>	‘é’

<i>jẽ</i>	‘em pé’
<i>kãmũ</i>	‘chegando, pl’
<i>mũ</i>	‘indo, pl’
<i>nĩ</i>	‘sentado, sg; na situação de’
<i>nỹ</i>	‘deitado, sg’
<i>nỹtĩ ~ nãtĩ</i>	‘na posição de’

⁸ Por não serem objeto deste trabalho, os Marcadores de Circunstância, de Opinião e de Sujeito referidos por ela, não serão motivos de outras considerações aqui, apenas serão colocados seus exemplos como no original. Quando necessário, ao longo dessa dissertação, poderão ser objeto de outras avaliações. Para mais informações da referência original consultar na bibliografia as referências de Ursula Wiesemann.

c) “que podem ter formas alternantes”⁹:

Tabela (14)

<i>mũ</i>	‘durativo’	como em <i>tĩ mũ</i> ‘indo habitualmente’
<i>nẽ</i>	‘é’	como em <i>tĩ nẽ</i> ‘indo mesmo’
<i>nĩ</i>	‘na situação de’	como em <i>tĩ nĩ</i> ‘na situação de ir’
<i>rỹ</i>	‘ênfase’	como em <i>tĩ rỹ</i> “sempre mesmo” ou ‘indo mesmo’
<i>tĩ</i>	‘habitualmente’	como em <i>tĩg tĩ</i> ‘indo sempre’ ou ‘sempre sempre’
<i>vẽ</i>	‘era’	como em <i>tĩ vẽ</i> ‘era para ser’ ou ‘era para ir’

iii) “Indicadores de Circunstância” (Wiesemann, 2002:158) (dentre sua exemplificação citamos alguns) - Tabela (15):

Tabela (15)

<i>jo</i>	antes
<i>ki</i>	em
<i>kã</i>	dentro de
<i>ra</i>	para
<i>rã</i>	perto
<i>tá</i>	lá
<i>tỹ</i>	por
<i>kri</i>	em cima
<i>to</i>	em direção de
<i>mré</i>	com
<i>nón</i>	atrás
<i>tugrĩn</i>	por causa de
<i>mỹ</i>	para
<i>mĩ</i>	dentro com movimento

⁹ Wiesemann (1971) diz que “as formas alternantes ocorrem após as palavras finalizadas por vogal e que variam livremente. Algumas podem combinar-se com outras e pode-se então, ter ‘leve troca no sentido’”. (grifos meus). Alguns dos exemplos presentes nas p.287 e 288 de seu trabalho são reproduzidos neste item ‘c’.

iv) “Indicadores de Modo” (Wiesemann, 2002:159) - alguns exemplos- Tabela

(16):

Tabela (16)

<i>e</i>	muito
<i>gy</i>	difícil
<i>mãn</i>	de novo
<i>vãnh</i>	não querer
<i>sór</i>	querer
<i>kren</i>	quase
<i>tũ</i>	não
<i>ja</i>	terminado
<i>tãvĩ</i>	foco assertivo
<i>jãvãnh</i>	não saber

v) “Indicadores de Opinião” (Wiesemann, 2002:159) - alguns exemplos-

Tabela (17):

Tabela (17)

<i>ge</i>	então
<i>gé</i>	também
<i>hur</i>	já
<i>huri</i>	já
<i>hỹn</i>	provavelmente
<i>kur</i>	depressa
<i>mỹr</i>	é certo, é verdadeiro
<i>sir</i>	então, informação importante

A língua é basicamente de ordem SOV - Sujeito, Objeto, Verbo - onde o Sujeito é ‘marcado’ morfologicamente e o Objeto é um sintagma que antecede o Verbo, isto é, é argumento interno do Verbo. É o que mostram os exemplos abaixo.

- a) S O V Loc.
Inh pi pã'i vég ãmã ki.
 1p ms cacique v. ver aldeia em
 ‘Não vi o cacique na aldeia’.

No exemplo acima, o Sujeito comparece com sua marca obrigatória (no caso, ‘*pi*’, de orações negativas), e seguem-se, então, o Objeto e o Verbo. Ainda nesse exemplo comparece um elemento não obrigatório, Locativo: ‘*na aldeia*’, que o falante optou por apresentar na posição final.

- b) S Instr. O V
Kanhgág ta no ta kajêr pin.
 índio ms flecha com macaco v. atirar
 ‘O índio atirou no macaco com a flecha’.

Acima, numa oração transitiva direta, a ordem SOV é observada, mesmo quando elementos não obrigatórios podem intercalar-se entre o Sujeito e o Sintagma Verbal. Mas nada se intercala entre o Objeto e o Verbo.

- c) S V
Rêkétá inh jóg ta jun
 ontem 1p pai ms v. chegar
 ‘Meu pai chegou ontem’.

No exemplo acima, uma oração intransitiva, mantém-se a ordem preferencial.

Em exemplos como (d), abaixo, com o emprego de um Sujeito pronominal, os falantes optam, com frequência, pela ordem OVS.

- d) O V S
Fi jyjy kâjatun sóg.
 3pf nome v. esquecer (1p)+ ms
 ‘Eu esqueci o nome dela’

Capítulo 2

O Conceito de ‘Aspecto’ para a Lingüística

Este capítulo tem como objetivo dar uma idéia da complexidade conceitual de Aspecto Verbal e dos termos relacionados a ele. A exposição que se segue, com certeza não é exaustiva e se propõe a uma breve visualização teórica destes conceitos e de autores que os têm abordado.

Inicialmente o capítulo trata da distinção de Tempo Lingüístico e tempo físico (item 2.1) e a seguir há uma breve exposição sobre Referência Temporal e Gramaticalização (item 2.2). Segue-se a introdução do conceito de Aspecto na visão de diferentes autores (item 2.4). A apresentação dos trabalhos destes autores está organizada cronologicamente e tem o intuito de expor a variabilidade de produção lingüística em relação ao tema. Não se farão, neste trabalho, outras considerações sobre essa produção lingüística. Ela nos ajudará, entretanto, a compreender certas dificuldades encontradas ao longo desta dissertação.

Após a exposição dos autores, passaremos a uma breve exposição das noções ligadas ao conceito de Aspecto (itens 2.5 a 2.7). Ressalve-se, aqui, que também não haverá uma avaliação crítica sobre essas noções apresentadas em diferentes autores. Devido a grande produção sobre o tema na área da lingüística, tais avaliações fugiriam dos limites desta dissertação, mas ficam as informações e referências a serem consideradas.

2.1 Tempo Verbal: conceito geral de Tempo Físico e Tempo Lingüístico

Como já assinalado, não é nosso intuito, nesse momento, fazer uma discussão mais longa sobre tais conceitualizações, mas é importante observar que não há como falar de Aspecto sem falar de Tempo (‘tense’). A razão disso é, como chama a atenção Comrie (1976: 1), a confusão entre ‘tense and aspect’: Tempo¹ (‘tense’) relaciona o tempo da

¹ Para se evitar confusão, nesse trabalho indicar-se-á com inicial maiúscula o Tempo verbal e com minúscula o tempo físico.

situação relatada para qualquer outro tempo, usualmente o momento da fala ('absolute tense'), e o mais comum nas línguas é a existência de Tempo Presente, Passado e Futuro.

Tempo localiza a situação no 'tempo', usualmente com referência ao momento presente (mas também com outras situações) e é considerado uma 'categoria dêitica'², enquanto Aspecto não é uma categoria dêitica³. Comrie (1976: 5) sugere fazer a distinção:

“Aspect is not concerned with relating the time of the situation to any other time-point, but rather with the internal temporal constituency of the one situation; one could state the difference as one between situation - internal time (aspect) and situation - external time (tense)”.

Lyons (1979: 320 - 321) considera que a categoria Tempo diz respeito às relações temporais na medida em que estas forem expressas por contrastes gramaticais sistemáticos, sendo possíveis diversas caracterizações de diversos modos nas línguas.⁴

Segundo Bertinetto (1986: 23) há uma imensa distância entre o tempo físico e o Tempo lingüístico. O tempo físico reporta-se ao mundo externo, sendo medido variavelmente por critérios subjetivos e objetivos. O Tempo lingüístico, por sua vez, é por ele assim definido:

“ si intende invece il sistema di relazioni temporali che possono essere veicolate dai segni linguistici. Queste hanno il proprio fulcro nell'atto di parola, ossia nell'attualità del processo di enunciazione: quando emettiamo un messaggio, noi fissiamo anche (esplicitamente o implicitamente) un punto di ancoraggio rispetto al quale possiamo calcolare un prima o un dopo”. (idem: 23)

Para exprimir a idéia de fluir do tempo - continua ele - o falante dispõe essencialmente de dois recursos: os advérbios de tempo e o Tempo Verbal. Pelo conteúdo semântico intrínseco, não se pode dizer que tais recursos divergem substancialmente, pois o Tempo Verbal é diacronicamente retomado pelo advérbio de tempo. “Tempo não é outra coisa, do ponto de vista diacrônico, que a cristalização em um paradigma morfológico, da oposição fundamental referente à possibilidade de conceitualização ou de expressão do

² Segundo Lyons (1979: 290): “a noção de dêixis - que é simplesmente a palavra grega que exprime a ação de 'apontar' ou 'indicar', e veio a ser um termo técnico da teoria gramatical - foi introduzida para indicar os traços 'orientacionais' das línguas que se relacionam com o Tempo e o lugar do enunciado”.

³ Vide também Castilho, Ataliba (1968), Lyons (1979: 120), Dahl (1985: 25), dentre outros.

⁴ O que está de acordo também com Comrie (1985: 4) e Bertinetto (1986: 25-27).

desenvolvimento cronológico de um evento” (idem, *ibid*:25). “O que é importante é considerar que as diversas línguas diferem no modo como o fazem”.

2.2. Referência Temporal e Gramaticalização

2.2.1 Referência Temporal em Reichenbach e a reformulação por Bertinetto

Com muita frequência o trabalho de Hans Reichenbach, exposto em seu livro *Elements of Symbolic Logic* (1947), é tomado como ponto de partida para os estudos e sistematizações da referência temporal. Ele sugeriu, para o Inglês (mas pressupondo que poderia ser extensivo a outras línguas), um modelo para estruturação dos Tempos Verbais.

Em seu trabalho, Reichenbach parte de que os Tempos verbais determinam o tempo em relação ao momento do ato de fala de um enunciado e a um terceiro momento conhecido como Momento de Referência. Dessa forma distingue:

i) *o momento da fala* (MF);

ii) *o momento do evento* (ME): assim chamado o momento (ou instante, intervalo) no qual se desenrola (desenrolou ou desenrolará) o evento em questão localizado a partir do MF;

iii) *o momento de referência* (MR).

Segundo a perspectiva do autor, em uma frase como:

(1) O ladrão roubou a casa.

o Tempo expresso pela forma verbal do ‘pretérito perfeito’ está relacionado a dois parâmetros em relação ao MF: o momento da situação (anterior ao Momento da Fala) e o Momento da Referência (MR) (que, neste caso, é o próprio Momento da Fala). Quando não há ‘referência temporal’ explicitada textualmente (ou seja, quando o MR não é uma informação dada pelo adjunto), o Momento da Fala (MF) torna-se o Momento de Referência (MR).

A partir de sentenças:

(2) Maria partiu para São Paulo.

(3) Maria partiu ontem para São Paulo.

podem-se estabelecer relações temporais como: para a sentença (2) o ME ('a partida de Maria para São Paulo') é anterior ao MF; já para a sentença (3) além de situar também o ME anterior ao MF, com 'ontem' o ME é situado mais especificamente, por um dêitico, em relação ao MF (o evento: 'a partida de Maria para São Paulo' além de ser anterior ao MF é também "ontem").

Esquemáticamente: ⁵

Sentença (2): ME - MF

Sentença (3): ME - MF

Ao se tomar uma sentença como por exemplo:

(4) Maria (já) tinha saído antes de Paulo chegar.

têm-se dois eventos:

Evento 1: Maria (já) saiu.

Evento 2: Paulo chegou.

Sendo que a 'saída de Maria' - ME₁ é anterior ao ME₂ e ambos são anteriores ao MF. Além disso, o ME₁ é situado em algum momento anterior a outro salientado pelo advérbio 'já'; a esse momento Reichenbach chama de MR (Momento de Referência). Esquemáticamente:

Sentença (4): ME-MR-MF

Se a sentença fosse:

(5) Maria saiu antes de Paulo chegar.

pode-se dizer que o evento (1): 'Maria saiu' é anterior ao MF; e, o MR situa-se junto ao ME, segundo a proposta reichenbachiana. Esquemáticamente (a vírgula [,] indica simultaneidade):

Sentença (5): ME,MR - MF.

De acordo com Reichenbach, a ordenação do Tempo a partir desses três pontos (anterior, simultâneo ou posterior ao MF) permite combinações lógicas na ordenação das

⁵ A , B lê-se A e B são 'simultâneos'. A - B lê-se 'A é anterior a B'. Nas páginas que se seguem também é essa a indicação.

formas verbais no Inglês. Alguns dos Tempos propostos por ele para o Inglês (adaptados aqui como exemplos para o Português) podem ser vistos na tabela (1) abaixo:

Tabela (1)

Tempo verbal	Representação de Reichenbach	Exemplos
Presente	ME,MR,MF	Maria está falando.
Pretérito Perfeito e Imperfeito	ME,MR - MF	Maria viajou muito/ Maria viajava muito.
Pretérito mais-que-perfeito	ME - MR - MF	Maria já tinha saído quando Paulo partiu.
Futuro do presente	MF - MR,ME	Maria viajará para São Paulo.

Os trabalhos de Reichenbach foram alvo de críticas, reformulações e propostas que, muitas vezes modificaram seus conceitos radicalmente. Por exemplo, Dahl (1985: 30) reporta que: “Reichenbach’s scheme works best for cases involving single, punctual actions: his accounts of the Progressive in English and the Aoristic Turkish are not convincing.”

Uma reformulação das postulações do MR de Reichenbach foi feita por Bertinetto (1986, 1991, 1997)⁶ que distingue a ‘referência temporal extrínseca’, ligada à dimensão cronológica do mundo real e a ‘referência temporal intrínseca’, que implica na semântica do Tempo Verbal, podendo ser recuperada exclusivamente através do sistema lingüístico. A ‘referência temporal extrínseca’, que não é ligada ao sistema lingüístico, é também chamada ‘localização temporal’ (LT). A ‘referência temporal intrínseca’ constitui, aqui, o que se entende por MR. Além dessas diferenças, o MR está postulado apenas e exclusivamente para Tempos Compostos, já a LT pode estar presente, mas não obrigatoriamente para todos os Tempos, simples ou compostos. (Bertinetto, 1986: 48-49). Porém:

“questo non significa, peraltro, che la semantica dei Tempi possa prescindere. Al contrario, nessun evento può essere situato nel dominio

⁶ Para outras consultas, tem-se por exemplo, as propostas de Castelnovo (1991 e 1993), Hornstein (1991), Vet (1984), dentre outras.

temporale senza l'ausilio di una qualche funzione di localizzazione: quando questa non emerge alla superficie del discorso, essa deve comunque risultare recuperabile sulla base del contesto situazionale” (idem: 55).

A proposta de Referência Temporal de Reichenbach e a reformulação proposta por Bertinetto (1986: 55) podem ser vistas abaixo na Tabela (2)⁷

Tabela (2)

Tempo Verbal	Reichenbach	Bertinetto
Presente	ME,MR,MF	MF,ME (LT)
Passado Simples	ME,MR - MF	ME (LT) - MF
Passado Perfeito	ME - MR - MF	ME (LT) - MR - MF
Futuro Simples	MF - MR,ME	MF - ME (LT)
Futuro Composto	MF - ME - MR	MF - ME (LT) -MR

Exemplificando:

MRe₂

(6) Enquanto voltava para casa hoje, eu soube que meu primo tinha viajado

Lte₁ e₁ e₂

há dois dias.

Lte₂

onde: Lte₁ = é a localização temporal do evento (1): ‘eu soube’;

e₁ = é por sua vez o MR do evento (2): ‘meu primo tinha viajado’ (que

está num Tempo Composto: Pretérito mais-que-perfeito) e,

Lte₂ = ‘há dois dias’ é a localização temporal do evento (2).

Se a frase fosse:

(7) Eu soube que meu primo tinha viajado.

e₁

e₂

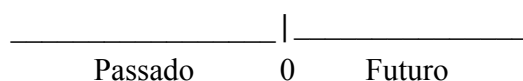
⁷ O parêntese em torno da (LT) indica sua não obrigatoriedade.

continuará sendo uma sentença considerada ‘boa’ mesmo com a LT não estando presente, já que sua explicitação não é obrigatória (como citado acima).

2.2.2 Outras considerações sobre Referência Temporal

A breve exposição abaixo reporta outras considerações de outros autores sobre a Referência Temporal.

Em seu livro ‘Tense’, Comrie (1985:2) assume que tempo pode ser representado como uma linha reta, com o passado representado convencionalmente à esquerda e o futuro à direita. O momento presente é representado por um ponto “0” sobre a linha:



Para Comrie a idéia de localização da situação no tempo é uma noção conceitual e todas as línguas possuem formas de situar temporalmente, mas diferem umas das outras em dois parâmetros:

- a) grau de exatidão / precisão da situação temporal que são factíveis em diferentes línguas;
- b) modo no qual as situações são localizadas no tempo.

Em termos de importância para a estrutura da língua, as expressões para localização temporal podem ser divididas em três classes:

- i. expressões compostas lexicalmente.
- ii. itens lexicais (palavras como: hoje, amanhã, agora).
- iii. categorias gramaticais.

Tempo é, pois, para ele, a expressão gramaticalizada da localização temporal (ibid.: 9). O mais típico é a escolha da fala como ponto de referência, isto é, o momento presente (para o tempo), o lugar presente (para o espaço) e o falante e o ouvinte (para pessoa). Comrie assume, em seu trabalho, que o centro dêitico⁸ para Tempo é um único ponto no tempo. ‘*Here and now*’ é a situação da fala tomada como centro dêitico (p.14).

Uma categoria gramatical pode ter mais de um significado básico, e também pode ter um certo número de usos (ou significados) periféricos (1985: 19). Por exemplo, no

⁸ Comrie diz que um sistema que relata entidades para um ponto de referência é chamado um sistema dêitico.

Inglês, o Passado pode ser usado indicando basicamente referência de Tempo Passado, mas também pode ser usado num sentido de polidez.

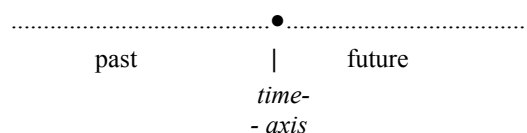
Para Comrie, muitas línguas mostram em suas gramáticas que há uma forma especial para indicar situações que ocorrem seqüencialmente ou distinguir seqüências e situações ocorridas simultaneamente e há instrumentos para investigar o significado temporal, como a análise do contexto e de Tempos com advérbios temporais.

Lyons (1979: 320) também define Tempo gramatical como uma categoria dêitica que é simultaneamente uma propriedade da frase e do enunciado. E Tempo gramatical admite categorização de várias maneiras. Tempo encontra-se em todas as línguas e, para ele, a oposição Passado, Presente e Futuro não é simplesmente uma questão de Tempo, pois a “característica essencial da categoria de Tempo é que ela relaciona tempo da ação, do acontecimento ou do estado referidos na frase ao momento do enunciado, que é ‘agora’”.

Givón (1984: 272) representa ‘Tense’ e tempo seqüencial tendo duas características:

- i. seqüencialidade
- ii. ponto de referência.

Numa representação de diagrama:



onde: o ‘*time-axis*’ é considerado o momento “presente”, que pode ser ‘absoluto’ (agora, o tempo da fala) ou ‘relativo’. Na seqüencialidade, o ‘passado’ é qualquer ponto anterior ao ‘*time-axis*’ e o futuro é qualquer ponto posterior a ele.

Chung e Timberlake (1985: 203) dizem que Tempo pode ser descrito em termos de dimensão temporal, que é direcional, com um ponto privilegiado ou intervalo de tempo (chamado ‘*Tense locus*’). O evento é localizado no Tempo por comparação de sua posição estrutural em relação ao lugar temporal, que pode ser anterior, simultâneo ou posterior a este. Em princípio, o ‘*Tense locus*’ pode ser qualquer ponto na dimensão temporal, mas na maioria dos sistemas, ele é definido pelo ‘momento da fala’: se este coincide com o ‘*Tense locus*’, temos o ‘tempo absoluto’, senão o ‘tempo é considerado ‘relativo’. Distinções temporais podem ser expressas por categorias morfossintáticas que têm significados modais ou aspectuais (os autores citam, por exemplo, a língua Chamorro que ilustra correlação de

Tempo com Modo e Aspecto e apresenta oposição aspectual ‘neutro *versus* progressivo’, marcado morfologicamente por reduplicação da tônica CV).

2.3 A origem do termo Aspecto

A origem do termo Aspecto, diz Bertinetto (1986: 81), segue uma linha de tratados filosóficos humanistas, nos quais parece haver uma restrição do sentido do termo grego *ειδος* (“forma exterior”) usado na antiga tradição gramatical na acepção de “Classe” ou melhor, ‘classe derivada de uma categoria lexical maior’.

Uma nova acepção se origina na tradução do termo Russo *VID* (vide também Lyons 1979: 329), usado primeiramente para referir-se à distinção entre “perfectivo” e “imperfectivo” na flexão dos verbos em Russo e em outras línguas eslavas.

O suíço Philippe Reiff, em 1829, traduzindo do Russo, introduz essa forma na língua europeia ocidental (Piva, 1979: 482 - apud Bertinetto, 1986: 81). Curtius (1846) (ibid., idem) adota entretanto, outra acepção do termo, utilizando ‘*Zeitart*’ (‘modo temporal’) em contraposição a ‘*Zeitstufe*’ (‘plano temporal’).

Ainda segundo Bertinetto, a monografia de Agrell (1908) consolida o termo “*Aspekt*” e muitos lingüistas passam a notar essa categoria como um fato atestado na estrutura das línguas naturais, não somente do grupo eslavo.

A noção de Aspecto esteve largamente presa às línguas que apresentam oposição morfológica explícita. Sendo, pois, uma categoria semântica, só posteriormente a lingüística se convenceu que era possível compreender esse traço dessa categoria em qualquer sistema verbal, independente de sua estrutura específica (Bertinetto, 1986: 81).

Segundo Dahl (1981: 81), de um modo geral, as teorias sobre Aspecto e os termos com que essas teorias operam podem ser divididos em duas linhas de pesquisa: uma ocidental e outra oriental (‘*Western*’ as opposed to the ‘*Eastern*’ tradition).

A tradição ocidental também é referida como anglo-saxônica (na expressão de Dowty, 1979 apud Godoi, 1992: 15) ou anglo-americana (Sasse, 2002: 211). A oriental é a

posição das pesquisas inspiradas nos estudos sobre o Aspecto nas línguas eslavas e a ocidental é representada principalmente pelas pesquisas anglófonas⁹.

2.4 O conceito de Aspecto: uma noção não consensual

A noção de Aspecto carrega consigo várias definições e conceitualizações que não são sempre empregadas ou entendidas com os mesmos critérios pelos lingüistas.

Como apontado por Comrie (1976: 6-12), não há uma terminologia geral aceita no tratamento de Aspecto:

“On the one hand, different labels are often used to refer to the same phenomenon, while on the other hand, and even more confusingly, the same label is often applied by different linguists to radically different concepts.”

Givón (1984: 268) também aponta para essa direção dizendo que “em todos os sub-sistemas gramaticais, Tempo-Aspecto-Modo (TAM) é o mais complexo e frustrante para o lingüista.”

Segundo Hans Sasse (2002: 190):

“There is an inexhaustible stream of theoretical work on aspect. More than 20 major books of a general nature have come out during the past few years, not to mention the vast amount of shorter articles. The theoretical proposals found in these works are often radically different.”

Godoi (1992: 7) também sugere que a situação confusa dos estudos aspectológicos e as contradições se devem ao grande número de trabalhos desenvolvidos nos últimos anos e às recentes propostas que concorrem com as abordagens tradicionais.

Lars Johanson (2000) em seu trabalho ‘*Viewpoint operators*¹⁰ in *European Languages*’ chama a atenção para o fato que: “in much contemporary work on aspect, category types are defined in absolute terms and established as fixed functional stations - PFV, IPFV, PROG, PF, etc.- to which aspectual realizations in different languages are

⁹ Não serão discutidas mais profundamente tais distinções nesse trabalho, mas para maiores detalhes pode-se consultar Godoi, 1992 (que na verdade segue Dahl, 1981).

¹⁰ Para Johanson os ‘operadores’ são concebidos como representando diferentes conceitos de terminologia e operando sob diferentes conteúdos acionais para produzir significados na semântica de aspecto-temporalidade (2000: 27).

linked”. Johanson entende que nem sempre as posições são claramente ordenadas umas em relação às outras e essa ‘rigidez’ pode esconder diferenças importantes entre categorias reportadas deixando de dar conta de importantes traços comuns; e, isso pode criar a impressão de que línguas fora do ‘tipo Padrão Médio Europeu’ exibem ou podem exibir categorias menos claramente estabelecidas (“*clear-cut categories*”).

2.4.1 As várias visões por diferentes olhares

Na base geral da discussão da teoria sobre ‘Aspecto’, alguns pontos parecem claramente consensuais e outros são visivelmente discordantes.

Segundo Hans Sasse (2002: 201-202) para a maioria dos aspectologistas:

a) há um consenso geral que o componente básico de qualquer teoria de ‘aspecto’ lida com um modelo na lingüística que coloca as situações com respeito a suas ‘fronteiras’ ou ‘limites’, ainda que este tema tenha, em diferentes autores, outras designações como “ponto final e inicial” em Smith (1997: 3 apud Sasse, 2002), “transições” em Bickel (1997 apud Sasse, 2002) e outros¹¹.

b) aspectualidade é um domínio fortemente caracterizado pela interação de categorias dentro da gramática e entre gramática e léxico.

c) para entender o fenômeno do ‘aspecto’ há necessidade de modelos teóricos que levem em conta os muitos fatores que interagem e que contribuem para a ‘aspectualidade’.

Por outro lado, Sasse aponta o não consenso em relação:

a) à aceitabilidade ou não da distinção dicotômica entre duas dimensões categoriais dentro do domínio aspectual e os fundamentos teóricos dessa distinção. Por um lado, um modelo unidimensional no qual uma única dimensão conceitual do fenômeno de ‘aspecto’ representada em níveis pode ser analisada e descrita (em sua vertente mais forte, em um único nível, a sentença). Por outro lado, numa abordagem bidimensional há a distinção das dimensões de representação aspectual (embora os autores difiram sobre a independência conceitual dessas dimensões). O próprio Sasse refere-se a ‘aspecto 1’ para a dicotomia

¹¹ Há outras discussões relevantes no tratamento da questão, como por exemplo com relação à distinção entre “*boundedness*” e “*unboundedness*” e sua diferenciação em relação a “*telicity*” ou “*atelicity*”. Pode-se consultar, por exemplo, Ilse Depraetere (1995), “*On the necessity of distinguishing between (un) boundedness and (a) telicity*” ou Declerk (1989), “*Boundedness and the structure of situations*”.

Perfectivo / Imperfectivo e suas associações e ‘aspecto 2’ para a segunda dimensão semântica caracterizada na noção de *Aktionsart*¹².

b) à natureza da interação dessas dimensões e suas associações com diferentes níveis de análise.

Seguem-se algumas abordagens teóricas apresentadas em trabalhos sobre Aspecto e a outras noções envolvidas nesse conceito e que podem exemplificar as questões acima. Reafirmamos que não é uma exposição exaustiva, dada a abrangência e à grande produção nesse campo e que as diferentes concepções não serão objeto de discussão neste momento, já que estão arroladas com o caráter informativo. Os trabalhos resenhados o são, ou por serem referências clássicas nas discussões sobre Aspecto, ou por serem trabalhos mais recentes que têm relevância e / ou são citados na produção lingüística atual sobre o assunto.

2.4.1.1 Joaquim Mattoso Câmara Junior (1974)

Em “*Princípios de Lingüística Geral*” (1974, quarta edição revista e aumentada do original de 1941), no capítulo IX: ‘Uma Categoria Verbal: o Aspecto’, Mattoso diz que “a categoria de Tempo (verbal) marca o ‘tempo’ ou época de ocorrência do processo verbal em relação ao momento em que se fala” (p. 140).

Nas línguas românicas a categoria de Tempo recai essencialmente na dicotomia Passado - Presente, e o Futuro realizou-se tardiamente como elaboração da língua culta.

Em outras línguas a noção dominante que rege a distribuição das formas verbais é o que os lingüistas alemães denominaram *Aktionsart*: maneira de ser da ação. Mattoso faz notar que, a exemplo da nomenclatura inglesa e francesa, no Português traduz-se aquele termo por Aspecto, que na verdade apresenta o processo verbal do ponto de vista de sua duração.

Mattoso Câmara entende que a categoria de Aspecto não está necessariamente ligada ao tempo subjetivo ou ‘situado’, mas aponta, como Marcel Cohen (1924), que há dificuldades em se corresponder o que se chama de *tempo* (em itálico no original) em gramáticas de diferentes línguas.

¹² Para uma outra discussão do termo vide item 2.6 desse capítulo.

O autor deixa de lado a distinção entre Aspecto, propriamente dito, e ‘duração’ do processo, o que dá em Alemão os dois termos: ‘*Aspekt*’ e ‘*Aktionsart*’ (nota 3 da p.142), considerando os caracteres intrínsecos do processo verbal em si na conceitualização do Aspecto.

A partir de Brugmann (1905: 521-523 apud Mattoso, 1974: 142) faz uma esquematização teórica dos diversos tipos de Aspectos possíveis de existir numa conjugação verbal (esquema este proposto por Brugmann a partir da gramática comparativa indo-européia):

1. aspecto pontual ou momentâneo → processo realizado de maneira súbita ou instantânea;
2. durativo → assinala a duração do processo:
 - 2.1. progressivo → quando se intensifica
 - 2.2. cursivo → simplesmente se desenrola
 - 2.3. repete-se numa série de processos pontuais;
3. permansivo → o processo é persistente em seus efeitos;
4. inceptivo → marca apenas o início do processo;
5. cessativo ou conclusivo → marca apenas o fim do processo;
6. resultativo → mostra os resultados de um processo realizado.

Tomando por base esta classificação, Mattoso coloca que no Português alguns desses Aspectos estão radicados na significação de certos verbos, como ‘partir’ e ‘chegar’. Outros se caracterizam por sufixos, como o Aspecto ‘freqüentativo’. Dessa forma, o Aspecto funciona num nível lexical pela mudança de semantema, ou no nível de derivação vocabular, onde um afixo imprime num semantema um valor particular sem afetar-lhe a significação inerente (p.142).

Mas mesmo no puro nível gramatical da conjugação, a categoria de Aspecto no Português funciona subsidiariamente, por exemplo: o Indicativo Presente se emprega comumente para processos iterativos, como: ‘levanto-me cedo’; ‘saio de casa às 7 horas’.

Segundo Mattoso (1974: 143), em semítico (citando Marcel Cohen 1924:12) “o tempo verbal já foi praticamente inexistente e ainda hoje só aparece com um caráter ‘fragmentário e secundário’. Assim o eixo da conjugação é entre processo realizado

(‘*accompli*’) e processo em realização (‘*inaccompli*’), ou seja, há o Aspecto Concluso (ou Permansivo) e outro Inconcluso, correspondendo ao que se chama Perfeito e Imperfeito”.

Já nas línguas eslavas subsiste ainda hoje o eixo do Aspecto na conjugação verbal: há contraste entre formas ‘imperfectivas e perfectivas’.

Nas línguas ocidentais modernas não houve propriamente a supressão da categoria de Aspecto em proveito da de Tempo, mas apenas uma predominância desta última para o sistema de conjugação. Concordando com Vendryes (1921:129), Mattoso aponta que o Aspecto continua a expressar-se em formas subsidiárias, em construções idiomáticas e na própria essência da significação do vocábulo verbal.

Citando a experiência do etnógrafo polonês B. Malinowski (1938: 303,4) com a língua Trobriandesa, o autor chama a atenção para a divergência entre a concepção do processo verbal centralizado no Aspecto e a concepção de um processo considerado em função do Tempo.

Conclui dizendo que o Tempo e o Aspecto de modo geral coordenam-se na expressão de uma forma verbal, mas dependendo da língua, a conjugação (ou sistema de formas verbais) se distribui em uma ou outra categoria e muitas vezes se complementam.

2.4.1.2 Bernard Comrie (1976 : 142 p.)

Em seu livro ‘*Aspect: An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems*’, Comrie (1976: 3) dá uma definição geral de Aspecto baseada na definição de Holt (1946: 6):

“Aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a ‘situation’”.

Para ele, Aspecto não é conectado com Tempo; o primeiro tem relação com este último, mas não é uma categoria dêitica.

Na nota (4) da página 6 de seu trabalho refere-se à distinção que alguns lingüistas fazem entre ‘Aspecto e *Aktionsart*’ (palavra alemã significando ‘modo de ação’):

(i) a primeira distinção é entre Aspecto como gramaticalização de distinções semânticas relevantes, enquanto *Aktionsart* representa lexicalização das distinções independente de como estas distinções são lexicalizadas.

(ii) a segunda distinção usada por muitos eslavistas entre Aspecto como gramaticalização de distinções semânticas e *Aktionsart* como lexicalização destas distinções por significados de morfologia derivacional¹³.

Comrie distingue Perfeito do Perfectivo: o primeiro refere-se a uma situação passada que tem relevância no presente, enquanto o Perfectivo contrasta com o Imperfectivo. O Aspecto Perfectivo é ‘um olhar de fora sobre a situação’, sem necessariamente distinguir estruturas internas da mesma, enquanto o Aspecto Imperfectivo é ‘um olhar de dentro da situação’ - estrutura interna da situação. Mas acrescenta que na discussão de Aspecto é importante compreender que a diferença entre Perfectividade e Imperfectividade não é necessariamente uma diferença objetiva entre situações ou a diferença que se apresenta pelo falante como sendo objetiva, já que é possível um falante referir-se à mesma situação com o Perfectivo ou então com o Imperfectivo, sem ser contraditório (1976: 4).

O autor também faz considerações sobre pontualidade, qualidade que possuem as situações que não continuam no tempo ou não são concebidas como tendo continuidade no tempo, em oposição a duratividade. Ainda diferencia situações télicas e atélicas: as primeiras envolvem um processo que conduz a um ponto terminal definido, além do qual o processo não pode continuar. Nas situações télicas o processo pode estar conduzindo ao ponto final ou ser o ponto final (1976: 45). Nesta diferenciação, Comrie considera não ser fácil chamar os verbos de télicos quando se referem a situações télicas e atélicos quando se referem a situações não-télicas, pois as situações não são descritas somente pelos verbos, mas pelo verbo e seus argumentos (indicando, na nota (2) da página 45: Vendler (1967), Dowty (1972) e Verkuyl (1972) para essa discussão). Em Alemão, por exemplo, é possível derivar verbos referidos especificamente a situações télicas de verbos que não se referem necessariamente a situações télicas, usualmente como parte de morfologia derivacional.

Diferencia ainda situação télica de ‘*achievements*’ (termo utilizado por Vendler, 1967¹⁴), ainda que haja situações em que há dificuldade em fazê-lo. De modo geral, na situação télica é possível o uso de forma verbal com significado Imperfectivo e em

¹³ Mas Comrie não utiliza o termo ‘*Aktionsart*’ em seu livro: “... in view of the confusion that can be caused by these two rather different senses of ‘aktionsart’, this term will not be used in the present book”.

¹⁴ Mostra a classificação de Vendler (1967) que há eventos télicos que podem ser durativos - os ‘*accomplishments*’ e eventos télicos não-durativos - os ‘*achievements*’.

situações chamadas de ‘*achievements*’ pressupõem-se especificamente o uso de formas Imperfectivas.

Tratando de ‘estado’ e ‘situação dinâmica’, diz que o “estado de permanecendo” pode não envolver mudança, mas não exclui a possibilidade de mudança. ‘Situações dinâmicas’ envolvem necessariamente mudanças, enquanto ‘estados’ podem ou não envolver mudanças.

Há, ao longo de seu trabalho, exemplificações dos conceitos discutidos através de dados de várias línguas.

2.4.1.3 John Lyons (1979)

Lyons (1979: 329) introduz o termo Aspecto referindo-se à tradução do Russo *VID* que foi usado pela primeira vez para referir-se à distinção entre o ‘perfectivo’ e o ‘imperfectivo’ na flexão dos verbos em Russo e outras línguas Eslavas.

Considera o Perfectivo e Imperfectivo no Russo e observa que a escolha entre um Aspecto e outro não é determinada pelos ‘fatos’ da situação descrita. Segue lembrando que a categoria do Aspecto inclui uma longa variedade de distinções possíveis, e outras noções costumeiramente reunidas sob o termo Aspecto: ‘iterativo’ (ou ‘freqüentativo’), ‘pontual’ (ou ‘momentâneo’), ‘habitual’, ‘incoativo’ (ou ‘inceptivo’), etc.

O Aspecto, diferentemente do Tempo, não é uma categoria dêitica¹⁵ e não se refere ao momento enunciado. Traz considerações sobre o ‘aspecto’ no Inglês, lembrando que Tempo, Modo e Aspecto ‘fundem-se’ uns aos outros em muitas línguas, além do Inglês.

Quando essas noções são expressas por processos como flexão ou uso de partículas, são referidas como ‘gramaticais’ pelos lingüistas.

¹⁵ Como já definida anteriormente. Vide página 18, nota 2 deste capítulo.

2.4.1.4 Talmy Givón (1984)

Para Givón (1984)¹⁶ as várias categorias compreendidas no complexo sistema ‘Tense-Aspect-Modality’ (TAM) são agrupadas por características semânticas e pragmáticas. Existe uma gradação das propriedades semântico-proposicionais codificando ‘estado -eventos - ações’ e as propriedades contextualizadas no discurso.

TAM representa três diferentes pontos de partida na experiência de tempo (‘time’) (1984: 272):

a) Tempo (‘*tense*’): envolve pontos numa seqüência \Rightarrow precedente e subsequente;

b) Aspecto (‘*aspect*’): envolve limite de intervalo de tempo \Rightarrow ponto inicial, médio e final. E, observa: “ ... but the semantic space of the aspect, nearly always some element of tense is also involved, in terms of establishing a point-of-reference along sequential time”(idem, ibidem).

c) Modalização (‘*modality*’): envolve a atitude do falante em relação à proposição’.

Em termos de morfologia de TAM, há uma tendência a agruparem-se e frequentemente clitizar-se em torno de verbos. Assim os marcadores de TAM podem formar “portemanteau” uns com os outros, com marcadores de negação ou marcadores de concordância pronominal.

Duração está relacionada ao grau de ‘difuso vs compacto’ no tempo. Quando a característica de duração é usada dentro do sistema aspectual, reporta que é muito comum achar contrastes binários entre: durativo - contínuo - progressivo - pontual - compacto.

Em termos inter-lingüísticos, dentro do sistema TAM o mais comum é o ‘Aspecto Imperfectivo’ (durativo / contínuo). Também o ‘habitual’ e ou ‘repetitivo’ / ‘distributivo’.

Considera o complexo Perfeito, que envolve elementos de tempo como: eixo temporal, seqüencialidade e precedência, além de elementos aspectuais. O sub-componente Perfectividade do Perfeito tem sido descrito principalmente em termos semânticos e as

¹⁶ Pode-se consultar também Givón, T. (2001), *Syntax - An introduction*, V. 1, capítulos 6 e 7, Amsterdam: Ed. John Benjamins Publishing Company. O autor faz neste trabalho, uma revisão de alguns pontos teóricos das edições de 1984 a 1990. Não nos estenderemos nestas considerações, mas notamos que no trabalho de 2001 algumas considerações ficam mais claras e remetemos o leitor que se interesse a outros esclarecimentos sobre as concepções de Givón, para a referência bibliográfica ora citada.

características de relevância / persistência exibem ao contrário, valores discursivos pragmáticos (a motivação é comunicativa).

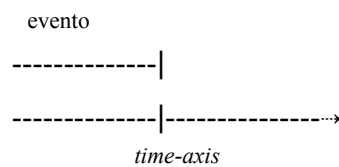
Perfectivo ('completivo') e Imperfectivo ('incompletivo') envolvem limites terminais ('*terminal boundary*') dos eventos em relação ao '*time-axis*'¹⁷:

i) um evento é Perfectivo se no '*time-axis*' ele está completo, terminado ('*accomplished*');

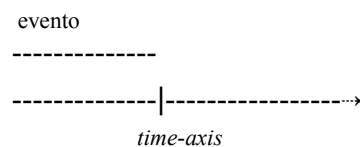
ii) um evento é Imperfectivo quando não há limite terminal no '*time-axis*'.

A representação em diagrama seria:

i.-i) Perfectivo



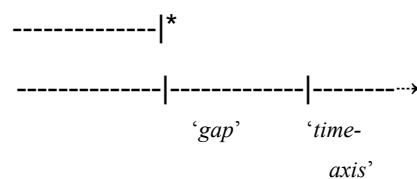
ii.- i) Imperfectivo



Na inferência pragmática as conexões sugeridas, segundo o autor, são:

(i) 'perfectividade > anterioridade' ⇔ Perfectividade envolve anterioridade ou precedência a uma posição do '*time-axis*'. Esquemáticamente:

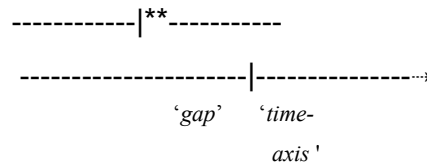
a) anterioridade para eventos



onde (*) representa o ponto final do evento ou ação.

¹⁷ Já referido no item 2.2.2 na página 24 deste capítulo.

b) anterioridade para estados



onde (**) representa o ponto médio do estado.

(ii) ‘anterioridade > contra-sequencialidade’ \Rightarrow se um evento precede o outro no tempo real, mas segue-se a outro na narrativa. O mais natural ou tematicamente coerente são parágrafos em seqüência de tempo.

(iii) ‘contra-sequencialidade > relevância atual’ \Rightarrow quando um evento ocorre anteriormente ao tempo atual, mas é representado depois na seqüência da cadeia da oração no discurso, esse evento contra-sequencial pode ser mais relevante que o último ponto no tempo.

(iv) ‘perfectividade > relevância atual’ \Rightarrow se o evento é constituído como tendo um limite relativo a algum eixo temporal. A relevância atual envolve a menção do estado no qual começa e continua prevalecendo antes do ‘time-axis’ como um ponto (longo) no discurso após ter sido começado.

Givón também discute a noção pragmática do papel do sistema TAM no discurso:

“In connected discourse, some aspects of the description - coded in some sentences / clauses - are considered the *gist, backbone, main-line* of the episode / description / communication. They are the **foregrounds** of the discourse. Others are considered *satellites, side-trips, supportive* portions of the description / episode / communication. Those are the **background** portions of the discourse” (1984: 287-288).

Na correlação entre ‘foreground’, ‘background’ e TAM, as características de ‘Tempo’, ‘seqüencialidade’, ‘duratividade’, ‘perfectividade’, ‘modalidade’ constituem a motivação ou no mínimo a base cognitiva para a motivação do mais marcado comportamento no uso de TAM no discurso. Seguem-se, então, no seu trabalho, exemplos de sistemas de TAM na tipologia das línguas como Inglês, Bemba (língua Bantu), Hebreu

Bíblico Antigo, Ute (língua Uto-Asteca), Sherpa (Sino-Tibetana), Bikol (Filipinas), Chuave (Nova Guiné Holandesa).

2.4.1.5 Sandra Chung e Alan Timberlake (1985)

Em seu trabalho '*Tense, aspect and mood*', Chung e Timberlake (1985: 202) definem, na introdução, Aspecto na perspectiva de Comrie (1976): "caracterizando a estrutura temporal interna do evento".

Complementam a definição tratando de Aspecto em sua estrutura:

"Aspect characterizes the relationship of a predicate to the time interval over which it occurs. This definition is intended to include two distinct types of relationship. First, change. Predicates describe states, situations, properties and so on, that can either remain constant or else change over time. The notion of change is central to aspect. Second, as defined earlier, an event is composed of a predicate and some time interval selected by the speaker... Aspect characterizes the different relationships of a predicate to the event frame" (1985: 213-214).

Definem "event" como qualquer evento ocorrido (ou que poderá ocorrer) em algum período de tempo sob condições estabelecidas, sugerindo então, que um evento pode ser definido em termos de três componentes:

- i) um predicado;
- ii) um intervalo de tempo no qual o predicado ocorre;
- iii) a situação ou condições sob as quais o predicado ocorre.

Um critério comum para distinguir 'processo' de 'estado' envolve "*agency*" (ação): se um evento tem um agente, ele é preferencialmente um 'processo' a um 'estado'.

Os autores empregam o termo '*closure*', que significa que um evento caminha para um fim antes de algum ponto temporal, ou seja, no nível proposicional, o evento é limitado dentro de sua estrutura. No nível do predicado, o significado de '*closure*' difere para 'processos' ou 'estados' (processo sem limite inerente é chamado 'atélico', e com limite inerente é chamado 'télico' - do Grego '*telos*': limite, fim, meta). Justificam o uso do termo '*closure*' a partir dos diversos usos da concepção básica de Aspecto, descrito em termos de fronteiras, limites, completude, etc; que podem ser usados com diferentes significados.

A partir desse conceito, distinguem Perfectivo e Imperfectivo. A língua pode escolher se o evento é dinamicamente aberto ou fechado na sua estrutura e isso significa que, ou a estrutura não é interna ao evento, ou o predicado tem um limite inerente. A categoria morfológica de uma dada língua que assinala ‘closure’ nesse sentido é tradicionalmente denominada Perfectiva e a categoria que assinala ausência de ‘closure’ é chamada de Imperfectiva.

Consideram ainda o Perfectivo e o Perfeito que se referem a diferentes visões do evento. Definem Perfeito como aquele que descreve um evento cujo predicado ocorre sob algum intervalo deslocado e anterior à estrutura do evento. As sentenças (citadas como no original à p. 220) exemplificam:

(8) “He drew the circle”. ⇒ pode ser Perfectivo, mas não Perfeito, já que não há continuidade do resultado mencionado.

(9) “He has been drawing circles”. ⇒ pode ser Perfeito, mas não Perfectivo (a série de sub-eventos iterativos está aberta).

(10) “He has draw the circle”. ⇒ é Perfectivo e Perfeito.

Tratando de ‘iteratividade’, Chung e Timberlake dizem que os eventos podem, às vezes, compor-se de um número múltiplo de equivalentes sub-eventos que são repetidos no tempo. “A ‘iteratividade’ quantifica o evento, variando em parâmetros, como: a) quantitativamente grande ou pequeno; b) definido ou indefinido; c) mais ou menos regularidade; d) distinto e individualizado ou coletivizado”.

Já a ‘duratividade’ é um segundo tipo de quantificação aspectual, que traduz a medida explícita de duração do evento.

Seguem-se, então, no texto, exemplos dos sistemas aspectuais do Russo e das línguas Chibemba, Chamorro e Mokilese.

Quando falam sobre tipologia, a questão que perseguem é se há uma generalização inter-lingüística governando a estrutura dos sistemas aspectuais. Parece que poucas generalizações podem ser feitas, concluem. Também os parâmetros para Aspecto podem ser tratados mais ou menos independentemente em suas expressões como categoria morfológica aspectual.

No sistema aspectual há a relação entre predicado e estrutura do evento: a estrutura é interna ao evento ou a estrutura inclui o evento (o predicado ocorre dentro da estrutura). As línguas fazem uma escolha entre essas possibilidades adicionando restrições semânticas.

2.4.1.6 Östen Dahl (1985, 2000)

No final dos anos 70, Dahl inicia uma pesquisa orientada investigando sistemas de Tempo - Aspecto ('Tense - Aspect systems') num grande número de línguas. Usa um questionário para coleta de dados contendo cerca de 160 sentenças com indicação de contexto e o questionário foi traduzido por informantes nativos. Esse projeto cria um banco de dados comparáveis sobre o sistema de Tempo - Aspecto - Modo (TAM) com cerca de 64 línguas¹⁸.

A idéia é testar, inicialmente, a hipótese de que as categorias TAM que ocorrem nas línguas do mundo podem ser reduzidas a um pequeno grupo de tipos de categorias inter-lingüísticas.

A abordagem de Dahl (assim como a de Bybee¹⁹) difere de outros tratamentos de Tempo e Aspecto, pois a unidade básica de descrição não é 'a categoria de Tempo' ou a 'categoria de Aspecto', mas o que ele chama de "*grams*"²⁰:

"Notions like tense, aspect, and mood are seen as ways of characterizing the semantic content of grams, or domains from which their meanings are chosen, but do not, in the typical case, represent structurally significant entities in grammatical systems. Many, if not most, grams combine elements from several domains in their semantics, and it is the rule rather than the exception that grams that would traditionally be treated as belonging to the same category

¹⁸ Muitos estudos de sistemas TAM, diz ele, "construíram-se sobre dados limitados e freqüentemente tomados como categorias universais" (1985: 1). Dahl mostra-se descrente em conhecer quão extensa essa pretensão (universal) e o aparato conceitual desses trabalhos podem ser estendidos a outras línguas. Daí ele propor esse trabalho extenso (no seu modo de ver).

¹⁹ Ao mesmo tempo em que Dahl conduz sua pesquisa, Joan Bybee (com Revere Perkins e Willian Pagliuca) conduz uma investigação de categorias morfológicas verbais com um controle de amostras de 50 línguas, cujo resultado é publicado simultaneamente ao de Dahl em 1985. Apesar das visões individuais das pesquisas, há um núcleo comum que se pode falar de "Bybee and Dahl approach" (Cf. Dahl, 2000: 7).

²⁰ '*Grams*': termo originalmente usado por Willian Pagliuca como sendo abreviação de 'morfema gramatical' (Cf. Dahl, 2000: 23, nota 2).

behave very differently with respect to how they are expressed in a language”
(Dahl, 2000:7).

Nesse trabalho de 1985, Dahl utiliza o termo “categoria” no sentido de “*gram*” acima.

Na primeira parte do trabalho de 85, explicita os conceitos fundamentais utilizados em sua análise: considera conceitos gerais de semântica e pragmática; noções de imprecisão e foco; o conceito de ‘marcado’; noções de ‘categoria e categoria gramatical’; sistema de TAM e categoria de TAM; situação dinâmica e estado; dentre outros (para maiores detalhes pode-se consultar Dahl, 1985: 1 a 35).

A categoria de TAM é ligada a conceitos fundamentais do pensamento humano, tais como: ‘tempo’, ‘ação’, ‘evento’ e, tratando dessa noção de TAM, diz que, quando os lingüistas a eles se referem, partem usualmente de uma noção semântica.

Citando a definição de Comrie (1976: 3) para Aspecto: “... are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation” e a definição de ‘Tense’ como “gramaticalized location in time”; diz que, como um modelo semântico, não é de todo não problemático: por exemplo, ao longo de seu trabalho, Dahl mostra que categorias usualmente vistas como aspectuais podem ser sentidas como Referência Temporal. A questão, complementa, é “que para se usar definições baseadas semanticamente de modo construtivo, é preciso acrescentar a assunção que se pode determinar o que é básico e o que é secundário no significado de ‘categoria gramatical’” (Dahl, 1985: 23).

A partir de um par mínimo ilustra uma distinção típica aspectual:

(11) When I got your postcard, I was writing a letter to you.

(12) When I got your postcard, I wrote a letter to you.

e considera: o Aspecto Progressivo “was writing” em (11) indica o processo de ‘escrevendo uma carta’ estando em progresso no tempo (momento) de chegada do ‘cartão postal’, sem uma indicação de seu término; enquanto que ‘escrevi’ (em (12)) descreve o evento como completo (1985: 24). Ambos, (11) e (12) concebem dois eventos ou processos, mas têm diferentes relações temporais. Assim, pergunta ele, o que torna o Aspecto diferente de ‘Tense’? Considera, pois, ‘Tense’ como sendo tipicamente uma categoria dêitica (que relata pontos de tempo no Momento da Fala) e Aspecto como categorias não-dêiticas. Mas,

admite que tal distinção só pode ser usada se admitida em adição ao ‘absoluto’, a existência do Tempo ‘relativo’ (‘Relative Tense’) (idem: 25).

Apesar de categorias gramaticais tipicamente combinarem parâmetros semânticos de características temporais, aspectuais ou modais, é possível em muitos casos delimitá-los²¹.

Segundo ele, outra fonte de confusão nos estudos de categorias TAM são as inter-relações entre gramática e léxico.

Dentre as categorias tradicionalmente chamadas de Aspecto, muitos tipos podem ser distinguidos, mas considera a oposição Perfectivo / Imperfectivo, o Progressivo e o grupo de categorias tratadas como ‘habituais e genéricas’ como as mais importantes. Cita também o ‘conclusivo’ em construções no Japonês e no Tâmil (1985: 95).

A oposição Perfectivo-Imperfectivo (PFV: IPFV), segundo Dahl difere de outras categorias inter-lingüísticas de TAM por estas não terem relações marcadas muito claras: freqüentemente, em determinadas línguas, não se pode escolher o membro da oposição como sendo claramente ‘marcado’ (1985: 74).

O Progressivo (PROG) envolve o que pode ser chamado de ‘atividade em curso’ (‘*on-going activity*’). Normalmente o Progressivo não é usado para construções estativas, e para ele, o uso de ‘durativo’ por ‘progressivo’, muito comumente achado na literatura, “is misleading in that it gives the of a process is stressed. As we just noted, PROG naturally occurs with punctual temporal reference...” (1985: 91).

Habituais e Genéricos têm em comum o fato de expressarem ações que tomam lugar habitualmente ou repetidamente. No Habitual considera que há possibilidade de um número secundário de usos e verifica também o ‘habitual genérico’ (HABG), usado em sentenças genéricas, por exemplo em Isekeri e Maori (remeta-se à tabela (3.14), página 98); o ‘habitual’ passado (HABPAST), utilizado em sentenças ‘habituais’ com referência de Tempo Passado, como por exemplo: Bandjalang, Sêneca, etc (Tabela (3.17), página 101 de seu texto).

²¹ Remeta-se à sua discussão de ‘dominância’ na página 81 de seu livro.

2.4.1.7 Pier Marco Bertinetto (1986, 1991, 2000)

Bertinetto separa os fenômenos temporais ('Referência temporal', já citada no item 2.2 desse capítulo) e aspectuais: a Referência Temporal é uma referência dêitica que se pode representar numa suposta 'reta / seta do tempo' quando os eventos são posicionados nesta e os 'fenômenos aspectuais', *latu senso*, seriam não dêiticos:

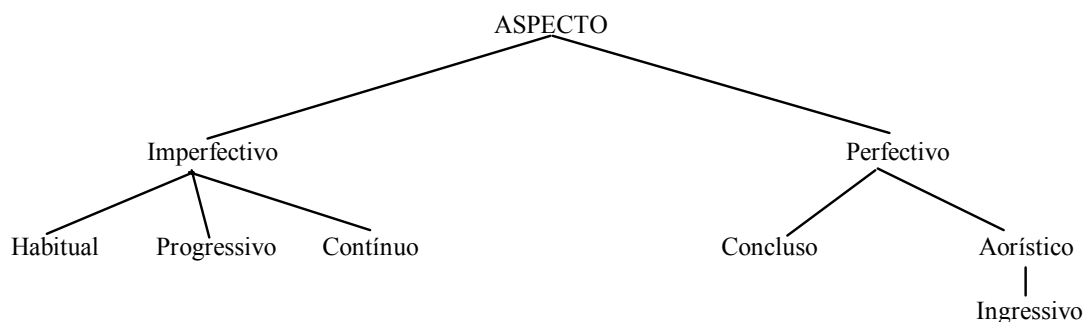
“se consideriamo un determinato processo da um punto di vista immanente, ossia avendo di mira la sua intima costituzione e le sue specifiche modalità di svolgimento, piuttosto che la sua localizzazione nel tempo e la rete di rapporti temporali in cui è inserito, allora vengono portate in primo piano non le proprietà specificamente temporali del verbo, bensì le sue proprietà aspectuali” (Bertinetto, 1991: 23).

Os fenômenos aspectuais propriamente ditos, são ainda diferenciados dos acionais: os primeiros são tomados como um ponto de vista específico adotado pelo falante / escritor (“...has to do with the perspective adopted in reporting on the relevant event”) e os últimos tomados em relação à natureza (o tipo) do evento (1994: 392 e 2000)²².

²² Vide também discussão sobre Acionalidade em Bertinetto no item (2.6) desse capítulo.

Os ‘fenômenos aspectuais’ postulados por Bertinetto (1986: 119) podem ser arrolados como no esquema abaixo na Tabela (3):

Tabela (3)



Os ‘fenômenos acionais’ por sua vez, postulados por Bertinetto (1986: 98 ou 1991: 32) podem ser esquematizados:

Tabela (4)



A partir desses três sub-domínios: ‘Referência Temporal’, ‘Aspecto’ e ‘Acionalidade’ e o resultado das diferentes articulações entre esses sub-domínios é que se dá a configuração de uma dada língua de domínio ‘Tempo - Aspectual’, ou seja, a forma morfológica de Tempo Verbal de uma dada língua é o resultado da combinação desses seus sub-domínios. Segundo Bertinetto, a pesquisa sobre o domínio ‘Tempo - Aspectual’ deve

analisar separadamente os três sub-domínios, esclarecendo suas inter-relações para então se colocar no nível explicativo.

Um método particularmente eficaz para verificar a regularidade no uso verbal consiste em analisar o grau de compatibilidade da classe verbal e um conjunto selecionado de advérbios de Tempo. Através dos advérbios temporais (adjuntos temporais) são estabelecidas distinções pertinentes a estes sub-domínios e os advérbios temporais podem ser classificados quanto à suas propriedades aspectuais e acionais. Bertinetti (1986: 33 e 34) propõe o seguinte esquema para essa classificação:

CLASSE	SUB-CLASSE	EXEMPLOS
(1) Pontual		à meia-noite; naquele instante
	(1.1) demarcativo	no início; no final
(2) Durativo		hoje; por todo o ano; noutro dia
	(2.1) circunscritivo	entre uma e duas horas; entre ontem e hoje
	(2.2) delimitativo	das 4 às 6 horas; do Ano Novo ao carnaval
	(2.3) decorrencial	há uma hora
	(2.4) culminativo	até o Primeiro de Maio; até quando durar a tempestade
	(2.5) gradual (progressivo)	pouco a pouco; gradualmente; progressivamente
(3) Freqüentativo ²³	(3.1) ordinal	de novo; mais uma vez
	(3.2) iterativo	raramente; sempre; freqüentemente
	(3.3) cardinal	três voltas
	(3.4) distributivo	toda 5ª feira

A análise adverbial pode ser indicada mediante a fórmula: “em X Tempo”, onde “X Tempo” é uma expressão temporal numericamente quantificada. A partir desses critérios de ‘duratividade’ (‘pontualidade e freqüentatividade’), pode-se dizer que adjuntos adverbiais “em X Tempo” são mais compatíveis, a nível acional, com eventos télicos e no nível aspectual, com o Perfectivo.

Aplicando esses testes com tempo Perfectivo, nota-se que o advérbio “em X Tempo” é compatível essencialmente com verbos télicos, ou seja, com verbos ‘transformativos’ e ‘resultativos’ (1986: 275). Por exemplo:

(13) Paulo retornou à casa em duas horas. (télico / Perf. resultativo)

²³ Freqüentativo é a categoria de advérbio que indica a freqüência com que um dado evento se verifica. A indicação é, pois, quantitativa.

(14) * Paulo retornava à casa em duas horas.²⁴ (télico / Imperf.)

Obs: o asterisco (*) indica uma sentença considerada agramatical ou não totalmente aceita.

Considerando-se a compatibilidade das diversas classes acionais com o advérbio “por X Tempo”, têm-se: com verbos ‘continuativos’ (‘de atividade’ na terminologia de Vendler, 1967) ou ‘estativos’, por serem atélicos (não têm uma meta a ser atingida, um fim), são compatíveis com adjuntos do tipo “por X Tempo” e incompatíveis com adjuntos do tipo “em X Tempo”:

(15) Maria esteve doente por dois dias.

(16) * Maria esteve doente em dois dias.

Também eventos resultativos (‘*accomplishments*’ na terminologia de Vendler, 1967) e transformativos (‘*achievements*’ na terminologia de Vendler, 1967) são compatíveis com advérbios do tipo “em X Tempo”, pois compartilham a propriedade de telicidade; porém, não são durativos, visto pela incompatibilidade com adjuntos do tipo “por X Tempo”:

(17) João chegou ao topo da montanha em 9 horas.

(18) * João chegou ao topo da montanha por 9 horas.

Sobre a classe aspectual, pode-se dizer ainda que o Aspecto Perfectivo apresenta um dado evento como completo e o Imperfectivo traz o evento inconcluso ou ainda em curso. Dentro do domínio da Perfectividade há uma diferença fundamental entre ‘aorístico’ e o ‘concluso’ (ou Aspecto Perfeito²⁵), embora ambos impliquem atrelamento a “*telos*” com predicados télicos, como mostrado por ‘*achievement*’ como ‘sair’ (‘go out’) ou por ‘*accomplishment*’ como ‘desenhar um círculo’ (2000:15). Pode-se definir o Aspecto Concluso como aquele que exprime o que perdura, num dado Momento de Referência (como proposto por Bertinetto e referido no item 2.2.1. deste capítulo), no resultado conseqüente a um evento concluído na precedência (1986: 199).

Por exemplo:

(19) Maria já tinha saído ontem (quando Paulo chegou).

²⁴ Essa sentença em Português poderia ser considerada ‘boa’ se, por exemplo, fizesse referência a uma condição ‘habitual pretérita’.

²⁵ Em “*On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: The ‘Perfective = Telic’ Confusion*”, Bertinetto (2000: 15) aponta que, apesar de muitos estudiosos considerarem o Perfeito tendo um valor aspectual independente, ao lado do Perfectivo e Imperfectivo, há sólidas razões para mantê-lo sub-especificado dentro do domínio da Perfectividade.

o advérbio ‘já’ alude à ‘perfectividade’, ao ponto final do processo e se coloca anterior ao MR.

No Aspecto Aorístico o evento é veiculado como acabado, mas sem levar em conta nenhum Momento de Referência, como em:

(20) Paulo construiu a casa em 5 meses.

no qual há um evento sob o Aspecto Aorístico que tem quantificação sobre sua duração.

O Imperfectivo, por outro lado, não implica atrelamento a “*telos*”, e isso é a base do que se pode chamar de ‘paradoxo do Imperfeito’, que poderia ser mais propriamente chamado de ‘paradoxo de telicidade’, onde eventos tólicos podem não alcançar seu ponto final, sua meta, quando representados no Aspecto Imperfectivo (mais tipicamente no Progressivo). Em sentenças como:

(21) Paulo andou até seu trabalho às 7 horas em ponto, quando subitamente morreu.

(22) Paulo andava até seu trabalho às 7 horas em ponto, quando subitamente morreu.

pode-se dizer que na sentença (21), na forma Perfectiva, a interpretação é que Paulo andou realmente até seu trabalho e lá ‘subitamente morreu’; mas na sentença (22), a interpretação não é exatamente a mesma, porque não se pode afirmar que Paulo andou até seu trabalho às 7 horas em ponto, antes que um outro fato o tenha impossibilitado de completar sua meta: ‘ele subitamente morreu’ (não se pode dizer com certeza quando!).

O Aspecto Imperfectivo subdivide-se em:

i. Habitual: o evento é apresentado sob um ponto de vista no qual ele se repete num dado período de tempo. É compatível com advérbios “em X Tempo”; “até X Tempo”; “de Y a X Tempo”; “entre X e Y Tempo”, referindo-se aos eventos e não ao número de ocorrências do evento. Por exemplo:

(23) Os índios comiam pinhão entre o outono e o inverno.

ii. Progressivo: há a existência de um momento de focalização onde o processo pode ser observado em curso ou em desenvolvimento e um estado de indeterminação do prosseguimento do processo além desse ponto de focalização. Um exemplo:

(24) No momento, os índios continuam pressionando pela demarcação das terras.

iii. Contínuo: não individualiza um único instante e se apresenta preferencialmente com ‘estatividade’, mas não se acompanha incondicionalmente de qualquer tipo de advérbio de duração (1986: 183). Por exemplo:

(25) Durante todo o espetáculo, a atriz sentia dores nas costas.

Bertinetto também fala de ‘neutralização aspectual’²⁶:

“... nelle lingue in cui la categoria dell’Aspetto appare sistematicamente neutralizzata sul piano del significante, si dovrà evidentemente asserire che tale categoria risulta debolmente attestata, proprio perché non manifestata morfologicamente” (1986: 240).

Sentenças em Inglês como:

(26) Peter worked {* still

{already

(27) Peter was {still working

{already working

mostram que se pode dizer que, para o Inglês, a oposição Perfectivo - Imperfectivo aparece parcialmente neutralizada no verbo estativo, uma vez que não se pode assumir a forma progressiva (idem: 240).

Já em Alemão (utilizando um exemplo de Bertinetto, 1986: 242):

(28) Peter arbeitete { shon

{ noch

há uma neutralização aspectual intrínseca, pois os advérbios ‘shon’ e ‘noch’ que podem assumir a acepção de ‘já’ e ‘ainda’, respectivamente, são compatíveis com os dois Aspectos: Perfectivo e Imperfectivo. Isso significa que não há diferenciação dos dois Aspectos em relação a esse advérbio. Nesse caso, há suspensão de duas categorias contrastivas.

²⁶ Ver também ‘neutralização no domínio temporal’ e ‘neutralização no domínio acional’ (Cf. Bertinetto, 1986: 244).

2.4.1.8 Carlota Smith (1991)

O modelo de Smith (1991) é ‘bidimensional’ (nos termos de Sasse, 2002), considerando: ‘tipos de situação’ (Acionalidade em Bertinetto) e ‘ponto de vista do aspecto’ (‘viewpoint of aspect’) (Aspecto para Bertinetto).

As características da decomposição dos ‘tipos de situação’ (‘situation types’) em Smith (1991: 253) podem ser vistas na Tabela (5):

Tabela (5)

SITUATION TYPE	DURATIVE	TELIC	STATIC	ENGLISH EXAMPLES
states	+	-	+	love John
activity	+	-	-	walk in the park
accomplishments	+	+	-	walk to school
achievements	-	+	-	win a race

Essa tabela demonstra que o sistema de classe é decomposto em termos de três características:

- a) dinamismo (com os valores: ‘estático vs dinâmico’);
- b) duratividade (com valores: ‘durativo vs instantâneo’);
- c) telicidade (com os valores ‘télico vs atélico’).

‘Tipos de situação’ são uma característica que Smith chama de “configuração do verbo”, isto é, uma proposição abstrata de uma sentença consistindo do verbo e seus argumentos.

No seu modelo está contida também uma teoria de ‘tipos de situação derivada’ (‘derived situation types’) formadas por ‘mudanças de tipos de situação’.

O ponto de vista aspectual engloba o ponto de vista Perfectivo (que foca a situação como um todo), o ponto de vista Imperfectivo (que foca parte da situação) e o neutro (com pontos de vista flexíveis) (1991: 3).

A distinção entre Perfectivo e Imperfectivo é expressa por morfemas gramaticais, e advérbios podem dar informações relevantes.

Smith faz uma descrição do sistema aspectual de cinco línguas: Inglês, Francês, Russo, Chinês Mandarim e Navaho (p.165 - 329).

2.4.1.9 Simon C. Dik (1997)²⁷

Dik (1997) introduz o termo ‘aspectualidade’ lembrando que o termo Aspecto é usado na literatura cobrindo um grande número de diferentes distinções semânticas. Ele usa “Aspecto” para as distinções aspectuais que são expressas gramaticalmente.

Subdivide a categoria de ‘Aspecto gramatical’ em sub-grupos (1997: 121):

i. o tipo de SoA (‘State of Affairs’)²⁸ dado pela estrutura do predicado, também chamado de ‘*Aktionsart*’ ou ‘modo de ação’;

ii. distinção entre Perfectividade e Imperfectividade: se o SoA está presente do ponto de vista externo como completo (Perfectivo) ou do ponto de vista interno como não-completado ou em curso (Imperfectivo);

iii. ‘aspecto fasal’: enfatiza diferentes fases do desenvolvimento do SoA através do Tempo, como: o início de um SoA = ‘Aspecto Ingressivo’; um SoA em curso = ‘Aspecto Progressivo ou Contínuo’; a fase final de um SoA = ‘Aspecto Egressivo’, etc;

iv. ‘aspectualidade perspectival’ (‘Perspectival Aspectuality’): distingue valores como ‘prospectivo’ (um tempo que precede o SoA); ‘imediatamente prospectivo’ (um tempo imediato que precede o SoA); ‘Perfeito Recente’ e ‘Aspecto Perfeito’;

v. ‘aspectualidade quantificacional’: expressa diferentes formas de quantificação sobre as ocorrências de SoAs. Dik usa o termo ‘quantificational aspect’²⁹ para distinções envolvendo ‘habitual’, ‘frequente’, ‘continuidade’ e ‘intensidade’, que correspondem a ‘aspectuais’, tais como: ‘semelfactivo’, ‘iterativo’, ‘frequêntativo’, ‘distributivo’, etc.

²⁷ Edição revisada da 1ª edição de 1989.

²⁸ Dik (1997: 106) define SoA: “the term ‘State of Affairs’ is here used in the wide sense of ‘conception of something which can be the case in some world’”. Pode ser dividido em diferentes tipos, de acordo com parâmetros semânticos: [± Dinâmico]; [± Télico]; [± Momentâneo]; [± Controle] e [± Experiência]. Note-se que aqui não serão feitas considerações aprofundadas sobre tais conceitos; para tal, remetemos a Simon Dik (1997). *The Theory of Functional Grammar*. Parte 1: ‘The structure of the Clause’.

²⁹ Anna Siewierska (1991) em *Functional Grammar* adota a perspectiva de Dik proposta na 1ª edição de seu trabalho de 1989, com maiores detalhes sobre ‘quantificational aspect’. Para outras informações, vide página 115 e seguintes de seu livro.

Para Dik, “‘elementos gramaticais’ refletem os vários operadores e funções aos quais diferentes níveis podem ser aplicados na sub-estrutura. Juntos, esses operadores e funções definem a estrutura gramatical dentro da qual os predicados lexicais podem ser combinados em expressões lingüísticas de sub-estruturas” (Dik, 1997: 159).

Assim, dependendo do domínio da operação, há diferentes tipos de operadores. Define a distinção entre predicados e operadores da seguinte forma:

- i) operadores são expressos antes gramaticalmente que lexicalmente;
- ii) operadores tipicamente capturam um certo número de distinções no domínio semântico;
- iii) operadores têm escopo.

Sugere que para qualquer status de predicado operador é notado freqüentemente interações de tais operadores com um particular SoA. Assume, então, que ‘Aspectos internos ou externos’ são capturados por predicados operadores diferentes.

2.4.1.10 Darbhe Narayana Shankara Bhat (1999)

Bhat (1999: 43) define Aspecto como indicando a estrutura temporal de um evento, isto é, o modo no qual o evento ocorre no tempo: completado ou em progresso, começando, continuando ou terminando, iterativo ou semelfactivo, etc.

A estrutura aspectual de um evento pode mostrar vários tipos de distinções, além da ação em progresso ou terminada, como por exemplo: ação momentânea ou durativa, envolvendo mudança (ativa) ou não mudança (estativa); e ações sob ocasiões específicas ou habituais.

Bhat lembra que, entretanto, línguas diferem na gramaticalização de uma ou mais dessas distinções em seus sistemas de Aspecto.

Os vários tipos de distinções aspectuais dividem-se, segundo ele, em três grupos:

i) Perfectivos e Imperfectivos: do mesmo modo que Comrie (1979), assume que Perfectivo supre a visão do evento como um todo de uma perspectiva externa enquanto Imperfectivo carrega uma visão interna do evento;

ii) Ingressivos, Progressivos, Egressivos e Resultativos: distinguem diferentes fases de um evento. Usa o termo “phasal aspects” (‘phasal aspect’ em Dik, 1989: 186)

considerando que um falante pode falar sobre um evento do ponto de vista de uma dessas fases individuais e que a língua desse falante pode ter marcadores flexionais ou de outros tipos para representar estas distinções;

iii) Semelfactivos (ocorrem uma vez), Iterativos (ocorrem várias vezes), Habituais e Freqüentativos: concebem as quantificações aspectuais de um evento.

Também destaca o fato de que alguns linguistas fazem uma distinção que acham necessária entre dois diferentes tipos de estrutura temporal que podem ser associados com um dado evento ou situação:

i. a inerente distinção da estrutura temporal da situação pertencendo à categoria chamada ‘*Aktionsart*’, ‘Aspecto Situacional’, ‘Acionalidade’ ou simplesmente ‘Ação’ (dependendo dos autores e indica: Platzach (1979); Bache (1982, 1994); Smith (1983, 1986) e Brinton (1988));

ii. um segundo tipo de estrutura temporal que pode ser associada com a situação e está baseada sobre o ponto de vista do falante : o Aspecto (propriamente dito).

Na diferenciação entre ‘iterativo e freqüentativo’, coloca que se podem representar eventos repetidos na mesma ocasião (‘iterativos’) e eventos repetidos em diferentes ocasiões (‘freqüentativos’). Também diferencia ‘habitual’ de ‘iterativo’ e de ‘freqüentativo’, onde ‘habitual’ é indutivo e os outros são dedutivos.

Muitas línguas usam a reduplicação (completa ou parcial) do verbo para denotar iteratividade (cita exemplo de Mundai e de Santali - línguas Austro-Asiáticas), mas mostra que o freqüentativo também pode ser expresso por reduplicação do verbo que ocorre com sufixo habitual (por exemplo, na língua Mao - Naga - Tibeto Burman).

2.4.1.11 Ataliba T. de Castilho (2002)³⁰

A partir do *corpora* do PGPF (Projeto da Gramática do Português Falado), Castilho (2002) faz considerações gerais sobre o aspecto³¹ verbal e as ocorrências do imperfeito, do perfeito e do iterativo. Inicialmente há um pequeno histórico da noção de aspecto e o autor procede então a análise de exemplos do Projeto Nurc.

³⁰ Optamos por resenhar este trabalho de 2002 por ser bastante recente e conter revisões já feitas a partir de seu trabalho pioneiro de 1968 sobre Aspecto no Português (vide referências bibliográficas).

³¹ Será mantida, como no original de Ataliba Castilho, a nomenclatura escrita com iniciais minúsculas.

No seu texto, o aspecto é visto como uma dentre as várias propriedades semântico-sintáticas da predicação, que compreende além do aspecto, o tempo, modo, voz e a estrutura argumental.

Reportando-se a Bühler (1934), propõe que o aspecto se inscreve no campo simbólico e o tempo, no campo dêitico (Castilho, 2002:85).

Partindo então, dos exemplos, Castilho (p. 87) apresenta uma proposta de tipologia do aspecto para a língua Portuguesa (deixando de lado os predicados estativos):

Face qualitativa	Imperfectivo	Perfectivo
	inceptivo, cursivo, terminativo	pontual, resultativo
Face quantitativa	semelfactivo, iterativo	

Na descrição desses aspectos, considera:

“eles decorrem da composicionalidade semântica dos elementos:

(i) da *Aktionsart* do verbo enquanto item lexical;

(ii) da interação da *Aktionsart* com a flexão de tempo ou com o auxiliar, nas perífrases;

(iii) da interação do complexo assim constituído com os argumentos verbais externo e interno e ou com os adjuntos adverbiais aspectualizadores”.

Em seu modelo semântico de aspecto (lembrando que a análise de Castilho refere-se ao Português), o imperfectivo apresenta as propriedades:

“1) uma predicação dinâmica de sujeito /específico/, na maior parte dos casos.

2) essa predicação compreende fases: inicial (imperfectivo inceptivo), uma fase em pleno curso (imperfectivo cursivo), ou uma fase final do estado de coisas (imperfectivo terminativo).

3) ocorre na estrutura de figura de narrativas, isto é, nos segmentos em que se narra o evento central”.

O presente de verbos atéticos codifica usualmente o imperfectivo cursivo, já o imperfectivo inceptivo depende de construções perifrásticas de infinitivo e gerúndio.

Em seus dados identifica dois subtipos de perfectivo:

a) pontual

b) resultativo, que possui as propriedades:

- i) ocorre nas predicções estático-dinâmicas, associando uma ação a um estado;
- ii) a ação, necessariamente tomada no passado, é pressuposta;
- iii) o estado presente decorre dessa ação;
- iv) não há relação entre resultativo e a voz passiva.

O aspecto iterativo apresenta as propriedades:

“1) representa uma quantificação do imperfectivo e do perfectivo.

2) o sujeito das predicções quantificadas é habitualmente/ não-específico/ pluralizado.

3) o componente léxico é irrelevante na composição iterativa”.

Castilho reporta que a iteração pode ser expressa pelo presente, pelo imperfecto, pelo pretérito composto, por perífrases e pela repetição do verbo. A *Aktionsart* do verbo, importante na emergência do perfectivo e do imperfectivo, não é fator de importância para o iterativo.

Nota ainda que as perífrases, em seu levantamento, predominaram largamente sobre as formas verbais simples na expressão do imperfectivo. Também sugere que presente e o pretérito perfeito simples são mais dependentes de adjuntos para codificar o aspecto na língua.

2.5 Perfectividade vs Imperfectividade

Aspectos, no sentido morfológico, são vistos como categorias holísticas, constituindo caso prototípico a oposição morfológica entre ‘Aspecto Imperfectivo e Perfectivo’. Os termos são empréstimos traduzidos do Russo ‘*nesoveršennyj vid*’ “ponto de vista incompleto” e ‘*soveršennyj vid*’ “ponto de vista completo” e também de termos antigos criados por Curtius: ‘*dauernd vs eintretend*’. (Sasse, 2002: 209).

Esses termos são tomados como manifestação de paradigmas verbais de línguas individuais. Muitas definições são encontradas para a distinção de Perfectivo e Imperfectivo, com diferentes leituras e interpretações. Segundo Jespersen (1924: 286): “[...] nowadays it would be possible, had one time and inclination, to give a very long list of terms, many of them with two or three or even more definitions, some of which are not all easy to understand” (apud Sasse 2002: 209).

Nessa seção será apresentada, então, uma pequena parcela dessa discussão da distinção entre Perfectividade e Imperfectividade, centrando-se principalmente nas proposições de Comrie, Dahl, Bhat e Bertinetto, como exemplificação, onde serão encontradas algumas proposições diferenciadas e outras convergentes.

Comrie (1976) assume que Perfectivo é um olhar de fora sobre a situação, sem distinguir nela, estruturas internas, enquanto que Imperfectivo é um olhar de dentro, ou seja, da estrutura interna da situação (1976: 4). Questiona freqüentes definições que podem ser encontradas, tais como: ‘perfectivo’ indica uma situação de curta duração enquanto ‘imperfectivo’ indica uma situação de longa duração; ou, ‘perfectivo’ não pode ser definido como descrevendo uma situação com limite, oposto de não-limitado, descrevendo duração. Para a primeira, coloca que a asserção é facilmente contradita em exemplos de línguas individuais e para a última, mostra exemplos em Russo e Grego Antigo em que formas Perfectivas e Imperfectivas podem ser usadas como descrevendo duração.

“A ‘perfectividade’ freqüentemente indica a completude da situação quando é explicitamente contrastada com a Imperfectividade: Imperfectividade indica situação em progresso e Perfectividade, situação que tem um fim; e somente novos elementos semânticos introduzidos pelo Perfectivo é que mostram o término da situação” (1976: 19).

Similar à idéia de completude, é a definição da ação como sendo ‘resultativa’, ou seja, indicando sucesso completo da situação. Para Comrie (1976: 20-21):

“It is true that perfective forms of certain individual verbs do effectively indicate the successful completion of a situation, as with Russian *ja ugovoril* (Pfv) *ego* versus *ja ugovarival* (Ipfv) *ego*, which could be rendered into English as “I succeeded in persuading him” and “I tried to persuade him”. But

resultativity is only one possible type of perfectivity, and the term ‘resultative’, like the term ‘completed’, puts unnecessary emphasis on the final stage of the situation rather than on its totality”.

Em muitas línguas, principalmente com verbos estativos, a forma Perfectiva pode ser usada para indicar o início da situação: ‘significado ingressivo’. Cita, por exemplo o Grego Antigo, onde o Aoristo (Perfective Past) do verbo *basileúō* “Eu reino” pode referir-se a um ‘completo reinado’ como em “*ebasileusa déka étē*” ‘Eu reinei por 10 anos / tenho reinado por 10 anos’, mas também pode referir-se ao início do reinado como: *ebasileusa* “Eu tornei-me rei, ascendendo ao trono”.

Seu modelo distingue Perfectivo e Perfeito:

i. Perfectivo contrasta com Imperfectivo e denota a situação vista em sua totalidade. A Perfectividade freqüentemente indica a ‘completude’ da situação quando esta é explicitamente contrastada com Imperfectividade: Imperfectividade indica a situação em progresso e Perfectividade indica uma situação que tem um fim e, somente novos elementos semânticos introduzidos pelo Perfectivo mostrarão o término da situação;

ii. Perfeito refere-se a uma situação passada que tem relevância no presente, por exemplo, o presente resultativo de um evento passado: ‘His arm has been broken’ (p.12). Essa questão terminológica, segundo Comrie é usual em discussões feitas por lingüistas europeus continentais sobre línguas como Búlgaro, onde as oposições Perfectivas / Imperfectivas e Perfectivas / Não-Perfectivas são gramaticalizadas: “a diferença entre o Perfeito e outros Aspectos tem deixado os lingüistas em dúvida se o Perfeito pode ser considerado um Aspecto como um todo. Na terminologia tradicional, o Perfeito é listado como um Aspecto, mas com um sentido um pouco diferente do modo que outros Aspectos são tratados (ou definidos)”. Segundo Comrie, um modo de ver essa diferença entre o Perfeito e os outros Aspectos é que ele expressa a relação entre dois pontos de Tempo: sobre o Tempo do estado resultante de uma situação a priori e de outro Tempo que o da situação a priori (por exemplo, no Inglês: ‘I have eaten’, onde tomam parte o Presente e o Passado (1976: 52-53)).

Comrie (p.56 - 60) ainda distingue:

i. ‘Perfeito de resultado’: o estado presente é referido como sendo o resultado de uma situação passada e neste há claramente manifestação da relevância presente de uma situação passada. Exemplo em Inglês: ‘Bill has gone to América’;

ii ‘Perfeito Experiencial’: indica que a situação dada se manteve minimamente durante algum tempo passado e que vem até o momento presente. Por exemplo, em Inglês: ‘Bill has been to America’;

iii. ‘Perfeito de situação persistente’: começa no passado mas persiste (continua) no presente. Exemplo em Inglês: ‘I’ve been waiting for hours’.

iv. ‘Perfeito de passado recente’: a relevância presente da situação passada é de fechamento temporal, ou seja, a situação passada é muito recente.

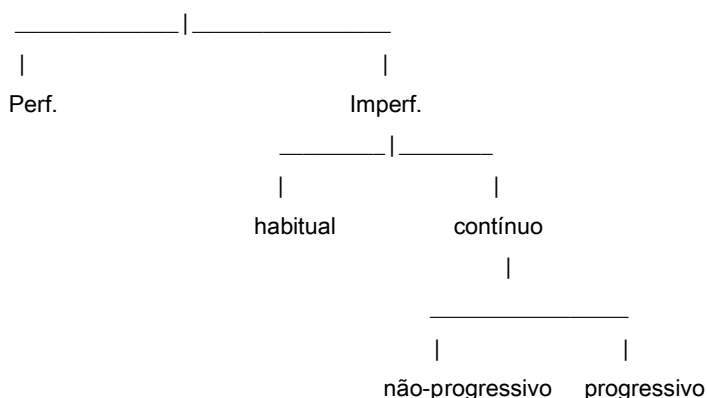
Na maioria das línguas onde há possibilidade formal para distinguir Perfeito / Não-perfeito, tais formas podem combinar-se livremente com outras distinções aspectuais. Uma exceção é no Grego Moderno, onde o Perfeito só pode ser formado a partir de verbos Perfectivos (p.61).

Aponta, também, que alguns lingüistas usam o termo Aorístico no lugar de Perfectivo, mas na terminologia gramatical tradicional de algumas línguas, o termo Aorístico é restrito ao Perfectivo no Tempo Passado (como em Búlgaro, por exemplo). Em Grego Antigo, o Aorístico ocorre no modo Indicativo, primariamente em Tempo Passado, entretanto tem alguns usos de não-passado: em outros modos e na forma não-finita, o ‘aorístico’ é puramente aspectual, não expressão de Tempo (p.12, nota 1).

Quanto ao Imperfectivo, Comrie divide em categorias distintas: habitual e contínuo (progressivo e não-progressivo), segundo o esquema abaixo:

Tabela (6)

Classificação das oposições aspectuais



Em algumas definições, ‘habitual’ é essencialmente o mesmo que ‘iteratividade’, isto é, repetição da situação, a ocorrência sucessiva de ‘muitos exemplos’ de uma dada situação; definição esta, contestada por Comrie, que mostra que habitualidade difere de iteratividade: uma característica comum a todos os ‘habituais’ é descreverem uma situação que é característica de uma extensão de período de tempo, mas a ‘iteratividade’ pode ou não estar presente.

Em algumas línguas a distinção ‘progressivo’ e ‘não-progressivo’ é obrigatória, mas em outras, a forma não-progressiva não exclui significados ‘progressivos’ (por exemplo, em Português: João está cantando / João canta). Para Comrie, progressividade é similar a continuidade.

Östen Dahl em *Tense and Aspect Systems* (1985) inicia o capítulo (3) - ‘Aspectual Categories’ dizendo que Perfectividade é freqüentemente considerada, principalmente por muitos eslavistas, como sendo “a categoria de ‘Aspecto’”.

A asserção aceita por ele difere de Friedrich (1974, apud Dahl, 1985: 72), na distinção da oposição PFV: IPFV (abreviação usada no texto de Dahl para referir-se à oposição entre ‘Perfectivo e Imperfectivo’) que está praticamente na oposição ‘durativo / não-durativo’.

Apoiado em seus dados de pesquisa, parte de que: “... although the prototypical uses are common to all PFV categories, there is variation among languages in how they delimit PFV” (1985: 74). Dahl chama de “totality view of perfectivity” a visão mais comum da natureza de PFV, como a que é proposta por Comrie (1976:16) e, aponta que esta não é igualmente adequada para todas as categorias de línguas específicas para as quais são aplicadas. Utilizando exemplos do Russo, questiona essa “essencial atenção à estrutura interna da situação”, já que o uso do Imperfectivo pode ser compatível com a visão de totalidade de Perfectivo (Dahl, 1985: 75-76).

Em relação à categoria de Perfectividade diz que há uma forte tendência para categorias de Perfectividade serem restritas a referência de Tempo Passado: “... for all languages it holds that ‘past time reference’ characterizes prototypical uses of PFV - single, completed event will in the ‘typical cases’ be located in the past. Language will differ,

however, in the extent to which they allow uses of PFV with non-past time reference” (1985: 79).

Há entretanto exceções para a tendência de restringir Perfectivo para a referência de Tempo Passado. Cita, por exemplo, na página 80, a categoria do Perfectivo não-passado em Russo que não pode referir-se ao Momento da Fala: *ja napišu pis'mo* ‘Eu escrevo (Perfectivo Não-Passado) uma carta’. Assim como em Russo, continua, outras línguas como Japonês e algumas línguas Bantu (Zulu e Sotho, por exemplo), têm em comum que Perfectivo não é possível com o Tempo Presente, mas diferem do ‘status’ do Futuro.

Discute ainda a relação entre Perfectivo: Imperfectivo e ‘Tense’ (Tempo), tópico que não será introduzido nesse trabalho³².

Em relação ao Progressivo (PROG), sustenta que em línguas com distinção de PFV: IPFV, o prototípico contexto PROG pode ser IPFV, mas que é preciso enfatizar que há características claras que distinguem PROG de ‘aspecto imperfectivo’:

- i) PROG é usualmente independente ou quase independente do Tempo de Referência (enquanto PFV: IPFV tem forte correlação com Referência Temporal de Passado e Não-Passado);
- ii) PROG não é estendido ao significado Habitual com frequência;
- iii) PROG é normalmente usado para situações dinâmicas.

D. Bhat (1999) quando se refere, em seu trabalho, à distinção Perfectivo e Imperfectivo, propõe que essa é a mais importante distinção que ocorre nas gramáticas das línguas naturais. Destaque-se a importância da sua contribuição para demonstrar a independência dessas noções aspectuais em relação à categoria Tempo.

Também seguindo Comrie (1976), define:

“Perfective provides the view of an event as a whole from outside whereas imperfective provides the view from inside. The former is unconcerned with the internal temporal structure of the event whereas the latter is crucially concerned with such a structure” (1999: 45).

³² Para tal, remeta-se ao texto original: Dahl, 1985: 81 - 84.

A distinção Perfectivo - Imperfectivo constitui em muitas línguas a divisão básica das formas verbais, formando com outras distinções aspectuais e modais que podem ser vistas como subdivisões de cada categoria do Perfectivo e do Imperfectivo. Bhat dá exemplos de várias línguas (p. 46ss) nessa perspectiva, inclusive correlacionando a distinção Perfectivo - Imperfectivo envolvendo distinção de Tempo Passado e Não-Passado. Dentre eles, pode-se citar o Kiowa (do Novo México e Arizona - Família Kiowan), língua na qual núcleos Perfectivos e Imperfectivos podem formar a base de muitos tipos de formas como Passado, Futuro potencial, Imperativo. Somente a forma negativa é restrita para o núcleo Perfectivo³³.

Citando Jeanne (1978), Bhat (1999: 47-48) destaca que muitos verbos em Hopi ocorrem em pares de Perfectivo - Imperfectivo, e que o autor referido aponta que esta distinção de Aspecto é diferente da distinção de Tempo:

“Perfective verbs denote the completion of an action or process in relation to a point of time. It denotes past tense only in the simplest cases. Similarly, imperfective denotes an on-going process only in the clearest cases. There are also others meanings, like repetitive, when reduplication is used, or when the suffix *wta* is used, for denoting it. Hopi also has a future suffix *ni* which can occur with both imperfective as well as perfective forms” (p. 47 - 48).

Há uma tendência para verbos Perfectivos indicarem eventos passados e também eventos que são pontuais ou resultativos e para verbos Imperfectivos indicarem eventos progressivos e durativos ou eventos não terminados no resultado. Entretanto, assinala que nenhuma dessas características é essencial para o Perfectivo ou Imperfectivo ocorrerem num dado contexto. Por exemplo, cita Noanan (1992:136) que “reporta em Sango (língua da Família Nilo-Saara do Leste da África) que verbos são flexionados por três Aspectos: Perfectivo, Progressivo e Habitual, mas não para Tempo; fora de contexto, Perfectivo pode ser interpretado como Passado; Habitual como Presente e Progressivo como Presente e Futuro. Porém quando apropriados advérbios temporais são usados, o Perfectivo pode ter interpretação de Passado ou Futuro e os outros, interpretação de Passado, Presente ou Futuro”.

³³ Exemplo de Watkins (1984) citado por Bhat, p.46.

Distingue os termos Perfeito e Imperfeito, que segundo ele é usado por autores como Bernten e Nimbkar (1982), ou Borg e Azzopardi-Alexander (1997) (Bhat, 1999: 49), denotando distinção aspectual de Perfectivo - Imperfectivo, e, assume que o termo Perfeito é melhor usado restrito a uma “presente relevância de um evento prévio”.

Bertinetto, trabalhando principalmente com a língua italiana, toma o Aspecto Perfectivo como aquele que apresenta uma visão global do evento em questão, ou ainda como aquele que apresenta o ponto final de um evento ou a perspectiva do final do evento, ainda que expresse somente a intenção dessa conclusão (não é necessário que o evento esteja realmente acabado ou concluso)³⁴. Assim, o Perfectivo faz referência ao evento precisamente determinado no seu plano temporal e se refere normalmente a uma ocorrência singular (Bertinetto, 1986: 191).

Quanto ao uso de ‘advérbios’:

“Per precisare ulteriormente l’opposizione tra perfettività ed imperfettività, è utile riconsiderare qui il problema della compatibilità fra Tempi verbali ed avverbiali temporali: (α) L’Aspetto perfettivo è decisamente compatibile, per via della prospettiva ‘globale’ da esso implicata, con avverbiali del tipo “in X Tempo” e “per X Tempo”.... (β) L’Aspetto perfectivo è decisamente compatibile con avverbiali di tipo delimitativo, circoscrivente e culminativo ...” (1986: 193-194).

Em contrapartida, o Aspecto Imperfectivo não é normalmente compatível com expressões de duração determinada, a não ser em alguns ‘habituais e contínuos’.

O autor divide o Aspecto Perfectivo em ‘concluso’, por um lado e, ‘aorístico’ / ‘ingressivo’ por outro. O Aspecto Perfectivo Concluso remete, além do ponto final do evento, a um Momento de Referência (MR como definido por Bertinetto e referido no item 2.2 deste capítulo) no qual o evento também é considerado acabado. Assim, ele define:

³⁴ Por exemplo, considerando as sentenças:

- | | | |
|-----|--|------------------------|
| (A) | O engenheiro construiu a casa por dois anos. | (télico / Perfectivo) |
| (B) | O engenheiro construiu casas por dois anos. | (atélico / Perfectivo) |
| (C) | O engenheiro construiu a casa em dois anos. | (télico / perfectivo) |

nas sentenças (A) e (B) não se pode afirmar que a casa que o engenheiro construiu há dois anos está ou não concluída, diferentemente da sentença (C), onde há uma leitura de conclusão do evento.

“...l’Aspetto Compiuto come quella particolare valenza aspettuale che esprime il perdurare, nel momento di riferimento dato, del risultato conseguente ad un evento compiutosi in procedenza” (p. 199).

O Aspecto Aorístico veicula um evento acabado sem levar em conta nenhum momento de referência. O Aspecto Imperfectivo Progressivo, no modelo de Bertinetto, possui duas características:

a) a existência de um ponto de focalização no qual o processo é observado em pleno curso de seu desenvolvimento;

b) o estado de indeterminação acerca do prosseguimento do processo em outro instante de focalização.

O Aspecto Imperfectivo Habitual caracteriza-se por apresentar um evento sob o ponto de vista no qual ele se repete num dado período de tempo, mas tal repetição não significa ‘iteratividade’³⁵. É compatível com advérbios “em X Tempo”, “até X Tempo”, “de X a Y Tempo”, “entre X e Y Tempo” (como já visto no item 2.4.1.7 deste capítulo).

2.6 ‘Aspecto e *Aktionsart*’ (‘Acionalidade’)

A questão da distinção ou autonomia entre Aspecto e Acionalidade é uma outra questão não consensual entre os pesquisadores.

Para Sasse, “such a distinction was felt to be particularly important in those cases where similar formal devices seemed to blur it as in several of the Slavic Proverbs, which were taken by some scholars to indicate aspect, by others to indicate ‘*Aktionsarten*’” (Sasse: 2002: 209). Sasse, que reconhece uma distinção entre o que denomina Aspecto1 e Aspecto2, aponta que “facetas do Aspecto2 começam a ser discutidas após Agrell (1908) fazendo distinção entre Aspecto e *Aktionsart*” (Sasse, 2002: 208).

Aspecto é definido como categoria gramatical que não muda o significado lexical, enquanto ‘*Aktionsarten*’ foi tomada como mecanismo de formação de palavras, ou seja, uma questão lexical, fora do domínio da descrição gramatical (por exemplo: para Jakobson, 1926 apud Sasse, 2002: 209).

³⁵ É a própria ocorrência do evento que é recorrente, e não o número de ocorrências do evento.

Outras definições incluem, por exemplo, a de Vet (1995: 305 apud Sasse, 2002) sendo *Aktionsart* vista como parte do conhecimento do léxico do ouvinte e, mais especialmente, das propriedades das classes verbais; ou em Dik (1997: 106): “I will reserve the term ‘Aspect’ for distinctions which are expressed by grammatical means. By contrast, the distinctions made in the typology of SoA (States of Affairs) concern the internal semantics of the predication. For such distinction, the term ‘Mode of Action’ will be used.”

Bertinetto (1986: 111) coloca que o problema da classe acional não é recente, já que Aristóteles em *Metafísica* (1048) distingue processos como: ver, provar, desejar, ser feliz, pensar, viver bem; de: construir, emagrecer, aprender... (consulte-se também Sasse, 2002: 211).

A maioria das classificações acionais baseia-se no modelo de Zeno Vendler (1957, reimpresso in Vendler 1967)³⁶ que propõe, em seu esquema:

- i) ‘states’
- ii) ‘activity’
- iii) ‘accomplishments’
- iv) ‘achievements’.

Na literatura encontramos essas características como: [± pontual]; [± durativo]; [± télico]; [± dinâmico]; etc.

Em modelos teóricos que fazem distinção de Aspecto e *Aktionsart* (ou Aspecto1 e Aspecto2 para Sasse, 2002), como Bertinetto (1997) e Smith (1991, 1997), eles são semanticamente variáveis e são aplicados cumulativamente (Bertinetto usa os termos: ‘Aspect and Actionality’ e Smith: ‘viewpoint aspect and situation type’).

Em ‘*Aspect vs Actionality: Why they should be kept apart*’ de Pier Marco Bertinetto e Denis Delfitto (2000), encontra-se a seguinte definição de ‘Acionalidade’³⁷ (termo preferido por Bertinetto, a ‘*Aktionsart*’):

“The type of event, specified according to a limited number of relevant properties...while the notions of temporal reference and aspect (although ultimately of a semantic nature) are primarily anchored to the inflectional

³⁶ Para consultar outros trabalhos nos modelos de esquema de tempo, anteriores e posteriores a Vendler, são citados por Sasse (2002: 203): Gilbert Ryle (1949); David Dowty (1977,1979); Antony Kenny (1963) e Alex Mourelatos (1978).

³⁷ Vide também Bertinetto (1986 - capítulos (2) e (4)).

specifications available in each language, actionality is essentially rooted in the lexicon”.

E ainda em Bertinetto (2000 b): “has to do with the nature of the event type associated with a verbal predicate”.

Para a classificação de Vendler, Bertinetto (1986:113) propõe outra nomenclatura:

Tabela (7)

Nomenclatura de Vendler	Nomenclatura de Bertinetto
state	estativo
activity	continuativo
accomplishments	resultativo
achievements	transformativo

Como já visto no item 2.4.1.7 deste capítulo, Bertinetto (1986: 245ss) defende que um método particularmente eficaz para verificação de uma classe verbal em termos de Tempo consiste no grau de regularidade entre cada determinada classe verbal e um selecionado conjunto de advérbios de Tempo. O autor faz, então, considerações sobre a classe acional.

Na oposição entre verbos ‘durativos’ e ‘não-durativos’, os primeiros permitem o uso de advérbios do tipo francamente ‘durativos’ (que são incompatíveis com verbos ‘não-durativos’) e os verbos ‘não-durativos’ não permitem tais construções. Em outras palavras, o traço [± durativo] é revelado por adjuntos tipo “por X Tempo” e o traço [± télico] por adjuntos do tipo “em X Tempo”³⁸ :

(29) L’aereo volò finché ci fu una goccia di carburante. (durativo)

(‘O avião voou enquanto teve uma gota de combustível’)

(30) * La nave esplose finché durò l’attacco. (não-durativo) (246)

(* ‘A nave explodiu enquanto durou o ataque’)

Eventos ‘não-durativos’ quando usados em construções ‘durativas’ podem ser interpretados como ‘iterativos’:

(31) Gli ospiti sono arrivati per tre ore di seguito. (247)

(‘Os hóspedes chegaram por três horas seguidas’)

³⁸ Nos exemplos que se seguem, e que são de Bertinetto (1986), apresentam-se assinaladas (entre parênteses) as páginas em que se localizam em seu trabalho.

Com advérbios de Tempo do tipo ‘pontual, os verbos ‘durativos’ com Tempos que denotam Perfectividade³⁹ são os que apresentam restrições: (247)

(32) * Giacomo ha scalato una montagna alle due in punto. (durativo)

(* ‘Giacomo escalou uma montanha às duas em ponto’)

(33) La festa `e iniziata alle due in punto. (não-durativo)

(‘A festa começou às duas em ponto’)

Com Tempo que denota Perfectividade, particularmente com Perfeito Simples, a gramaticalidade do enunciado é possível recuperar-se no verbo durativo com Aspecto Ingressivo:

(34) In quel preciso instante, il moribondo parlò. (248)

(‘Naquele exato momento, o moribundo falou’)

Verbos de Acionalidade télica são aqueles que veiculam eventos não-durativos transformativos ou durativos resultativos. Os primeiros possuem uma fase preparatória para referir-se ao evento pontual que precedem:

(35) A criança achou o brinquedo em uma hora.

onde o tempo indicado não é o que durou o evento, mas os sub-eventos, pode-se assim dizer, que o antecederam: a criança “procurou” 1 hora pelo brinquedo. Note-se que é incompatível com advérbios de Tempo como “por X Tempo”:

(36) * A criança achou o brinquedo por uma hora.

tornando a sentença agramatical (o que mostra a não-duratividade do evento).

Já os durativos resultativos implicam duração:

(37) A criança desenhou uma paisagem.⁴⁰

A classe acional que veicula eventos não-resultativos pode ser sub-dividida em ‘estativos’ (permanentes e não-permanentes) e ‘continuativos’ (ou não-estativos). Os eventos estativos não-permanentes permitem o uso de advérbios temporais:

(38) A criança teve febre a manhã toda.

³⁹ Com Tempo que denota Imperfectividade é análogo.

⁴⁰ Eventos resultativos perdem a telicidade quando veiculados com advérbios “por X Tempo”:

(A) A criança desenhou uma paisagem por 15 minutos.

Renato Basso defende para o Português que há ‘detelecização’ nesse caso, já que não se pode afirmar que a criança finalizou ou não o evento ‘desenhar uma paisagem’ (comunicação pessoal).

Delfitto e Bertinetto chamaram a atenção que apesar da importância de se manter, no plano teórico, a separação das categorias ‘aspectuais e acionais’, estas categorias não necessariamente podem ser separadas em todas as circunstâncias. Citam, por exemplo, o que chamam de “paradoxo do Imperfectivo”, que surge da interação de características acionais [+ télica] e a oposição aspectual [\pm perfectivo]^{41 42}.

A Acionalidade é influenciada pelas características dos sintagmas nominais presentes nas sentenças, como se verifica em:

- (39) A criança desenhou um pássaro. (resultativo)
(40) A criança desenhou pássaros. (continuativo)
(41) A pedra rolou (a ribanceira). (transformativo / não-durativo)

A natureza ‘acional’ de um evento é a principal definidora desse evento, ou seja, se há mudança de ‘classe acional’, há mudança de evento.

Outra autora que faz distinção entre ‘Aspecto e *Aktionsart*’ é Henriqueta Vasquez (2002: 195-196), que assume para o Espanhol que “a informação do tipo aspectual pode ser expressa de dois modos:

- a) mediante recursos morfológicos ou de flexão das formas verbais;
- b) a informação aspectual também pode ser proporcionada pelo próprio conteúdo semântico de um predicado... . Esta noção léxico - semântica sobre os predicados se conhece sob o termo ‘modo de ação’, ‘aspecto léxico’, tradução do termo alemão *Aktionsart*”. Em nota (n.9) da página 196, complementa: “El ‘aspecto léxico’, ‘modo de acción’ o *Aktionsart* de un predicado es independiente del aspecto flexivo o morfológico”.

⁴¹ Em princípio, Aspecto e Acionalidade podem ser vistos como categorias ortogonais, diz Bertinetto (2000: 20), por serem presas a diferentes veículos lingüísticos (‘tense vs lexical enties’). Mas, “in fact, this is not entirely true, for there are obvious interactions, thoroughly described in the literature (see instance Bertinetto 1986, 1987, and references therein). Suffice it to recall the interplay of [\pm perfective] and [\pm telic] yields a striking consequence, as shown by the ‘imperfective paradox’ - whereby telic verbs suspend their telic value in imperfective contexts (more specifically as said, in progressive contexts). Thus, we should be prepared to find cases of convergence between aspectual and actional values (grifos meus). However I believe that the impact of this sort of convergence is not infrequently unduly overrated”.

⁴² Para maiores detalhes consultar Bertinetto, P. M. (2000) ‘On a frequent misunderstanding in temporal-aspectual domain: The ‘Perfective = Telic’ Confusion’ - [http:// alphalinguistics.sns.it](http://alphalinguistics.sns.it)

Mas há também os que discordam ou criticam tais distinções de Aspecto e Acionalidade.

Bhat (1999) por exemplo, diz que muitos linguistas fazem diferenciação entre os dois principais tipos de distinção aspectual, usando o termo *Aktionsart* para referir-se a tipos de eventos como processos e estados, eventos momentâneos e durativos, télicos e atélicos, etc. Porém considera que há algumas dificuldades em manter essa distinção de Aspecto e *Aktionsart* consistentemente em estudos inter-lingüísticos (1999: 45).

A questão para ele, nessa divisão;

“is whether there is sufficient grammatical basis for its postulation; i.e., whether there are languages in which a sharp and clear-cut distinction is made between the two such that the two need to be assigned to distinct systems of representations”.

Apóia-se em Bache (1982: 65), que acha necessário conceber:

- i. *Aktionsart* nem sempre como “objetivo”, mas também podendo envolver concepções dos falantes sobre a (as) situação (situações);
- ii. que Aspecto nem sempre é “subjetivo”.

Bhat coloca também que é problemático manter a distinção nas proposições onde *Aktionsart* é a lexicalização da estrutura temporal e Aspecto é a gramaticalização da estrutura temporal. Diz que em algumas línguas a distinção, por exemplo, entre eventos e estados considerada “modos de ação”, é representada somente lexicalizada, mas há outras nas quais há representação gramatical⁴³.

De qualquer forma, as críticas parecem ser aos modelos que procuram uma taxonomia antes de uma explicação.

⁴³ Note-se que acima Bertinetto e Delfitto chamam a atenção que nem sempre tal distinção pode ser mantida.

2.7 O Princípio de ‘Marcado’ e ‘Não-Marcado’ na Interpretação Temporal

Comrie (1976) aponta que a noção de “marca” na lingüística evidencia que onde há uma oposição com dois membros, é freqüente o caso de que um desses membros da oposição seja sentido como mais usual, menos específico que o outro: este seria, então, o ‘não-marcado’, em contrapartida ao membro ‘marcado’. “Os critérios para tal distinção são variados, podendo ser semânticos, morfológicos, estatísticos; sendo, porém, independentes” (idem: 111).

Encontra-se em muitos trabalhos a idéia que o Perfectivo é o membro ‘não-marcado’ da oposição baseada sobre Perfectividade; e, em línguas como o Francês (no Passado Definido), o Perfectivo corrobora essa aceção, sendo o membro ‘não-marcado’, mas em línguas Eslovenas, o Perfectivo é o membro ‘marcado’, segundo Comrie (1976: 21).

Em categorias ‘marcadas’ há freqüentemente sincretismo entre formas que deixaram de ser categorias ‘não-marcadas’ e formas que desapareceram do paradigma de forma ‘marcada’. Comrie também destaca que a questão do uso do Aspecto ‘marcado vs não-marcado’ é claramente uma escolha muito próxima com aquilo que o falante quer dizer (idem: 116).

A marcação ainda pode ser afetada pelo contexto: em um certo número de línguas, onde o Tempo não está presente como categoria aberta, pode haver interação entre Aspecto e Referência Temporal, como por exemplo em línguas africanas, modificando a relação marcado / não-marcado. Há também ‘graus de marcação’. Por exemplo, Imperfeito e Passado Progressivo em Espanhol são formas ‘marcadas’ em relação ao Passado Simples, mas o Passado Progressivo é mais marcado relativamente ao Não-progressivo (Comrie, 1976: 120).

Lyons (1979: 330) também cita que em Grego e em Russo o termo ‘marcado’ é o Perfectivo, por oposição ao Imperfectivo e que no Grego há também o que chama de Aoristo, que em certas posições está em oposição ao Perfectivo e Imperfectivo. Assim, diz ele, ‘no Grego seria correto dizer que enquanto o Imperfectivo não é marcado em relação

ao Perfectivo, o Aoristo é ‘não-marcado’ em relação ao Perfectivo (que seria o mais marcado).

Dahl (1985: 69-72) destaca que a oposição PFV:IPFV difere em muitas categorias inter-lingüísticas de TAM por não serem muito claras as relações marcadas: “We can choose one member of a TAM opposition as the universally marked one, and this choice will not be contradicted by more than one or two counter-examples. In the case of PFV:IPFV, on the other hand, it seems rather to be a typical situation that even in individual languages, we can not choose one member of the opposition as being clearly unmarked”. Esta é a razão porque trata PFV:IPFV como uma oposição “equipolente” (‘equipollent opposition’), no sentido do estruturalismo europeu.

A dificuldade de decidir qual membro da oposição é ‘marcado’ e qual é ‘não-marcado’ não está ligada com a tendência de PFV:IPFV ser realizada por afixação ou construções perifrásticas, mas antes por complexos processos morfológicos⁴⁴ (Dahl:1985: 73).

Dahl observa ainda que Progressivo e PFV:IPFV são muito diferentes nos modos como são marcados: Progressivo é marcado consistentemente por perífrases, enquanto a oposição PFV:IPFV é usualmente mais complexamente marcada (como notado acima).

⁴⁴ Sistemas Indo-Europeu e Semítico ilustram isso, complementa Dahl.

Capítulo 3

Tempo, Aspecto e Modo na Língua Kaingang - - uma revisão bibliográfica

O objetivo deste capítulo é apresentar uma revisão bibliográfica de trabalhos anteriores que tratam da língua Kaingang e que contenham considerações sobre Tempo, Aspecto e Modo em Kaingang.

As correlações entre os autores serão feitas sempre que sejam possíveis ou necessárias. A apresentação dos trabalhos está em ordem cronológica e nossa intenção é uma exposição inicial seguida de um breve comentário. Em outras palavras, não estaremos, nesse momento, fazendo uma discussão mais longa sobre as diferentes visões desses autores, ainda que possamos fazer outras considerações posteriores a esses modelos teóricos. Busca-se, no entanto, produzir uma visão panorâmica que revele, mais a inconsistência teórica do que conhecimento acumulado.

A nomenclatura utilizada por cada autor permanecerá como aparece nos trabalhos originais.

3.1 Frei Mansueto Barcatta de Val Florianiana (1918)

Val Florianiana em seu trabalho “*Ensaio de Grammatica Kainjgang*” (1918), reúne materiais da região do Tibagi (Paraná).

O autor aponta que, quando pelo contexto do discurso não se pode deduzir o Tempo do verbo, uma conjugação ‘muito rudimentar’ pode indicar somente o Presente, Passado e o Futuro; e o Imperfeito.

“O Presente indica-se com a terminação ‘*mo*’, o Imperfeito com as terminações ‘*ve*’ e ‘*ja*’ e os outros Passados com a terminação ‘*ke*’. O Futuro pode ser indicado com a mesma terminação para Presente ‘*mo*’, ou com a partícula ‘*hána*’. Já o Futuro intencional, faz-se com o verbo ‘*ke, kémo*’”.

A partícula “*ja*” indica tempo Presente e Imperfeito¹:

(1) *Had ja* [Há ja] ‘agora está bom, estava bom’².

Val Florianiana considera dois Modos, que são o Imperativo e o Não-Imperativo. Em relação ao Imperativo, relata que no Imperativo afirmativo acrescenta-se o sufixo “*ra*” aos verbos cuja raiz termina em vogal e o sufixo “*era*” aos que terminam em consoante e no Imperativo negativo acrescenta-se o “sufixo *tôngra*” ao verbo. Exemplo:

(2) *krônera* ‘bebe tu’

(3) *Krô tôngra* ‘não bebas’

Em relação aos ‘advérbios de tempo’ considera: “a partícula adverbial “*huri*” que significa ‘já’ e indica Tempo Passado. Ao contrário, a partícula “*ha*”, Tempo Presente. Outros advérbios de Tempo são considerados no capítulo VIII de seu texto, como **i.)** os que indicam um ‘tempo mais definido’, como: agora; hoje; ontem; anteontem; amanhã; depois de amanhã e **ii.)** aqueles outros advérbios com ‘maior indefinição de tempo’: uma vez; outro dia; por algum tempo; logo; depois; daqui a pouco.

É considerado também um advérbio de Tempo por Val Florianiana, o termo *kenjén* [*kejên*] ‘às vezes’³. Outro exemplo que é ilustrado na p. 557:

(4) *Tere javáix ra, tère ti.* ‘Morreu antes do tempo’.

onde: *tère* ‘morrer’; *javáix*⁴ ‘antes do tempo’; *ra* ‘apesar de’; *tère* ‘morrer’; *ti* ‘ele’ = ‘Apesar de antes do tempo de morrer, ele morreu’.

¹ Em Wiesemann (2002) a partícula “*ja*” é considerada Indicador de Modo: ‘terminado’ e um exemplo citado na página 26 é:

(A) *Īn ja vĕ*
casa ind.modelo (terminado) ind.aspecto (é, era) ‘Era uma casa’.

² Para efeito de padronização e melhor leitura, os exemplos emprestados e citados neste capítulo serão primeiro colocados no original em Kaingang como transcrito pelos autores e estarão em itálico. Quando necessário, entre colchetes apresentaremos a ortografia atual e depois, então, a tradução no Português (eventualmente em Espanhol, como no trabalho de Wanda Hanke). Note-se que em muitos casos não há glosas, mas apenas uma tradução livre como aqueles que se encontram nos originais dos trabalhos e serão apresentadas desta forma, preservando a citação (somente em casos necessários a esclarecimentos é que se fará diferentemente e nestas situações, será indicado que a glosa pertence ao presente trabalho e não ao original. Caso não seja citado, considere-se o anterior como válido).

³ O termo aparece em Wiesemann (2002) como Indicador de Circunstância.

⁴ Wiesemann (2002: 30 e 156) para o Aspecto ‘*jĕ vĕ*’ - ‘era para ser, mas não foi’ apresenta o exemplo:

(B) *Rānhrāj ti jĕ vĕ, hā ra tóg, ūri kātāg tū nĩ.*

traduzido por ela como: ‘Ele estava trabalhando, mas não veio hoje’.

Para o que denomina Advérbio de Ordem (p.559), o autor cita o exemplo:

(5) *Kó ti kár, huru vüire*. [Kó ti kar, hur (huri) vyr] ‘Cameu e (depois) saiu.’

onde: *kó* ‘comer’; *ti* ‘ele’; *kár* ‘depois’; *huru* ‘tempo passado’; *vüire* ‘foi’.

Em um outro trabalho de 1918, intitulado: ‘*Uma crítica ao “Vocabulário da Língua Kainjgang” do Visconde de Taunay*’⁵ também é encontrada a partícula “*ahurü*” [hur, huri], citada por Val Floriana como ‘denotando Pretérito’, bem como ‘já’; informação essa colhida pelo Padre Francisco das Chagas Lima com os índios de Guarapuava. No comentário, Val Floriana diz também se encontrar “*húru*”, “*hóro*”.

Ainda em “*Ensaio de Grammatica Kainjgang*” (1918), quando trata de afixos e sufixos, cita que o sufixo “*bé*” [mé] dá às palavras o sentido de hábito, costume, uso⁶. Seu exemplo na página 561 é:

(6) *Kaimbara nôro be ne*. ‘Ele costuma dormir logo’.

onde: *kaimbara* ‘logo’; *nôro* ‘dormindo’; *be* ‘acostumado’; *ne* ‘está’.

3.2 Rosário Farani Mansur Guérios

Em seu trabalho de 1942 uma primeira referência feita a “tempo” aparece na sua ‘introdução’ (pode-se por assim dizer), quando o autor observa que, querendo anotar palavras que não tinham correspondência na língua indígena procurou registrar a expressão: ‘Que horas são?’. Guérios reporta que logo foi respondido pelo seu informante: “índio não tem isso, não usa...”; acrescentando, porém, que com referência ao tempo, empregavam: “qual é o vento de hoje? (se de bom ou mau tempo)” (1942: 99-100).

Em relação às distinções temporais nos verbos, reporta:

“como todas as línguas primitivas, o caingangue desconhece as distinções temporais nos verbos, pelo menos como o fazemos nas línguas mais evoluídas (...). Assim é que em muitas orações do português distintas em relação à cronologia, correspondem frases caingangue em que o verbo parece servir para

⁵ Neste estão incluídos uma ‘introdução’ seguida do trabalho de Taunay de 1888: “*Os índios Kaingáns (Coroados de Guarapuava)*” e do “*Vocabulário do dialeto Kaingang (Coroados de Guarapuava, Província do Paraná)*”, do mesmo autor, intercalados (ambos os textos), por comentários e notas de Val Floriana.

⁶ Em Wiesemann (2002:60) “*mé*” aparece como Indicador de Modo: ‘fazer diariamente, ligeiro, gostar de fazer’. Dá como exemplo, apenas com tradução livre:

(D) *Rũ mé fi nĩ*. ‘Ela levanta cedo’.

qualquer tempo. É que o discurso caingangue obedece às arcaicas distinções do aspecto (a ação é caracterizada pelo seu desenvolvimento). Para isto, as partículas usadas que não passam de advérbios, mais ou menos, todavia se aproximam de certas diferenças temporais das nossas línguas modernas” (idem:125 - grifos meus).

De sua perspectiva da Lingüística Histórica, Guérios lembra ainda que a “categoria dos tempos verbais é a evolução da categoria de aspecto”, e considera, então, o Kaingang, uma língua primitiva.

Para o autor, essas partículas referidas acima são propostas no final da oração somente quando houver de fato necessidade de distinção.

No Kaingang, não há propriamente o verbo de ligação (em Português = ‘ser’), diz ele, mas após o predicado ocorrem freqüentemente certas partículas, como por exemplo *natü* (para plural). Numa outra passagem (página 127), propõe uma análise para ‘o dissílabo *natü*’: *na* = o demonstrativo *ni* + *tü*, sinal de plural (em Tibagiano a partícula correspondente é *ti*, que significa ‘muito’):

(7) *Tatog - kutén nâni.* ‘Chovendo está’

destaca que o primeiro elemento ‘*na*’ combina-se, ou melhor, vem duplicado com a forma ‘*ni*’ para a expressão de ‘aspecto durativo atual’. Também cita outros exemplos de repetição de ‘*ni*’:

(8) *Ixóg mein nine.* ‘Eu ouvindo estou’.

(9) *Ig mbré há tóg rad-râd nin(e).* ‘Eu com você isso riscando estou’.

Guérios chama a atenção que Val Florianiana destaca formas similares a ‘*nine*’ em Tibagi: ‘*ninhe*’, ‘*ninhé*’, indicando Tempo Presente ou Futuro e ‘*no*’ como sufixo para Futuro.

Guérios (p.128) considera que o Tempo Presente se expressa com o uso da partícula ‘*mo*’, que significa ‘já’, ‘agora’, como nos exemplos:

(10) *Ixóg krôd mo.* ‘Eu bebo’.

(11) *Ixóg koi mo.* ‘Eu como’.

E, complementa: “na verdade, com tal partícula ‘*mo*’ (às vezes pronunciada *mu*), a ação se realiza duradouramente, e devem ser traduzidas as orações acima: ‘Eu estou bebendo’; ‘Eu estou comendo’”.

Em frases terminadas com o monossílabo ‘*ti*’ relata encontrar dificuldades, pois Val Floriana sugere que ‘*ti*’ quer dizer ‘ele, homem, tal coisa, tal animal’, mas em algumas traduções pedidas, Guérios diz não saber o que significa esta partícula, como nos exemplos que ele cita à p. 129-130:

(12) *Ixóg fóg witó ti*⁷. ‘Eu falo português’.

(13) *Ixóg pi rügh-rügh ti*. ‘Eu lenha racho’.

(14) *Ixóg hakra ti*. ‘Eu planto’.

Com relação ao Imperfeito, Guérios cita que Val Floriana registra a partícula ‘*ve*’ como desinência desse Tempo Verbal. No dialeto de Palmas registra:

(15) *Ixóg pan tãin xór wé*. ‘Eu a cobra matar queria’.

(16) *Hatág fumo má txor wé*. ‘Você fumo queria comprar’.

e também em construções com *ha* ‘agora’:

(17) *Ixóg wãipéiú tin wé ha*. ‘Eu fugindo ia’ ou ‘Eu fugindo ia agora’.

Advérbios como *húri*, *húro*, *hur*, *hul* significam ação passada do verbo que modificam e são usados no Tempo Perfeito:

(18) *Ij kokire húru hadn*. ‘Minha fome já se fez, isto é, não tenho mais fome’.

Em Palmas pode-se encontrar, por exemplo:

(19) *Ixóg hur déi*. ‘Eu cozinhei’.

(20) *Ixóg hur waipántü*. ‘Eu sonhei’.

Ainda no palmense encontra-se a partícula adverbial ‘*na*’, para indicar Tempo Passado, segundo Guérios:

(21) *Wâhhâ hágtóg hád na tin*. ‘Começar eles a fazer vão’.

Em relação à partícula ‘*ke*’, o autor entende ser sufixo para indicar Passado ou Futuro, ou ainda indicando ação iminente, como apontado por Val Floriana em:

(22) *Pirá xabm ke ha ti*. ‘Ele já vai pegar peixes’;

Guérios sugere que em Palmas essa partícula *ke* indica Pretérito, como em:

(23) *Ixóg kéiátu ké*. ‘Eu me esqueci’.

Para o Futuro, ele considera que se pode fazer com o advérbio *hénd* -‘certamente, decerto, talvez’:

⁷ Na verdade, o pronome ‘*ti*’, de 3ª pessoa masculino singular, não se confunde com a partícula final ‘*tí*’ (claramente nasal).

(24) *Ig hénd dóg xug mo há.* ‘Eu certamente eu cuspo agora’.

Uma construção com *mo (mu)*, segundo Guérios, pode ser indicativo de ‘Futuro próximo’:

(25) *Ig hénd dóg likê mo tim mo.* ‘Eu decerto eu depressa agora vou agora, isto é, irei imediatamente’.

“O Imperativo (p.132) se faz com a posposição da sílaba *ra*”:

(26) *Tin-ra !* ‘Vá !’.

(27) *Há kur fáh-ra !* ‘Sua roupa limpe!’

mas também pode não aparecer:

(28) *Pin ha(d)n !* ‘Fogo faça !’

3.3 Wanda Hanke

Em “Ensayo de una Gramatica del Idioma Caingangue de los Caingungues de la ‘Serra de Apucarana’, Paraná, Brasil”, trabalho de 1948, publicado em 1950 na revista *Arquivos do Museu Paranaense*, Wanda Hanke divide o texto em duas partes: a primeira parte está assim subdividida: i) habitat e ambiente em que vivem os ‘caingungues’ que ocupam as serras e vales da Serra de Apucarana no norte do Paraná; ii) aspectos antropológicos considerados por ela, como por exemplo: vida, costumes e cultura; iii) apresenta seu informante: Paulino. Na segunda parte de seu trabalho fala sobre o idioma “Caingangue de Apucarana”.

Introduz essa última parte destacando que “o dialeto de Apucarana se distingue bastante dos ‘Xokrêns de Santa Catarina’ e ‘algo dos Caingungues de La Serra do Chagú’ e de outros lugares, embora não se trate de diferenças fundamentais” (p.73).

Wanda Hanke admite que o estudo do verbo em línguas indígenas é mais difícil e exige mais tempo e paciência do que outros estudos e diz que em seu trabalho falta muito para esclarecer todas as funções dos verbos.⁸

⁸ De fato no trabalho de Wanda Hanke aqui resenhado pode-se notar muitos problemas em sua análise da língua Kaingang.

Considera que “o Kaingang possui duas vozes: Ativa e Passiva (sendo que esta última teria pouca importância); três modos: Indicativo, Subjuntivo e Imperativo e ainda quatro Tempos: Presente, Pretérito-Perfeito e dois Futuros”.

O Pretérito-Perfeito, segundo suas averiguações, é a única forma de Passado, constituído com o “sufixo” ‘*huri*’, mas nem todos os verbos formam Passado com ‘*huri*’ (p. 90). O Futuro se distingue entre Futuro imediato e Futuro distante:

(29) *Koi kenda.* ‘Yo comeré ahora’.

(30) *Wajankakojo.* ‘Yo comeré mañana’.

Também “o Futuro com freqüência se faz com o ‘sufixo’ *kiwe*, mas não como regra, pois esse ‘sufixo’ também se encontra no Presente e no Passado”.

Wanda Hanke sugere ainda que o ‘índio Caingangue’ fala quase sempre no Indicativo e que existe um subjuntivo que se caracteriza pela terminação ‘*ue*’ ou ‘*ua*’⁹. Dentre seus exemplos têm-se:

(31) *táknntonira katignúe.* ‘si no lloviese él vendría’.

(32) *táknntonira tidn edñúe.* ‘sin lluvia el paseo sería lindo’.

(33) *titaimatora kikairodniñúe.* ‘si él hubiese hablado yo me recordaría’.

Na parte final de seu trabalho coloca um vocabulário sistemático, onde se podem encontrar os advérbios de Tempo:

(34) <i>uri, ury</i>	-----	hoy, ahora enseguida
<i>raketa, rākety</i>	-----	ayer, antes
<i>wuajaki, wajeki</i>	-----	mañana
<i>hãn</i>	-----	siempre
<i>takani</i>	-----	desde luego, de ahora, desde ya; e parece significar también: después, más tarde, en adelante.

⁹ Corresponderia ao ‘*we*’ em Guérios e Val Floriania que consideram como uma partícula usada para Tempo Imperfeito. Os exemplos citados (numerados aqui de 31 a 33) estão como na página 122 do original de seu trabalho e ela segue um modelo de análise tradicional e digamos, com notação ‘simplificada’. (Mansur Guérios, como assistente de lingüista do Museu Paranaense, coloca em nota no início da publicação do texto de Hanke que não foi possível adotar o sistema gráfico usual entre lingüistas para representar sons especiais do trabalho da referida autora, por causa da deficiência das tipografias de Curitiba. Mas, nesse caso, não se pode afirmar que a questão é somente tipográfica, já que na página 77 de sua análise, Hanke diz “a união de duas vogais, os ditongos, é muito freqüente em caingangue e em outros casos pode-se falar de uma verdadeira união de vogais”).

3.4 Ursula Wieseemann

Ursula Wieseemann é uma missionária que atuou por várias décadas no ‘Summer Institute of Linguistics’ (SIL) e que sistematizou a ortografia da língua Kaingang entre 1958 a 1966; trabalho esse desenvolvido no P.I. de Rio das Cobras, Paraná.¹⁰

Sua dissertação de 1972 “*Die phonologische und grammatische Struktur der Kaingáng-Sprache*” contém a síntese desses anos de pesquisa e é o seu principal trabalho sobre a língua Kaingang. Em 1971 foi publicado um “*Dicionário Kaingáng - Português / Português - Kaingáng*”, reeditado em 1981, e que segundo Wieseemann, tinha por base uma ‘cuidadosa análise gramatical da língua’, depois sistematizada em sua dissertação editada em 72. Apesar da terminologia ‘Dicionário’, é mais próximo a um glossário, uma lista de palavras¹¹, mas que contém um apêndice no qual a autora faz considerações sobre as diferenças dialetais, ortografia e morfologia da língua Kaingang.

A edição de 1971 foi revisada e ampliada e reeditada em 2002, intitulada: “*Kaingang - Português / dicionário Bilíngüe*”. Também contém um apêndice sobre aspectos gramaticais da língua Kaingang com algumas modificações em relação às edições anteriores.

Estes serão, pois, os principais trabalhos tomados nesta seção para se verificar no que a autora contribui para a discussão sobre Tempo, Aspecto, Modo na língua Kaingang. Há ainda um outro texto: “*Time distinction in Kaingáng*”, de 1974, que também será resenhado aqui.

¹⁰ Os trabalhos desenvolvidos pelos membros do SIL junto às comunidades indígenas têm como primeiro objetivo a tradução da Bíblia e, para tal, há necessidade de se estabelecer uma ‘escrita’ para as línguas ágrafas.

¹¹ Wieseemann reconhece como tal quando na reedição em 2002, onde na p.7 diz: “Em 1971 foi publicado uma lista de palavras com o nome de “*Dicionário Kaingáng - Português / Português - Kaingáng*””.

3.4.a Wiesemann (1971)

As informações contidas no apêndice no trabalho de 1971 (“*Dicionário Kaingáng - Português / Português - Kaingáng*”) em sua primeira edição e em 1981 na sua segunda edição, são, pode-se dizer, ‘pontuais’; porque apenas citam, não definem ou explicam e são ainda generalizadas, não havendo contexto e nem exemplificações com frases ou orações.

Quando Wiesemann (1971: 269-272) trata dos verbos, assinala:

“os verbos ... tem função predicativa, mas que como parte de construções possessivas podem funcionar tal qual um substantivo. Podem combinar com muitos Indicadores de Aspecto ou de Modo. Podem também combinar com certos Indicadores de Circunstância na preposição, acompanhados por uma mudança de sentido. Neste caso, eles perdem a distinção entre transitivos e intransitivos”.

Não há uma definição conceitual de Aspecto nesse trabalho, apenas uma indicação de uso (sem estabelecimento de critérios, tampouco!). A autora relata que

“os indicadores de Aspecto seguem os verbos e descritivos ou substantivos em função predicativa, mas podem ser precedidos de indicadores de Modo e pronome sujeito”.

Continua (p.286):

“Alguns indicadores de Aspecto somente podem seguir os verbos e um grupo de indicadores de Modo”, como na tabela (1):

Tabela (1)

<i>mũ ~ ã</i>	‘durativo, ação em progresso’
<i>nĩ ~ mnĩ</i>	‘faça qualquer tempo!’ (ocorre nas orações imperativas) ¹²
<i>rỹ</i>	‘faça agora’ (também só ocorre nas frases imperativas)

¹² Na p.288 observa que por *nĩ* e *rỹ* ocorrerem em orações imperativas, acham-se em orações sem sujeito e que *nẽ* e *vẽ* também não ocorrem com sujeito se o agente está expresso, devendo ser seguido por *tỹ* ‘por’ (mas não cita exemplos).

Segue-se, então, uma lista de Indicadores de Aspecto que, segundo a autora, “podem seguir os verbos, descritivos ou substantivos”, podendo-se citar dentre eles (tabela (2)):

Tabela (2)

<i>ta ~ tĩ ha</i>	‘desde agora’	<i>jẽ</i>	‘em pé’
<i>tẽ ~ tĩ vẽ</i>	‘até agora’	<i>kãmũ</i>	‘chegando, pl’
<i>tĩ</i>	‘indo, sg’	<i>mũ</i>	‘indo, pl’
<i>tĩ</i>	‘habitualmente’	<i>nĩ</i>	‘sentado, sg; na situação de’
<i>vyr</i>	‘foi, tem ido’	<i>nyĩ</i>	‘deitado, sg’
<i>vẽ</i>	‘é’	<i>nyĩtĩ ~ nãtĩ</i>	‘na posição de’

Wiesemann diz que “as formas alternantes¹³ ocorrem após as palavras finalizadas por vogal e que variam livremente. Algumas podem combinar-se com outras e pode-se então, ter ‘leve troca no sentido’” (grifos meus). Seus exemplos das p.287 e 288 estão na tabela (3):

Tabela (3)

<i>mũ</i>	‘durativo’	como em <i>tĩ mũ</i> ‘indo habitualmente’
<i>nẽ</i>	‘é’	como em <i>tĩ nẽ</i> ‘indo mesmo’
<i>nĩ</i>	‘na situação de’	como em <i>tĩ nĩ</i> ‘na situação de ir’
<i>ryĩ</i>	‘ênfase’	como em <i>tĩ ryĩ</i> ‘sempre mesmo’ ou ‘indo mesmo’
<i>tĩ</i>	‘habitualmente’	como em <i>tĩg tĩ</i> ‘indo sempre’ ou ‘sempre sempre’
<i>vẽ</i>	‘era’	como em <i>tĩ vẽ</i> ‘era para ser’ ou ‘era para ir’

¹³ Não há outras explicações para o termo.

Dentre os Indicadores de Opinião (p.288), que são somente citados como “podendo ocorrer em várias posições dentro da oração” e dentro da lista que se apresenta pela autora, podem ser encontrados alguns com referência temporal, como na tabela (4):

Tabela (4)

<i>ha</i>	‘agora’
<i>huri ~ hur</i>	‘já’

Com relação aos Indicadores de Modo (p.284) observa:

“Seguem os verbos ou substantivos nas orações predicativas e os modificam. Tais indicadores podem seguir verbos, descritivos e substantivos, mas somente podem ser seguidos por aqueles Indicadores de Aspecto que também seguem substantivos”.

Na lista que segue tal observação em seu trabalho pode-se encontrar um Indicador que talvez possa ter referência temporal ou aspectual: *ja ~ jã* ‘terminado’.

3.4.b Wiesemann (1972). “*Die phonologische und grammatische Struktur der Kaingáng - Sprache*”

A monografia de 1972 foi publicada em Alemão¹⁴. Como já citado, é uma análise da língua Kaingang tomando por base as pesquisas com os Kaingang da região de Rio das Cobras, PR.

Para o propósito deste item serão apresentadas, do trabalho original de Wiesemann, somente as questões relativas ao objeto proposto, ou seja, relacionadas ao sistema de Tempo, Aspecto e Modo no Kaingang.

Os ‘Indicadores de Aspecto’ são apresentados às páginas 107 a 110, nos seguintes termos:

“Os membros da classe de morfemas indicadores de Aspecto manifestam o tagmema¹⁵ aspecto das frases gramaticais (algumas das frases imperativas e não-

¹⁴ Neste item foi utilizada uma tradução com auxílio de um falante nativo de alemão e procurou-se, apesar da dificuldade, ser o mais próximo possível da escrita original.

imperativas). Alguns deles manifestam também os tagmemas das sub-classes aspectuais 1 e 2 em tipos de frases diferentes. Podem ser subdivididos em 5 sub-classes:

1. sub-classe 1 → manifesta o tagmema de ‘aspecto’ nas frases imperativas gerais e modo imperativo. Aparece somente depois de palavras transitivas, intransitivas, aspectos intransitivos, também depois de verbos de ação e estado, palavras de ação e algumas de estado. Exemplo:

nĩ - *mnĩ* = ‘faça aquilo qualquer dia’

2. sub-classe 2 → manifesta tagmema de ‘aspecto’ na frase imperativa direta.

Aparece depois de classes de palavras da sub-classe 1. Exemplo:

rỹ = ‘faça isso imediatamente’

3. sub-classe 3 → parte da sub-classe 3 manifesta o tagmema aspectual 1 e 2 em frases não-imperativas transitivas ou intransitivas e de condição determinada. Exemplo:

mũ ~ *ũ* = ‘processo da ação que tem um começo e um fim’ (homófono com o ‘aspecto intransitivo’¹⁶ *mũ* = ‘andar, pl’)

4. sub-classe 4 → manifesta o tagmema de ‘aspecto’, ‘aspecto 1 e 2’ de palavras aspectuais em frases não-imperativas. Eles aparecem depois de todas as classes de palavras derivadas e tem capacidade de combinação ilimitada. Exemplos:

nĩ = ‘fato geral, na forma de existência (em Alemão: ‘*daseinform*’) da ação’ (homófono com ‘aspecto intransitivo’ *nĩ* = sentar)

ta ~ *-gta* ‘a partir de agora’

nĩgta ‘é assim a partir de agora’

¹⁵ Nas referências sobre ‘indicador de aspecto’ e ‘indicador de modo’, Wiesemann utiliza com grande frequência o termo ‘tagmema’. A definição do termo se encontra na introdução de seu texto, na p. 15:

“Tagmem = Korrelative Einheit bestehend aus einer syntaktischen Funktion und dem zugehörigen Substitutionsparadigma in dieser Funktion. Beispiel: Das Korrelat zwischen der Funktion “Silbenanlaut” und der Klasse Von Konsonanten in dieser Funktion ist das Silbenanlauttagmem”.

= “Unidade correlativa constituída de uma função sintática e do paradigma de substituição relacionado a essa função. Exemplo: a correlação entre a função “ataque de sílaba” (*onset*) e a classe das consoantes nessa função é o Tagmema Ataque de Sílaba”.

Crystal (1997) dá a seguinte definição para ‘tagmema’: “unidade gramatical básica constituída por um espaço funcional dentro de uma classe de itens substituíveis que o podem preencher. A identidade do tagmema reside na correlação função / forma, sendo ambas explicitamente etiquetadas na análise”.

¹⁶ Para uma definição de ‘aspecto intransitivo’ mais detalhada remeta-se ao trabalho original de Wiesemann, p.119 e 120. Há também considerações gerais na p. 83 deste capítulo.

tẽ ~ -gtẽ ‘é não real (é irreal) - até agora’: ‘a partir de agora não é mais’

nĩgtẽ ‘foi assim até agora’

tĩ ~ -gtĩ forma habitual da ação (homófono com ‘aspecto intransitivo’ *tĩ*
‘andar, sg)

nĩgtĩ ‘é assim sempre (sempre é assim)’

5. sub-classe 5 → manifesta o tagmema ‘aspecto 1 e 2’ em frases que são orientadas tanto de ação e sujeito nominal quanto nas frases com condições determinadas e frases orientadas de resposta e declaração. Exemplos:

nẽ ~ -gnẽ ‘fato limitado ou questionado’

nẽgnẽ ‘é assim’ (provavelmente ou de uma duração curta)

vẽ ~ -ẽ ‘um fato absoluto ou que parou’

exemplo: *fóg vẽ* ‘é um não índio’”.

Segue-se um esquema da distribuição (como no original) da classe Aspecto para Wiesemann (1972:110)¹⁷ (Tabela 5):

Tabela (5)

Distribution der Aspektanzeiger

		A, A1 in Imperativsätzen			A, A1, A2 in nicht-Imperativsätzen													
					S-or					H-or					U-or	AA-or		
		am-ip	di-ip	m-ip	tr	in	u	no	gl	fe	tr	in	u	no			gl	
1	<i>-mni</i>	x		x														
2	<i>rȳ</i>		x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
3	<i>mū</i>				x	x	x				x	x	x					
4	<i>ni</i>				x	x	x	x		x	x	x	x	x		x	x	
	<i>ta</i>				x	x	x	x		x	x	x	x	x		x	x	
	<i>tē</i>				x	x	x	x		x	x	x	x	x		x	x	
	<i>tī</i>				x	x	x	x		x	x	x	x	x		x	x	
5	<i>nē</i>							x			x	x	x	x		x	x	
	<i>vē</i>							x			x	x	x	x		x	x	

Abkürzungen:
am allgemein in intransitiv
di direkt fe Feststellungs- or orientiert
tr intransitiv AA Antwort-Ausruf-

Tratando de Indicador de Modo (p.106 e 107) propõe que

“os membros dessa classe refletem a atitude do falante com relação à ação.

Através da distribuição em relação aos tagmemas, seriam divididos em 6 grupos:

1. os membros da subdivisão 1 manifestam somente os tagmemas de ‘modo’:

ge ‘então, também’

hē ‘não faça!’ (imperativo)

hē̄ ‘não faça!’ (enfático)

huri ~ *hur* ‘já’ (*hur* aparece dentro de uma frase gramatical e *huri* no final da frase gramatical)

ke ‘ênfase’

¹⁷ Legenda: U (‘Umstandsbestimmungs’) = estado, condição;
S (‘Subjekt’) = sujeito;
H (‘Handlungs’) = ação.

2. os membros da subdivisão 2 manifestam além do ‘modo 1’, os tagmemas de ‘modo 2 e 3’¹⁸ (com limitações que não são mencionadas):

ge ‘também, faça’

ke ‘ênfase’

mÿr ‘realmente, acredito que é verdade’

sir ‘então, depois’

3. os membros da subdivisão 3 manifestam além dos ‘modos’ anteriores, tagmemas de ‘modo 1’, de ‘aspecto 1’, de dúvida 1 e pergunta:

hÿ nÿ ‘provavelmente, mas não tenho certeza’

4. os membros da subdivisão 4 manifestam também os tagmemas do aspecto 1:

nÿji ~ ji ‘assim se fala, eu não garanto a verdade’

5. os membros da subdivisão 5 manifestam adicionalmente os tagmemas de ‘modo imperativo’:

ha ‘agora, já’

ker ‘não faça, não deixa acontecer’

kur ‘rápido’

pijè ~ pè (no dialeto do Sul é *pi*) ‘o sujeito não realiza a ação, há forte negação’. Os alomorfes acontecem em mudança livre. Exemplo:

Inh pijè (pè) ki kanhrò nÿ ?. ‘Eu não conheço isso! Eu absolutamente não conheço!’

Pijè mÿ ? ãg nÿ. ‘Não fique com vergonha’¹⁹.

6. os membros da subdivisão 6 manifestam tagmemas verbais 1, foco no sujeito, foco na determinação de condição (estado) e foco instrumental:

hã ‘como’ (o que passa - tudo que passa). ”

¹⁸ Pressupõe-se que essas indicações sejam referentes às subdivisões das classes respectivas.

¹⁹ “No dialeto do Sul tem a forma de *pi* depois do sujeito. A forma *pijè* é usada em construções especiais de frases que provavelmente é uma outra forma de frase” (Wiesemann, 1972: 107):

“*Pi-sÿ pijè* ‘Meu proprietário não’. - ‘Isto não pertence a mim’ ”.

A autora apresenta então, uma distribuição dos membros da classe de Indicadores de Modo que é representada na pág 108 de seu trabalho e que pode ser visualizada (como no original) na Tabela (6) abaixo:

Tabela (6)

Distribution der Modusanzeiger

	M1	M2	M3	A1	Zw1	M	Sfk	Ufk	Ifk	Vel	Ip-M	Fr-M
1	<i>ge</i>					×						
	<i>hē</i>					×						
	<i>hēʔ</i>					×						
	<i>huri</i>					×						
	<i>keʔ</i>					×						
2	<i>gè</i>	×				×						
	<i>ke</i>	×				×						
	<i>m̄yr</i>	×	×			×						
	<i>sir</i>	×	×			×						
3	<i>h̄yn̄ȳ</i>	×		×	×	×						×
4	<i>n̄ji</i>			×		×						
5	<i>ha</i>					×					×	
	<i>ker</i>					×					×	
	<i>kur</i>					×					×	
	<i>p̄jè</i>					×					×	
6	<i>h̄ā</i>					×	×	×	×	×		

Abkürzungen:
A Aspekt
Fr Frage-

Na p. 119 de seu trabalho, Wiesemann trata de Aspecto Intransitivo (já citado anteriormente):

“os membros da classe de palavra Aspecto Intransitivo manifestam aspecto 1 (das palavras aspecto), verbais 1 e 2, de foco de determinantes de estado (condição) e tagmemas de ‘aspecto’ (em frase afirmativa)”. Citando a classe como “classe fechada”, têm -se entre seus exemplos (Tabela (7)) :

Tabela (7)

<i>jē</i>	‘ficando em pé’
<i>kagyv~ kagàv</i>	‘foram, pl’

<i>ke</i>	‘falar, fazer’
<i>mũ</i>	‘ir, pl’
<i>nã</i>	‘deitar’
<i>nĩ</i>	‘sentar’
<i>sa</i>	‘pendurar’
<i>tĩ</i>	‘ir, sg’
<i>vyr</i>	‘ir, passado sg’

Ainda segundo a autora, os verbos em Kaingang têm de uma a quatro formas distintas e um sistema de sufixação verbal, mas que não serão discutidos aqui (para tal, remeta-se às p. 90 a 94 do seu trabalho de tese de 1972 e a Wiesemann, 2002: 163,164).

3.4.c Wiesemann (2002)

Outro trabalho que interessa ser aqui resenhado é a reedição do ‘Dicionário’ de 1971 em 2002 sob o título “*Kaingang - Português -- Dicionário Bilingüe*”.

Neste trabalho, no Apêndice (p. 153 a 173), Wiesemann trata de Indicadores de Aspecto (‘ind. a’ - abreviação no original):

“Os indicadores de aspecto terminam a oração mas podem ser seguidos por certos indicadores de opinião. Muitos indicadores de aspecto são homófonos com verbos, dificultando a análise. Há indicadores de aspecto Perfectivo que ocorrem com V3²⁰ dos verbos que tem essa forma perfectiva (grupos 1 e 6) diferente das outras formas (grupos 2 - 5). Quando os verbos não têm V3 (grupos 1 e 6) se usa a forma básica. Ocorrem nas orações construídas seguindo o padrão nominativo-acusativo usado nas narrações, descrições e nos textos de procedimentos. Eles indicam uma ação do ponto de vista global, sem ver as partes da ação, mas diferenciam-na por ser feito em pé, sentado, deitado, andando ou por uma pessoa ou várias (p.156)”.

²⁰ Não há explicação para a abreviação. Parece ser no caso, a forma 3 do Verbo. Vide também p. 163, 164 do referido trabalho sobre os verbos.

A partir disso a autora apresenta uma lista de ‘indicadores de aspecto’, podendo-se citar dentre eles ²¹ (Tabela (8)):

Tabela (8)

<i>jẽ</i>	perfectivo <i>realis</i>	‘em pé’
<i>jẽgtĩ</i>	perfectivo <i>realis</i>	‘habitualmente em pé’
<i>mũ</i>	perfectivo <i>realis</i>	‘fazendo’
<i>nĩ</i>	perfectivo <i>realis</i>	‘sentado, na situação de’
<i>nĩgtĩ</i>	perfectivo <i>realis</i>	‘habitualmente na situação’
<i>nỹ</i>	perfectivo <i>realis</i>	‘deitado’
<i>nỹtĩ</i>	perfectivo <i>realis</i>	‘sendo, pl’
<i>nỹtĩ nĩ</i>	perfectivo <i>realis</i>	‘na situação de’
<i>sa</i>	perfectivo <i>realis</i>	‘pendurado’
<i>sagtĩ</i>	perfectivo <i>realis</i>	‘habitualmente pendurado’
<i>tĩ</i>	perfectivo <i>realis</i>	‘tendo ido, sg’
<i>tĩ</i>	perfectivo <i>realis</i>	‘habitualmente’
<i>tĩgtĩ</i>	perfectivo <i>realis</i>	‘habitualmente, sempre’
<i>tĩnĩ</i>	perfectivo <i>realis</i>	‘na situação de estar indo’

Segundo a autora, juntando-se ‘*vẽ*’ ao ‘indicador de aspecto’ as formas são transformadas em *irrealis*, como por exemplo na Tabela (9):

Tabela (9)

<i>jẽ vẽ</i>	perfectivo <i>irrealis</i>	‘era para estar em pé, mas não foi’
<i>mũ vẽ</i>	perfectivo <i>irrealis</i>	‘era para se fazer, mas não se fez’
<i>nĩ vẽ</i>	perfectivo <i>irrealis</i>	‘era para ser, mas não foi’
<i>tĩ vẽ</i>	perfectivo <i>irrealis</i>	‘era para ser habitualmente, mas não foi’

²¹ A citação está como no original das p. 156 e 157. Note-se que há um tratamento de aspecto (‘perfectivo’) e de modo (‘*realis*’) concomitantemente. Da mesma forma, essa indicação pode ser encontrada em outros casos que serão ainda vistos a seguir. Também há a relação entre ‘aspecto imperfeito’ e modo *irrealis*’.

Seguindo a mesma análise,

“há outros indicadores de aspecto que indicam perfectivo. São usados com a forma básica de todos os verbos, que é a imperfectiva. Ocorrem nas orações de construção ergativa-absolutiva que são usadas principalmente nas explicações. Combinados com o indicador ‘*vẽ*’, a forma *realis* se transforma em *irrealis*” (p. 157). Cita por exemplo (Tabela 10):

Tabela (10)

<i>mỹ vó</i>	imperfectivo <i>irrealis</i>	‘é, não é?’
<i>mỹ</i>	imperfectivo <i>irrealis</i>	‘será que é?’
<i>vẽgtĩ</i>	imperfectivo <i>realis</i>	‘habitualmente é’
<i>vẽ</i>	imperfectivo <i>realis</i>	‘é definitivamente - nas construções ergativas’

Wiesemann considera ainda ‘indicadores de imperativo’²² como na Tabela (11):

Tabela (11)

-mnĩ ~ nĩ	imperativo imperfectivo	‘faça em qualquer tempo!’
ra	imperativo neutro	‘faça agora!’

Há também uma citação sobre ‘aspecto zero’, considerando que “existem três usos da forma do verbo V1 dos grupos 3 - 6 (escrito dessa forma no original e sem outras explicações!) que é uma forma neutra e que ocorrem sem o uso de qualquer indicador de ‘aspecto’” (para Wiesemann (2002:157), então, ‘o aspecto é zero’) - Tabela (12):

Tabela (12)

#	passado <i>realis</i> , ação completa
# <i>vẽ</i>	passado <i>irrealis</i> , ação completa sem efeito
<i>ha</i> # (<i>ge</i>)	pedido, permissão
<i>ker</i> # (<i>hẽ</i>)	advertência, proibição

²² Neste caso, no trabalho de Wiesemann, Tempo e Aspecto são intercambiados.

Quanto a ‘indicadores de modo’ (p. 159) (‘ind. m’- abreviação no original) a autora sugere:

“eles modificam tanto verbos quanto substantivos, seguindo-os”, como por exemplo (Tabela (13)):

Tabela (13)

seguem verbos		seguem verbos ou substantivos	
<i>e</i>	‘muito’	<i>gy</i>	‘difícil’
<i>kren</i>	‘quase’	<i>ja</i>	‘terminado’
<i>rén</i>	‘por último’	<i>jãvãnh</i>	‘não saber’
<i>sór</i>	‘querer’	<i>mé</i>	‘gostar’
<i>vãnh</i>	‘não querer’	<i>mẽ</i>	‘ligeiro, muito’
<i>kónãh</i>	‘estragando’	<i>pẽ</i>	‘verdadeiro, foco assertivo’
<i>tãvĩh</i>	‘foco assertivo’	<i>tũ</i>	‘não’
		<i>ve</i>	‘aparecer como’

3.4.d Wieseemann (1974)

Optamos por referir este trabalho fora da ordem cronológica (como feito anteriormente), dado ao caráter deste texto não se relacionar diretamente com os trabalhos anteriores de 71, 72 e 2002 de Wieseemann.

Em “*Time Distinctions in Kaingang*” (1974: 120 a 130) Ursula Wieseemann trata de distinções temporais no dialeto Kaingang do Paraná em relação à expressões de tempo, como *ũri* ‘hoje’; *rãkétá* ‘ontem’; ‘unidades de tempo’, como: *kurã* ‘luz do dia’;

kuty ‘noite, preto’²³; e novas distinções de tempo em relação ao sistema de parentesco que são discutidas em relação à influência do Português na língua.

A autora considera tais distinções temporais numa *matrix* de paradigmas de expressões de tempo. Paradigmas do ponto de ação em relação ao Tempo considerados na p. 122 de seu original, podem ser feitos, segundo Wieseemann, com membros como:

Tabela (14)

<i>ja</i>	‘já’	“ação (evento) completada, embora resultados possam continuar”
<i>mũ</i>		“ação em progresso”
<i>ke</i>	(em combinações como <i>-nh ke</i> ou <i>-nh ke jé</i> ou <i>ke jé ... mũ</i>	“ação completada”

Wieseemann observa que “o significado primário desse paradigma é localizar a visão do participante em relação à ação, um significado tradicionalmente coberto pelo termo ‘aspecto’. Mas nota que nem todos os membros desse paradigma são membros da ‘categoria gramatical de aspecto’”.

Na seqüência (p.128), volta a reforçar a idéia da presença de um ‘elemento de tempo’ presente em ‘*mũ*’ - ‘ação em progresso’, e em ‘*rã*’ - ‘começando devagar a fazer algo’; em contrapartida a ‘*tĩ*’, que denota uma ‘ação feita habitualmente’ e a ‘*nĩ*’ que denota um ‘estado de ser ou sendo’ (*state of being*). Sugere que ‘*vẽ*’ (‘isso é realmente assim’) e ‘*nẽ*’ (‘está por enquanto, mas não necessariamente continuamente’); contém um componente semântico com referência a tempo em contraste ao “estado passageiro - estado contínuo”.

Observa também que no dialeto do Paraná criaram-se novas partículas aspectuais que contêm um ‘elemento de tempo’, por fusão de partículas aspectuais umas com as outras ou com outros morfemas: o clítico de intenção *-nh* é combinado com *mũ* para fazer um novo ‘aspecto’ *nhũ*, ‘intenção de ação’ (*intended action*)²⁴.

²³ Onde *kurã* se refere ao ciclo do sol (do nascer ao por do sol) e *kuty* se refere do anoitecer ao amanhecer.

²⁴ Wieseemann diz que “esse novo morfema não é aceito por todos os membros da comunidade falante Kaingang, principalmente por falantes com menos de 30 anos”. Note-se que o texto é de 1974 e tal informação precisaria ser verificada atualmente.

Considera ainda as construções de:

- i. *mũ* com *ha* ‘agora’ para *ma* → “ação está prestes a acontecer agora” (*‘action is about to take place now’*);
- ii. *tĩ* com *ha* para formar *ta* → “ação habitual com referência a um ponto final”;
- iii. *tĩ* com *vẽ* formando *tẽ* → “ação habitual com referência a um ponto final, ação que pode tomar lugar mas não o faz”.

A autora observa que em outros dialetos essas construções não ocorrem tão facilmente como no dialeto do Paraná, mas que esses outros dialetos não são o foco de seu trabalho.

3.5 Considerações Finais

Como essa revisão demonstrou, todas as abordagens são feitas a partir de modelos descritivos, não voltadas a uma perspectiva explicativa, do que resulta, no melhor caso, uma ‘coleção’ de partículas que, quando observados dados reais sob seu foco, nem sempre confirmam as classificações dadas a elas.

Bom lembrar que nem sempre os autores estavam interessados especificamente no problema que aqui estamos avaliando. Também se ressalve que os avanços dos estudos aspectuais no Brasil se fazem a partir da contribuição de Ataliba Castilho (com sua tese de 68) e as classificações de Vendler (1967).

Capítulo 4

Dados Prévios - Uma verificação Inicial

Nesta seção estaremos apresentando diferentes situações, algumas das quais puderam ser posteriormente investigadas na sistematização do ‘*corpus*’.

São dados com os quais trabalhei inicialmente, buscando uma primeira aproximação ao tema dessa dissertação.

O conjunto de nossos dados prévios compõem-se, na sua maioria, de exemplos em Kaingang provindos de cursos de formação de professores e pesquisas pessoais que foram cedidos pelo Prof. Wilmar D’Angelis, bem como materiais dos autores expostos no capítulo anterior, que tratam da língua Kaingang. Convencionaremos, a partir desse capítulo (para maior visibilidade), que nos dados emprestados os nomes dos pesquisadores serão citados entre parênteses e que os dados coletados especificamente para este trabalho (meus, portanto) ficarão sem nenhuma referência. Note-se, entretanto, que alguns dados prévios foram retomados no meu trabalho de campo para outras análises e reaparecerão ao longo desta dissertação sem referências.

Os dados prévios a que tive acesso deixavam muitas indagações acerca da expressão de Aspecto na língua Kaingang. Em um curso de formação de professores, em Serrinha e Guarita (ambos no RS), por exemplo, foram solicitadas, aos professores cursistas, traduções para o Kaingang de frases propostas em Português e que se prestavam à verificação da questão aspectual. Na sistematização desses dados encontraram-se soluções muito diferentes para as mesmas sentenças, ora com marcas de Aspecto (e com diferentes marcadores aspectuais), ora sem marcas de Aspecto, como pode ser visto nos exemplos abaixo (a tradução entre aspas, que se segue à forma ortográfica, foi feita por falantes da língua, ou seja, seria como eles a interpretariam se estivessem lendo):

(1) Eu esqueci o nome dela.

a) *Fi jyjy kãjatun sóg.* (D’Angelis, fev./2004)

3pf nome v. esquecer (1p)+ms¹

‘Eu esqueci o nome dela’.

¹ As abreviações seguem as indicações de uso colocadas no início deste trabalho.

b) *Inh ne fi jyjy kãjatun ja nĩ.* (D'Angelis, fev./2004)
 1p ms 3pf nome v. esquecer (?) ASP

‘Eu tinha esquecido o nome dela’ ou ‘Eu já tinha esquecido o nome dela’.

Em (1a) não há marca de Aspecto e o evento pode ser entendido como conclusivo, como um Perfectivo, tomando-se este como apresentando o ponto final do evento ou uma perspectiva na qual o instante final do evento é vislumbrado² e em (1b) encontra-se ‘*ja*’, que em Wiesemann (2002) é interpretado como Indicador de Modo (IM) ‘terminado’³, e ‘*nĩ*’, um outro indicador de Aspecto (para ela, Perfectivo *realis*: ‘sentado, na situação de’). A interrogação, em lugar da glosa em ‘*ja*’ se deve à dúvida sobre seu papel antecedendo a marca de Aspecto; a sugestão de Wiesemann, de tratá-lo com o sentido de ‘terminado’ (como Indicador de Modo) nos faz pensar muito mais em Tempo e Aspecto do que Modo. É então um ponto a ser investigado.

Em outro dado prévio (as traduções em Português foram dadas por falantes Kaingang):

(2) O boi morreu ontem.

a) *Monh tỹ rãkétá ter ja nĩ.* (D'Angelis, fev./2004)
 boi ms ontem v. morrer (?) ASP

‘O boi tinha morrido ontem’.

b) *Monh tóg ter rãketá.* (D'Angelis, fev./2004)
 boi ms v. morrer ontem

‘O boi morreu ontem’.

c) *Rãkéta monh ne ter mũ.* (D'Angelis, fev./2004)
 ontem boi ms v. morrer ASP

‘Ontem um boi morreu’.

Em (2a) aparece também ‘*ja*’, mas nesse caso, o evento parece representado por um Aspecto Perfectivo Conclusivo, o qual remete, além do ponto final do evento, a um momento

² É importante deixar claro que não é necessário, quando se emprega o Aspecto Perfectivo, que o evento realmente esteja acabado ou conclusivo, mas sim que ele venha expresso com esta intenção.

³ Mas em Val Florianiana (1918: 552) encontra-se que a partícula “*ja*” indica Tempo Presente e Imperfeito:

(1) *Had ja* [Há ja] ‘Agora está bom, estava bom’.

de referência (MR)⁴ no qual o evento também é considerado concluso: ‘o boi já tinha morrido ontem’. Essa acepção pode estar vinculada ao verbo ‘morrer’, interpretado como um verbo, nesse caso, não-durativo pontual, diferentemente da sua interpretação em uma frase como: ‘O animal estava morrendo vagorosamente (ele levou 15 minutos para morrer, por exemplo)’.

Em (2c) nota-se a presença de um outro Indicador de Aspecto: ‘*mũ*’ que em Wieseemann (2002) é interpretado como ‘Perfectivo *realis*’ - ‘fazendo’. Mas como analisar o aspectual *mũ* (que deriva do verbo ‘ir’ em sua forma plural)? Poder-se-ia traduzir a frase - incorporando o sentido de ‘movimento’ do verbo ‘ir’ em que se origina o marcador ‘*mũ*’ - como: O boi ontem foi (estava indo) morrer?, no sentido de ‘a morte está se fazendo’? Ou poder-se-ia pensar num Aspecto Perfectivo Aorístico que veicula um evento acabado sem levar em conta nenhum momento de referência?

Há vários outros exemplos com a presença de ‘*ja*’ (a tradução está como apresentada pelos falantes da língua):

(3) *Inh ragró fãñ ja sóg nĩ.* (D’Angelis, março./2006)

1p faca v.perder (1p)+ms ASP

‘Eu tinha perdido minha faca’

(4) *Tãñh vỹ kógnãj ja nĩ.* (D’Angelis, fev./2004)

palmeira ms v. amassar ASP

‘A palmeira estava amassada’

(5) *Inh kanerno kãjatun ja sóg nĩ.* (D’Angelis, fev./2004)

1p caderno v. esquecer (1p)+ms ASP

‘Eu tinha esquecido meu caderno’

⁴ Entendido aqui Momento de Referência como definido por Bertinetto, conforme apresentado no capítulo 2.

(6) *Fi vỹ goj kamêg ja nĩ.* (D'Angelis, fev./2004)
 3p ms água ter medo ASP
 'Ela tinha ficado com medo da água'.

(7) *Kyrũ tóg êmĩn ki kārān ja nĩ.* (D'Angelis, fev./2004)
 rapaz ms estrada em v. suor ASP
 'O rapaz tinha suado na estrada'.

Já os exemplos (3) a (7) nos levam a pensar em '*ja*' operando como um Marcador de Tempo ou, mais propriamente, de Aspecto Perfectivo, de forma que '*ja*' estaria indicando um evento já ocorrido.

Outra característica da língua que nos chamou a atenção nas análises de dados preliminares, foi a reduplicação.

Em dados cedidos por Wilmar D'Angelis, de suas pesquisas de campo em Xapecó e Chibangue (SC), Nonoai e Inhacorá (RS), encontramos situações que nos permitiram fazer algumas considerações e indagações sobre esse recurso morfológico aplicado a marcas aparentemente aspectuais:

(8) *Rêkétá inh vỹ to ke nĩnĩ.* (D'Angelis, 1993)
 ontem 1p ms ler ASPr
 'Ontem eu estava lendo.'

(9) *Ã tag inh vég nĩnĩ.* (D'Angelis, 1993)
 2p ms 1p v. ver ASPr
 'Você está me vendo'.

(10) *Ũn týtá fi tóg inh mẽ mũ.* (D'Angelis, 1993)
 alguém moça 3pf ms 1p v. ouvir ASP
 'Uma moça está me ouvindo.'

D'Angelis (2002b) defende que reduplicação, tomada muitas vezes como expressão de Aspecto Iterativo no Kaingang, não é iteratividade. Podemos nos interrogar sobre a reduplicação do marcador '*nĩ*' em (8) e (9), e o porquê do uso de outro marcador em (10):

‘*mũ*’? Seria algo semelhante ao que acontece em Laklãñ (Xokleng), em que um marcador de Aspecto ‘*kó*’ só aparece em orações afirmativas, com 1ª pessoa, enquanto para 2ª e 3ª pessoas usa-se o aspectual ‘*já*’? E a isso poderíamos chamar de ‘Aspecto’? O Kaingang faria alguma correlação do mesmo tipo? Ou haveria, nas frases acima, perspectivas diferentes sendo escolhidas ou registradas pelos falantes?

Podemos sugerir uma interpretação que busca dar conta de sentidos ou perspectivas ligeiramente distintas. Em (8) e (9) não se estaria marcando uma ação que não é completamente contínua: em (8), no dia de ontem, posso ter ‘passado o dia lendo’, mas isso poderia não ser ininterrupto; em (9) posso talvez estar dizendo que você me vê, no presente, a cada vez que olhar para cá, ou seja, não ininterruptamente; isso valeria tanto mais se o sentido for como ‘hoje você me vê’ e não, agora, nesse minuto, estou diante dos seus olhos; já em (10) o que o *mũ* marcaria seria esse caráter concomitante ou simultâneo do sujeito estar falando e, enquanto isso, seu interlocutor estar ouvindo.

Ou ainda podemos pensar em línguas como o Chamorro, em que a reduplicação é usada para oposição de Aspecto ‘neutro x progressivo’? Wiesemann (2002:156) coloca ‘*nññ*’ como Perfectivo *realis* - ‘na situação sentado’ e ‘*mũ*’ como Perfectivo *irrealis* - ‘fazendo’. Colocada dessa maneira simplificada, sua abordagem não ajuda nessas questões levantadas.

Uma outra questão que emerge da familiarização com os dados, diz respeito ao fato de que várias marcas que entendemos como Aspecto originam-se em verbos que expressam alguma postura: sentar, deitar, estar em pé⁵.

Com relação ao uso ‘literal’ e metafórico desses termos, como marcas de Aspecto, podem ser feitas várias considerações e discussões. Como tratar essa questão: de modo ‘formal’, ou seja, pela posição usual dos marcadores de Aspecto, considerando assim, essas marcas de ‘posição’ como Aspecto, ou não considerá-las como tal? Nesse caso então, como identificá-las, como nomeá-las? Segue-se uma pequena parte desta discussão como exemplificação.

Em Wiesemann (2002:68) o Aspecto ‘*nỹ nĩ*’ é interpretado como ‘na posição de ser deitado’ e o Aspecto ‘*nỹ*’ ‘deitado’ e como verbo intransitivo ‘*nỹ*’ significa ‘deitar-se’. As

⁵ Há, ainda, uma outra situação, em que tais verbos igualmente são usados em posição final da oração, e não como verbos nucleares, na qual parecem também veicular a idéia de posição ou postura, mas essa questão é discutida adiante, no Capítulo 9.

sentenças que se seguem, de (11) a (13), como exemplos (inclusive as traduções originais para o Português), são de Wiesemann (idem):

(11) *Kaga fi nỹ nĩ.* (Wiesemann, 2002)
doente 3pf ASP
'Está acamada e doente'

(12) *Nỹ ti, kaga kỹ.* (Wiesemann, 2002)
v. deitar 3p doente então, por causa de
'Ele está acamado, está doente'

(13) *kaga ti nỹ, inh panh ti.* (Wiesemann, 2002)
doente 3p ASP 1p pai 3p
'Meu pai está acamado, doente na cama'.

Se atentarmos às suas traduções, talvez fosse possível considerar uma outra tradução em (12): 'Ela está acamado por doença' (por causa de estar doente). E não seria também possível pensar que em (11) o 'nỹ' teria esse mesmo papel de verbo (nesse caso, com o sentido de 'acamado' ou 'de estar de cama') e nĩ seria então o ASP, talvez com o sentido que Ursula Wiesemann lhe concede: 'na situação de' ? A tradução, em (11), seria então: 'Ela está doente (na situação de) acamada'. Teríamos então, uma desvinculação de duas palavras (ou melhor, do verbo e da partícula), consideradas pela referida autora como um único sentido.

Mas como analisar sentenças como:

(14) *Kysã ne ãri kurã nỹ.*
lua ms hoje luz, brilhante ASP
'A lua hoje está brilhante'.

(15) *Kanhkã ta vẽnhmỹ nỹ ha.*
céu ms ruim ASP agora
'O céu está ruim agora'.

tradução essa dada para a frase em Português: 'O tempo está virando para a chuva'.

Poderia ser proposto que ‘nỹ’, nesses casos, enfoque uma qualidade, que pode indicar certa momentaneidade na fala, apesar do evento poder ter mais permanência? Note-se que aqui o marcador não está sendo usado como indicativo de posição física.

Em relação ao marcador de Aspecto ‘tĩ’ os dados prévios parecem sugerir seu uso em situações que indicam habitualidade ou como algo que se faz sempre. Alguns exemplos são:

(16) *Vãsy tóg jamã ki fág ja tĩ.* (D’Angelis, fev./2004)
 antigamente ms aldeia em pinheiro (?) ASP
 ‘Antigamente tinha pinheiros nesta aldeia.’

(17) *Kanhgág ag vỹ rēgró ko tĩ.* (D’Angelis, fev./2004)
 índio 3ppl ms feijão v. comer ASP
 ‘Os índios comem feijão’.

(18) *Kanhgág pi kãnhmar kófãn tĩ.* (D’Angelis, fev./2004)
 índio negação logo envelhecer ASP
 ‘O índio demora a envelhecer’.

(19) *Inh régre tóg ěpỹ han tĩ.* (D’Angelis, fev./2004)
 1p irmão ms roça v. fazer ASP
 ‘Meu irmão faz roça’.

(20) *Paranỹ tá kanhgág ag tóg tigtéj nỹtĩg nĩ⁶, ke ag tóg tĩ.*
 Paraná lá índio 3ppl ms alto ASP v. dizer 3ppl ms ASP
 ‘Lá no Paraná os Kaingang (os índios) são altos, eles dizem’.

Outros dados que são interessantes para maiores investigações são exemplos produzidos em uma etapa do curso de Formação Vãfy, de professores kaingang, realizado em Passo Fundo (2005):

⁶ Neste momento estaremos considerando, para efeito de simplificação, as composições aspectuais ou a reduplicação dos marcadores aspectuais indicados simplesmente por Aspecto (ASP). Serão feitas outras considerações em capítulos que se seguem.

(21) *Gĩr tag ne rãkětá ti fa mranh mũ.* (D'Angelis, 2005)
 criança esta ms ontem 3p perna v. quebrar ASP
 'Esta criança ontem quebrou a perna (sua perna)'.

(22) *Rãkětá ãn sĩ tag vỹ ti fa mranh mũ.*
 ontem algum pequeno esta ms 3p perna v. quebrar ASP
 'Ontem um menino quebrou a perna (dele)'. (D'Angelis, 2005)

Nos dois casos (21) e (22) os professores dizem ser 'atestados', sendo que a sentença (21) também é possível sem a presença do marcador 'mũ'. Porém observam que se o *mũ* for substituído por 'ja nĩ' (nas duas sentenças) passam a serem 'não- atestadas'. Essa distinção, pois, de 'atestado x não-atestado' é um caminho apontado para investigação.

Em um outro exemplo:

(23) *Inh pi André tỹ kãtĩg ge ki kanhró nĩ.*
 1p negação André ms v. vir v. entrar em v.saber ASP
 'Eu não sabia que o André viria.' (D'Angelis, 2006)

no qual os professores sugerem que se o marcador 'nĩ' for substituído por 'mũ', significa que 'você não entendeu que ele vinha' e a tradução seria:

(24) 'Eu não entendi se o André vai vir (virá)'.

Para uma outra sentença em Português como:

(25) 'Meu cachorro tentou pegar o quati'.

encontram-se diferentes construções, com diferentes marcadores (as traduções estão como os falantes interpretaram a construção dada):

(26) *Inh kasor vỹ se kãgmĩ sór vẽ.* (Gonçalves, 2002)
 1p cachorro ms quati v. pegar v. querer (?)
 'Meu cachorro tentou pegar o quati'. (mas ele não pegou)
 De fato, apenas: 'Meu cachorro queria pegar o quati.'

(27) *Inh kasor vỹ se kãgmĩ sór mũ.* (Gonçalves, 2002)
 1p cachorro ms quati v.pegar v.querer ASP
 'Meu cachorro tentou pegar o quati'. (ele ainda está tentando).

De fato, apenas: ‘Meu cachorro está querendo pegar o quati.’

(26) e (27) refletem perspectivas diferentes adotadas pelo falante.

Ainda em relação ao marcador ‘*vě*’ utilizado em (26), temos outro dado bastante interessante:

(28) *Inh kósin vỹ inh mré kãtĩg sór vě.* (Gonçalves, 2002)
1p filho ms 1p junto v.vir v.querer (?)

traduzido como em (29):

(29) Meu filho quis vir comigo (mas eu não deixei!).

no qual o falante, um professor Kaingang de Inhacorá, complementou que ‘sem o marcador ‘*vě*’ significaria que ‘ele veio mesmo’ (‘eu deixei!’)’.

Wiesemann (2002: 167) interpreta ‘*nĩ vě*’ como ‘era para ser, mas não foi’. Nos dados (26) e (28), no entanto, há a presença somente de ‘*vě*’ em sentenças que podem ter esse sentido de um evento que tem um fim, embora o objetivo deste não tenha sido alcançado. A sentença (27), por outro lado, sugere a idéia de um evento ainda em curso.

Essas considerações, na verdade, prestam-se a mostrar como a discussão dessa categoria, a de Aspecto no Kaingang, em termos gramaticais, propicia uma vasta gama de situações, nem sempre de fácil interpretação. Algumas discussões irão necessitar, porém, de outras contextualizações e verificações para serem confirmadas ou negadas, talvez até mesmo para se sugerir que, em determinadas circunstâncias, um mesmo Indicador aspectual pode ter diferentes usos na língua Kaingang. Castilho (2002:103), a respeito do Português, concordando com Bertinotto, mostra por exemplo, que “a presença de determinados argumentos internos transpõe verbos atélicos para télicos, modificando a representação da ação com a recategorização do verbo, implicando em diferentes interpretações de Perfectividade e Imperfectividade, sobretudo quando se olham os ‘estados de coisas’ em sua ‘operação’, separadamente de seu ‘resultado’”.

Capítulo 5

Metodologia

5.1 A construção de um ‘*corpus*’

Orientada pelos tópicos 3 e 4, para a construção de um ‘*corpus*’ destinado à verificação das questões relativas a Tempo, Aspecto e Modo em Kaingang¹, foi elaborado um questionário próprio, inicialmente com 111 frases em Português para serem traduzidas para o Kaingang. As sentenças propostas em Português eram contextualizadas (entenda-se então, propostas com estímulo) e as entrevistas foram gravadas e depois transcritas. As sentenças estavam distribuídas em blocos que privilegiavam a verificação de determinadas noções ligadas ao tema: a diferenciação entre Tempo e Aspecto na língua Kaingang, diferenças entre Perfectividade e Imperfectividade e questões relacionadas a Acionalidade (telicidade, duração, reversibilidade).

Uma outra questão ainda colocada era a verificação do uso “literal” e “metafórico” de determinadas partículas, também tomadas como marcas de Aspecto, ligadas a “posição”: tais marcadores podem ser considerados “aspectuais” ou são algo diferente disso? E, então, como tratá-los? Em que contexto aparecem? Como são usadas tais “partículas”?

Esse trabalho, na verdade, um começo de pesquisa sobre o assunto, poderia ter sido mais conclusivo se contássemos com contextos discursivos, porém admito que houve falta de tempo hábil (pela extensão do assunto abordado) e até uma certa inexperiência, apesar de considerar que a frase contextualizada pode ser entendida como um pequeno discurso. Durante o desenvolvimento deste trabalho, me dei conta de que há muitas outras lacunas a serem estudadas em sintaxe na língua Kaingang e que de certa forma, apesar dessa falta de tempo, precisaria, ainda que brevemente, levar em consideração outras noções para poder discutir nossa questão principal. Isso dificultou muitas vezes o trabalho. A língua Kaingang é uma língua de morfologia simples e toda a complexidade da língua reside na sintaxe. Nesta, o que é bastante definido é o Sujeito que vem ‘marcado’ morfologicamente, e o argumento interno do verbo (o Objeto) que tem posição fixa. De

¹ Ainda que pretendêssemos privilegiar a verificação de Aspecto e possivelmente Acionalidade.

modo que todo problema está exatamente em analisar e reconhecer estas partículas que operam Tempo, Aspecto e Modo, inclusive procurando-se saber se são três categorias distintas. Assim, antecipo que muitas questões permanecerão sem uma conclusão, mas esse trabalho terá continuidade com o estudo dos conceitos de Tempo, Aspecto e Modo no Kaingang em contextos discursivos (orais e escritos), o que certamente levará a um enriquecimento da análise e permitirá uma contribuição dessa língua para as teorias lingüísticas.

Quanto ao questionário inicialmente elaborado, em sua preparação foram considerados questionários de coleta de dados de campo como: Comrie, B. & N. Smith (1977), *Língua descriptive series: questionnaire* (*Lingua* 42: 1-72); Longacre, R. E. (1964), *Grammar discovery procedures: a field manual* (Haia: Mouton); Monserrat, Ruth; Soares, Marília F.; Souza, Tânia C. de (1980), *Formulário tipológico para pesquisa em Línguas Indígenas* (Rio de Janeiro: Museu Nacional. Fotocopiado, 34 pp.); Museu Nacional (1965), *Formulário para estudos comparativos nas línguas indígenas* (Rio de Janeiro: Museu Nacional - Publicações Avulsas nº 49, pp. 27-36); SAILDP (South American Indian Languages Documentation Project). *Questionário Gramatical*; Samarin, Willim J. (1967), *Field Linguistics. a guide to linguistic field work* (New York: Holt, Rinehart and Winston); bem como dados ‘prévios’ de cursos de formação de Professores e de pesquisas pessoais do Professor Wilmar D’Angelis.

5.2 A coleta de dados

Inicialmente meu planejamento de trabalho de campo previa duas viagens para coleta de dados. Por motivos financeiros, pude realizar apenas uma das viagens previstas. Outras discussões e verificações puderam ser feitas posteriormente, em situações distintas.

Na viagem de trabalho de campo realizada estavam previstos inicialmente 12 a 15 dias de permanência na área Indígena de Votouro e 12 a 15 dias de permanência na área Indígena de Ligeiro, ambas no Rio Grande do Sul.

Porém quando cheguei ao Rio Grande do Sul, na FUNAI de Passo Fundo para me apresentar, soube que a área de Ligeiro estava “fechada” por conflitos e que muitos

professores (inclusive os que seriam os meus ‘contatos’ dentro da área) e várias famílias estavam refugiados fora da aldeia.

Dada a impossibilidade de realizar o trabalho como idealizado inicialmente, entrei em contato com meu orientador, Professor Wilmar D’Angelis e refizemos o plano inicial.

Como local de base, permaneci na Terra Indígena de Votouro (durante 22 dias não contínuos), fazendo porém, gravações das entrevistas também em outras áreas, como em Nonoi, na área dos Kandója (um acampamento próximo a Votouro que reivindica a demarcação daquelas terras) e pude ainda entrevistar falantes de Ligeiro que estavam fora de suas áreas.

Foram realizadas 11 entrevistas (uma delas com duas pessoas), gravadas em fitas cassete e em gravador digital com duração de 40 minutos a uma hora cada (dependendo do caso) em diferentes áreas, com diferentes falantes de ambos os sexos e idades variadas (o falante mais novo tem 14 e o mais velho, 110 anos). Os informantes são bilíngües mas ressalve-se que alguns mais velhos tinham dificuldades para entender determinadas contextualizações ou palavras em Português.

Já a partir das entrevistas iniciais pude constatar algumas dúvidas e ao questionário inicial foram, então, acrescentadas outras sentenças. Também aproveitei para verificar dados prévios de etapas de cursos de Formação de Professores Indígenas Kaingang (cursos nos quais o Professor Wilmar D’Angelis coordenou a área de lingüística). Tais dados deixavam muitas indagações e tentei verificar com os falantes da língua (que não têm a análise que os professores Kaingang usam para pensar sua língua, muitas vezes influenciada pelo Português) se as dificuldades nos dados se manteriam. Isso porque nesses dados, para uma mesma frase proposta em Português, tínhamos diferentes construções, ora com marcadores e com diferentes marcadores, ora sem marcadores.

A transcrição das entrevistas deu-se ainda em campo, com o auxílio de uma professora Kaingang, Nilce Cardoso. Isso possibilitou uma maior fidelidade à transcrição e questões pertinentes ao significado das palavras e usos que puderam ser discutidos e conferidos ainda em campo.

5.3 As dificuldades de contextualização

Na pesquisa de campo apresentaram-se dificuldades e problemas com as frases previamente formuladas, tanto pela insegurança na caracterização dos sentidos pretendidos, como pela dificuldade de precisar os contextos. No que se refere ao contexto, há duas ordens de fatores intervenientes:

– em primeiro lugar, há o contexto do momento da coleta da informação lingüística: enquanto para mim, pesquisadora, o contexto é apresentado verbalmente (construo uma situação hipotética), eventualmente o falante abandona a ‘construção verbal’ proposta, e se atém ao contexto real do ‘momento’ (ou da conjuntura) em que estamos interagindo. Nem sempre me foi possível saber quando isso acontecia, mas algumas vezes pude perceber isso ao analisar com cuidado os dados.

– em segundo lugar, o contexto é também culturalmente delimitado, o que o pesquisador nem sempre tem domínio suficiente para avaliar².

Por exemplo, numa entrevista com uma senhora *kujá*³, as sentenças abaixo podem exemplificar essas questões nas quais, ao invés da tradução, há uma resposta, algo tal como um diálogo com a sentença por mim colocada:

- (1) Minha irmã deu à luz (teve o filho) em casa.

În ki fi ta fi kósin mãn.

‘Em casa ela ganhou (teve) o filho dela’.

- (2) O animal estava morrendo quando foram buscar remédio.

Ka sa ti mÿ vênhkagta han.

‘Então eu (ela, no caso) fiz remédio para ele’.

Sendo Kujá, ela ‘responde’, nos dois casos, de acordo com suas atividades, ou seja, dentro daquilo que ela faz: ajuda as mulheres com suas rezas a terem seus filhos; faz

² Hipoteticamente falando, digamos que o pesquisador solicite ao falante que diga algo como: *Meu irmão nunca mais se casou*, e isso seja uma impossibilidade, na cultura do falante indígena, apenas pelo fato de que o irmão dele ainda é vivo e, sendo assim, a afirmação “*nunca mais*” esteja interdita (cultural e lingüisticamente). O que ele poderá dizer, em resposta, será, então, outra coisa, diferente do que foi imaginado pelo pesquisador.

³ Os *kujá* são pessoas que têm um papel importante na sociedade Kaingang, sendo os que conhecem os remédios da mata, curam doenças e são responsáveis pelas rezas cerimoniais, como as dos mortos. São os ‘rezadores’.

remédios para curar, benze ..., ao invés de traduzir as sentenças em Português para a sua língua.

Numa outra entrevista no dado:

(3) Minha mãe conhece muitos remédios do mato.

Inh mǎnh fi ta vǎnhkagta kar vigvé⁴ tǐ.
eu mãe fem ms remédio tudo, todos conhecer (*enxergar*, ‘plural’) ASP

A pessoa usou o verbo *vigvé⁴* (*enxergar*, no ‘pl.’) para expressar o que pedi como ‘conhecer’, mas no Kaingang o uso dessa expressão significa que a pessoa, para ‘ver’ os remédios, teve que ter uma ‘iniciação espiritual’ (para obter tal conhecimento) e isso para eles vai muito além do significado de ‘conhecer’ e também do próprio verbo ‘conhecer’ para nós. Daí não parecer muito fácil em todas as circunstâncias caracterizar o verbo tal como está em nossa língua, semanticamente falando.

Também é preciso lembrar que encontrei diferenças dialetais, não só na pronúncia das palavras, mas também em alguns casos, com mudança de significado. Por exemplo, para falantes da área indígena de Nonoai (RS) encontrei ‘*mã*’⁵ como verbo ‘escutar’:

(4) *Isa fǎnjǎnja kǎ nǎ ra isóg ã ta prǎr mǎ.*
1p+ms sombra em ASP quando (1p)+ms alguém ms gritar escutar
‘Eu estava descansando na sombra quando escutei alguém gritar’.

Entretanto, esse verbo ‘*mã*’ para os falantes da área indígena de Votouro (também no RS), é ‘*mẽ*’⁶. A diferença não fica somente por conta da pronúncia, já que em Votouro, ‘*mã*’ significa ‘jabuticaba’.

De qualquer modo, o material parece ser bastante “rico” e significativo, embora penso que não será exaurida sua análise nos limites deste trabalho.

⁴ Verbo reduplicado - ver capítulo 10 para considerações.

⁵ Foneticamente, [‘mɔ̃].

⁶ Foneticamente, [‘mɛ̃].

5.4 Uma possível seleção de abordagem teórica para discutir Aspecto na língua Kaingang

Como pudemos constatar nos capítulos precedentes temos duas ordens de fatores:

i) por um lado há, na lingüística, uma longa (e pode-se dizer, variada) produção de referência teórica que comporta as noções de Aspecto e aquilo que lhe diz respeito;

ii) por outro lado, em relação à língua Kaingang, temos uma bibliografia sobre Aspecto que é pequena e muito confusa.

O que pretendemos é sair dos impasses que essas duas ordens de fatores nos colocam hoje.

Uma primeira verificação nos dados foi feita para responder à pergunta se havia distinção entre Tempo e uma marcação de Aspecto no Kaingang. Dados coletados indicaram que sim, como podemos observar:

(5) *Inh kósin ta carta han vyr mākatĩg jé.*
1p filho ms carta v. fazer v. ir (passado) v. levar para
'Meu filho (foi fazer) fez a carta para levar'.

onde há o uso do verbo 'ir' no Tempo Passado - 'vyr' indicado uma ação já finalizada e não há marcador aspectual presente.

Já em (6) abaixo, há a presença do marcador aspectual 'mũ' e os verbos não estão indicando algo já conclusivo. Porém, na tradução dada pelo falante para essa sentença: 'Meu filho fez esta carta para você levar', nos faz pensar que o marcador é então, o que indica essa ação concluída:

(6) *Inh kósin tóg vënhrá han mũ, ã tag matĩg jé.*
1p filho ms carta v. fazer ASP 2p esta v. levar para

Distinção entre Tempo e Aspecto se verifica também em sentenças como:

(7) *Vajkỹ ta kysẽ mág.*
amanhã ms lua grande

(8) *Vajkỹ ta kysẽ ta mág kej mũ.*
amanhã ms lua ms grande mf ASP

ambas dadas como formulações para a frase em Português: ‘Amanhã vai ser lua cheia’. Note-se que em (8) além da marcação temporal de futuro (*‘kej’*), há a presença do marcador aspectual *‘mũ’* que acrescenta informação (no caso, que o evento estará concluso naquele momento, ainda que futuro, como sugeriremos adiante).

No Kaingang há o uso, então, de Aspecto além da expressão de Tempo e Modo (nos capítulos que se seguem apresentaremos outros comentários). Porém uma possível seleção de abordagem ou simplesmente, de uma tipologia, para aplicação à noção de Aspecto na língua Kaingang revela-se uma tarefa difícil.

Se, por um lado, escolhermos um modelo que dê conta basicamente das distinções aspectuais *Perfectividade* e *Imperfectividade*, podemos deixar de observar outras características expressas pela língua, como por exemplo, os ‘esquemas temporais subjacentes’ (a *‘Aktionsart’* do verbo).

Se pensarmos, por exemplo em um verbo como ‘cantar’ numa sentença proposta ao falante, como:

(9) O passarinho cantou na capoeira.
podemos ter em Kaingang⁷:

(10) *Jěsĩ* *vỹ* *kyr* ***nĩ nĩ*** *ãpỹ* *ja* *kãki*.
passarinho ms v.cantar ASPr⁸ ‘roça’ dentro

(11) *Jěsĩ* *vỹ* *kyr* ***mũ*** *vãnh* *kã* *tá*.
passarinho ms v.cantar ASP mato dentro lá

Vemos que tanto (10) como (11) apresentam o evento sob a perspectiva Perfectiva, ou seja, com a consideração de seu ponto final concluso. Observamos, no entanto, que em (10) e (11) temos o uso de marcadores de Aspecto diferentes: *‘nĩ nĩ’* e *‘mũ’*.

A primeira sentença (10) com o uso de *‘nĩ nĩ’* apresenta o evento cantar na perspectiva Perfectiva, mas com uma outra informação, segundo uma informante Kaingang: que o processo se prolongou, que durou ‘um certo tempo’, apesar de já estar acabado - ‘ele cantou’ (não há indicação que o evento ainda continue até o momento presente, já está concluído). Poderíamos dizer que essa sentença poderia referir-se a um cantar (um único cantar longo), a uma repetição ou série de repetições de cantar, mas de

⁷ As versões dadas em Kaingang correspondem, respectivamente, a: (10) ‘O passarinho cantou na roça’; (11) ‘O passarinho cantou no mato’.

⁸ A questão da reduplicação de marcadores na língua Kaingang é tratada no capítulo 10.

qualquer forma estaríamos falando de algo como ‘o passarinho cantou ou ficou cantando num certo espaço de tempo’, embora o evento já tenha se encerrado.

Ao passo que na segunda sentença (11) não se considera o evento ‘cantar’ com a idéia anterior de algo extenso, que se prolongou, mas na ação vista no todo, também já encerrada.

Então há algo mais que a distinção Perfectividade - Imperfectividade em jogo. Nesse exemplo acima, além de Perfectividade há uma certa ‘duração’ do processo. Há algo atribuindo, no dado (10), à ação que descreve ‘cantar’, uma estrutura interna constituída de ‘momentos’ qualitativamente diferentes, algo que alguns teóricos preferem identificar como ‘*Aktionsart*’, que significa literalmente ‘modo de ação’ e que traduziremos por Acionalidade. A reduplicação do marcador de Aspecto ‘*nĩ*’ ‘carrega’, nessa exemplificação, esse recurso de mostrar algo extenso, longo, no qual não nos deteremos nesse momento e que será discutido posteriormente.

Da mesma forma constatamos o foco numa perspectiva de ‘duração’ do processo também expresso por reduplicação em:

(12) *Ũ tětá fi jun mÿr fi kósin fi vÿ fÿ nĩ nĩ.*
uma moça fem v.chegar quando 3 pf filho fem ms v.chorar ASPr
‘Quando a mulher chegou a filha dela estava chorando’.

Em contraste com a sentença (13) abaixo em que há a reduplicação do verbo ‘chorar’ - ‘*fÿ*’:

(13) *Fi jun mũ kã fi kósin ja ta fÿfÿ nÿn.*
3pf v.chegar ASP dentro 3pf filho ms v.chorar ASP
‘Quando ela chegou o filho dela estava chorando’

embora ambas expressem o mesmo predicado de ‘estar chorando’. Não temos, porém, nesse momento, uma informação mais precisa quanto a diferença de sentido presente nas duas sentenças e outras investigações serão necessárias para tal verificação.

Voltando à questão da opção por uma abordagem teórica, por outro lado temos as teorias que fazem distinção entre domínio acional e domínio aspectual.

Podemos, inicialmente, nos perguntar se é vantagem usar essas categorias. Se o uso dessa terminologia (isto é, dessa distinção) for capaz de melhor explicitar como os

marcadores de Aspecto são efetivamente usados na língua Kaingang, a resposta será sim. Mas podemos antecipar que abordagens que selecionam Aspecto e Acionalidade, tampouco se mostram aplicáveis em sua totalidade no Kaingang.

A alternativa, nos parece, é avaliar, a partir dos dados de campo e sua sistematização, aproximações com um modelo teórico que seja abrangente e possa explicar os usos dos marcadores de Aspecto na língua, ainda que necessite de ajustes.

Estamos cientes que essa escolha não está isenta de problemas e isto está longe de ser definitivamente resolvido no âmbito deste trabalho. Basta lembrarmos, como já colocado anteriormente, que há a questão da contextualização e da própria tradução dos dados de uma língua indígena para o Português (no caso), onde questões não somente culturais, mas também pragmáticas e semânticas estão envolvidas.

Porém achamos que uma escolha mais abrangente pode nos fazer sair de uma análise apenas da ‘forma’ para considerar

- i) uma análise de predicados (sempre que possível contextualizados);
- ii) as inserções sintáticas;
- iii) as inferências que uma dada sentença autoriza;
- iv) as interações entre verbos e adjuntos.

E isso pode ser um ganho, uma contribuição para um melhor entendimento da língua.

Partindo então desse posicionamento, estaremos usando uma terminologia com aproximações.

Nossa opção será utilizar uma concepção teórica utilizada para o Português, já que as sentenças propostas estão em Português e nossa língua permite as distinções que estamos procurando esclarecer na língua Kaingang.

O trabalho de Ilari e Basso (2004) - parte de um capítulo sobre o verbo, destinado ao volume II da Gramática do Português Falado, será uma referência para a nossa discussão sobre a língua Kaingang (estaremos utilizando nomenclatura e acepções desse texto para nossa discussão). Esse texto, gentilmente cedido pelos autores para nossa consulta e que nos foi de grande utilidade, ainda não está publicado e portanto não está mencionado no capítulo 2 onde se encontram as abordagens teóricas. Cabe registrar, ainda, que só tomei

contato com esse material posteriormente. Também o trabalho do professor Ataliba Castilho (2002) estará sendo utilizado.

Notamos que as várias concepções que estão no capítulo 2 reportam-se a outras línguas, e achamos mais prudente uma escolha na qual pudéssemos ter um pouco mais de familiaridade. Isso não significa dizer que no Kaingang as coisas ‘funcionam’ tal qual no Português, mas será um ponto de partida para as nossas discussões. Não significa tampouco, que essa opção posterior, leve automaticamente a supressão das bibliografias já vistas. O leitor poderá observar que há coisas retomadas nas discussões que se seguem, embora nem sempre estejam citadas diretamente.

No Kaingang, pelos motivos já expostos e talvez outros que não conseguimos ainda explicitar, estaremos usando uma nomenclatura que muitas vezes precisará também, como será visto, de ajustes. Esperamos, porém, que a contribuição final do trabalho supere essas dificuldades e que a caracterização de Aspecto na língua Kaingang se não estiver mais esclarecida em relação a seu uso pelas comunidades, esteja, pelo menos, problematizada para outros estudos futuros.

Por uma questão metodológica e organizacional na exposição dos dados, optaremos por apresentar, sempre que possível, os ‘marcadores’ em suas ocorrências nas quais aparecem primeiramente ‘sozinhos’ em períodos simples e depois nos períodos complexos. Posteriormente serão apresentados os dados onde ocorrem combinações aspectuais (e ou modais). Esse procedimento talvez seja mais interessante para evidenciarmos o ‘escopo’ envolvido no uso desses marcadores e isso pode ficar mais claro se considerarmos essas diferentes situações de maneira distinta.

Não é demais lembrar, entretanto, que muitas lacunas ficarão sem esclarecimentos nesta dissertação. Chamo a atenção para a questão de não termos podido estabelecer, ainda, de maneira mais conclusiva, se há uma separação efetiva de Tempo, Aspecto e Modo na língua Kaingang, ou se há, por exemplo, a possibilidade de co-ocorrerem pelo uso de um mesmo marcador. O leitor poderá observar, nas diferentes construções apresentadas pelos falantes, que aparecem mudanças de elementos, por exemplo, na utilização de diferentes marcadores de Sujeito ou mudança de ordem nas sentenças; e não sabemos, tampouco, se

esse conjunto de circunstâncias podem afetar o sistema de Tempo, Aspecto e Modo na língua.

Por isso, estarei apresentando nos capítulos que se seguem, algumas situações em que foi possível termos uma certa clareza e outras, em que veremos que ficaram muito mais os problemas apontados.

Quando o leitor estiver lendo os capítulos que tratam de informações sobre Tempo, Modo e mesmo as considerações sobre Aspecto no Kaingang, peço que tenha em mente essas questões colocadas. A apresentação destes tópicos em capítulos separados, tem o intuito de trazer alguma ‘luz’ nessas muitas questões não resolvidas, porém é preciso alertar que isso tem muito mais um interesse de apresentação panorâmica, no sentido de apresentarmos aquilo que temos e apontar as muitas coisas a serem esclarecidas.

Capítulo 6

A Expressão de Tempo em Kaingang

A partir dos dados obtidos no meu trabalho de campo, estarei neste capítulo tentando focalizar a expressão de Tempo Verbal¹ na língua Kaingang e os usos de adjuntos adverbiais que localizam eventos no tempo, representando-os numa relação cronológica estabelecida com o Momento da Fala (MF), que pode ser de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade.

Como já notado anteriormente, durante o desenvolvimento deste trabalho surgiram outras necessidades de esclarecimento na língua para podermos delimitar nosso objeto de estudo. A questão da marcação de Tempo foi algo desse tipo, que apesar de necessitar, ainda, de estudos posteriores, exige, aqui, algumas considerações de caráter inicial (e, talvez, provisório).

Antes de tratarmos propriamente da expressão de Tempo, estarei fazendo uma breve consideração² sobre os verbos em Kaingang, o que pode, talvez, ajudar a alguns esclarecimentos.

A maioria dos verbos na língua Kaingang tem uma forma básica sem flexão.

Há alguns casos nos quais os verbos têm duas formas: uma para ‘presente’ e uma para ‘passado’, como podemos ver em (1), onde ‘*vyr*’, é o passado do verbo ‘*tĩ*’ (‘ir’):

- (1) *Rākétá ta vyr.*³
ontem (3p)+ms v. ir (pass.)

‘Ele foi ontem’.

Outros verbos possuem uma forma para singular e outra para plural:

- (2) verbo ‘dar’ = ‘*nĩm*’ (singular)
‘*vin*’ (plural)

¹ Como já referido anteriormente, para se evitar confusões, as referências a Tempo Verbal serão colocadas em maiúsculo, enquanto o tempo cronológico estará indicado em minúsculo.

² A partir de comunicação pessoal do prof. Wilmar D’Angelis, a quem agradeço.

³ Lembrando aqui que as sentenças em Kaingang estarão em itálico e as transcrições serão ortográficas.

Há um conjunto de verbos que possuem uma forma para o ‘futuro’:

(3) ‘*ve*’ = verbo ‘ver’,

mas ‘*vej*’= ‘vai ver’ (futuro), como exemplificado em (4):

(4) Sa ã to há nĩ ra isa ã **věj** kãtĩg ge jěj mẽ.
 1p 2p gostar ASP marcador (1p)+ms 2p v. ver (futuro) v.vir sempre muito
 de modo

‘Se eu gostasse de você, viria ver (visitaria) você sempre’.

Note-se que esse conjunto de verbos que podem receber a ‘marca’ morfológica de futuro, só inclui raízes que terminam em vogal; os outros, usam a partícula de futuro (que será introduzida ainda nesse tópico).

Há verbos em Kaingang que aparentemente são derivados de adjetivos, como nos mostra o quadro abaixo:

Tabela (1)

Adjetivo		Verbo	
<i>si</i>	velho	<i>sin</i>	‘tornar-se velho’
<i>sĩ</i>	pequeno	<i>sĩn</i>	‘tornar-se pequeno’
<i>krẽ</i>	filho	<i>krẽg</i>	‘ter filho’, ‘dar a luz’
<i>kófa</i>	velho	<i>kófãn</i>	‘envelhecer’
<i>pũr</i>	queimado	<i>pũn</i>	‘queimar’

Finalmente há verbos que admitem reduplicação para multiplicidade de ação e que alguns autores traduzem por ‘plural’. Considerações sobre a reduplicação serão feitas posteriormente e salientamos, desde já, que não usaremos essa indicação de ‘plural’ quando o verbo reduplicado for utilizado.

Retomando, então, a questão da expressão de Tempo na língua Kaingang, serão apresentados exemplos extraídos do nosso ‘*corpus*’. De modo geral, estaremos focalizando inicialmente as expressões de Tempo relativas a Passado e depois as expressões relativas a Futuro.

Algumas vezes o próprio verbo, ou composição verbal (como no caso em 5.) pode indicar uma ação já acontecida:

- (5) *Inh rãgró ta ter kãn mÿr seca mÿ.*
1p feijão ms v. morrer v. acabar, terminar mas seca pela
‘Meu feijão morreu com a seca’

onde o verbo *kãn* (‘acabar, terminar’), neste caso, com o uso concomitante do verbo ‘morrer’, carrega uma noção de telicidade, de um evento passado: ‘meu feijão acabou, terminou / morreu por causa da seca’. Literalmente: ‘Meu feijão acabou morrendo pela seca’.

Porém para a marcação de Tempo Passado parece ser mais usual na língua Kaingang a ocorrência de adjuntos adverbiais que localizam eventos temporais numa relação de anterioridade ao Momento da Fala (MF):

- (6) *Inh panh ta rãkétá jun.*
1p pai ms ontem v. chegar
‘Meu pai chegou ontem’.

- (7) *Rãkétá kysãg ki ta ta kutẽ nÿn.*
ontem cedo em chuva ms v. cair ASP
‘Ontem de manhã estava chovendo’.

- (8) *Rëké ũ tá ti kaga vẽ han.*
anteontem lá 3p doente marcador de modo v. fazer
‘Ele esteve doente dois dias’.

Em Kaingang temos, também, o adjunto traduzido no Português como ‘agora’ representado pelas formas ‘*hur*’ e ‘*ha*’ e que são empregadas com Tempos diferentes. Por causa da tradução na nossa língua, pode-se pensar que se trata do mesmo advérbio, mas parece não ser isso. Vejamos os exemplos que se seguem.

Em (9) encontramos a forma ‘*hur*’ ‘agora - pass.’ usada quando se indica um momento Passado:

(9) *Inh panh ta jun hur.*
1p pai ms v. chegar agora - pass.

‘Meu pai chegou agora’

na qual o ‘agora’ não se relaciona com o Momento da Fala, mas com o Momento do Evento (ME): ele chegou ‘naquele momento’; o ‘agora’ refere-se ao evento de ‘chegar’, ainda que entre este último e a enunciação do ocorrido possa ter se passado um tempo bastante fugaz: ele pode ter chegado a um minuto atrás, por exemplo, em relação ao falante estar contando esse fato. Diferentemente de uma sentença como em (10) onde o advérbio de tempo ‘*ha*’ ‘agora’ ocorre com o Tempo Presente, coincidindo o Momento do Evento com o Momento da Fala:

(10) *Ta ta kãtĩg ha.*
chuva ms v. vir agora

‘A chuva está vindo agora’.

Ou então, a ocorrência de ‘*ha*’ ‘agora’ com um Tempo Passado, mas fazendo referência ao Momento da Fala, como em:

(11) *Sa jẽsĩ jyjy ki kanhró nĩ hãra ja ki kagtĩg ha.*
(1p)+ms passarinho nome em v. conhecer ASP mas ASP em não saber agora

‘Eu conhecia o nome de (muitos) passarinhos, mas agora já esqueci’

ou seja, ‘neste momento’ que é o MF, ‘eu não lembro mais, eu esqueci’.

Outras situações revelam esse uso:

(12) *Mrãj ka ta nĩ ha.*
v. quebrar árvore ms ASP agora

‘O galho está quebrado’

o galho ‘nesse momento’ já está quebrado (quando o falante está contando o evento); não é o fato de ‘quebrar’ que ocorre agora, mas é o momento de referenciação ao fato é que está localizado no ‘momento presente’, no Momento da Fala.

Também em (13) e (14) abaixo:

(13) *Mandioka vỹ tynyr nĩ ha.*
mandioca ms v. ralar ASP agora

‘A mandioca está ralada’

- (14) *Rãgro tag ta jukén nĩ ha.*
 faca esta ms v. afiar ASP agora
 ‘Esta faca está afiada’.

Como se pode perceber, com o exposto até aqui e no que se segue, a língua Kaingang dispõe de meios para distinguir um ‘passado recente’ e um ‘passado remoto’ ou ‘antigo’ e utiliza para tal, meios lexicais (adjuntos).

Com a ocorrência da expressão *ã hã* ‘recente’ há referência temporal de anterioridade ao Momento da Fala, por exemplo na sentença:

- (15) *Ti serviço kãn ta ã hã.*
 3p serviço v.acabar (3p)+ms recente
 ‘Ele terminou o serviço dele recente’.

dada como equivalente à frase em Português: ‘Ele terminou o trabalho agora’. Esse ‘*ã hã*’ (agora), traduzido pelo falante como ‘recente’, não está se referindo ao momento em que a pessoa está falando, mas ao tempo do evento ‘término do trabalho’, que aconteceu ‘há pouco’, ‘ocorreu recentemente’; ainda que não possua uma localização exata, mas que pode ser há cinco minutos ou há um minuto atrás, mas que também pode ser meia hora antes da fala, entretanto ‘o serviço está feito’.

O uso do advérbio de Tempo *vãsy*, ‘antigamente’, também localiza o evento como anterior ao Momento da Fala, mas com uma maior abertura, pode-se dizer, remetendo indeterminadamente ao ‘passado’, sem precisar o momento em que o evento se realizou (diferentemente de outros advérbios, como por exemplo ‘ontem’ que fornece uma indicação mais exata):

- (16) *Vãsy inh sóg jêsĩ kar jyjy kĩgra nĩg nĩ vẽ*
 antigamente 1p ms passarinho todos nomes v.conhecer ASPr (modo)
hãra ãri inh pi kĩgra nĩ ha.
 mas hoje 1p negação v. conhecer ASP agora

‘Antigamente eu sabia o nome de muitos passarinhos, mas agora esqueci (hoje não conheço mais)’.

Outras formas de expressão de Tempo Passado encontramos em:

(17) *Inh kófa ta kysã tĩ mũ ěn kã ter.*

1p velho ms mês v. ir ASP aquele dentro de v. morrer

‘Meu velho morreu no mês passado’.

Na sentença (17) acima, através da expressão ‘*ěn kã*’: *ěn* (pronome demonstrativo) ‘aquele’ e *kã* (indicador de circunstância) ‘dentro de’, o verbo *tĩ* ‘ir’ (no Presente) está sendo situado numa referência passada - ‘naquele que passou, no mês que se finda’. Note-se que há a presença do aspectual ‘*mũ*’, mas que acrescenta outra informação, além de Tempo, à sentença e que não discutiremos nesse momento.

Adjuntos adverbiais que localizam eventos temporais numa relação cronológica de posterioridade estabelecida com o Momento da Fala, localizando o evento no Tempo Futuro, encontram-se por exemplo em:

(18) *Vajkỹ inh rěgró krãn rãj.*

amanhã 1p feijão v. plantar v. entrar,começar

‘Amanhã eu vou plantar meu feijão’.

(19) *Vajkỹ ta kysě mág.*

amanhã ms lua grande

‘Amanhã vai ser lua cheia’.

Em (18) e (19), *vajkỹ* ‘amanhã’ indica por ancoragem dêitica, um evento posterior.

Mas há também indicação gramatical de Tempo Futuro que encontramos com ‘*jé*’, ‘*kej*’ e ‘*ke*’ :

(20) *Sa vajkỹ inh rãgró krãn jé.*

(1p)+ms amanhã 1p feijão v.plantar marca de futuro

‘Eu vou plantar meu feijão amanhã’.

(21) *Vajkỹ inh mỹnh fi ta krě vëne kej tĩg.*

amanhã 1p mãe fem ms balaio ‘v.vender’ marca de futuro v. andar

‘Amanhã minha mãe vai vender o artesanato (o balaio)’.

- (22) *Furũn kãtãj inh ta ta kutěj ke nỹn kỹ.*
 apurado v.sair 1p chuva ms v.cair marca de futuro ASP por causa de
 ‘Eu saí apressado porque ‘iria’ chover’.

Não dispomos, porém, neste momento, de informações sobre o uso destes diferentes marcadores de Futuro, ficando também uma indicação de estudos posteriores sobre isso. Mas podemos observar que o dado (22) sugere que tais marcas gramaticais de ‘futuro’ talvez não se relacionem necessariamente ao Momento da Fala (embora possam fazê-lo), mas possivelmente são indicação de Futuro em relação ao Momento de Referência (MR). Também notamos que o indicador ‘*jé*’ (utilizado em (20)) é menos usual e há necessidade de uma melhor avaliação.

Mas, como indicam posterioridade, é claro que as marcas de Futuro podem estar relacionadas com o Momento da Fala, como em (23):

- (23) *Ũri inh rãnhraj tag tóg tũ kej mũ.*
 hoje 1p v.trabalhar este ms terminado marca de futuro ASP
 ‘Hoje (este) meu trabalho vai estar (estará) terminado’

que apesar da referência ao dia de ‘hoje’, o uso da marcação de Futuro localiza o evento ‘terminar o trabalho’ num momento que se distancia do Momento da Fala, como dizendo que ‘ao final do dia’, meu trabalho estará terminado! (Perfeitamente possível também em Português).

Podemos citar ainda, que há idéia de duração não expressa por marcadores aspectuais encontrada, por exemplo, numa sentença:

- (24) *Sa jun mỹr ãn sĩ ta nũr nỹn ver.*
 1p v.chegar então alguém pequeno ms dormindo ASP ainda
 ‘Eu cheguei e o menino (a criança) está dormindo (deitado) ainda’.

na qual a presença de ‘*ver*’ (‘ainda’) dá a idéia de uma ação que se prolonga até o momento em que cheguei (o Momento de Referência), tendo começado anteriormente.

Se tivéssemos apenas a sentença:

(25) *Sa jun mÿr ãn sÿ ta nÿr nÿn.*

1p v.chegar então alguém pequeno ms dormindo ASP

‘Eu cheguei e o menino (a criança) está dormindo (deitado)’.

não poderíamos afirmar que a criança está dormindo há tempo. A idéia, nesse caso, parece ser mais de dois eventos simultâneos pontuais que estão sendo referidos: 1. ‘eu cheguei’ e 2. ‘a criança está dormindo’ (nesse momento).

6.1 Resumindo

Vimos nesse capítulo que Tempo em Kaingang pode ser expresso por alguns poucos Verbos que possuem uma forma própria para Passado ou uma forma própria para Futuro.

Mas em termos de Tempo Passado, parece ser mais usual na língua a utilização de meios lexicais (adjuntos) para expressá-lo, permitindo distinguir um Passado ‘recente’ (com a utilização, por exemplo, de *rãkétá* - ‘ontem’ ou *ã hã* - ‘recente’) e um Passado ‘remoto’ ou ‘antigo’ (por exemplo, com o uso de *vãsy* - ‘antigamente’).

Adjuntos adverbiais também localizam eventos temporais em relação cronológica de posterioridade ao Momento da Fala, localizando o evento no Tempo Futuro. Há ainda uma indicação gramatical de ‘futuro’.

Porém, parece que a categoria gramatical de Tempo na língua Kaingang ocupa-se prioritariamente de indicar ‘anterioridade’ ou ‘posterioridade’ em relação ao Momento de Referência, como se pode observar, por exemplo, na utilização dos adjuntos *hur* e *ha*, traduzidos no Português como ‘agora’, mas que se empregam diferentemente em relação ao Momento de Referência, que pode ou não coincidir com o Momento da Fala.

Capítulo 7

Expressão de Modo na língua Kaingang

Ilari e Basso (2004), tratando do Português, consideram três domínios na área semântico-pragmática onde atua o Modo Verbal:

- “a) quando nos damos conta da possibilidade de passar do mundo real para um ou mais mundos possíveis, por hipótese, diferentes dele;
- b) quando marcamos diferentes graus de adesão à verdade de um conteúdo proposicional;
- c) quando consideramos as ações que realizamos lingüisticamente sobre um conteúdo proposicional”.

Sob essa perspectiva ampla de ‘Modo’ - que considera operações lingüísticas que se fazem sobre conteúdos proposicionais com conseqüências interpessoais -, utilizada no trabalho referido acima, é que farei uma tentativa de mostrar como a expressão modal está ocorrendo na língua Kaingang através dos meus dados de campo. Não será, com certeza, uma exposição completa, mas tem o intuito de apontar algumas situações em que a questão da modalidade pôde ser verificada. Muito provavelmente outras relações modais poderão ser melhor evidenciadas em contextos discursivos, quer sejam orais ou escritos; trabalho esse que será feito em outro momento.

Como no capítulo precedente, este capítulo tem o intuito de trazer informações adicionais e foi resultado também da necessidade de separar um pouco as coisas para podermos olhar mais de perto nosso objeto de estudo, de modo que, apesar das lacunas, espero que fiquem, entretanto, alguns caminhos apontados.

Vejamos, então, os dados.

7.1 ‘ra’

Na língua Kaingang encontramos a partícula ‘ra’ que pode ser glosada em Português como ‘se’, que tem função gramatical de conjunção, mas função semântica de expressão de Modo em construções complexas ou, mesmo, em orações simples que apontam situações hipotéticas.

Essa conjunção que cumpre a função de Modo não se confunde com a conjunção ‘ra’, e é transposta para o Português como: ‘quando’, ‘mas’; como pode ser visto nos exemplos abaixo. Também não se confunde ‘ra’ posposição com sentido de ‘para’, ‘em direção a’ (caso do exemplo (e)) com os demais casos, onde ela não é posposição, mas também conjunção:

a) *Kyrũ ta tĩ ra kasor vỹ ti to kyr mũ.*

rapaz ms v.ir quando cachorro ms 3p para v.latir ASP

‘Quando o rapaz estava passando o cachorro latiu para ele’.

b) *Isa fãnjãnja kã nỹ ra isóg ã ta prãr mã.*

(1p)+ms sombra em ASP quando (1p)+ms alguém ms v. gritar v.escutar (mã)

‘Quando eu estava descansando na sombra, escutei alguém gritar’.

c) *Inh panh ta kusã sĩ ra nĩ¹ tĩ.*

1p pai ms cedo pequeno quando v. sentar ASP

‘Meu pai levanta quando é cedinho’.

d) *Ti kurã ta jun tũ ra ta ter.*

3p dia ms v.chegar não mas (3p)+ms v. morrer

‘O dia dele não chegou mas ele morreu’.

e) *Cidade ra tĩg sór ne jẽnkamu tũ.*

cidade para v. andar querer ms dinheiro não (ter)

‘Eu queria ir para a cidade, não tenho dinheiro’.

¹ ‘Sentar’, nesse contexto é ‘acordar’, ‘levantar-se’.

Com ‘*ra*’ expressando Modo, o período abaixo é um exemplo:

(1) *Kófa fi ta kaga nĩn ra fi pi tĩg tĩ.*
 velho fem ms doente ASP marcador 3pf ms v. andar ASP
 de modo

‘Se a velha estivesse doente ela não andava /não andaria’.

no qual a ‘verdade’ de um conteúdo proposicional é a garantia da ‘verdade’ do outro - ‘se ela estivesse doente’, então ‘ela não andaria’, ainda que a referência se faça hipoteticamente.

Também em:

(2) *Sa tỹ Guarani nĩ ra sa hẽ tá nĩj mỹ².*
 1p ms guarani ASP marcador (1p)+ms lugar ASP (gostar de/querer)
 de modo que não sabe onde

‘Se eu fosse Guarani eu gostaria de estar em outro lugar’

Nesse exemplo (2) há uma situação hipotética colocada e há outra informação que se coloca com o uso de ‘*mỹ*’ ‘gostar de’, que além da referência de considerar um outro mundo possível, ou seja, ‘ser de outra etnia’, o falante faz uso da opção de marcar o grau de comprometimento ou adesão a essa situação hipotética - ‘ele gostaria de estar em outro lugar’. Ele poderia dizer somente que ‘se ele fosse pertencente a outro povo, ele estaria em outra aldeia, em outro lugar’, como nessa construção, dada por outro falante, que se segue:

(3) *Isa ta guarani ra inh sóg ãmã ã tá nĩj tĩ mũ.³*
 1p ms guarani marcador 1p ms aldeia alguma lá ASP
 de modo

‘Se eu fosse Guarani, eu estaria (lá) em uma outra aldeia’.

Em outro dado encontramos:

(4) *Isa tag ki ěg ga ki jógjóg ve ra isóg,*
 (1p)+ms este em 1ppl terra em papagaio v. ver marcador de (1p)+ms
 modo
vỹ inh mỹ há tĩj mũ.
 ms 1p para bom ASP

² Esse ‘*mỹ*’ (gostar de, querer), um indicador modal, não se confunde com ‘*mỹ*’ (‘para’) que aparece no exemplo (4) e também não se confunde com o pronome interrogativo ‘*mỹ*’. Neste item 7.1 nosso enfoque está na expressão modal evidenciada por ‘*ra*’ e estaremos fazendo considerações sobre ‘*mỹ*’ a seguir no item 7.5.3 deste capítulo.

³ Não entraremos, nesse momento, em maiores detalhes em relação a essa marcação de Aspecto (e a outras composições que aparecerão nos exemplos que se seguem), que para nossa finalidade momentânea, pode ser considerado como um todo. Vejam-se capítulos seguintes para tal discussão.

‘Se eu visse um papagaio aqui na nossa terra seria muito bom para mim’.

Esse exemplo (4) mostra que enunciados não se interpretam por referência apenas ao mundo real, mas a outros mundos possíveis (em outras palavras, a outro estado de coisas), como sugerem Ilari e Basso (2004). Apesar do falante estar se referindo à sua terra, sua aldeia, que seria um ‘mundo real’, ele se refere a uma situação já não freqüente ou comum: a visão de papagaios atualmente é rara e, portanto, a hipótese de uma outra possibilidade - ver papagaios na área (aldeia) dele, o faria muito feliz.

Outros dados mostram também essas relações modais discutidas de (1) a (4) e que podem ser vistas em:

(5) *Sa kakó kã nĩn ra*
1p perto em ASP marcador
de modo
sa ã to pasa ké kej mẽ.
(1p)+ms 2p para v. passear v.fazer mf muito
‘Se eu morasse aqui perto, eu visitaria muito você’.

(6) *Sa ã to há nĩ ra ja*
(1p)+ms 2p para bom ASP marcador ASP
de modo
ã véj kãtĩg ge jêj mẽ.
2p v. ver(fut) v.vir sempre muito
‘Se eu gostasse de você, viria ver (visitaria) você sempre’.

Há ainda construções de orações simples que estabelecem para o indicador de Modo ‘*ra*’ essa acepção de hipotético, mas com a possibilidade de demonstrar dúvida:

(7) *Kurã rēgre ti kaga nĩ ra ser.*
dia dois 3p doente ASP marcador então/ assim
de modo

dada como tradução para um contexto em que se perguntava como seria dizer em Kaingang: ‘Ele estava (esteve) doente dois dias’.

O falante responde então, mostrando que é uma hipótese ‘alguém (uma outra pessoa) estar doente dois dias, como se dissesse ‘se ele estivesse doente dois dias...’, que é uma hipótese e também uma possível dúvida, marcada pela indicação de ‘*ser*’ - como se

podéssemos continuar: ‘*se ele estivesse doente (mesmo!, dessa forma!, assim!) ele não teria vindo hoje*’, por exemplo.

7.2 ‘*pẽ*’

A possibilidade de levar em conta mundos possíveis diferentes do real, nos leva a reconhecer que há modalidades de vários tipos e entre elas temos a modalidade epistêmica que qualifica os enunciados atribuindo-lhes um caráter de crença ou certeza.

No kaingang esse posicionamento do falante pode ser verificado como abaixo:

(8) *Inh vo vỹ ta Ligeiro tá ke pẽ nĩ.*
1p avô ms (3p)+ms Ligeiro lá v. fazer / dizer marcador ASP
de modo

‘Meu avô é lá de Ligeiro’

no qual o uso do operador modal ‘*pẽ*’ que poderia ser transposto para o Português numa tradução como ‘legítimo, verdadeiro, de fato’, nos revela a posição do falante em garantir que sua fala é ‘autêntica’. Dizer que seu avô é ‘verdadeiramente’ de Ligeiro é responder pela verdade do fato: seu avô nasceu (lá) em Ligeiro, ele é de fato daquele lugar, estabelecendo um sistema de referência ‘real’ compartilhado com o interlocutor, no caso eu, como entrevistadora. Ele considera esse estado ‘real’ diante de alternativas estabelecidas e compartilhado comigo enquanto ouvinte. Verificamos isso em contrapartida com outra construção dada como tradução, por outro falante, para a mesma frase proposta, que era ‘Meu avô era de (Ligeiro, Votouro, Nonoai ...)’:

(9) *Inh vovo ta tag ki ti jamã nĩ.*
1p vovô ms este em 3p aldeia ASP

‘Meu avô é daqui da aldeia (desta aldeia)’.

que apesar de explicitar que o avô nasceu nessa aldeia onde ambos estão - ele, o falante e o seu avô - não há a opção de expressão de Modo explicitada em (8).

Diferentemente da situação (uma outra construção empregada por outro falante):

(10) *Inh vovo ta Santa Catarina tá ke.*

1p vovô ms Santa Catarina lá v. dizer

cujo sentido seria ‘Diz que meu avô é (era) lá de Santa Catarina’. Note-se que no exemplo (8) acima, também há o uso do verbo ‘*ke*’⁴ ‘dizer’, mas que com a indicação que ele era ‘legítimo’, ‘de fato’ daquele lugar, que ele nasceu lá, seria possível ser equivalente a: ‘Diz mesmo que meu avô era de Ligeiro’, que parece diferente da interpretação em (10), onde o uso do mesmo verbo contribui com o sentido argumental para um enunciado que, aqui, ganha sentido de não real (o falante tem ciência que ‘seu avô não é de Santa Catarina’ e ele está ‘ficcioneando’ comigo: ‘dizem que / diz que meu avô é (era) de Santa Catarina’) ou permite que ele não se comprometa com essa afirmação.

7.3 ‘*hěny*’ e ‘*věnhver*’

Há enunciados em que a opinião do falante toma a forma de uma avaliação sobre o grau de certeza da proposição, exatamente através de operadores modais:

(11) *Inh titio ta kaně pir nĩ*

1p tio ms olho um, sozinho ASP

kaně kaga hěny tó.

olho doença marcador de modo v.dizer

‘Acho que é por causa da (pela) doença que ele só tem um olho’

em que o falante utiliza ‘*hěny*’ que significa ‘achar que’. A informação é dada com o uso de uma estratégia em que o ato de fala é apresentado não como objeto do conhecimento, mas sim de opinião.

Da mesma forma quando solicitada a tradução para uma sentença em Português:

(12) O menino está dormindo desde cedo.

um falante, estabelecendo uma relação compartilhada comigo (a interlocutora), faz a seguinte consideração que pode ser verificada em (13):

⁴ Uma questão a ser verificada é se esse ‘*ke*’ em posição final pode ser um evidencial e não verbo, com um sentido de ‘dizem que’, onde o falante não presencia ou não atesta o fato. De qualquer forma, ainda seria válida nossa avaliação em relação ao comprometimento do falante nas duas sentenças: (8) e (10).

(13) *Kaga hēnỹ nĩ.*
doente ‘achar que’ ASP

‘Acho que (ele) está doente!’

Esse ‘achar’, que parece ter o sentido de opinião expressa sobre a proposição, pode também revelar algo duvidoso, com pouca certeza: ‘talvez (ele) esteja doente! / tenho a impressão que (ele) esteja doente! / provavelmente (não no sentido de concordância, mas de dúvida) (ele) esteja doente!’.

Esse sentido de algo duvidoso também pode ser expresso como no dado abaixo:

(14) *Londrina ta s̃invĩ tavĩ nĩn ṽnhver.*
Londrina ms bonita muito ASP marcador de modo

no qual o uso de ‘*ṽnhver*’ que poderíamos transpor para o Português numa aproximação como ‘parece que’, revela um baixo comprometimento do falante com a proposição: ‘Parece (é algo duvidoso, que ele acha) que Londrina é (uma cidade) muito bonita! (ele provavelmente não conhece a cidade citada, o que o leva a deixar dúvidas sobre a asserção - alguém diz (ou disse) isso!).

Diferente da construção:

(15) *Londrina ta tỹ cidade s̃invĩ nĩ, ke ta tĩ.*
Londrina demonstrativo ms cidade bonita ASP v. dizer (3p)+ms ASP

‘Londrina é uma cidade bonita, ele diz’.

Diferente ainda de (16) abaixo:

(16) *São Paulo ta s̃invĩ tavĩ nĩ.*
São Paulo ms bonita muito ASP

‘São Paulo é (uma cidade) muito bonita’.

onde o falante opta por uma afirmação, que pode pressupor que ele conhece a cidade referida e assume a proposição de que ela é bonita.

7.4 ‘na’

Uma outra partícula encontrada nos dados é ‘na’, traduzida pelos falantes como algo do tipo: (é ..., está ..., é isso..., mais...) mesmo! (ênfatizando ou confirmando a asserção).

Os exemplos que se seguem parecem confirmar que ‘na’ seja um marcador modal que tem essa função de ‘confirmação’ da asserção, algo como um ‘enfático’:

- (17) *Ũri rã ta rỹjgy tavĩ na.*
hoje sol ms muito quente bastante, muito marcador de modo
‘Hoje o sol está muito quente’.

Quando em (17) o falante diz que ‘o sol está muito quente’ e utiliza o marcador, significa dizer literalmente que ‘o sol naquele momento está muito quente mesmo!’.

Da mesma forma, em (18), há ênfase na construção:

- (18) *Jēsĩ ta tẽ tĩn na.*
passarinho ms v. voar ASP marcador de modo
‘O passarinho está voando (mesmo)’.

Num outro dado:

- (19) *Inh pi jēsĩ kar kĩgrã nĩ ha.*
1p ms passarinho todos v. conhecer ASP agora
Periquito há kĩgrã inh nĩ na.
periquito bem v. conhecer 1p ASP marcador de modo

“Agora eu não conheço todos os passarinhos (não sei o nome de todos). Periquito eu conheço bem”.

significa que a pessoa não conhece todos os nomes dos passarinhos, mas periquitos, esses ela conhece (mesmo!) os nomes, conhece muito bem.

Essa acepção também pode ser verificada nos exemplos abaixo:

- (20) *Kófa pi ti kama ki nĩ mãn na.*
velho ms 3p cama em v. sentar de novo marcador de modo
‘O velho não levanta (mais) da cama’.

Note-se que o verbo ‘nĩ’ (‘sentar’), neste caso, refere-se à expressão usada na língua Kaingang referente a ‘acordar’ ou ‘levantar-se’ (também citado na nota 1. deste capítulo).

Assim, neste contexto em (20), este verbo ‘*nĩ*’ é o que dá a significação de ‘levantar’ e o uso de uma informação modal, concomitante com o uso de ‘*mãn*’ (‘de novo’) e a negação presente na marcação do Sujeito, dada por ‘*pi*’, reforça a idéia de que ‘a pessoa não levanta mesmo; não vai levantar mais / de novo, da cama’.

(21) *Kanhgág ãn fi ne kajika han jẽn na.*
 índio aquele fem ms canjica v. fazer MP marcador de modo
 ‘Aquele índia está fazendo canjica’.

Neste dado acima, a informação seria correspondente a: ‘aquela índia está fazendo mesmo a canjica, ela não está fazendo outra coisa com o milho’. Ressalte-se, ainda, que há uma informação posicional - ela está fazendo a canjica ‘em pé’, dada com o uso de ‘*jẽn*’, que está glosado como MP (Marcador Posicional) e que será discutido em outro momento.

(22) *Si há ta na inh kaga tĩ.*
 há muito tempo ms marcador de modo 1p doente ASP
 ‘Estou doente há muito tempo’.

Em (22) há a confirmação que ‘estou mesmo doente há tempo’. A mesma idéia parece estar presente em:

(23) *Inh kaga nỹ tỹ 2 dia na.*
 1p doente ASP ms dois dias marcador de modo
 ‘Eu estava doente há dois dias’.

(24) *Sa rëkétá kaga nỹn hãra sa ãri há na.*
 (1p)+ms ontem doente MP mas (1p)+ms hoje bom marcador de modo
 ‘Eu estive (fiquei) doente ontem, mas hoje já estou bom’.

Veja-se, neste caso (24), acima: a pessoa estava ou esteve doente ontem, mas hoje ela está bem mesmo (está bem ‘de verdade’, como falaríamos algumas vezes em Português).

Em:

(25) *Rãké nỹ na.*
tarde ASP marcador de modo

‘Já é tarde!’

poderia ser traduzido literalmente como: ‘É tarde mesmo!’. A ênfase de que ‘já está tarde’ apresenta-se dada pelo uso de ‘*na*’.

‘*Na*’ também pôde ser verificado em dados com Tempo que indicaria posterioridade ao Momento da Fala, um evento futuro:

(26) *Ti kutěj kãtỹj kej hã na.*
3p v.cair bastante mf ‘igual’ marcador de modo

‘Amanhã vai chover bastante’.

(27) *Kysã ta ror ke kej hã na.*
lua ms redonda v. fazer mf ‘igual’ marcador de modo

‘Amanhã vai ser lua cheia’.

Nestes dois exemplos acima (26 e 27) para que a acepção proposta possa ser estendida a estes casos, precisamos inferir que o falante está se referindo a algo que ele tem um certo grau de certeza; daí, ele assumir que ‘no dia seguinte choverá mesmo!’ (podemos por exemplo, pensar que no momento em que ele está falando o céu está muito fechado, com muitas nuvens de chuva ou ele ouviu uma previsão com muita probabilidade que no dia seguinte vai mesmo chover). No caso da lua cheia (em 27), é mais fácil a questão da ênfase ou confirmação da asserção, porque, se pelo ciclo da lua, no dia seguinte for lua cheia, ele estará afirmando isso sem problemas.

7.5 Outras expressões de modalidade

Encontram-se ainda outras expressões de modalidade em atos de fala com o uso de ‘*kamã*’ (gostar de, fazer sempre, algo que sempre acontece), ‘*fã*’ (costuma, faz sempre) e ‘*mỹ*’ (gostar de).

Seguem-se alguns exemplos encontrados.

7.5.1 ‘*Kamã*’

(28) *Inh panh ta kusã ki ãn ki jun kamã nĩg.*
1p pai ms cedo em casa em v. chegar algo que sempre ASP
acontece

‘Meu pai sempre chegava cedo em casa’.

Não há, nesse caso, um indicador aspectual que indique algo costumeiro, habitual. O que expressa essa idéia é o uso de ‘*kamã*’.

(29) *Prỹg kar mĩ rẽgró krãn kamã.*
ano todo dentro feijão v. plantar algo que sempre
acontece

‘Nós ‘plantava’ feijão todo ano’.

(30) *Inh vovo ta ãkrénh kamã ja nĩ.*
1p avô ms caçar algo que sempre ASP ASP
acontece

‘Meu avô foi um bom caçador’.

Note-se que este dado (30) sugere que ‘o avô’ sempre foi um bom caçador.

(31) *Jo ne Nonoai tá fág kamã tavĩ tĩ.*
ao invés, então ms Nonoai lá pinheiro algo que sempre muito ASP
acontece

‘Ao contrário, lá em Nonoai tem muitos pinheiros ainda’.

Interessante observar em (31) acima, que é uma construção não muito freqüente em Kaingang: a utilização de ‘*kamã*’ juntamente com o Aspecto ‘*tĩ*’ (que indica algo habitual,

recorrente, mas às vezes, pode indicar algo recorrente ou habitual ocorrendo naquele momento da informação - tais considerações serão discutidas posteriormente). Adiantamos, entretanto, que na maioria das vezes, na observação dos dados, eles não aparecem juntos, talvez para se evitar uma redundância, mas possivelmente neste dado (31), a expressão modal deve estar mostrando que há a presença freqüente de pinheiros em Nonoai e essa situação é ‘algo recorrente’ neste momento (daí a tradução de que há muitos pinheiros ‘ainda’), explicitada no uso do aspectual.

Um outro exemplo com a utilização de ‘*kamã*’ pode ser visto abaixo:

(32) *Inh régre ta kanhir kamã nĩ.*
 1p irmão ms v. brincar algo que sempre ASP
 acontece

‘Meu irmão é muito brincalhão’.

7.5.2 ‘*fã*’

A ocorrência de ‘*fã*’ - ‘costuma, faz sempre’, expressando, pois, modalidade tem uma baixa freqüência nos nossos dados. Um exemplo que podemos citar é uma construção de um outro falante para uma sentença que já apareceu em (30) acima com outro indicador de Modo e que em (33) está sendo utilizado ‘*fã*’:

(33) *Inh vovo vỹ ta êkrénh fã ja nĩ.*
 1p avô ms (3p)+ms caçar costuma /faz sempre ASP ASP

‘Meu avô foi (sempre) um bom caçador’.

Podemos observar que as construções (30) e (33) tem algumas similaridades, mas também diferenças (‘marcas’ de Sujeito e indicadores de Modo diferentes, por exemplo). Em relação à utilização de duas expressões modais diferentes, não temos, neste momento, inclusive pelo pequeno número de dados em que essa partícula ‘*fã*’ aparece, condições de dizer se há diferença de sentido nas duas sentenças e se houver, qual seria. Ressalte-se que a glosa apresentada para essa partícula ‘*fã*’ é de falantes da língua Kaingang. Apontamos outras investigações para esclarecimentos.

7.5.3 ‘*mỹ*’

Vimos no item 7.1 deste capítulo que outra partícula que tem uma função de expressar modalidade é ‘*mỹ*’ (‘gostar de’).

Nos períodos compostos subordinados nos quais esse indicador modal aparece, como já citado, há a idéia de comprometimento ou o grau de adesão do falante em relação a uma dada proposição. Também esse sentido de confirmação aparece em períodos simples. Não tínhamos disponíveis nos dados de campo, sentenças simples com a utilização desse marcador, porém pudemos consultar o professor Valmir Cipriano, Kaingang de Inhacorá (RS), que nos afirmou que nas sentenças nas quais há o uso da partícula ‘*na*’, ocorre esse sentido de confirmação (algo como um enfático) e que também poderíamos utilizar ‘*mỹ*’ com essa mesma acepção.

Assim, por exemplo:

- (34) *Ũri rã ta rỹjgy tavĩ na.*
hoje sol ms muito quente bastante, muito marcador de modo
‘Hoje o sol está muito quente’.

sentença que, segundo esse professor kaingang, pode ter outra equivalente com o mesmo sentido de confirmação como mostrado em (35):

- (35) *Ũri rã ta rỹjgy tavĩ mỹ.*
hoje sol ms muito quente bastante, muito marcador de modo
‘Hoje o sol está muito quente’.

O que deve estar em jogo, em (34) e (35), com a alternância entre ‘*na*’ e ‘*mỹ*’, é talvez uma expressão da posição pessoal do falante ou uma avaliação sua sobre a abrangência de sua proposição. Talvez ‘*na*’ se aplique a afirmações categóricas (enfáticas) que se deveriam valer tanto para o falante como seus ouvintes (como ao dizer que ‘Amanhã vai ser lua cheia’, em (27)), enquanto ‘*mỹ*’ se aplique na expressão de uma avaliação que o falante entende ser pessoal, mas que talvez outros não compartilhem.

7.6 Ocorrências de ‘vẽ’

Outra partícula que aparece nos dados de campo é ‘vẽ’.

Reportando-nos ao capítulo 4 (Dados Prévios) tínhamos alguns exemplos de ocorrência dessa partícula, que reproduzimos novamente abaixo:

(36) *Inh kasor vỹ se kãgmĩ sór vẽ.*
1p cachorro ms quati v. pegar v. querer (modo)

‘Meu cachorro tentou pegar o quati’.

uma tradução apresentada por um falante e complementada com a seguinte observação: ‘mas ele não pegou’.

(37) *Inh kósin vỹ inh mré kãtĩg sór vẽ.*
1p filho ms 1p junto v.vir v.querer (modo)

traduzido como em (38):

(38) ‘Meu filho quis vir comigo’ (complementada com: ‘mas eu não deixei, ele não veio’!).

Considerando também os seguintes dados (comunicação pessoal do Prof. Wilmar D’Angelis):

‘i) quando alguém pergunta pelo dono de um objeto (digamos, um caderno sem identificação sobre uma mesa da sala), o dono, estando perto, diria: ‘*isũ vẽ*’ (= *inh + tũ vẽ*). Esse ‘*tũ*’ que aparece aí não é de negação, ao contrário, significa mesmo ‘proprietário’. Então, a tradução da frase é, simplesmente: “É meu”. Ou, se apontar para uma terceira pessoa, pode-se dizer: “*Fi tũ vẽ*” = “É dela”.

ii) o mesmo uso aparece se você aponta um objeto (digamos, uma cuia) e pergunta algo como: “o que é isso”. A resposta será: “*Rudnja vẽ*”.

As traduções levam a crer que, da participação de ‘vẽ’ resultam sentidos diferentes, dependendo da estrutura do período do qual participa, mas sugerem, numa primeira análise, que está sendo utilizada como um ‘Marcador de Modo’.

Como apontam Ilari e Basso (2004), “a função mais geral da língua não é transmitir informações, é agir sobre os interlocutores”. Continuam dizendo “que a asserção /

informação é reconhecida como um ato de fala específico e o que caracteriza isso é o fato de que o locutor assume um compromisso pessoal com a verdade dos conteúdos comunicados, passando de algum modo a responder por essa verdade”.

Dessa forma, os atos de fala são incluídos na área semântico-pragmática do Modo. Nessa perspectiva chamamos a atenção para deixarmos de olhar o período todo (em sua tradução) para colocar o foco, em cada caso, na oração que é marcada por ‘vẽ’.

Para verificarmos as possíveis hipóteses da utilização dessa partícula, sistematizamos, a partir dos dados coletados, em que circunstâncias ela estava ocorrendo e pudemos distinguir, então, diferentes situações onde se empregavam ‘vẽ’: 1. em orações simples, 2. em períodos compostos e 3. em orações condicionais.

7.6.1 ‘vẽ’ em orações simples (isolado e com outros marcadores)

Nos casos abaixo que são exemplos de orações simples e nos casos informados por D’Angelis (relacionados acima), o sentido de ‘vẽ’ pode ser de Modo ‘*realis*’ e algo que pode ser atestado pelo interlocutor (algo como: é isso e você mesmo pode conferir!). Mas também pode ser, simplesmente, indicação de que o locutor atesta (“eu estou atestando”, ou seja, é a minha palavra), mostrando diferentes graus de compromisso do falante com a proposição.

Assim em (39):

(39) *Inh titio ta ti kanẽ tũn vẽ.*

1p tio ms 3p olho não ter (modo)

‘Meu tio é cego (não tem um olho)’.

dizer que ‘meu tio é cego’, significa que é uma verdade que eu estou atestando, eu estou garantindo a autenticidade da informação.

Diferentemente de uma outra construção:

(40) *Inh titio ta kanẽ pir nĩ kanẽ kaga hẽnyĩ tó.*

1p tio ms olho um ASP olho doença achar que por causa

‘Meu tio só tem um olho, acho que é por causa de doença’.

na qual um outro falante usando outra forma de expressão de Modo - ‘*hěny*’ - ‘achar que’- constrói uma relação diferente de compartilhamento com o interlocutor, colocando uma proposição que pode estar expressando sua opinião - ‘eu penso que o motivo dele estar enxergando só com uma vista é por causa da doença dele’; ou uma dúvida: ‘parece que pode ser por causa de doença do olho dele’ (e nesse caso, numa suposição que essa ‘doença’ tenha cura (o marcador aspectual ‘*nĩ*’ poderia estar indicando possibilidade de mudança (como veremos posteriormente). São, todavia, graus diferentes de compromisso com a proposição e que muitas vezes, só é possível identificarmos, mais claramente, num contexto mais amplo.

Vejamos outros dados:

(41) *Kāru ta re ko vě.*
 cavalo ms grama v. comer (modo)

‘O cavalo está comendo’.

(42) *Fóg ag pã’i mág vě.*
 não-índio 3ppl cacique (modo)

‘É um cacique para eles (para os ‘brancos’)’.

Literalmente: ‘É o chefe grande dos brancos.’

(43) *Fi kajika han vě, passoca.*
 3pf canjica v. fazer (modo) paçoca

‘Ela está fazendo canjica, paçoca’.

(44) *Sa mén tũ ěn fi gār tynyn ve vě.*
 (1p)+ms marido sem aquela fem milho v. socar v.ver (modo)

‘Eu estou vendo aquela mulher solteira socar o milho’.

Nestas outras proposições, (41) a (44), a hipótese de estarmos nos comprometendo com o enunciado é plausível, embora reafirmemos que essa relação modal poderá ser mais bem compreendida numa situação discursiva.

Entretanto, poderíamos nos perguntar como analisar o sentido de ‘*vẽ*’ nos exemplos (36) e (37) acima, e em (45) que se segue:

(45) *Ta ne kutẽm sór nĩ vẽ.*
chuva ms v. cair v. querer ASP (modo)

‘A chuva está querendo cair’, construção dada para a sentença proposta: ‘O tempo está virando para chuva’.

Nesses casos, o falante estaria inferindo (numa situação com a probabilidade de), que o interlocutor estivesse compartilhando a informação, na mesma acepção colocada acima: ‘é isso e você pode conferir’. O que poderia significar dizer, em outras palavras, que o interlocutor está atestando a cena. E assim se justificaria dizer que o ‘cachorro está querendo pegar o quati, mas que ele não pegou’- seria como se ele dissesse: ‘você está vendo que ele não conseguiu’. Também em (37), podemos fazer a suposição que o interlocutor provavelmente está na cena do enunciado: quando o homem chega e diz que seu filho quis vir com ele e a criança não está ali presente, a fala pode demonstrar que seria como dizer: ‘você está vendo que ele não veio comigo (eu não deixei)’. Mas podemos pensar também simplesmente isso: ‘eu, falante, atesto a você isso como um fato’. Seria como colocar um pressuposto, indicando que é um pressuposto: ‘prá continuar a conversa, aceite isso que estou dizendo, porque eu atesto’ - ‘eu vi o cachorro tentando pegar o quati, e eu vi (ou mesmo, ouvi) meu filho querendo vir comigo’.

Mas, não podemos deixar de notar, também, que nesses três dados (36, 37 e 45), há a presença do verbo ‘*sór*’ (‘querer’). Será que poderíamos nos interrogar sobre essa combinação de ‘*sór*’ e ‘*vẽ*’, que poderia nos dar um sentido de atestar uma informação na qual não houve um final bem sucedido, tal como um ‘frustrativo’?

Não temos, por ora, como discutir essas questões mais incisivamente, já que tal fato poderia estar mais visível em níveis discursivos, mas apontamos para um estudo futuro no qual essa possibilidade será investigada.

7.6.2 ‘vẽ’ em períodos compostos

Nos dados (46) a (51) abaixo, exemplificando períodos compostos, podemos encontrar também essa perspectiva ou informação de ‘Modo’: eu atesto isso (ou: eu te garanto isso), principalmente se olharmos apenas para as orações marcadas pelo ‘vẽ’ (no caso, a oração principal):

(46) *Sa kãgũnh mâng mÿr vễ hãra inh pi kron mũ.*

(1p)+ms erva v. comprar assim (modo) mas 1p ms v.beber ASP

‘Eu comprei erva, mas eu não tomei (chimarrão)’.

Essa oração (46) marcada por ‘vễ’, pode nos remeter a essa hipótese acima e o sentido seria de comprometimento com a asserção: ‘é uma verdade a proposição que eu comprei a erva (ainda que eu não tenha bebido o chimarrão)’.

Assim também em:

(47) *Rãkétá ta kaga nĩ vễ hãra ta ùri há nĩ.*

ontem ms doente ASP (modo) mas ms hoje bom ASP

‘Ele estava doente ontem mas hoje está bom’.

na qual poderíamos pensar que a pessoa que está falando quer mostrar que ‘a outra pessoa estava mesmo doente ontem, apesar de hoje ‘ele’ estar bom e não parecer que tal fato tinha ocorrido’.

Outros exemplos encontrados são:

(48) *Tag ki ta ti ãn ja jễ vễ*

esta aqui ms 3p casa ASP MP (modo)

hãra pi ti ãn nĩ ha.

mas negação 3p casa ASP agora

‘Aqui ficava a casa do meu pai mas agora não está mais’.

(49) *Ti réké ù kaga nÿ vễ*

3p antes de ontem doente MP (modo)

hãra ta há kej vãnh nĩ.

mas ms bom v. fazer não querer ASP

‘Ele antes de ontem estava doente, mas não quer ficar bom (não quer melhorar)’.

(50) *Inh panh vỹ mỹg péfỹn vyr vễ*
 1p pai ms mel ‘furar’ ir (pass) (modo)
hãra ta ta kutã.
 mas chuva ms v. cair

‘Meu pai foi ‘melar’ (no mato) mas choveu’.

(51) *Vãsy inh sóg jěsĩ kar jyjy kinhra nĩg nĩ vễ*
 antigamente 1p ms passarinho todos nome v. conhecer ASPr (modo)
hãra ũri inh pi kinhra nĩ ha.
 mas hoje 1p ms v. conhecer ASP agora

‘Antigamente eu conhecia o nome de muitos passarinhos, mas hoje eu não conheço mais’.

Cabe aqui, um comentário importante, pois o leitor atento deve estar se perguntando: mas muitas dessas sentenças já não apareceram anteriormente e com diferentes construções de expressão modal (sem falar das diferenças de marcadores aspectuais e de Sujeito)? É exatamente isso (e era sobre problemas como esse que eu chamava a atenção no capítulo 5)!

Tenho porém, novamente, que reconhecer que não temos, neste momento, uma resposta satisfatória para isso. O problema que aponto é que pelas traduções dadas pelos falantes, muitas vezes podemos identificar uma dada partícula assumindo uma determinada função, mas não há como não notar que se há diferentes partículas assumindo um mesmo papel, como por exemplo, nesse caso, diferentes formas de expressões modais para confirmação da asserção e que são evidenciadas por diferentes ‘marcadores’, as questões que ficam são: porque são diferentes e como são escolhidas para serem usadas (talvez pelo grau de comprometimento ou o fato de ser atestado ou não)? Em que medida tais indicadores são semântica ou pragmaticamente distintos? Há muito a ser investigado ainda...

7.6.3 ‘vẽ’ em períodos compostos ‘condicionais’

Finalmente, apesar das ressalvas colocadas no final do item anterior, voltemos ao terceiro caso no qual foi evidenciado o uso de ‘vẽ’: nos períodos ‘condicionais’. Se olharmos também apenas a subordinada, marcada por ‘vẽ’, podemos pensar na mesma idéia de Modo: dadas as condições pressupostas na oração principal, eu te garanto, com minha palavra, a ‘conseqüência’ afirmada na oração subordinada. De fato, isso é o que ocorre em todo tipo de promessa condicionada ou coisas semelhantes: ‘*Se eu tivesse dinheiro, eu tinha comprado na hora*’. Nada garante que isso aconteceria, somente a fala do locutor, ou seja, sua posição diante da proposição dada.

Alguns exemplos de condicionais com ocorrência de ‘vẽ’:

- (52) *Sa ta guarani nĩn ra*
1p ms guarani ASP marcador de modo
sa guarani ag mré nĩj mũ vẽ.
1p guarani 3ppl junto ASP ASP (modo)
‘Se eu fosse guarani eu ficaria junto com eles’.

- (53) *Sa kakó kã nĩ ra sóg ã vej kãtĩg kej mũ vẽ.*
1p perto ali ASP marcador de modo 1p 2p v.ver(fut) v.vir mf ASP (modo)
‘Se eu morasse aqui perto eu viria ver você’.

O fato do falante dizer em (52) que ‘ele ficaria junto dos guaranis’, a oração marcada com ‘vẽ’, corresponde à ‘verdade’ de um conteúdo proposicional, que é garantia da ‘verdade’ do outro - ‘se eu fosse pertencente à etnia guarani, então...’. Mas o que parece diferente aqui em relação a uma construção como:

- (54) *Kófa fĩ ta kaga nĩn ra fĩ pi tĩg tĩ.*
velho fem ms doente ASP marcador 3pf ms v. andar ASP
de modo
‘Se a velha estivesse doente ela não andaria’.

na qual há o uso somente de marcadores de Aspecto e ‘vẽ’ não está presente. Tal construção pode nos levar novamente a pensar no grau de compromisso do falante com a

proposição: mesmo que a relação de ‘verdade’ de uma proposição em relação à outra se mantenha, podemos ter diferentes graus de adesão a essa ‘verdade’, ainda que hipotética. No caso em (52), talvez, esteja expressando maior grau de comprometimento do falante com a asserção do que em (54), já que existe neste caso, uma outra possibilidade de proposição: a ‘senhora poderia estar doente, mas andando’ (então, não me comprometo completamente com a informação).

7.7 Considerações Finais

Podemos considerar, de uma maneira geral, que a expressão Modal em Kaingang evidencia o grau de ‘verdade’, certeza ou fidedignidade que o falante empresta ao enunciado.

Temos na língua a expressão de Modo pela utilização de Marcadores como:

1. ‘*ra*’ - ocorre em construções condicionais ou hipotéticas;
2. ‘*pẽ*’ - atribui ao enunciado um caráter de crença ou certeza;
3. ‘*hẽnyĩ*’ e ‘*vẽnhver*’ - a informação é dada com o uso de uma estratégia em que o ato de fala é apresentado como objeto de opinião (‘optativo’);
4. ‘*na*’ - é um enfático, um confirmativo;
5. ‘*vẽ*’ - parece ser um evidencial, embora seu uso precise ser melhor investigado.

Encontram-se ainda outras expressões de modalidade em atos de fala com o uso de ‘*kamã*’ (‘algo que acontece sempre’), ‘*fã*’ (‘costuma, faz sempre’) e ‘*mỹ*’ (‘gostar de’).

Há, no entanto, como sugerido no decorrer do capítulo, considerações que ainda não estão esclarecidas e que necessitam de outras verificações (o que será feito em outras investigações, inclusive porque como já salientamos, neste momento não temos condições de uma exposição mais completa sobre a questão da modalidade).

Capítulo 8

Uma possibilidade e uma proposta de discussão dos dados para os Marcadores de Aspecto

Apesar das questões não totalmente resolvidas acerca de Tempo e de Modo, no Kaingang (como vimos nos capítulos anteriores), podemos agora nos dedicar especificamente ao tópico Aspecto, motivo principal dessa investigação.

Como temos já reafirmado, algumas das hipóteses estão longe de um resultado conclusivo, mas mesmo nesses casos, sistematizam um conjunto de dados e representam um bom ponto de partida para investigações posteriores.

É importante destacar que a origem diversa dos dados (de falantes de aldeias e idades diferentes), e o problema da contextualização necessária a esse tipo de investigação (multiplicado pelo número de falantes e lugares) levaram à reunião de exemplos, às vezes, bem distintos para o que se esperava ser um ‘mesmo’ enunciado, sem que sejam, necessariamente, divergentes. Tal diversidade de resultados acrescenta dificuldades à interpretação e construção de hipóteses. Passamos, pois, a uma discussão preliminar sobre Aspecto na língua Kaingang.

Numa primeira aproximação, parece ser difícil definir um Aspecto como Perfectivo ou Imperfectivo para o Kaingang, como o faz Wiesemann (2002:156,157).

Consideraremos alguns exemplos de contextos que apontam Imperfectividade:

(1) ‘Antigamente as índias davam a luz em casa’.

que em Kaingang pode ser expresso como em (2):

(2) *Věsa¹ kanhgág fag ta fag krẽ génh tĩ, fag ãn ki.*
antigamente índio 3pfpl ms 3pfpl filho dar a luz ASP 3pfpl casa em

em que o uso do advérbio ‘*věsa*’ (‘antigamente’) é responsável apenas pela indicação do Passado. O que aponta uma perspectiva Imperfectiva: ‘antigamente isso acontecia...’ (habitualmente) é a presença do marcador ‘*tĩ*’, não possibilitando, porém, concluir se o

¹ Há variações dialetais de pronúncia para essa palavra, que pode ser ouvida como: ‘*vỹsỹ*’, ‘*vỹsa*’, ‘*věsa*’, ‘*věsỹ*’, ‘*vāsỹ*’, etc.

evento ‘dar a luz’, ‘ter o filho em casa’, ainda acontece hoje ou se tal evento ficou restrito àquele momento passado.

Da mesma forma na sentença abaixo:

(3) *Inh ve fi tóg vãfy han tĩ fi ta fi pir nĩ kã.*

1p irmã fem ms artesanato v.fazer ASP 3pf ms 3pf sozinha ASP em

traduzida pelos falantes como: ‘Minha irmã fazia balaio quando ela era solteira’; que também assume uma perspectiva Imperfectiva: naquela situação, ‘quando ela era solteira’, ela fazia balaio; não podemos dizer nada além, em relação a hoje, se ela ainda faz balaio (estando ou não solteira). Isso seria diferente se disséssemos: ‘minha irmã fez balaios quando ela era solteira’, que permite dizer que o fato já não ocorre mais, talvez por ela ter se casado e hoje não fazer mais o artesanato. O uso do marcador ‘*tĩ*’ no evento de ‘fazer balaio’ é o que está indicando em (3), que essa ação era recorrente, habitual.

Ocorre, porém, que para sentenças que, em Português, comportam uma distinção entre uma situação Perfectiva e uma situação Imperfectiva, pudemos observar o emprego, em diferentes formulações no Kaingang, de construções com o uso de um mesmo marcador, mas traduzidas de maneira bem distinta:

(4) *Rãkétá tóg tĩ mũ.*

ontem (1p)+ms v. ir ASP

‘Ele foi ontem’

que expressa, em Português, um evento Perfectivo, acabado, em contraste com:

(5) *Hãra ta rãkétá kaga mũ.*

mas/então ms ontem doente ASP

‘Então ele estava doente ontem.’

construção essa dada para a sentença proposta: ‘Ele estava doente ontem’ e que não leva a uma interpretação de evento concluído. O mesmo se vê abaixo,

(6) *Rãkétá ta kaga mũ hãra ta ũri há nĩ.*

ontem ms doente ASP mas ms hoje bom ASP

‘Ontem ele estava doente, mas hoje já está bom’.

apesar de que a oração subordinada aponta o evento da primeira como já acabado, restringindo a referência do evento ‘estar doente’ ao dia *ontem*, a tradução ao Português da oração com ‘*mũ*’ é feita com Imperfectivo.

Isso nos leva a acrescentar algumas considerações importantes.

Primeiro cabe reafirmar que a questão da tradução do Português para uma língua indígena e vice-versa é problemática. No Português a distinção ‘esteve’ x ‘estava’ doente, que expressa uma oposição aspectual entre Perfectividade e Imperfectividade, pode não fazer sentido para o falante Kaingang sem uma contextualização, sem uma continuidade na fala (como presente na sentença (6), por exemplo). Uma segunda observação é que nos dados encontram-se diferentes formulações para uma mesma sentença solicitada, o que demonstra diferentes perspectivas adotadas pelo falante ao referir-se aos eventos.

Então, nossa ressalva diz respeito a considerarmos:

i) que o contexto discursivo é importante (essa análise mais detalhada será feita num outro momento em outro trabalho, embora na solicitação das sentenças procurou-se essa contextualização da melhor maneira possível, que reconhecemos ainda ser deficitária),

ii) a necessidade de uma análise cuidadosa dos dados em relação a seus predicados verbais.

Os exemplos (4) a (6) podem nos levar a questionar se há distinção aspectual entre Perfectividade e Imperfectividade na língua Kaingang. Como vimos, há marcação aspectual em situações em que a noção de Imperfectividade está presente e, nesses casos, atribuída a uma determinada palavra gramatical. Isto nos coloca, então, a possibilidade da noção de Perfectividade estar presente no outro lado da distinção. Porém, como veremos na discussão que se segue, parece haver também marcadores para Perfectividade no Kaingang.

Uma dificuldade que encontramos é que várias sentenças em Kaingang, traduzidas para o Português (por falantes Kaingang) como sentenças que têm perspectiva Perfectiva, podem ocorrer sem a presença de marcadores de Aspecto.

É o que vemos no exemplo (7), com a presença do marcador *mũ*, e em (8), sem a presença de marcador:

(7) *Inh panh ãn vỹ kutẽ mũ kãka tỹ.*

1p pai casa ms v. cair ASP vento com

traduzida como: ‘A casa do meu pai caiu com o vento’,

em contraste com (8), uma outra construção dada com a mesma tradução:

(8) *Inh panh ãn ne kutẽm kãka.*

1p pai casa ms v. cair vento

‘A casa do meu pai caiu com o vento’.

na qual não há a presença de marcador de Aspecto².

Da mesma forma, encontramos essa situação apresentada acima, também no par mínimo representado por (9) e (10):

(9) *Inh ve fi tóg vãfy tag han mũ, rãkétá.*

1p irmã fem ms artesanato este v.fazer ASP ontem

‘Minha irmã fez este artesanato ontem’.

(10) *Rẽkétá inh ve fi ta kre tag han.*

ontem 1p irmã fem ms balaio este v.fazer

‘Ontem minha irmã fez este balaio’.

Note-se que nos dois exemplos, há referência de Tempo Passado com o uso do adjunto ‘ontem’, o que nos permite pensar que em (9), o marcador ‘*mũ*’ está acrescentando uma outra informação.

Na verdade, há muitas variáveis a serem consideradas para alcançarmos a explicação disso. Entretanto, podemos pensar em algumas que ajudariam, talvez, na investigação das razões dessas ocorrências:

- 1) falta contexto;
- 2) o ‘marcador’ pode ser redundante;
- 3) o ‘marcador’ acrescenta uma informação que não é aspectual ou não é somente aspectual;
- 4) acrescenta uma determinação aspectual a mais...;
- 5) as mudanças de ordem nas sentenças podem interferir no uso dos ‘marcadores’;
- 6) mudanças de elementos, como por exemplo, diferentes ‘marcadores de sujeito’, podem acrescentar outras informações.

² Em (8), porém, cabe uma dúvida, dada a forma do verbo “*kutẽm*” com um ‘m’ final. Não há descrição para formas verbais como essa, e não deveríamos descartar a possibilidade dela representar uma cliticização do aspectual ‘*mũ*’ ao verbo.

De fato, não conseguiremos, neste momento, verificar efetivamente as interações de todos esses fatores na língua Kaingang, mas eles apontam para a necessidade de uma verificação mais ampla.

De todo modo, nas próximas seções, de 8.1 a 8.4, apresentaremos as ocorrências das partículas encontradas nos nossos dados de campo³ que parecem cumprir a função de marcadores aspectuais. Não descartamos, porém, que elas (ou algumas delas) possuam outras funções co-ocorrentes, e em alguns casos mencionaremos a hipótese. Na seqüência, as seções 8.5 a 8.7 apresentam partículas que parecem orientadas mais à expressão de Acionalidade.

8.1 Ocorrências de ‘*mũ*’

‘*Mũ*,’ quando verbo nuclear da oração, pode ser traduzido no Português como ‘ir’ (plural). Mas ele também assume uma função aspectual, assim como outros marcadores que, a partir do verbo que são, parecem ser dessemantizados ou ter seu conteúdo semântico reduzido a um conceito abstrato para cumprir aquela função.

Em termos de referência temporal, observamos que ‘*mũ*’ ocorre tanto em situações que expressam anterioridade ao Momento da Fala quanto nas que expressam posterioridade, que seriam tidos em Português como Passado e Futuro. Também encontramos uso em construções com Tempo Presente.

Abaixo alguns exemplos que mostram sua ocorrência com diferentes referências temporais, a saber:

a) Com Tempo Presente:

(11) *Kāka ta inh mũmẽg han mũ.*

vento ms 1p medo v.fazer ASP

‘O vento forte está me assustando’.

³ Além dos dados reunidos na viagem a campo, empregamos alguns outros, obtidos em contatos posteriores (alguns, indiretamente, com o auxílio do orientador dessa pesquisa).

b) Com Passado expresso lexicalmente:

- (12) *Mês tĩ mũ kã kófa ta ter.*
mês v. ir ASP dentro velho ms v. morrer
‘O velho morreu no mês passado’⁴.

c) Com Passado ‘não-marcado’ lingüisticamente:

- (13) *Inh ve fi ta kre tag han mũ.*
1p irmã fem ms balaio este v.fazer ASP
‘Minha irmã fez este balaio’.

- (14) *Rãgró vỹ ter mũ rỹ mỹ.*
feijão ms v. morrer ASP calor por causa de
‘O feijão morreu com a seca (por causa do calor)’.

- (15) *Kajěr vỹ vënhvãg mũ kyrũ jo.*
macaco ms v. escapou ASP rapaz na frente
‘O macaco escapou do rapaz’.

- (16) *Ûn sĩ fi ne fi nĩgé kym mũ, rëgro tỹ.*
algun pequeno fem ms fem mão v. cortar ASP faca com
‘Uma menina (pequena) cortou a mão com a faca’.

- (17) *Hãra inh jóg ta ta jo jun mũ.*
então 1p pai ms este na frente, v.chegar ASP
antes
‘Então meu pai chegou um pouco antes’.

⁴ Rigorosamente falando, no dado (12) a partícula ‘mũ’ é parte da expressão lexical de ‘tempo’: “mês passado”.

(18) *Kãru ta re ko mũ.*

cavalo ms grama v. comer ASP

‘O cavalo comeu a grama’.

d) Com Futuro expresso lexicalmente:

(19) *Vajkỹ sóg inh rãgró krãn mũ.*

amanhã (1p)+ ms 1p feijão v. plantar ASP

‘Amanhã vou plantar meu feijão’.

(20) *Vajkỹ ta kusẽ ta mág kej mũ.*

amanhã lua ms grande mf ASP

‘Amanhã vai ser lua cheia’.

(21) *Kysã kãtĩ ãn kã ta kusãjgy tavĩ mũ.*

mês v. vir aquele dentro ms muito frio muito ASP

‘O mês que vem vai fazer muito frio’.

Olhemos essas diferentes situações mais de perto.

Orações simples encontradas no ‘corpus’ com o uso do marcador de Aspecto ‘mũ’ podem ser visualizadas a seguir. Nossa hipótese inicial é que esse ‘marcador’ expresse Perfectividade.

Orações Simples

Na sentença:

(22) *Inh panh ãn vỹ kutẽ mũ, kãka tỹ.*

1p pai casa ms v. cair ASP vento com

‘A casa do meu pai caiu com o vento’.

o ‘cair’ ou a ‘queda’ da casa não ocorreu, provavelmente, depois da ‘ventania’, mas ao mesmo tempo em que o vento ‘forte’ passava, o ‘cair’ da casa aconteceu. Ainda que o

processo colocado em foco, que é o evento ‘a casa cair’, possa trazer diferentes idéias ou ‘micro-eventos’, como por exemplo: desabou primeiro uma parede da casa, depois parte do telhado, então outras paredes caíram e depois finalmente o processo se completou - ela caiu-, ou que estas etapas possam ter ocorrido ao mesmo tempo e a casa ter caído de uma só vez; ainda assim o que continua a nos interessar, para definirmos aspectualidade, é que o evento se apresenta como já ocorrido, uma opção Perfectiva por parte do falante - ‘ela (a casa) caiu’. O uso do marcador aspectual ‘*mũ*’ introduz essa perspectiva Perfectiva e focaliza o ‘resultado’ do processo.

Da mesma forma podemos pensar em:

(23) *Ũn sĩ ã ne ka ki tâpry mũ.*

alguém pequeno um ms árvore em v. subir ASP

‘Um menino subiu na árvore’.

na qual o evento de ‘subir na árvore’ que é o que está sendo focado, ainda que possa pressupor fases preparatórias para tal situação ocorrer: por exemplo, a criança precisou caminhar até a árvore; ela começou, então, a sua ‘escalada’ até chegar, talvez, ao topo da mesma; o que importa é que o evento está expresso como algo ocorrido, terminado. Tanto subir na árvore, quanto escalar a árvore são eventos que podem ser Perfectivos e / ou Imperfectivos (a análise aspectual cruza a escolha do evento sobre o qual se fala), mas a escolha em apresentar o evento como um todo com a consideração de sua conclusão é que aponta a situação numa perspectiva Perfectiva nessa sentença (23).

(24) *Kajěr vỹ vênhvãg mũ kyrũ jo.*

macaco ms v. escapou ASP rapaz na frente

‘O macaco escapou do rapaz’.

Assim também podemos interpretar o uso de ‘*mũ*’ em (24) acima, apresentando uma perspectiva do evento já ocorrido - ‘o macaco escapou na frente, antes?’; Perfectivo, portanto.

Em outro dado:

- (25) *Inh ve fi tóg vāfy tag han mũ, rākétá.*
1p irmã fem ms artesanato este v. fazer ASP ontem
‘Minha irmã fez este balaio ontem’.

no qual a presença de ‘*rākétá*’ é responsável pela indicação de Passado, a utilização do marcador de Aspecto ‘*mũ*’ é o que apresenta o evento ‘fazer artesanato’ como concluído.

Também nos exemplos abaixo podemos encontrar essa perspectiva Perfectiva:

- (26) *Ūri hã tag ti rānhrāj kãn mũ.*
hoje recente este 3p trabalho v. terminar ASP
‘Ele terminou o trabalho dele agora’.

- (27) *Kaingang vỹ ta kajēr to pēg mũ.*
índio ms este macaco em direção v. atirar ASP
‘O índio atirou (em direção) no macaco’.

- (28) *Kófa fi vỹ fi krã ag ránrán mũ.*
velho fem ms 3pf descendente 3ppl v. riscar ASP
‘A velha marcou (no rosto) os filhos dela’.

- (29) *kófa ne ter mũ.*
velho ms v. morrer ASP
‘O velho morreu’.

- (30) *Kófa vỹ ti ãn kri nĩm mũ, tãnh féj tỹ.*
velho ms 3p casa em cima v.colocar ASP palmeira com
‘O velho cobriu a casa dele com folha de palmeira’.

Como vimos no início deste item 8.1, ‘*mũ*’ também pode ocorrer em sentenças que expressem posterioridade ao Momento da Fala, ou seja com Tempo Futuro. Verifiquemos algumas dessas ocorrências:

(31) *Vajkỹ inh rãnhřj vỹ kar ke mũ.*
 amanhã 1p trabalho ms v. terminar marca de futuro ASP

‘Amanhã terminará o meu trabalho’.

o evento ‘terminar o trabalho’ é um evento que apresenta uma perspectiva na qual o resultado ou o final do evento é vislumbrado. A interpretação de ‘terminará’ pode ser equivalente a ‘vai terminar’ (ou ‘estará terminado’). A tradução possível por ‘vai terminar’ remete à interpretação dessa ‘fórmula’, no Português, por Ilari e Basso (2004): “pode-se atribuir um papel de auxiliar de tempo também a *ir + R* (regra semântica): ‘use como momento de referência da perífrase o momento do evento associado ao tempo verbal do auxiliar; a partir desse momento de referência, defina a ação descrita no verbo pleno um momento de evento posterior’”. Nessa sentença (31), o momento de referência (MR) da perífrase é ‘futuro’, dado pelo dêitico ‘*vajkỹ*’. A ação ‘de trabalhar ou fazer o trabalho’ é apresentada sendo dada como concluída em um momento posterior ao momento da fala, isto é, MF - ME,MR (o momento da fala é anterior ao momento do evento, simultâneo ao momento de referência). Essa perspectiva na qual o final do evento é vislumbrado é o que responde pelo seu caráter Perfectivo, ainda que possamos pensar em distintas situações para esse ‘resultado’:

i) amanhã meu trabalho acaba porque meu ‘contrato’ encerra, ou meu prazo se esgota e tenho que parar, mas não significa que eu tenha ‘concluído’ no sentido de atingir o resultado; apenas concluirei porque vou parar, acabar, deixar de trabalhar;

ii) amanhã meu trabalho acaba porque vou terminar de fazer aquilo que me propus fazer, então, terei atingido o resultado que me propus.

Não podemos deixar de notar, entretanto, que é difícil reconhecermos, nesse momento, como no Kaingang pode ser feita essa diferença. Em (31), o verbo ‘*kar*’ expressa o ‘terminar’ e a partícula ‘*ke*’ expressa o futuro. Podemos nos perguntar, então, se ‘*mũ*’ é responsável por expressar a diferença entre as proposições (i) e (ii)?

Em:

(32) *Vajkÿ inh sóg inh rëgró krãn ge mũ.*

Amanhã 1p ms 1p feijão v. plantar então ASP

‘Amanhã vou plantar meu feijão’.

a aplicação da hipótese à fórmula acima não traz grandes problemas: o evento ‘plantar o feijão’ descrito pelo verbo nuclear ‘plantar’ é apresentado como concluso em um momento posterior ao Momento da Fala, isto é, MF - ME,MR (o Momento da Fala é anterior ao Momento do Evento, simultâneo ao Momento de Referência). Essa perspectiva na qual o final do evento é vislumbrado é, como já dito, o que responde pelo seu caráter Perfectivo, apontado pelo uso do aspectual ‘*mũ*’. Note-se, que, pode ser que todo o feijão ou apenas parte dele possa ser plantado amanhã, mas o que interessa é que o evento ‘plantar’ é que se encerrará, estará concluído no dia de ‘amanhã’ e é esse resultado, desse evento se encerrando, que é apontado pelo marcador aspectual ‘*mũ*’. Como acima, não temos como definir, ainda, se, por exemplo, o foco do falante está no encerramento do prazo de realização do trabalho (se terá atingido, ‘amanhã’, esse tempo final e, portanto, o resultado pré-determinado de tantos dias de trabalho) ou se o foco do falante está na conclusão da tarefa propriamente dita (e o resultado seria, então, o cumprimento da tarefa que foi atingido). O que podemos sugerir, de todo modo, é que há o vislumbre do término do evento.

Ainda dois dados em que a construção não é transitiva:

(33) *Vajkÿ ta vÿ kutẽ kãn mũ.*

amanhã chuva ms v. cair v. acabar ASP

‘Amanhã vai chover bastante’ (Amanhã vai acabar caindo chuva).

expressando uma perspectiva na qual o evento ‘chover’ ocorrerá, mesmo que num momento futuro: ‘no dia de amanhã’.

Nesse dado (33) e no dado (34) abaixo, a presença de ‘*mũ*’ parece mais realçar seu caráter de ‘focalizar o resultado do processo’. No entanto, para explicarmos a perspectiva Perfectiva apontada nos outros dados e que é dada pela presença do marcador aspectual ‘*mũ*’, precisamos ter em mente que há, possivelmente, o vislumbre do término dos eventos,

ainda que eles não precisem estar necessariamente encerrados ou concluídos totalmente no ‘dia de amanhã’.

(34) *Vajkỹ ta kusẽ ta mág kej mũ.*
amanhã ms lua ms grande mf ASP
‘Amanhã vai ser lua cheia’.

Por fim, mais dois dados que necessitam observações:

(35) *Kãka vỹ inh kanã jun mũ.*
vento ms 1p v. assustar ASP
‘O vento forte me assustou’.

(36) *Kãka ta inh mũmẽg han mũ.*
vento ms 1p medo v. fazer ASP
‘O vento forte está me assustando’.

Podemos observar que os dados (35) e (36) também podem ser vistos pelas hipóteses apontadas. No caso de (35), é fácil observar, que o evento está dado numa perspectiva Perfectiva. Em (36), apesar da sentença apresentar-se num ‘presente contínuo’, o uso do marcador ‘*mũ*’ também aponta essa perspectiva de perfectividade. Para o Português, é difícil pensarmos na distinção Perfectivo / Imperfectivo sem atrelarmos ao Passado, mas em Kaingang, essa construção mostra que, nessa língua, pode ser diferente. Uma hipótese de interpretação da sentença (36) numa perspectiva Perfectiva pode ser pensada em termos desse ‘foco’ no resultado do marcador aspectual ‘*mũ*’. Assim, se o que o falante está ‘focando’ é o resultado de o vento me colocar medo, mesmo que o vento ainda esteja passando, mas esse efeito de ‘medo’ já foi atingido, isso demonstra ‘perfectividade’ na situação.

Períodos Complexos

Nos períodos complexos a utilização do marcador de Aspecto ‘*mũ*’ pode ser observada em exemplos como:

- (37) *Kasor ta ãn sĩ praj ke mÿr*
cachorro ms algum pequeno v. morder mf então / mas
inh ne kãgmĩg mũ.
1p ms v. segurar ASP

‘O cachorro ia morder um menino, mas (então) eu segurei (ele).’

mostra a oração principal – ‘o cachorro ia morder um menino’ – com marcação de futuro e a oração subordinada – ‘eu segurei’ – marcada com ‘*mũ*’ ligadas pela conjunção ‘*mÿr*’. ‘Segurar’ é um verbo que expressa uma ação que possui um vislumbre do seu ponto final e o evento nessa sentença está dado como conclusivo, portanto, numa perspectiva Perfectiva. De fato, a oração principal é construída com marca de Futuro, de modo que, não fosse a subordinada, ela seria traduzida tomando por MR, o ‘momento da fala’: “o cachorro vai morder o menino”. O que faz essa oração ser interpretada, em Português, como um Futuro do Pretérito (“ia”) é justamente a perspectiva Perfectiva, construída com ‘*mũ*’, na subordinada.

Em períodos compostos onde as orações se relacionam pela conjunção ‘*ra*’ (‘quando’), a oração marcada por ‘*mũ*’ também admite essa interpretação Perfectiva:

- (38) *Kyrũ ta ãkrãn tĩ ra pã'i vÿ ti jãprãr mũ.*
rapaz ms v. plantar ASP quando cacique ms 3p v. chamar ASP

‘O rapaz estava plantando feijão quando o cacique chamou (ele).’

Note-se que em (38) mesmo se pensarmos numa situação de certa simultaneidade: ‘o rapaz estava fazendo ‘X’ e ‘Y’ aconteceu’, o que nos importa em termos de aspectualidade é que o evento ‘Y’ é apresentado em uma perspectiva Perfectiva.

Da mesma forma temos em:

(39) *Sa ěpy̆ to jun tĩ ra ne krãn kãn mũ.*

(1p)+ms roça para v.chegar ASP quando (3p)+ms v. plantar v. terminar ASP

‘Quando eu estava chegando na roça, ele terminou de plantar’.

Numa outra sentença, com a conjunção ‘*mÿr*’ (utilizada, neste caso, com o sentido de ‘quando’), também temos uma oração que emprega ‘*mũ*’ apresentando um evento já concluído:

(40) *Kasor ũ ne vĕnhkrĕr mũ*

cachorro algum ms chorar alto ASP

pyn ta ti prág mÿr.

cobra ms 3p v. picar quando

‘Um cachorro gritou quando a cobra picou (ele)’.

Observemos outro exemplo:

(41) *Kyrũ ta ěmĩn mĩ kutĕ mÿr*

rapaz ms estrada dentro ‘cair/sair’ então

kasor ta to hoghog ke mũ.

cachorro (3p)+ms para v. avançar v. fazer ASP

‘O rapaz passou (saiu) na estrada, então o cachorro avançou nele’.

Em (41) a primeira das duas orações do período composto recebe uma tradução-na forma de um Passado Perfeito. A segunda oração – ‘o cachorro avançou nele’ – expressa um evento já ocorrido. Há, no entanto, nesse caso, uma característica particular: a marca de ‘perfectividade’ na subordinada (‘*mũ*’, em ‘o cachorro avançou / acou nele’) tanto permite uma interpretação ‘perfectiva’ da primeira oração (‘o rapaz passou na estrada’) quanto uma interpretação ‘progressiva’ e em termos ‘temporais’, de simultaneidade de ocorrência (‘o rapaz estava passando’).

Neste exemplo (42) abaixo:

(42) *Inh kósin ne ã mÿ tag rán mũ, ã matĩg jé.*

1p filho ms 2p para esta escrever ASP 2p v. levar para

‘Meu filho fez esta carta para você, para você levar’.

‘*mũ*’ igualmente aponta a perspectiva Perfectiva da primeira sentença.

Em

(43) *Sa vënhkán ka nĩ ra*

(1p)+ms v. descansar árvore ASP quando

kusã ja ki ag pénũ mũ.

(de manhã) ASP em 3ppl v. atirar ASP

‘Quando eu estava descansando na árvore, (cedo) atiraram neles’

temos duas orações que compõem o período relacionado pela conjunção ‘*ra*’:

1. quando eu estava descansando na (sombra) da árvore e 2. atiraram neles. Na primeira oração há a perspectiva de uma certa ‘duração’. Na segunda oração o verbo pontual ‘atirar’ é que está marcado pela partícula ‘*mũ*’. O evento está dado como já ocorrido ou conclusivo. O problema é que temos um outro aspectual (que veremos depois) ‘*ja*’, que também aponta uma perspectiva de algo já ocorrido, e ambos estão na mesma sentença. Daí nos perguntarmos sobre o porquê do uso dos dois marcadores ‘*ja*’ e ‘*mũ*’ indicando Perfectividade. Adiantando um pouco a discussão, sugiro que ‘*ja*’ tem um escopo na sentença acima em relação ao evento estar estabelecido, ocorrido naquele momento ‘de manhã’, algo como: ‘eu estava descansando e já estava (era) cedo (quando alguma coisa aconteceu)’. Isso pode parecer estranho, pois esse marcador de ‘aspecto’ não está marcando o verbo ou a sentença. A posição dele na oração é algo a ser discutido, mas parece-nos que, nesse caso, a partícula opera com um ‘escopo’ distinto dos “típicos” marcadores de Aspecto.

Uma outra construção, na qual, para o Português teríamos dificuldade de pensar em termos de Perfectividade, seria um exemplo como (44):

- (44) *Sa vāsỹ jēsĩ ag jyjy kinhra kãn*
 (1p)+ms antigamente passarinho 3ppl nome v. conhecer tudo
hãra ũri ne kajatun mũ.
 mas hoje ms não saber ASP

‘Antigamente eu sabia o nome de todos os passarinhos, mas hoje eu não sei mais’.

na qual o evento marcado pelo Aspecto ‘*mũ*’ é “não saber mais (hoje) os nomes dos passarinhos”. Como poderíamos interpretar essa situação em termos de ‘perfectividade’? Entendendo que o “não saber” está apresentado como uma situação já estabelecida (ainda que para ‘hoje’, ou seja, para um Momento de Referência igual ao Momento da Fala).

Ainda, dentre nossas distintas situações, apresento um outro dado:

- (45) *Isa tag ki ěg ga ki jógjó ve ra*
 (1p)+ms este em 1ppl terra em papagaio v. ver marcador de modo
isóg, vỹ inh mỹ há tĩj mũ.
 (1p)+ms ms⁵ 1p para bom v. ir ASP

‘Se eu visse um papagaio na nossa área, seria muito bom para mim’.

Nesse período (45) observamos que ‘*tĩj*’ - ‘verbo ir’, está indicando o Futuro por uma marca morfológica no próprio verbo (no início do Capítulo 6 fizemos considerações sobre os verbos na língua Kaingang). Assim, o Aspectual ‘*mũ*’ está indicando uma perspectiva Perfectiva, ainda que num momento futuro (ou hipotético), no qual o final do evento, ou melhor, seu resultado é vislumbrado e seria isso que responderia pelo seu caráter Perfectivo.

⁵ É aparentemente estranha a construção com a presença dos marcadores de Sujeito assim colocados, mas há essa pronúncia na gravação original e não parece ter sido possível hesitação do falante.

8.2 Ocorrências de ‘ja’

Uma partícula que aparece com frequência nos dados, e da qual já temos falado é ‘ja’. Ela ocorre, como se verá nos exemplos, em situações distintas. ‘Ja’ faz referência a algo já acontecido, que se encerra num momento anterior ao Momento de Referência.

Devido a algumas particularidades em termos de escopo desse marcador, tínhamos, num primeiro momento, levantado duas possibilidades: ele estaria marcando Aspecto ou Tempo. Pensou-se em Tempo, porque ‘ja’ ocorria, em nossos dados de campo, apenas em traduções de sentenças no Passado. Entretanto, no dado apresentado em (46), observamos que o verbo já apresenta uma forma própria de Tempo Passado (‘vyr’), há a presença de um adjunto adverbial explicitando o tempo (‘ontem’) e, apesar de tudo isso, há a presença também de ‘ja’:

- (46) *Rākétá ta vyr ja nỹ.*
ontem (3p)+ms v.ir (pass.) ASP ASP
‘Ele (já) foi ontem’.

mostrando que o marcador ‘ja’ não se confunde com Tempo Passado, que já está explícito por outros recursos na oração.

Dados conseguidos posteriormente mostram que também é possível o uso de ‘ja’ em construções que indicam posterioridade ao Momento da Fala, ou seja, em Tempo Futuro, indicando o evento já concluso naquele momento Futuro:

- (47) *Isỹ ijakré koje ke ja nĩn kỹ, isỹ Paraná ra tĩg mũ.*
(1p)+ms planta ‘v. colher’ mf ASP ASP então (1p)+ms Paraná para v.ir ASP
‘Quando eu tiver colhido minha planta, vou viajar para o Paraná’.

Assim, nossa opção inicial é considerar ‘ja’ como ‘marcador aspectual’. Não podemos deixar de considerar, entretanto, a informação de alguns professores Kaingang, segundo os quais, ‘ja’ é utilizado quando se faz referência a fatos acontecidos que o falante não viu, não atestou pessoalmente, mas soube por alguém. Isso nos coloca novamente a questão do ‘atestado e não-atestado’, que remete a Modo. Seria, o ‘ja’, então, ao mesmo tempo um marcador de Aspecto Perfectivo e de Modo? Trabalhando com essa idéia, essa questão modal seria o que diferenciaria esse marcador ‘ja’, do marcador ‘mũ’, já que ambos

parecem apontar ‘perfectividade’, mas um faria referência a atestado e outro a não-atestado? Não tenho, porém, como avançar essa discussão nesse momento, principalmente por limitações de tempo, já que tive acesso a dados como (47) apenas recentemente e a complexidade da questão exigiria muitas outras verificações. Precisariamos de estudos complementares e de confirmações de algumas construções dadas, pois em algumas, não fica claramente apontado esse uso. Assim, nesta seção apresento esse ‘marcador’ nas várias situações de suas ocorrências, nas quais o identifico como marcador de Aspecto. Outros estudos e as outras considerações sugeridas serão objeto de trabalho posterior.

Vejamos exemplos de ocorrências de ‘*ja*’:

- (48) *Rākétá ti vỹ kaga nỹgnĩ vã*
ontem 3p ms doente ASP (modo)
hãra ũri ti vỹ há ja ser.
mas hoje 3p ms bom ASP então

‘Ele esteve (ficou) doente ontem, mas hoje já está bom’.

Em (48), ‘*ja*’ está apontando para uma ação passada ou já estabelecida em relação ao momento da enunciação que está numa construção de Tempo Presente - ‘hoje ele está bom’. Com o uso de ‘*ja*’ significa dizer que ele ficou bom num momento anterior a esse da fala, aquilo já aconteceu, já é algo que se concretizou ou se estabeleceu num momento passado.

Também em

- (49) *Ka ta ti jo vẽnhvó ja ser.*
então ms 3p antes, na frente v. correr ASP assim

‘Então (ele) correu na frente dele’.

o constituinte que é o escopo da marcação aspectual com o uso de ‘*ja*’ é o sintagma verbal: ‘correr’. A ação (expressa pelo verbo) já aconteceu, levando a uma interpretação de ação passada ou anterior: ‘já correu antes dele (ou seja, do outro)’.

‘*Ja*’ ocorre em muitas construções em que comparecem também outros marcadores aspectuais:

- (50) *Fi ta jun mÿr fi kósin sÿ ta*
 3pf ms v. chegar então 3pf filho pequeno ms
fÿ nÿ ja nÿn.
 v. chorar ASP ASP MP

‘Quando a mulher chegou, o filho dela estava chorando’.

onde temos que o marcador de Aspecto ‘*ja*’ aplica-se à situação de ‘o filho dela estar chorando’, ou seja quando ela (a mulher) chegou, a ação de ‘chorar’ do filho já estava acontecendo. Uma observação a fazer é que as marcas de Aspecto, nesse caso, relacionam-se com todo o período ‘o filho dela estava chorando (deitado)’.

Casos como (48) ou (50) mostram que, com o uso de ‘*ja*’ temos uma situação que se estabeleceu antes do evento de referência, mas que não precisa, necessariamente, ter seu resultado concluído ou mantido. Por exemplo, em (48), o ‘sujeito’ ficou bom antes do momento da fala, mas provavelmente continua bom. Em (50) a menina já estava chorando (no estado de chorar) antes da mãe chegar, mas continuava chorando (no mesmo estado) quando a mãe chegou.

- (51) *Inh ve fi ta vãfy tag han ja nÿ.*
 1p irmã fem ms artesanato este v. fazer ASP ASP

‘Minha irmã fez esse balaio’.

A perspectiva do evento ‘de fazer o balaio, o artesanato’, dada como algo concluído é explicitada pelo uso de ‘*ja*’, ou seja, esse evento já se encerrou. Em (52), abaixo, a situação do falante não conhecer uma aldeia é indicada por ‘*ja*’, como um fato estabelecido antes do Momento da Fala (e, no caso, também uma situação que se encerrou):

- (52) *Inh pi kaingang ag jamã kinhra ja nÿ.*
 1p negação kaingang 3ppl aldeia v. conhecer ASP ASP

‘Eu não conhecia uma aldeia Kaingang’.

Note-se em (53), abaixo, que o marcador de Aspecto ‘*nĩ*’ e o aspectual ‘*ja*’ também estão co-ocorrendo, mas numa ordem, dentro da sentença, diferente da construção (52) acima. A tradução dada continua apontando a perspectiva de ‘perfectividade’:

- (53) *Ũri sa vėnhkán mág ka nĩ ja.*
 hoje ms v. descansar bem então ASP ASP
 ‘Hoje eu (já) estou bem descansado’.

Certamente há diferenças de sentido produzidas pelas diferentes posições de ‘*ja*’ e outros aspectuais, um em relação ao outro. Ainda que não tenhamos podido explicitar essas diferenças com os falantes, podemos sugerir, com base no funcionamento estrutural da língua (dita “com cabeça à direita”), que em (53) o escopo de ‘*ja*’ é toda a oração governada por ‘*nĩ*’, enquanto (46) e (51) apresentam orações em que ‘*nĩ*’ e ‘*nĩ*’ governam orações marcadas, antes, por ‘*ja*’. Para exemplificar, diríamos que em (46) o foco é no momento em que a “ida dele” já estava realizada, portanto, no ‘estado’ de sua ausência. Em (53) a referência é o Momento da Fala, e se indica, com ‘*ja*’, que antes desse momento já se estabelecera a situação de “bem descansado”, do falante.

Mais alguns exemplos:

- (54) *Isa tó ja ta ki hã ti vỹ ter ja nĩ.*
 (1p)+ms v. falar ASP este em então 3p ms v. morrer ASP ASP
 ‘Eu estava conversando com ele, então ele morreu’.

- (55) *Ũn sĩ ti vỹ jėsĩ kãgra han ja nĩ.*
 algum pequeno 3p ms passarinho v. desenhar v. fazer ASP ASP
 ‘Um menino desenhou um passarinho’.

(56) *Ti ta ter vānh ki ta ter ja nĩg.*

3p ms v. morrer não querer em ms v. morrer ASP ASP

‘Ele não queria morrer mas ele morreu’.

Nesta sentença, significa dizer que apesar ‘dele não querer’, o fato já aconteceu, já está estabelecido: ‘ele já morreu’

(57) *Ti ter ja nĩn hāra inh pi vég mũ.*

3p v. morrer ASP ASP mas 1p negação v. ver ASP

‘Ele morreu, mas eu não vi’.

Nesse dado (57) poderíamos pensar na questão do fato já ter ocorrido, se encerrado, ou seja, ele já morreu, mas como eu não vi, há o uso desse marcador ‘*ja*’ na primeira sentença (como sugerido por alguns professores Kaingang).

(58) *Fi goj kamēg ja nĩn.*

3p água (rio) ter medo ASP ASP

‘Ela estava com medo do rio’.

(59) *Inh kósin ta vyr ja nĩn.*

1p filho ms v. ir (pass) ASP ASP

‘Meu filho (já) saiu’.

O dado seguinte, porém, nos traz um problema apontado no início deste item, sobre certas particularidades em relação ao escopo de ‘*ja*’. Vejamos:

(60) *Ũri sa inh rānhrāj ja tá kātĩg ta inh ro tavĩ tĩ.*

hoje 1^ap+ms 1p trabalho ASP lá v.vir por 1p cansado muito ASP

‘Hoje eu vim do meu trabalho, estou muito cansado’. ou

‘Estou muito cansado por (que), hoje eu vim lá do meu trabalho’.

Como se pode ver, em (60), ‘*ja*’ não está depois do verbo, não parece um marcador verbal: o seu ‘escopo’ parece ser o sintagma nominal ‘meu trabalho’. Sugere que ‘o meu trabalho é uma ação passada, um evento já acontecido’.

E, ainda, um outro dado trazido pelo prof. Wilmar D'Angelis de um curso com professores Kaingang, que ocorreu em dezembro de 2006 no RS, e que apresenta muitas dúvidas de interpretação e que precisa ser melhor investigado:

(61) *Vajkỹ isỹ vënh rãhrãj tag kãn ja nĩj mũ.*
 amanhã (1p)+ms de alguém trabalho este v. terminar ASP ASP ASP

que é uma construção para a sentença proposta: 'Amanhã vou ter acabado esse trabalho'. Há uma informação lexical no verbo 'kãn' ('acabar'), enquanto 'ja' indica uma ação / evento estabelecido, uma situação estabelecida. O que temos que indagar é sobre a presença do 'mũ' ocorrendo também. E, neste caso, como interpretar os marcadores?

Por fim, retomamos um caso 'típico' com a presença de 'ja':

(62) *Ta ta kutã nỹ ra inh panh vỹ jun ja nĩ.*
 chuva ms v. cair MP quando 1p pai ms v. chegar ASP ASP

'Quando estava chovendo meu pai já tinha chegado'.

no qual há a idéia de uma ação anteriormente estabelecida: 'meu pai já tinha chegado, antes, de (começar a) chover'.

8.3 Ocorrências de 'ma' ⁶

A partícula 'ma' aparece nos dados de campo, formalmente falando, na mesma posição que ocuparia um marcador aspectual (de origem verbal) no Kaingang, ou seja, normalmente após o verbo e em posição final (podendo ou não ser anteposto ou posposto por um indicador de Modo). Uma condição especial, a ocorrência de esse marcador aparecer principalmente em Tempo Futuro, nos fez, num primeiro momento, indagar sobre a possibilidade dele estar indicando Tempo, e não Aspecto, mas a verificação dos dados mostra que há co-ocorrência dessa partícula com 'marca de Tempo Futuro', como podemos ver abaixo:

⁶ Lembrando que essa é a forma ortográfica, cuja pronúncia é [m̃ba].

(63) *Vajkỹ ja inh rãnhrāj tag*
 amanhã ASP 1p trabalho este
ta tũ kej ma.
 ms terminado marca de futuro ASP

‘Amanhã este meu trabalho (já) vai estar terminado’.

Cabem, porém, algumas observações:

i. a frequência dessa partícula nos dados em relação aos outros marcadores encontrados é relativamente pequena;

ii. sua utilização não dependeu, numa análise preliminar, de fatores como idade ou sexo dos falantes: ela foi utilizada por falantes de aldeias diferentes, de ambos os sexos e diferentes idades.

iii. apesar da co-ocorrência com uma marca de Tempo Futuro, temos claro que, com o número relativamente pequeno de suas ocorrências, precisaríamos ter uma ampliação desse estudo e dos dados para conclusões mais seguras.

iv. uma informação dada por professores Kaingang do RS, posterior à coleta de dados de campo, sugere que ‘*ma*’ dá um “sentido de não certeza do resultado”. Tal informação, que indica uma interpretação de ‘*ma*’ também como expressão de Modo, poderia ser um diferencial em relação a seu uso em lugar de outro marcador, como por exemplo, ‘*mũ*’ (já que ambos parecem vislumbrar o ponto final do evento, que não precisa estar necessariamente conclusivo, mas vir expresso com essa intenção). É outra questão apontada para verificação.

De qualquer forma, neste momento, apesar das ressalvas acima colocadas, estaremos sugerindo inicialmente a hipótese de que a partícula ‘*ma*’ está sendo usada como marcador de Aspecto.

Vejamos alguns dados para uma possível discussão:

(64) *Vajkỹ ta kutēm mág han ma.*
 amanhã chuva v. cair grande v. fazer ASP

‘Amanhã vai chover bastante’.

Na sentença acima, a tradução dada pela minha auxiliar de transcrição, uma professora Kaingang de Votouro (Nilce Cardoso), aponta que o sentido que está sendo dado pelo marcador ‘*ma*’ é que “naquele momento futuro, ‘amanhã’, o evento de ‘chover (bastante)’ já vai acontecer”. O evento estará circunscrito a esse ‘amanhã’, é algo iminente, mas possivelmente considerando o ponto final do evento ou seu término.

Em outras duas situações talvez possamos também inferir essa acepção:

(65) *Vajkỹ ta lua cheia nỹj ma.*

amanhã ms lua cheia ASP ASP

‘Amanhã vai ser lua cheia’.

(66) *Pi vajkỹ kysã nỹj ma.*

negação amanhã lua ASP ASP

‘Amanhã não tem lua’.

nelas podemos entender que, quando o falante diz - ‘vai ser lua cheia amanhã’ fazendo uso da partícula ‘*ma*’, pode querer estar dizendo que naquele momento ‘futuro’, essa ‘fase’ da lua já vai estar consolidada, já vai estar completada, ou seja, ele não está fazendo referência às etapas que a lua passa, por exemplo, de crescente a cheia; mas considerando o resultado final do evento mostrado, que é quando o processo se completa: naquele dia ‘a lua já está cheia’. Da mesma forma quando ele faz a negação, significaria dizer que o fato de ‘não ter lua’ já seria uma situação estabelecida, já dada, para o dia de amanhã, tendo uma perspectiva ‘perfectiva’, portanto, ao considerar o ponto final do evento.

Se pensarmos, porém, que ‘*ma*’ e ‘*mũ*’ não podem produzir exatamente o mesmo efeito de sentido, estando ambos em uma perspectiva de Perfectividade, talvez possamos sugerir a hipótese de que, enquanto ‘*mũ*’ é conclusivo, ou resultativo, ‘*ma*’ apresenta a situação em um estado que, estando estabelecido, não está concluído. Assim, em (65), ‘amanhã vai ser lua cheia’ (ou seja: ‘amanhã (já) será lua cheia’), não podemos falar em ‘fim’, pois como sabemos, uma fase lunar dura 6 ou 7 dias. O mesmo vale, portanto, para (66). Em (64) teríamos que pensar, nesse caso, que o falante prevê o início da chuvarada, mas não arrisca nada sobre sua conclusão.

Note-se, ainda, que essa interpretação é coerente com a idéia de professores Kaingang (já referida) de que ‘*ma*’ não dá “certeza do resultado”. Melhor seria: não fala sobre o fim do processo.

Assim também em (67):

(67) *Vajkỹ tag mĩ inh rãnrãj ta kar ma.*

amanhã este dentro 1p trabalho ms v. terminar ASP

‘Amanhã ficará pronto (vai terminar) meu trabalho aqui’.

que significa que o ‘finalizar’, o ‘término do trabalho’ estará se dando ao longo desse momento (‘de amanhã’). Ou seja, isso já vai acontecer. Ele (o falante) não está fazendo referência ao Tempo ‘amanhã’, mas à ‘conclusão’ do seu trabalho que já terá ocorrido e ‘terminar o trabalho’ tem uma perspectiva de ‘fim’, carregada semanticamente no próprio verbo.

Ainda outros dois exemplos:

(68) *kysã kãtĩ ěn kã ta kutẽ mág ma.*

mês v.vir naquele dentro chuva v. cair bastante ASP

‘O mês que vem vai cair bastante chuva’.

(69) *Kanhgág ěn fi ta vajkỹ fi vãfy*

índio aquele fem ms amanhã 3pf artesanato

vẽneme kej tĩg ma, cidade tá.

v. vender mf v. andar ASP cidade lá

‘Aquele índia amanhã vai vender seu artesanato na cidade’.

Parece, de qualquer maneira, prematura uma consideração mais definitiva sobre essa partícula, mas nesse primeiro momento a proposta de que ela considera um evento em relação a seu ponto final, ainda que num momento posterior, pode ser uma hipótese plausível. Como já citado, a ampliação do ‘*corpus*’ e a verificação dos marcadores em contextos discursivos pode nos ajudar melhor a evidenciar o valor funcional dessa partícula e isso será feito posteriormente.

8.4 Ocorrências de ‘tĩ’

A partícula ‘tĩ’ (derivada do verbo ‘ir’ - singular), na função de marcador aspectual parece estar ligada principalmente à representação de habitualidade. Habitual será entendido aqui como a ocorrência repetida de um evento durante um certo período de tempo, sendo que essa repetição é tomada como uma característica inerente desse período de tempo. Como veremos nas exemplificações abaixo, ela não se confunde com iteratividade.

Na sentença:

(70) *Inh panh ta kusã ki jun tĩ, ti ãn ki.*

1p pai ms cedo em v.chegar ASP 3p casa em

‘Meu pai sempre chegava cedo na casa dele’.

a tradução apresentada, caracterizada por um predicado não-durativo (‘chegar’) com um adjunto durativo (‘sempre’), apresenta o evento sob o ponto de vista no qual ele se repete nesse dado período de tempo, mas essa repetição não significa iteratividade, não é o evento que é intrinsecamente recorrente, mas sua própria ocorrência. É, pois, um evento veiculado sob o Aspecto Imperfectivo Habitual.

Em outras sentenças que sugerem habitualidade também há a ocorrência do marcador aspectual ‘tĩ’:

(71) *Kyrũ vỹ prỹg kar mĩ ti panh mỹ ěpã han tĩ.*

rapaz ms ano todo ‘em’⁷ 3p pai para roça v.fazer ASP

‘O rapaz fazia roça para o pai dele todos os anos’.

(72) *Inh kósin vỹ papé ki vẽnhrán tĩ prỹg kar mĩ.*

1p filho ms papel em v. escrever ASP ano todo ‘em’

‘Meu filho escrevia carta todo ano’.

(73) *Inh régre fi vỹ vãfy hyn-han tĩ kurã kar ki.*

1p irmã fem ms artesanato v. fazer ASP dia todo em

‘Minha irmã fazia balaio (artesanato) todo dia’.

⁷ “Mĩ” indica uma situação ‘interior a algo’, mas em movimento; numa referência temporal, indica ‘ao longo de determinado tempo’.

Note-se que neste dado (73) há expressão da multiplicidade da ação na forma do verbo ‘*hyn-han*’ (fazer vários) e habitualidade com o uso do marcador aspectual ‘*tĩ*’.

(74) *Inh régre fĩ ta kre hyn-han tĩ*
 1p irmão fem ms balaio v.fazer ASP
fĩ vêne ke jé.
 3pf v.vender marca de futuro para

‘Minha irmã fazia balaios para (ela) vender’. Também seria possível a tradução: ‘Minha irmã faz balaios para vender’, que mantém a noção de habitualidade.

(75) *Rãgró krãn ěg tóg tĩ, prÿg kar mĩ.*
 feijão v.plantar 1ppl ms ASP ano todo ‘em’
 ‘Nós ‘plantava’ feijão todo ano’.

(76) *Vãsÿ kanhgág fag ta fag krẽ génh tĩ,*
 antigamente índio 3pfpl ms 3pfpl filho dar a luz ASP
fag ãn ki.
 3pfpl casa em

‘Antigamente as índias davam a luz (tinham filhos) em casa’.

Na sentença (76) acima, a interpretação reiterativa justifica o uso do Imperfeito.

Também as construções que se seguem apontam para ‘*tĩ*’ sendo utilizado numa perspectiva Imperfectiva Habitual:

(77) *Kanhgág si ag ěmĩn han tĩ governo mÿ.*
 índio antigo 3ppl estrada v. fazer ASP governo para
 ‘Os índios antigos abriram muitas estradas para o governo’.

(78) *Ěg krẽ ta merenda ko tĩ, escola ki.*
 1ppl filho ms merenda v. comer ASP escola em
 ‘Nossos filhos comem a merenda na escola’.

(79) *Sa kãgunh mǎg mÿr inh pi kron tĩ.*
 (1p)+ms erva v. comprar mas 1p ms v. beber ASP
 ‘Eu comprei (uma) erva, mas eu não tomo (chimarrão)’.

Na sentença:

(80) *Kanhgág si ag ta ka ta pĩ han tĩ.*
 índio antigo 3ppl ms ‘pau’ com fogo v. fazer ASP
 ‘Os antigos sabiam fazer (faziam) fogo com ‘pauzinhos’’.

o evento é representado com o uso do marcador ‘tĩ’ sob um ponto de vista no qual ele se repete: o evento de ‘fazer fogo’, num determinado período de tempo ‘os antigos, ‘naquela época deles...’. O mesmo vale para ‘abrir estradas’ pelos antigos índios (em 77), comer merenda (todos os dias) pelas crianças na escola (em 78) ou não ter o hábito de tomar chimarrão (em 79, onde também se pode ler em negativo: ter o hábito de não tomar chimarrão).

(81) *Kanhgág kófa ag ta ãprã nĩgnĩg tĩ.*
 índio velho 3ppl ms chão v. sentar ASP
 ‘Os índios velhos gostavam de sentar no chão’.

Note-se que em (81) não há uma indicação lexical de ‘gostar’, mas o que dá a idéia de algo que é recorrente, habitual, é o uso do marcador ‘tĩ’.

(82) *Kanhgág ag ta ùri ag kri nĩgnĩj fã kri nĩgnĩ tĩ.*
 índio 3ppl ms hoje 3ppl em cima cadeira em cima v. sentar ASP
 ‘Hoje os índios usam cadeira’.

(83) *Inh kósin ta kusã mĩ rãnhràj tĩ.*
 1p filho ms dia ‘em’ v. trabalhar ASP
 ‘Meu filho trabalha todos os dias’.

Na sentença (83) não é uma quantidade determinada da ocorrência do evento em questão (‘trabalhar’), mas o evento ocorrendo repetidamente nesse período é que podemos

traduzir por habitualidade. Não há, inclusive, uma indicação lexical para “todos”; ela é deduzida, justamente, do emprego do habitual ‘*tĩ*’.

Outras construções em que há o uso de ‘*tĩ*’ sugerem que esse marcador aspectual pode estar sendo usado para indicar o evento ocorrendo no momento que coincide com o Momento da Fala (ainda que mantenha, nos parece, em alguns dos exemplos, a idéia de algo acontecendo habitualmente), como verificamos nesses dados abaixo:

(84) *Ũri ta kysẽ tũ tĩ.*
hoje ms lua inexistente ASP
‘Hoje não tem lua’ (logo: ‘Hoje é lua nova’).

(85) *Êg gan mĩ fág ta tũ tavĩ tĩ.*
1ppl terra dentro pinheiro ms inexistente muito ASP
‘Na nossa área quase não tem mais pinheiro’.

No dado (85), dizer ‘na nossa área quase não tem mais pinheiro’ remete aos dias atuais; nesse momento em que eu estou falando, isso está posto; mas também pode estar indicando que a situação hoje de ‘não ter muitos pinheiros’ é uma situação habitual ou que perdura.

(86) *Nonoai tỹ fág ta e tavĩ tĩ.*
Nonoai ms pinheiro ms bastante muito ASP
‘Em Nonoai tem muitos pinheiros’.

(87) *Ũri ta inh rón tavĩ tĩ.*
hoje ms 1p cansado muito ASP
‘Hoje eu estou bem cansado’.

(88) *Isa kukrej koj há tóg tĩ.*
 (1p)+ms kukrej ter vontade ms ASP

‘Eu queria experimentar o kukrej’. (Uma outra tradução possível: ‘Eu quero experimentar o kukrej’ (um tipo de ‘fruta’)).

(89) *Kanhgág ta ti ãpỹ tá rãnhřáj tĩ.*
 índio ms 3p roça lá v. trabalhar ASP

‘O índio está trabalhando (trabalha) na roça dele’.

O aspecto habitual pode funcionar, também, num nível onde há um macro evento, um quadro temporal mais amplo, por exemplo:

(90) *Kusã kar mĩ inh nin tóg kaga tĩ.*
 dia todo em 1p costas ms doente ASP

‘Durante todo o dia eu senti dores nas costas’ (ou ‘Minhas costas estiveram doendo o dia todo’).

no qual a ‘dor nas costas’ é que se repete durante todo o dia (o macro evento).

Em algumas circunstâncias, o uso do marcador ‘*tĩ*’ parece estar sendo usado em situações que indicam um evento Imperfectivo Progressivo ou mesmo Contínuo:

(91) *Kasor vỹ ěmĩn jagma věnhvãg tĩ.*
 cachorro ms estrada ao longo v. correr ASP

Uma formulação dada, pelo mesmo falante, tanto para uma sentença proposta (em Português): ‘O cachorro está correndo na estrada’, quanto para outra proposição: ‘O cachorro continua correndo na estrada’. Esta última, contextualizada numa situação em que um caminhão passou na estrada, já foi embora, mas o cachorro ainda continua correndo.

O Aspecto Imperfectivo Contínuo apresenta afinidades com o Progressivo, porque também é indeterminado quanto à continuação do evento e também tem afinidade com habitualidade, pois também é indeterminado quanto ao número de repetições do evento. Ele pode ser realizado, em Português, através da perífrase ‘continuar + gerúndio’, como na tradução da segunda sentença proposta exemplificada acima em (91). Porém nos parece que o número de dados para essa verificação é insuficiente, precisando ser ampliado para podermos mostrar tais ocorrências.

Da mesma forma temos dúvidas se há essa idéia de progressão ou de continuidade no dado abaixo:

- (92) *Inh kasor ta se kãgmĩ kren*
 1p cachorro ms quati v. pegar quase
hãra ta ver kãgmĩ sór tĩ.
 mas ms ainda v. pegar v.querer ASP

‘Meu cachorro quase pegou o quati, e ainda está querendo pegar’ (a frase solicitada, em Português, era: ‘Meu cachorro tentou pegar o quati e ele ainda está tentando’).

Observou-se também nos dados do ‘corpus’ (como já sinalizado anteriormente) que pode parecer redundante, ao falante, o uso concomitante da expressão ‘*kamã*’ (algo que se faz sempre, costumeiramente, que gosta de fazer), com o marcador aspectual ‘*tĩ*’. Na maioria das vezes, nas construções dadas, essa co-ocorrência foi evitada. Podemos ver isso, por exemplo, nos pares mínimos (93, 94) abaixo:

- (93) *Inh panh ta kusã ki jun tĩ, ti ãn ki.*
 1p pai ms cedo em v.chegar ASP 3p casa em

‘Meu pai sempre chegava cedo na casa dele’.

- (94) *Inh panh ta kusã ki ãn ki jun kamã nĩg.*
 1p pai ms cedo em casa em v. chegar faz sempre/ costuma ASP

‘Meu pai sempre chegava cedo em casa’.

Cabe o registro ainda de ocorrências do plural de ‘*tĩ*’ que é ‘*nỹtĩ*’ também com idéia de repetição:

- (95) *Gĩr ag ta tỹgtỹnh nỹtĩ.*
 criança 3ppl ms v.cantar ASP

‘As crianças estão cantando’.

Em (95) ‘cantar’ é um predicado de ação, o que permite pensarmos na idéia de repetição, mas a multiplicidade da ação (cantar um ‘monte de vezes’) parece estar dada pelo uso do verbo reduplicado (‘*tỹgtỹnh*’) e o uso do marcador ‘*nỹtĩ*’ poderia, então, estar

localizando o evento ocorrendo no Momento da Fala, se repetindo. Também poderíamos ter somente a interpretação de que ‘as crianças cantam’ (por costume).

Porém não se verifica essa idéia de repetição em (96), abaixo, no qual o predicado é de ‘estado’ e, portanto, tem uma interpretação durativa:

- (96) *Inh nĩg  féj ta tigt j tavĩ nĩtĩ.*
1p dedos ms compridos muito ASP
‘Meus dedos são bem compridos’.

8.5 Ocorrências de ‘nĩ’

Há um conjunto de dados, nos quais ocorre o marcador ‘nĩ’, em que as sentenças não indicam ou apontam para um fim ou uma meta, caracterizando eventos atélicos. A predicac o   formada com verbos que descrevem ‘estados’ e há uma certa ‘dura o nesse estado’. Em contrapartida, obtivemos, também, um conjunto de dados onde o marcador ‘nĩ’ aparece co-ocorrendo com o marcador ‘ja’ ou com adjuntos adverbiais, como ‘ontem’, em constru es que apontam situa es télicas, ou que possuem uma meta.

Para a sentença:

- (97) ‘Meu marido   magro’.

Obtivemos a seguinte constru o em Kaingang:

- (98) *Inh m n vĩ kyjo nĩ.*
1p marido ms magro ASP

No dado acima o predicado ‘ser magro’ diz respeito a um processo durativo, não-resultativo, estativo. Porém a idéia de que esse fato seja não-permanente (em outras palavras, pode ser mudado)   uma boa possibilidade.

Da mesma forma em

- (99) *Inh ve  gno fi ta fi pir nĩ ver.*
1p irmã caçula fem ms 3p sozinha ASP ainda
‘Minha irmã mais nova   solteira (ainda)’.

temos a expressão de um estado passível de mudança, e uma mudança desejável, nos termos da cultura indígena. Note-se que em (99) há o uso de ‘ainda’, já colocando a possibilidade dela (a irmã) vir a se casar.

Em outro dado:

(100) *Ag ta ti ta pã'i han sór mÿr ta ke tũ nĩ.*

3ppl ms 3p ms cacique v. fazer v. querer mas (3p)+ms v. fazer sem ASP

Ka ta cacique tũ nĩ.

Então ms cacique sem ASP

‘Eles quiseram fazer ele cacique, mas não fizeram. Então não têm cacique’.

igualmente vemos a afirmação sobre um estado cuja mudança é desejável, em termos indígenas. Logo, é outro caso de expressão de uma situação ou estado de não-permanência.

Obtivemos também sentenças comparativas, que se seguem, apresentadas de (101) a (103). Nos perguntamos se, apesar da primeira impressão, a elas também se aplicaria a noção de ‘possibilidade de mudança’ que apontamos acima.

(101) *Inh mén ta inh si há kãfór nĩ.*

1p marido ms 1p velho bem mais ASP

‘Meu marido é mais velho do que eu’.

(102) *Kysẽ vÿ krīg ag mág kãfór saj nĩ.*

lua ms estrela 3ppl grande maior MP ASP

‘A lua é bem maior que as estrelas’.

(103) *Rÿjgy tavĩ nĩ hã pi kysẽ rÿ rike nĩ.*

muito quente muito ASP assim ms lua quente igual ASP

‘O sol está muito quente, a lua não é tão quente igual’.

Em (101), na hipótese do marido (que é mais velho) vir a falecer e a ex-esposa casar-se novamente com alguém mais jovem, o estado estabelecido anteriormente não é mais permanente, mudou. Mas sequer precisamos pensar em viuvez, quando sabemos que entre os Kaingang as uniões não têm caráter indissolúvel. Ao contrário, a literatura etnográfica e antropológica, e a convivência indigenista nos dias atuais, confirmam que é

comum, sobretudo, as mulheres deixarem os maridos, se estes deixam de agradá-las (W. D'Angelis - comunicação pessoal). Daí que, em (101), o sentido efetivo é algo como: “Esse meu marido é mais velho do que eu”, situação claramente possível de mudança no contexto da cultura Kaingang.

Olhando para (102), vemos que o falante faz uso de um ‘marcador de posição’ para evidenciar que a ‘lua’ é maior que as ‘estrelas que estão penduradas’. ‘*Nĩ*’ está evidenciando essa situação enquanto a ‘lua está pendurada’, nesse tempo que está durando essa situação, mas que é não-permanente, no seu modo de ver, já que em um dia em que, por exemplo, pelo ciclo da lua, esta não esteja aparecendo no céu, poderia haver a possibilidade de que o falante pudesse expressar isso de forma diferente.

Assim também, quando diz que ‘o sol está muito quente assim (agora)’ (na primeira oração do período em (103)), o emprego de ‘*nĩ*’ implica que esta situação possa ser mudada, ele pode pensar que ao anoitecer, por exemplo, pela movimentação da Terra, o sol não estará incidindo diretamente e ‘parece’ que ‘o sol não está quente’ durante esse período da noite. Ou, ainda, que nuvens possam surgir e o sol não parecerá ‘tão quente’. É uma possibilidade especulatória, mas que só se confirmaria numa outra discussão.

De qualquer forma, gostaríamos de chamar a atenção para o fato da possibilidade indicada no marcador de Aspecto ‘*nĩ*’, desses ‘estados’ poderem ser mudados de alguma forma, ainda que tenham uma certa duração, mas não são permanentes.

Os dados apresentados com ‘*nĩ*’ até aqui, exemplificam situações atélicas (em termos de Acionalidade) e Imperfectivas (em termos aspectuais). Como vimos, apresentam predicados durativos, estativos, não-permanentes. Há, entretanto, outros dados com a ocorrência de ‘*nĩ*’, que expressam situações com perspectivas télicas: visam um fim que o evento traz em si, um objetivo a alcançar, uma meta a se atingir; e, no caso, em termos aspectuais, apontam Perfectividade⁸.

⁸ Lembremos que Bertinetto (2000) em ‘*On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: The Perfective = Telic Confusion*’, defende que apesar de que Acionalidade e Aspecto devam ser considerados como sendo independentes, eles interagem. Mas essa interação é amenizada por uma gama de comportamentos previsíveis que podem ser entendidos em base de suas propriedades predicativas. Assim, ele aponta que, não necessariamente, um verbo na perspectiva aspectual Perfectiva expresse eventos télicos (e vice-versa).

Em termos de situações télicas, podemos exemplificar (104) e (105),

(104) *Kófa fi ta kamé rán ja nĩ.*
velho fem ms kamé riscar ASP ASP
'A velha marcou (riscou no rosto) os Kamé'.

(105) *Kajãr pênũ ja ta nĩ.*
macaco v. atirar ASP (3p)+ms ASP
'Ele (o índio) atirou no macaco'.

que veiculam eventos télicos.

Se o falante quisesse dizer (em (105)) que ele atirou flecha em direção ao macaco, sem dizer que acertou, usaria “*kajãr to*”, por exemplo. Mas “*kajãr pênũ*” é flechar o macaco, ou seja, rigorosamente a tradução é mais próxima de: ‘Ele flechou o macaco’ (Wilmar D’Angelis - comunicação pessoal).

Avancemos um pouco na discussão que se segue.

O dado (105) é um evento télico e não-durativo. Os verbos que indicam eventos não-durativos não permitem construções ‘durante / por X tempo’, ou se permitirem, a interpretação do adjunto temporal é diferente daquela nos eventos durativos.

Uma proposta, em (105), é, então, que o marcador ‘*nĩ*’ está expressando um evento ‘não-durativo transformativo’, que possui a característica de ser télico (compatível com adjuntos “em X tempo”) e possui uma fase preparatória que se refere justamente aos eventos que precedem o evento télico pontual, e que conduzem até a culminação do evento pontual. No caso, os sub-eventos que compõem sua fase preparatória poderiam ser, por exemplo: “sair para caçar”, “preparar a flecha”, “esticar o arco”, etc. Podemos pensar que, desse modo, é possível dizer: ‘ele flechou o macaco em 45 minutos’; que não é o tempo que durou o evento, mas sim os sub-eventos que compõem sua fase preparatória: o evento flechar não demorou 45 minutos, mas levou 45 minutos para acontecer.

Talvez devêssemos pensar que aqui a questão que se coloca, em relação ao marcador ‘*nĩ*’, está mais ligada a evidenciar a propriedade acional desses predicados do que numa distinção aspectual propriamente dita entre Perfectividade e Imperfectividade. Lembro, entretanto, mais uma vez, que são somente hipóteses iniciais.

Aponto também que não conseguimos satisfatoriamente discutir, por ora, se há ‘níveis ou graus’ no uso desses marcadores, ou dizendo de outra forma, se alguns são usados em situações mais (ou menos) permanentes que outras (pelo menos em eventos que veiculam ‘duração’).

Como veremos na seção a seguir, para algumas frases pedidas em Português para as quais alguns falantes produziram construções em Kaingang com o uso de ‘*nĩ*’, outros falantes preferiram uma fórmula com o uso de ‘*jẽ*’.

8.6 Ocorrências de ‘*jẽ*’

‘*Jẽ*’ (‘*jẽn*’), forma derivada do verbo ‘estar em pé’, ocorre em dados como:

(106) *Inh régre ta guarani fi mré jẽ.*

1p irmão ms guarani fem com ASP

‘Meu irmão está casado com uma Guarani’.

(107) *Inh ve êgno fi ta mén tũ jẽ.*

1p irmã caçula fem ms marido sem ASP

‘Minha irmã mais nova é solteira’.

(108) *Inh mén ta kyjo jẽ.*

1p marido ms magro ASP

‘Meu marido é magro’.

O que nos interessa notar, nesses casos acima, é que, como pode ser facilmente constatado, tais orações já apareceram anteriormente, com a mesma tradução dada, apenas diferenciando o uso do marcador aspectual. Nessas construções, então, podemos ter o uso de ‘*jẽ*’ ou de ‘*nĩ*’.

Da mesma forma, como já fizemos no item anterior, podemos estender a idéia, para esses dados (106) a (108), por serem as mesmas situações, que são passíveis de mudança. A

questão que se coloca, então, é qual a diferença de sentido entre o uso desses dois diferentes marcadores ‘*jẽ*’ e ‘*nĩ*’, em sentenças com a mesma tradução em Português?

Apontamos acima que talvez possa haver diferença de ‘graus’ ou ‘níveis’ de estabilidade, ou dito com outras palavras, com possibilidade de serem mais ou menos ‘transitórios’ ou ‘permanentes’. Se pensarmos que ‘*jẽ*’, é derivado de ‘estar em pé’, pode-se levantar uma suspeita que essa ‘posição’ é menos estável que ‘estar sentado’(‘*nĩ*’). Se analogamente, o uso desse marcador sugerir essa idéia, essas sentenças (106) a (108) significariam que o falante está colocando a possibilidade de maior chance de mudança quando emprega o marcador ‘*jẽ*’. No momento, são apenas especulações que dependem da ampliação desses estudos para outras considerações.

8.7 Ocorrências de ‘*nỹ*’

No ‘*corpus*’ há também um bom número de dados em que se observa a partícula ‘*nỹ*’, derivada do verbo “deitar”.

Seguem-se alguns destes dados e também um possível ‘olhar’ sobre seu uso:

(109) *Rãkétá nỹ*.

tarde ASP

‘É tarde!’

(110) *Rãké nỹ na*.

tarde ASP modal

‘Já é tarde!’

(111) *Kanhkã tóg krīg nỹ*.

céu ms estrela ASP

‘O tempo (céu) está estrelado’

(112) *Ragro tag vỹ jãjgy nỹ*.

faca esta ms afiada ASP

‘Esta faca está afiada’.

(113) *Kysã ne ãri kurã nỹ.*
lua ms hoje brilhante ASP
'A lua está brilhante'.

O que observamos acima é que também os dados obtidos com o uso de 'nỹ' são predicados com verbos estativos e, novamente, nos perguntamos qual a explicação para seu uso nessas sentenças. A idéia que ainda persiste é que talvez haja a possibilidade de distinguirmos dois 'tipos' de 'estativos', um dos quais pode ser mais 'permanente' ou 'mais estável' do que o outro.

Lembrando que 'nỹ' é derivado de 'deitar', poderíamos, talvez, propor que essa 'posição' seria mais estável do que 'em pé' ou 'sentado'. O problema é que olhando para esses dados (109) a (113), nessa perspectiva, e ainda considerando que o enquadramento de uma classe acional pode ser influenciado por fatores não diretamente ligados ao verbo, notamos que nesses exemplos parece haver a idéia desses eventos serem menos estáveis, por causa das características de suas 'qualidades' presentes na predicação e que estão sendo levadas em consideração pelo falante quando da escolha do marcador que será usado. Assim, as qualidades apontadas - 'o brilho' da lua; o céu estar 'cheio de estrelas'; a fãca ter essa característica ou qualidade de 'estar afiada'; a qualidade de 'estar tarde'; podem ser menos estáveis ou permanentes e, portanto, com maior probabilidade de serem mais rapidamente 'mudadas' (com um período de duração menor) que as situações colocadas nas sentenças com o uso do marcador 'nĩ', por exemplo. A lua pode estar muito brilhante no início ou no meio da noite, mas isso se reverte logo com os primeiros raios de sol; assim como o céu estar estrelado é tão fugaz quanto o brilho da lua, inclusive porque nuvens podem encobri-los e o 'tempo já muda'.

Essa talvez seja uma possibilidade interessante de investigação em um caminho de ampliação da pesquisa e dos dados.

8.8 Uma tentativa de síntese

Como pudemos observar, a língua Kaingang faz distinção aspectual entre Perfectividade e Imperfectividade.

Embora não tenhamos, pelo que já foi exposto, um quadro conclusivo e olhando apenas para a expressão de Aspecto, pode-se dizer que os marcadores de Aspecto encontrados e que apontam perspectivas Perfectivas (considerando-se ‘perfectividade’ como apresentando o evento com a consideração de seu ponto final ou a perspectiva de sua conclusão), são:

a) ‘*mũ*’ - que enquanto verbo nuclear pode ser traduzido no Português como ‘ir’ (plural). Mesmo que possa ocorrer em construções que expressem posterioridade ao Momento da Fala, a perspectiva na qual o final do evento é vislumbrado é o que responde pelo seu caráter Perfectivo.

b) ‘*ja*’ - usado em construções nas quais o fato ou o evento já se estabeleceu ou já se encerrou num momento anterior.

c) ‘*ma*’ - pela sua condição especial de ocorrência, utilizado principalmente em construções em que o Momento de Referência é posterior ao Momento da Fala (um Tempo Futuro, portanto), pensou-se inicialmente que poderia ser um marcador temporal, mas encontramos exemplos em que há marca de Tempo Futuro e ‘*ma*’ co-ocorrendo. Sua freqüência nos dados é relativamente pequena e nas construções onde aparece, o vislumbre do ponto final é o que responde pelo seu caráter Perfectivo.

Alguns professores Kaingang acrescentam que o marcador ‘*ja*’ é usado para fatos ocorridos, mas que o falante não atestou, soube por alguém. Neste caso, estaríamos falando mais propriamente de Modo. Ainda há outra informação, no momento ainda também sem outras considerações mais definitivas, que com a utilização de ‘*ja*’, há menos certeza do ‘resultado’ do que com a utilização de ‘*mũ*’. Há necessidade, portanto, de outras investigações contextuais para maiores esclarecimentos.

Em perspectivas Imperfectivas há a utilização do marcador aspectual ‘*it*’, que parece estar ligado principalmente à representação de ‘habitualidade’. E habitual aqui não se confunde com iteratividade.

Há ainda um conjunto de marcadores aspectuais que parecem não evidenciar prioritariamente as perspectivas de ‘perfectividade’ ou ‘imperfectividade’, pois ocorrem em ambas as construções. Nesse conjunto de marcadores temos i) ‘*nĩ*’; ii) ‘*jẽ*’; iii) ‘*nỹ*’.

‘*Nĩ*’ é utilizado para eventos durativos, estativos, não-permanentes e em eventos não-durativos transformativos. No caso de eventos durativos, chamamos a atenção para o fato da possibilidade indicada no marcador de Aspecto ‘*nĩ*’, desses estados poderem ser mudados de alguma forma, ainda que tenham certa duração.

‘*Jẽ*’ e ‘*nỹ*’ também ocorrem em situações passíveis de mudança.

Esse conjunto de marcadores parece pois, evidenciar uma propriedade acional dos predicados. Provavelmente há graus ou níveis para se expressar esses estados durativos mas não-permanentes ou, em outras palavras, mais ou menos passíveis de mudança. Reafirmamos que outros estudos contextuais poderão nos levar a esclarecimentos mais conclusivos em relação a seu uso na língua Kaingang.

Capítulo 9

Os ‘Marcadores Posicionais’

Há, na língua Kaingang, algumas partículas derivadas de verbos, que indicam a posição física daquilo a que se referem (humano ou não-humano, e que pode ser o Sujeito ou o Objeto da oração). As mesmas partículas parecem operar em um sentido quase metafórico (ou por uma redução de seu conteúdo semântico a um conceito abstrato). Estarei me referindo a essa função como Marcador Posicional.

Tenho identificado quatro partículas:

- i) ‘*nĩ*’ (‘*nĩn*’, ‘*nĩg*’)¹ - derivada do verbo ‘sentar’
- ii) ‘*nỹ*’ (‘*nỹn*’) - derivada do verbo ‘deitar’
- iii) ‘*jẽ*’ (‘*jẽn*’) - derivada do verbo ‘estar em pé’
- iv) ‘*sa*’ (‘*sj*’) - derivada do verbo ‘pendurar’.

Em termos formais, a posição dessas partículas é no final da sentença, pospostas ao verbo (mas não necessariamente ao lado dele; entre o verbo e a partícula pode ocorrer um sujeito pronominal, por exemplo), acompanhadas ou não de outros marcadores aspectuais ou modais; ocupando, portanto, o lugar de um marcador aspectual. E, como vimos no Capítulo anterior, ‘*nĩ*’, ‘*jẽ*’ e ‘*nỹ*’, em muitas construções, evidenciam propriedades acionais da predicação.

Se pensarmos em termos da definição de Aspecto, acompanhando àquela utilizada em Ilari e Basso (2004) na qual:

“o aspecto não tem nada de dêitico, expressa ao contrário uma opção do falante no sentido de representar o estado de coisa expresso pelo verbo segundo uma ‘perspectiva’ (na palavra aspecto está presente a raiz indo-européia ‘*spek*’, a

¹ Para as formas colocadas entre-parênteses é possível avaliarmos algumas possibilidades:

- (a) pode estar havendo uma reduplicação, realizada na fala corrente não muito explicitamente,
- (b) pode ser uma variante dialetal,
- (c) pode ser uma distinção ‘muito fina’, muito particular, que não conseguimos perceber ainda.

Uma analogia, talvez, pudesse ser feita em relação a ‘*sj*’. Da mesma forma como há uma indicação morfológica para os verbos que indicam Futuro, será que essa forma também está em construções que estão indicando posterioridade ao Momento da Fala, ou seja, um Futuro? Alguns dados que veremos parecem sugerir essa hipótese por exemplo, o dado (14), deste capítulo, na página 170.

mesma que encontramos em ‘perspectiva’) que permite considerá-lo em bloco, ou em parte, isto é, numa de suas fases”, há uma dificuldade em considerarmos aquelas partículas ‘posicionais’ como marcadores de ‘Aspecto’.

Essas questões se colocam porque os ‘marcadores posicionais’:

i. não parecem obrigatórios - para mesmas sentenças dadas encontram-se diferentes formulações com ou sem marcação posicional;

ii. em algumas situações, quando a frase proposta incluía uma informação sobre a posição física explícita lexicalmente, o falante podia apresentar essa informação em forma de categorias gramaticais ou por recursos lexicais (como poderá ser verificado em exemplos desta sessão).

Então, nossa opção é expor o que encontramos no ‘corpus’ sem uma preocupação nesse momento de fecharmos em torno dessa questão uma posição definitiva. Tais partículas, quando usadas dessa forma, indicando ‘posição’, indicaremos (por ora) como ‘Marcadores Posicionais’ (MP).

Vejamos as ocorrências nas quais as partículas referidas assumem essa função.

Para uma sentença em Português:

(1) ‘Ontem (de manhã) estava chovendo’,

obtivemos a construção, em Kaingang:

(2) *Rākétá ta ta kutẽ nỹn.*

ontem chuva ms v cair MP

na qual ‘nỹn’ está indicando (segundo um falante entrevistado) que a chuva cai ‘deitada’².

² Pensamos que nessa idéia há a perspectiva de que quando a chuva cai e se forma uma ‘enxurrada’, ela escorre, como se estivesse ‘deitada’ - talvez seja uma possibilidade de explicação.

Nas sentenças onde aparece o evento ‘chover’, cujas construções são normalmente feitas com o verbo ‘*kutẽ*’ - ‘cair’ e ‘*ta*’ - ‘chuva’, a maioria das ocorrências se fazem com o uso do ‘marcador posicional’. Porém, obtivemos também, por exemplo:

(3) *Rãkétá ne ta ne kutẽ mũ.*
 ontem ms chuva ms v. cair ASP

‘Ontem choveu’ - com a presença do marcador de Aspecto ‘*mũ*’, que, como vimos, aponta uma situação que tem uma perspectiva de evento Perfectivo. Tal construção (3) foi dada por um outro falante para a mesma sentença proposta em (1).

Podemos ver nos dados abaixo que outras orações com este mesmo evento ‘chover’, podem ou não ser acompanhadas do ‘marcador posicional’:

(4) *Ta ta kutã nỹ ra inh panh vỹ jun ja nĩ.*
 chuva ms v. cair MP quando 1p pai ms v. chegar ASP ASP
 ‘Quando estava chovendo meu pai já tinha chegado’.

(5) *Ta ta kutẽ mỹr inh panh vỹ jun mũ, ti ãn ki.*
 chuva ms v. cair então 1p pai ms v. chegar ASP 3p casa em
 ‘Chovia (estava chovendo) quando meu pai chegou na casa dele’.

Note-se que a presença do marcador ‘*mũ*’, em (5), está relacionada com o evento ‘chegar’ e não com a ‘chuva’; evento este, que não apresenta o ‘marcador posicional’.

Ainda com ‘*nỹ*’ ou ‘*nỹn*’:

(6) *Kaga fi nenê ta fi nĩgnó kri nỹn.*
 doente 3pf nenê ms 3pf braços em cima MP
 ‘O nenê dela está doente (deitado) nos braços dela’.

Exemplos de ocorrências de ‘*jẽ*’ como ‘marcador posicional’:

(7) *Tátá fi vỹ gãr tynyn jẽ.*
 moça fem ms milho v. socar MP
 ‘A moça está socando o milho (em pé)’.

sentença esta que também se apresenta na forma de outras construções dadas em (8) e (9):

(8) *Mén tũ ã fi ta gãr ã tynyn nĩ.*³

marido sem algum fem ms milho algum v. socar ASP

‘Uma mulher solteira está socando o milho’.

Nessa sentença (8), segundo falantes Kaingang (inclusive o próprio autor do exemplo, a quem perguntei sobre isso), “não há indicação de ‘posição física’ do Sujeito”, apesar da circunstância, como a predicação aponta, poder nos dar essa possibilidade (é possível ‘socar o milho’ em pé ou sentado).

(9) *Fi kajika han vẽ, passoca.*

3pf canjica v. fazer Modo paçoca

‘Ela fez canjica, paçoca’,

também sem indicação da posição física do Sujeito, inclusive sem marcação aspectual, utilizando apenas um marcador de Modo.

Assim também a sentença

(10) *Kyrũ ta rẽgró ko jẽ pĩ rã.*

rapaz ms feijão v. comer MP fogo perto

‘O rapaz está comendo feijão (em pé) perto do fogo’.

pode apresentar o evento ‘comer feijão’ sendo realizado ‘sentado’ como vemos em (11):

(11) *Kyrũ ta pĩn rã nĩ ka rẽgró ko nĩn.*

rapaz ms fogo perto ASP então feijão v. comer MP

‘O rapaz está perto do fogo comendo feijão (sentado)’.

Encontramos no ‘corpus’ alguns dados nos quais há a utilização de ‘sa’ ou ‘saj’:

(12) *Kaga fi nenê ta jẽgmónh to sa.*

doente 3pf nenê ms ombro em MP

‘O nenê dela está doente (‘pendurado’) no ombro dela (da mãe)’.

³ Chamamos a atenção que essas sentenças (7) e (8) retornam questões já colocadas: porque em (7) o ‘jẽ’ indica posição do sujeito e em (8) ‘nĩ’ não o faz? Questionamos, novamente, se não haveria a possibilidade do falante ter em mente, em um dos casos, uma cena presente e em outro caso, o fato dele não ter presenciado o evento. Estaríamos, nesse caso, tratando mais propriamente de Modo. De qualquer forma, ainda que no Kaingang haja a possibilidade do falante estar se referindo a eventos atestados e não-atestados, reafirmamos que nossos dados ainda não permitem, neste momento, considerações mais definitivas sobre o assunto. Na ampliação da pesquisa poderemos esclarecer melhor tal questão.

(13) *Kysẽ ta tũ sa.*

lua ms sem MP

‘Não tem lua (‘pendurada’)’.

(14) *Vajkỹ kysã ta mág saj.*

amanhã lua ms grande MP

‘Amanhã vai ser lua cheia (‘pendurada’)’, ou seja, ‘amanhã vai ter lua (cheia) no céu, ela vai estar pendurada no céu’.

Ainda que em (12) o ‘*sa*’ pareça operar como verbo, dando informação explícita sobre a posição da criança, em (13) e (14) não há dúvida sobre sua função de Marcador Posicional. Nestes, a predicação é sobre a lua ‘não haver ou ser grande’, e ‘*sa*’ (‘*saj*’) acrescenta um sentido posicional relacionado ao céu.

Um dado interessante é mostrado abaixo onde aparecem diferentes construções para as sentenças:

(15) ‘Os velhos estão sentados na sombra da árvore’.

(16) ‘Os velhos estão deitados na sombra da árvore’.

(17) ‘Os velhos estão em pé na sombra da árvore’.

e que podem se apresentar:

(18) *Kófa ta kusãgja kã nĩ.*

velho ms ‘fresca’ em MP

‘O velho está (sentado) na sombra’.

há nessa sentença um uso metonímico para indicar ‘sombra’ (no uso da palavra ‘fresca’), e a informação semântica que ‘ele está sentado’ é dada pelo marcador ‘*nĩ*’.

(19) *Kófa ag vã ka fãnjãnja ki nỹtĩ.*

velho 3ppl ms árvore sombra em ASP

‘Os velhos estão na sombra da árvore’.

sem marcação indicativa da posição em que ‘os velhos se encontram’ (lembrando que ‘*nỹtĩ*’ é plural de ‘*tĩ*’), em contrapartida com a construção apresentada em (20) a seguir, que corresponde à resposta do mesmo falante quando perguntamos como poderíamos dizer que ‘eles estavam em pé na sombra da árvore’:

(20) *Kófa ag vã ka krãm jãgjãg ka nýtĩ.*
 velho 3ppl ms árvore embaixo ‘estar em pé’ árvore ASP

‘Os velhos estão em pé embaixo da árvore’.

Note-se que em (20), a informação da ‘posição’ (em termos físicos) dos Sujeitos está no verbo e há o uso do mesmo marcador aspectual - ‘*nýtĩ*’ - que não indica isso.

Obtivemos ainda:

(21) *Kófa ag ta nĩgnĩ ka nýtĩ, kusãjan ki.*
 velho 3ppl ms v. sentar árvore ASP ‘sombra’ em

‘Os velhos estão sentados na sombra da árvore’.

também com a informação dada no verbo e com o mesmo uso de marcador aspectual ‘*nýtĩ*’.

Analogamente, em (22), o verbo faz referência a eles estarem ‘deitados’:

(22) *Kófa ag vã fãnjãgja krãm nỹgnỹ ka nýtĩ nĩ.*
 velho 3ppl ms sombra embaixo v. deitar árvore ASP ASP

‘Os velhos estão deitados na sombra da árvore’.

Se olharmos esse conjunto de (15) a (22) podemos acrescentar que a informação de uma ‘posição física’ em diferentes momentos não está necessariamente no marcador, ou seja, ela pode estar em outros lugares. Há, muito provavelmente, outra informação semântica sendo dada pelos marcadores ou, se tal informação é dada explicitamente por verbo, dispensa o Marcador Posicional.

Como já vimos no Capítulo 8, esses assim chamados Marcadores Posicionais aparecem também em construções onde não indicam ‘posição física’.

Capítulo 10

A Reduplicação dos Marcadores de Aspecto

Conforme D'Angelis (comunicação pessoal), a reduplicação é um recurso formal empregado na língua Kaingang utilizado para:

i) nomear ações que se realizam pela repetição de gestos que seu conteúdo denota, como por exemplo:

- a) *jágjá* = “picar” c) *junjun* = “tremar”
b) *vãnvãn* = “ferver” d) *krykry* = “coçar”

ii) seres (animados ou inanimados) em que se ressalta, dentre suas características, uma que diz respeito à repetição de gestos ou de formas:

- a) *krynhkryj* = “caturrita” c) *xónxón* = “pica-pau de cabeça amarela”
b) *kómkómke* = “relâmpago” d) *nãnã* = “peteca”

‘Caturrita’ e ‘pica-pau’ são nomes de inspiração onomatopaica, o que significa, repetição da ação de seu ‘canto’. Já ‘relâmpago’ e ‘peteca’ se identificam com ações repetidas. Podemos lembrar também de ‘*toto*’ = “borboleta”, que lembra sua ‘forma’ duplicada.

iii) expressar multiplicidade da ação na forma do verbo:

- a.1) *han* = “fazer” a.2) *hyn-han* = “fazer (várias coisas)”
b.1) *kym* = “cortar” b.2) *kymkym* = “cortar (vários)”
c.1) *rán* = “marcar, riscar” c.2) *ránrán* = “marcar / riscar (vários)”
d.1) *mro* = “tomar banho” d.2) *mrogmro* = “tomar banho (vários)”
e.1) *se* = “atar” e.2) *sigse* = “atar (vários)”
f.1) *věnhpěti* = “sonhar” f.2) *věnhpětigti* = “sonhar vários”

Nos dados do ‘*corpus*’ utilizado nessa dissertação pudemos encontrar ainda uma outra forma de reduplicação: a dos marcadores aspectuais (que aparece indicado na glosa como ASPr = Marcador de Aspecto ‘reduplicado’).

Vejam os alguns desses exemplos:

(1) *Rêkétá inh vỹ vênhrán ti jãn nĩ nĩ.*

ontem 1p ms 'livro' 3p v. ler ASPr

'Ontem eu estava lendo um livro'.

Como já observado no Capítulo 8, o marcador de Aspecto 'nĩ' aparece em predicados durativos não-permanentes, passíveis de mudança. Podemos dizer que 'ler um livro' é um evento que pode ocorrer com diferentes tempos de duração: ontem eu li, por exemplo, por uma hora, por dez minutos, o dia todo; mas de qualquer forma a informação se eu completei ou não a leitura não está dada nessa sentença (1). Quando usada, então, a reduplicação do marcador que está evidenciando um predicado durativo - segundo minha auxiliar de transcrição - a informação dada é de que o evento 'se prolongou', 'durou mais', 'foi algo extenso'. Não é a repetição do ato de ler (não é a quantidade de leitura), mas desse ato sendo descrito enfatizando a permanência da ação realizada num período de tempo mais longo. Está, então, se evidenciando uma característica acional do predicado - a 'duração', que está sendo marcada pelo uso da reduplicação do marcador aspectual.

Em (2), abaixo, podemos propor para o evento 'ouvir' uma extensão dessa mesma idéia:

(2) *Tytãg fi tóg inh mẽg nĩ nĩ.*

moça fem ms 1p. v. ouvir ASPr

'A moça está me ouvindo'.

Se pensarmos em outra sentença como:

(3) *Ti pẽn vỹ kaga nĩ nĩ.*

3p perna ms doença ASPr

'A perna dele está doendo'.

a dor normalmente é um evento constituído de duração. É difícil você ter uma 'única dor'. 'Dói' por um certo tempo. Colocar o marcador reduplicado muito provavelmente evidencia que o tempo dessa dor está 'mais longo', ainda que indeterminado em relação a um outro período, também indeterminado nessa fala, mas que poderia estar presente se houvesse um contexto discursivo. Entretanto, também é um estado que tem possibilidade de mudança.

(4) *Ti pãn vỹ kykry nĩ ka vã ti mỹ kaga nĩ nĩ.*
 3p perna ms ‘coçar’ ASP então ms 3p para doença ASPr
 ‘Por causa da coceira a perna está doendo’.

Como podemos observar, ‘coçar’, que está presente na primeira oração do período acima, é um dos exemplos de reduplicação de uma ação que se realiza por repetição de gesto: indica que esse ‘coçar, coçar, coçar ...’ já é uma ação com duração, que não é um único ‘coçar’. Note-se, também, que este evento está marcado por ‘*nĩ*’ sem reduplicação (já que a repetição está no próprio gesto e o marcador poderia estar confirmando que o evento é não-permanente). Se há algo ocorrendo e que se repete num determinado período de tempo longo e é isso que está causando ‘dor’, muito provavelmente essa ‘dor’ também esteja acontecendo numa extensão de tempo grande, ela seja ‘continuativa’, que é apontado na outra oração do período.

Na sentença (5) abaixo temos uma situação interessante:

(5) *Jěsĩ vỹ kyr nĩ nĩ, ãpỹ ja kãki.*
 passarinho ms v. cantar ASPr roça ASP dentro
 ‘O passarinho cantou dentro da roça (capoeira)’.

Inicialmente, cabe uma observação: esse predicado, pela tradução apresentada, diferentemente dos anteriores, é um predicado télico, distinto de outras sentenças já mostradas com a utilização de ‘*nĩ*’, nas quais várias construções apontavam uma predicação durativa ocorrendo com eventos atélicos¹. Ainda assim, em (5), há a marcação do Aspecto ‘*nĩ*’ (que está reduplicado). Isso talvez corrobore uma hipótese inicial que esse marcador evidencie principalmente a característica de estados não-permanentes, ou com possibilidade de mudança, mais que (propriamente) a distinção entre situações Perfectivas ou Imperfectivas.

¹ Como já apontado por Dahl (1981: 89) há possibilidade de certos verbos veicularem eventos ora ‘téllicos’ ora ‘atélicos’. Castilho (2002: 103), a respeito do Português, concordando com Bertinetto, mostra por exemplo, que a presença de determinados argumentos internos transpõe verbos atélicos para téllicos, modificando a representação da ação com a recategorização do verbo, implicando em diferentes interpretações de Perfectividade e Imperfectividade, sobretudo quando se olham os ‘estados de coisas’ em sua ‘operação’, separadamente de seu ‘resultado’. O verbo ‘cantar’ pode formar então predicados ‘téllicos’ ou ‘atélicos’ influenciados pela sua composição.

Ainda com o evento ‘cantar’ temos outras duas construções:

(6) *Jēsĩ vỹ pẽnva pãn kri nĩ, ka kyr nĩ nĩ.*
passarinho ms guavirova galho em cima ASP árvore v.cantar ASPr

(7) *Jēsĩ ta pẽnva pẽn ki kynkyr.*
passarinho ms guavirova galho em v. cantar

ambas dadas para a sentença proposta em Português: ‘O passarinho cantou no galho da guavirova’. Talvez as sentenças poderiam ser melhor traduzidas como: ‘O passarinho está cantando no galho da guavirova’, mas de qualquer modo, o que nos interessa aqui é notar que em (6), na oração cujo evento apontado é ‘o passarinho está em cima do galho da árvore’, há a presença do marcador ‘*nĩ*’, indicando que há uma ‘certa duração’ nesse ‘permanecer’ na árvore e a possibilidade de mudança desse estado (o que é óbvio, quando pensamos em passarinhos). Na oração onde se apresenta o evento ‘cantar’ é onde ocorre a presença do marcador reduplicado, mostrando que ainda que esse ‘cantar’ possa ser um único cantar longo (que também indicaria uma certa ‘duração’), ou uma repetição ou série de repetições de cantar (o passarinho canta e pára, depois volta a cantar, por exemplo); de qualquer forma estaríamos falando de algo como ‘o passarinho cantou / ficou cantando num tempo que se prolongou’.

Na sentença (7), a reduplicação do verbo cantar ‘*kyr*’ é que indica multiplicidade da ação: ele está cantando, cantando... . A perspectiva do falante nesse caso está na ação de cantar que se repete, ao passo que em (6) parece que apesar do evento também poder ter permanência e se repetir, aquilo para que se está chamando a atenção é para o tempo permanecido nesta atividade.

Em algumas sentenças, parece não haver, porém, margem para se aplicar essa idéia da multiplicidade da ação co-ocorrendo com a idéia de uma ação que se prolonga, quando há a utilização apenas do marcador aspectual reduplicado:

(8) *Gĩr vỹ ka krĩ nĩ nĩ.*
criança ms árvore em cima ASPr

‘A criança está em cima da árvore’.

Neste caso, não temos um predicado que possa sugerir multiplicidade: * ‘o menino subiu, subiu na árvore’, é no mínimo estranho. Essa sentença com a ocorrência da

reduplicação do marcador aspectual, mostra que a permanência naquela situação: ‘estar em cima da árvore’, é que está ocorrendo num certo período de tempo, como se dissessemos: ‘a criança está em cima da árvore “um tempão”’.

Temos, entretanto, também, dados como a sentença (9):

(9) *Kaingang fi vỹ fi vãfy hyn-han nĩ nĩ.*
 índia fem ms 3p artesanato v. fazer ASPr

‘A índia está fazendo balaio (artesanato)’.

onde encontramos uma construção em que tanto o verbo está reduplicado (e portanto a multiplicidade da ação está sendo colocada), quanto a duração do evento, evidenciada na reduplicação do marcador aspectual. Logo, ‘*hyn-han*’ indica a multiplicidade dos gestos ou resultados (fez vários artesanatos) e a reduplicação do Aspecto indica a duração ou permanência por tempo longo nesta atividade.

Nos dados (10) e (11) podemos verificar diferentes marcadores usados reduplicados em predicados estativos e não-estativos:

(10) *Inh gato ta kur kri nỹ nũr nĩ nĩ.*
 1p gato ms roupa em cima MP v. dormir ASPr

dada para a sentença pedida em Português: ‘O meu gato vive descansando em cima da roupa’. Literalmente temos: ‘Meu gato está dormindo deitado em cima da roupa’.

(11) *Ũri ag ta kynhmỹ fóg ag tũ kri nỹtĩg tĩ ser.*
 hoje 3ppl ms cadeira não-índio 3ppl coisa de em cima ASPr assim
 alguém

‘Hoje eles (os índios) usam (sentam em) cadeira (algo dos brancos)’.

Em (10) ‘dormir’, ‘descansar’ é um predicado estativo (não-permanente) e atélico. A idéia de que o evento tem uma ‘duração longa’ está dada pelo marcador reduplicado - ‘*nĩ nĩ*’. Já em (11), ‘sentar’ (em cadeira, no caso), é um predicativo não-estativo, embora também atélico. A duração acoplada com ação pontual resulta repetição. Note-se que a reduplicação é feita com o marcador ‘*nỹtĩ*’ (plural de ‘*tĩ*’) + ‘*tĩ*’. A maior freqüência de ocorrências de reduplicação aspectual no Kaingang, verificada nos dados, é com o uso de ‘*nĩ*’, mas também ocorre com outros marcadores de Aspecto, como se observa.

Em (12) também temos um outro exemplo:

(12) *Kaingang si ag vỹ pĩ han há ja nỹtĩg tĩ*
índio antigo 3ppl ms fogo v. fazer bem ASP ASPr
ka kãsir tỹ.
árvore pequena com

‘Os antigos sabiam fazer fogo com pauzinhos’.

no qual o predicado é estativo, atélico (não compatível com teste de adjunto ‘em X Tempo’²) e a reduplicação é também ‘*nỹtĩ*’ (plural de ‘*tĩ*’) + ‘*tĩ*’.

Poderíamos em princípio pensar se a escolha do marcador a ser reduplicado estaria relacionada com os predicados serem estativos ou não. Como vemos nesses dados (10) a (12), não parece ser essa a questão, e talvez se relacione mais ao tipo de evento em questão que está sendo veiculado. Em (10) apesar de estar sendo mostrado que o evento ‘dormir /descansar’ se prolonga num certo período de tempo, ainda assim ele pode mudar, obviamente. Na sentença (11) a informação dada é que o evento ‘sentar (hoje) em cadeira’ é algo recorrente, que se faz habitualmente (nesse período (longo) em que se insere o ‘atualmente’ (‘hoje’)). E finalmente no dado (12) é também a informação de algo habitual, mas que se prolonga num espaço de tempo - ‘antigamente..., eles (os índios antigos) sabiam fazer (habitualmente) fogo’.

Essa idéia de habitualidade que se prolonga num dado período de tempo também está expressa em:

(13) *Věsy ěg kaingang fag ta ãn kã fag krã mré nỹtĩg tĩ.*
antigamente 1ppl índio 3pfpl ms casa dentro 3pfpl filho junto ASPr
‘Antigamente nossas índias tinham os filhos (davam a luz) em casa’.

Vale registrar que as práticas equivocadas da FUNAI e da FUNASA vêm tirando dos índios essa autonomia, levando as parturientes para hospitais.

² Seria possível admitirmos a frase com um advérbio ‘em X Tempo’, por exemplo: ‘Os antigos sabiam fazer fogo com pauzinhos em pouco tempo’; mas estaríamos, neste caso, tratando do tempo de duração para o evento acontecer: eles levavam ‘pouco tempo’ para conseguir realizar as etapas para fazer fogo com pauzinhos.

Os períodos abaixo representam duas construções dadas, por diferentes falantes, para uma mesma sentença proposta em Português: ‘Quando a mulher chegou, o filho dela estava chorando’:

(14) *Ũ tětá fi jun mÿr fi kósin fi vÿ fÿ nĩ nĩ.*
uma moça fem v.chegar quando 3pf filho fem ms v.chorar ASPr
‘Quando a mulher chegou a filha dela estava chorando’.

(15) *Fi jun mũ kã fi kósin ja ta fÿfÿ nÿn.*
3pf v.chegar ASP dentro 3pf filho ASP ms v.chorar ASP
‘Quando ela chegou o filho dela estava chorando’

Não há como não notar e nos interrogarmos, porque ocorre, na primeira sentença, a reduplicação do Aspecto e, na segunda, a reduplicação do verbo, embora ambas expressem o mesmo predicado de ‘estar chorando’ na oração subordinada. Sem dúvida as diferenças não estão, ainda, claramente sendo visualizadas. Esperamos que a ampliação desses estudos possa nos trazer outras explicações nesses diferentes usos pela língua.

Capítulo 11

Composições dos Marcadores na língua Kaingang

Nos dados de campo que compõem o ‘*corpus*’ deste trabalho pudemos observar muitas composições ou combinações de marcadores empregados pelos falantes da língua Kaingang.

Os marcadores de Aspecto podem combinar-se com outros marcadores de Aspecto ou com marcadores modais.

Nesta seção, estaremos então, fazendo muito mais uma apresentação desses dados, que propriamente uma discussão extensa. Se por um lado achamos que algumas hipóteses apresentadas para o uso dos marcadores aspectuais em Kaingang podem ser, no mínimo, um caminho a ser investigado; por outro lado, temos situações e contextos que precisam de outras verificações e seriam, pois, prematuras algumas conclusões mais definitivas. Optamos assim, por uma possibilidade de discussão, o que certamente não exclui outras possíveis. Na verdade, é um exercício exploratório na discussão de possibilidades e de problematização.

Inicialmente é interessante notar que essas composições sugerem e possibilitam observar um certo ‘escopo’ local, ainda que este possa estar referido a uma sentença inteira, dos marcadores que se evidenciam nessas combinações. Eles podem co-ocorrer em posições consecutivas (lado a lado) ou em diferentes posições na mesma sentença.

Veremos um pouco disso mais abaixo.

Seguem-se, então, alguns dos exemplos encontrados no material de pesquisa de campo.

No primeiro conjunto de exemplos, temos diferentes marcadores de Aspecto ocorrendo conjuntamente em sentenças simples e complexas:

- (1) *Inh vỹ kaingang ag kynhra ja nĩ,*
1p ms kaingang 3pp v. conhecer ASP ASP
sa tag ra kãtĩ tũ ki.
(1p)+ms esta para v.vir sem / não em
‘Eu já conhecia os Kaingang antes de vir para cá’.

Como já vimos em capítulos precedentes, uma hipótese inicial é que o marcador de Aspecto ‘*nĩ*’ evidencia o caráter de mudança do evento, ou dito de outra forma, com possibilidade de que não seja permanente, ainda que estável, mas que possa mudar. Também vimos que o marcador de Aspecto ‘*ja*’ atua sobre um constituinte da sentença. Nesse dado (1) podemos pensar então, que ‘*ja*’ relaciona-se a ‘conhecer’ (que já era um fato dado, estabelecido antes do evento mencionado na subordinada; ele ocorre num momento já passado - ‘eu “já” conhecia’). A negação com ‘*tũ*’ que está na segunda sentença relaciona-se ao evento de ‘vir’ (antes de vir para uma aldeia Kaingang..., ou literalmente: “sem vir”). E a utilização de ‘*nĩ*’ demonstra, possivelmente, que o fato de ‘conhecer’ é passível de mudança, ele refere-se a essa mudança ocorrida. Mas pode-se sugerir, também, que ‘*nĩ*’ possa estar indicando a ‘estabilidade’ (‘precária, reversível’) de um estado - conhecia pessoas Kaingang, mas não todas ou não muitas; ou ainda não na ‘sua’ terra, etc.

(2) *Fóg ag pétên ja ag ta nĩ.*

não-índio 3ppl v.correr ASP 3ppl ms ASP

‘Os brancos correram deles (dos índios)’.

Como observado no início desta seção, os marcadores possuem diferentes referências na sentença e neste exemplo (2) não estão posicionados lado a lado - estão ocupando diferentes posições dentro dela. ‘*Ja*’ reporta-se ao evento ‘correr’ - que os ‘brancos’ correram: é um fato que se localizou num certo momento anterior (talvez pudéssemos traduzir a sentença (2) como: ‘No passado, os brancos já correram deles (dos índios)). ‘*Nĩ*’ reporta a uma situação ou estado, que, apesar de ter uma duração, não é necessariamente permanente. Pode reportar que a ‘fuga dos brancos’ não encerra o fato, não é definitiva (eles podem voltar). Talvez só um contexto nos desse uma explicação mais precisa ou mais clara.

Também em (3), que se segue, podemos propor um raciocínio semelhante:

(3) *Kāka kar inh jóg ti gãr vin fã ta kutã ja nĩ.*

vento depois 1p pai 3p paiol ms v.cair ASP ASP

‘O paiol do meu pai caiu com o vento forte’.

Se ‘*nĩ*’ expressa a possibilidade de mudança de um estado, então não precisamos sequer contexto extra-lingüístico para compreender, pela frase, que o paiol já foi reconstruído (ou, pelo menos, que certamente o será).

Na sentença (4):

(4) *Kaingang* *si* *ag* *vỹ* *fóg* *kupri*
 índio antigo/velho 3ppl ms não -índio branco
ag *mỹ* *ãmĩ* *rumróm* *ja* *nĩ*.
 3ppl assim estradas abrir ASP ASP

‘Os índios antigos abriram muitas estradas para os brancos’.

temos a marcação aspectual com ‘*ja*’, mostrando que “abrir estradas para os brancos” foi um fato que acabou, não se faz mais; foi um fato ocorrido naquele momento passado (na época dos ‘índios antigos’). A presença de ‘*nĩ*’ pode mostrar que ‘os índios abrirem estradas para os brancos’ era a situação estabilizada de então (mas passível de mudar). Note-se que, se a idéia fosse dizer que esse fato era um evento habitual, recorrente, possivelmente fariam uso de ‘*tĩ*’.

(5) *Pỹn* *ta* *inh* *mãg* *pra* *sór* *nĩ* *ja* *nĩ*
 cobra ms 1p animal v. picar v.querer ASP1 ASP ASP2
 sa *jun* *mỹr*.
 (1p)+ms v.chegar então

‘A cobra estava querendo picar meu animal quando eu cheguei’.

Em (5) acima temos três marcadores aspectuais. Podemos ter pelo menos duas possibilidades de uso e respectivos escopos em um raciocínio seguinte: numa primeira proposição - temos na primeira oração do período: um sujeito - *Pỹn ta* ‘a cobra’; um objeto *inh mãg* ‘meu animal de criação’, a ação - *pra sór* ‘querer picar’ e a presença dos marcadores nessa sentença. O primeiro ‘*nĩ*’ que está presente (marcado como ASP1) diz respeito ao ‘querer picar’ da cobra que está acontecendo, à possibilidade do animal ser picado indicando um evento que pode ter uma certa duração, mas que também pode ter mudança. A presença de ‘*ja*’ mostra que o ‘querer’ já era anterior, uma situação instalada acontecendo quando eu cheguei e finalmente o segundo ‘*nĩ*’ (marcado como ASP2) diz respeito à mudança de situação que está representada nesse momento da fala - ela (a cobra)

estava querendo..... mas eu cheguei. Numa outra proposição - o primeiro ‘*nĩ*’ (marcado como ASP1) diz respeito à situação em que a cobra fazia tentativas, atacando o animal sem sucesso, mas uma situação que permaneceu por certo tempo; o ‘*ja*’ mostraria que essa situação encerrou-se porque é passado, e o novo ‘*nĩ*’, que a situação encerrada (a ameaça) não é definitiva.

Também em (6) temos algo parecido:

(6) *Porko ta ter sór nĩ ja nĩ*
 porco ms v. morrer v. querer ASP1 ASP ASP2
ag ta vēnhkagta nón tĩ m̃yr.
 3ppl ms remédio atrás v. ir então

‘O porco (já) estava morrendo quando eles foram atrás do remédio’.

o primeiro aspectual ‘*nĩ*’ diz respeito à agonia do animal, desse estado de ‘estar morrendo’. A marcação de ‘*ja*’ indicaria que esse estado já estava estabelecido, acontecendo - já é um momento anterior e o segundo aspectual ‘*nĩ*’ está colocando possibilidade da mudança de estado dessa situação, que pode se reverter com o ‘remédio que eles foram buscar’.

Um outro dado:

(7) *Inh jóg jave ag t̃y ěkrānh kamã ja ñyťĩ.*
 1p pai antepassado 3ppl ms caçador fazer sempre ASP ASP

‘Meus avós eram bons caçadores’.

no qual encontramos o Aspecto ‘*ja*’ que pode apontar que ‘serem caçadores’ - já era um fato estabelecido (naquele dado momento). Note-se que por serem ‘eles’ - os antepassados no plural, também o marcador aspectual se encontra no plural (‘*ñyťĩ*’ é plural de ‘*tĩ*’). Aqui ele indica que esse fato já estabelecido era algo habitual, recorrente: eles sempre foram bons caçadores.

Uma outra possibilidade de ocorrência de combinação aspectual encontra-se abaixo:

(8) *Kanhgág s̃i ñr ñy nĩ, kusã ki.*
 índio pequeno v. dormir MP ASP cedo em

‘O menino estava dormindo desde cedo’

Nesta sentença (8) temos um marcador posicional ‘*nỹ*’ (‘deitado’) e um marcador aspectual ‘*nĩ*’. ‘*Nỹ*’ está evidentemente indicando a posição ‘natural’ do evento ‘dormir’ que normalmente se faz na posição deitada. ‘*Nĩ*’, por sua vez, relaciona-se, possivelmente, com o estado durativo, ‘estava dormindo’, mas que não é permanente.

Essa combinação de Marcador Posicional e aspectual pode ser observada também em:

(9) *Kysã vỹ kónkón ke sa nĩ.*
 lua ms v.brilhar v. fazer MP ASP

‘A lua está brilhando’.

O marcador posicional aqui em (9) mostra que a lua está ‘pendurada’, fazendo provavelmente referência ao Momento da Fala - o evento está coincidindo com o Momento da Fala e possivelmente o falante está falando de algo que ele está vendo (é uma hipótese a ser considerada). O marcador aspectual ‘*nĩ*’ marcaria, então, um predicado que apresenta um estado com duração, mas não-permanente.

(10) *Ha vẽ inh gatu vỹ kur tag kri nỹ nĩ,*
 então 1p gato ms roupa este em cima MP ASP
ke tĩ ja.
 v. fazer ASP ASP

O dado em (10) traduz a sentença: ‘Meu gato vive descansando em cima dos panos’. É uma construção em Kaingang bem interessante, com muitas informações: na primeira parte há a indicação da posição do gato no ato de descansar - deitado; o evento tem uma duração, mas é uma situação não-permanente (marcado com ‘*nỹ*’). Na segunda oração, a marcação de ‘*ja*’ diz que ele (o gato) já faz o seu descansar naquele momento que também já é passado e o faz de forma habitual (faz sempre, vive fazendo - marcado com ‘*tĩ*’).

Em (11), outra sentença que já foi apresentada ao leitor em capítulos precedentes:

(11) *Kófa ag vỹ fãnjãgja krãm nỹgnỹ ka nỹtĩ nĩ.*
 velho 3ppl ms sombra embaixo v. deitar árvore ASP1 ASP2

‘Os velhos estão deitados embaixo da sombra da árvore’.

temos a possibilidade de sugerir que há um evento provavelmente continuativo, uma situação habitual (marcado com ASP1), mas com possibilidade de mudança, não-permanente (marcado com ASP2).

Essas poucas considerações, que não tinham o intuito de serem extensas ou mesmo de serem conclusivas, prestam-se a mostrar que há muita coisa a ser investigada na língua Kaingang e que são muitas as variáveis a serem consideradas. Mas também não deixam de evidenciar, por outro lado, como se fazem interessantes construções, por parte dos falantes, utilizando os recursos disponíveis na língua.

Considerações Finais

Essa primeira aproximação, com todas as limitações já indicadas, permite concluir que a língua Kaingang possui, seguramente, as seguintes categorias sintaticamente expressas: Tempo, Aspecto, Modo e possivelmente Acionalidade.

Pode-se dizer, que a categoria gramatical Tempo não se orienta, prioritariamente, para a indicação de Passado, Presente e Futuro em relação ao Momento da Fala, mas ocupa-se de indicar ‘anterioridade’ e ‘posterioridade’ em relação ao Momento de Referência (MR), que pode ser igual ao Momento da Fala.

Na categoria Aspecto, a língua Kaingang distingue Perfectivo de Imperfectivo e parece fazer uma segunda distinção dentro do Perfectivo (em termos de ‘resultados’).

Não temos claro, ainda, as interações entre as classes aspectuais e acionais expressas pelo uso dos marcadores.

Ao lado do recurso da reduplicação empregado na língua para expressar multiplicidade da ação na forma do verbo, encontramos, também, no Kaingang, a reduplicação dos marcadores ‘aspectuais’. Entretanto, as diferenças de ‘sentido’ nas suas distintas ocorrências ou co-ocorrências, não estão claramente identificadas.

As interações de marcadores de Aspecto e (ou) Modo, presentes nas construções na língua Kaingang, apontadas como ‘composições’ ou ‘combinações’ de marcadores, sugerem interessantes caminhos para a pesquisa no esclarecimento do uso dessas categorias pelos falantes.

Há, portanto, muito a ser verificado.

De todo modo, as pistas, hipóteses e tentativas de interpretação experimentadas nesse trabalho orientarão as investigações futuras, que poderão ser feitas em condições mais seguras, seja pelo domínio que agora tenho sobre os aspectos teóricos da questão, seja pela familiaridade que agora tenho com a língua para as transcrições, seja pelo conhecimento fundamental da língua que agora me permite pensar em trabalhar com textos e gravações de fala fluente.

Por tudo isso, considero que a investigação do Mestrado e a produção dessa Dissertação cumpriram plenamente os objetivos de minha formação (de pesquisadora), e criaram condições para uma investigação de Doutorado que leve a conclusões mais

abrangentes e definitivas sobre essas categorias (Tempo, Modo, Aspecto, Acionalidade) e suas interações em Kaingang.

Bibliografia

- AMBROSETTI, Juan Baptista (1894). Los indios Kaingángues de San Pedro (Misiones) com un vocabulario. *Revista del Jardin Zoológico de Buenos Ayres*, vol.II, entr. 10,11,12, p. 305-387.
- ANDERSON, Stephen R. (1985). Grammatical categories. In T. Shopen (Ed.), *Language typology and syntactic description*. Cambridge/UK: Cambridge University Press, p. 150-201.
- BERTINETTO, Pier Marco Bertinetto, P. M. (1986). *Tempo, aspetto e azione nel verbo italiano. Il sistema dell'indicativo*. Florença: Accademia della Crusca.
- _____. (1991). Il sintagma verbale. In Lorenzo Renzi & Giampaolo Salvi (Ed). *Grande grammatica italiana di consultazione*. Bologna:Il Mulino, p. 13-61.
- _____. (1994). Statives, progressives , and habituals: analogies and differences. *Linguistics* 32: 391- 423.
- _____. (1997). *Il dominio tempo-aspettuale: demarcazioni, intersezione, contrasti*. Torino: Rosenberg and Sellier.
- _____. (2000a). 'Centro' e 'Periferia' del Linguaggio: una mappa per orientarsi. [http:// alphalinguistica.sns.it/QLL..](http://alphalinguistica.sns.it/QLL..)
- _____. (2000b). *On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: The Perfective = Telic Confusion*. [http:// alphalinguistica.sns.it/QLL](http://alphalinguistica.sns.it/QLL).
- _____. (2001). *I verbi deverbali*. [http:// alphalinguistica.sns.it/QLL](http://alphalinguistica.sns.it/QLL).
- BERTINETTO, Pier Marco e BIANCHI, Valentina (2000). *Tense, aspect and syntax: A review of Giorgi e Pianesi (1997)*. [http:// alphalinguistica.sns.it/QLL..](http://alphalinguistica.sns.it/QLL..)
- BERTINETTO, Pier Marco e DELFITTO, Denis (2000). Aspect vs. Actionality: Why they should be kept apart. In Östen Dahl (Ed.), *Tense and aspect in the language of Europe*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, p.189 - 225.
- BHAT, D. N.S. (1999). The Proeminence of tense, aspect and mood. (Cap.3 - Category of Aspect). *Studies in Language Companion Series*. Volume 49. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- BIGG-WITHER, Thomas P. (1878). *Novo caminho do Brasil Meridional: a provincial do Paraná - três anos em suas florestas e campos: 1872/1875*. Rio de Janeiro / Curitiba: José Olímpio, UFPR. (1974)
- BONOMI, Andrea (1997). The progressive and the structure of events. *Journal of Semantics* 14. Oxford University Press, p. 173-205.
- _____. (1998). Semantical remarks on the progressive reading of the imperfective. <http://www.filosofia.unimi.it/bonomi/>
- BRAGGIO, Silvia L. Bigonjal (1986). *The sociolinguistics of literacy: a case of the Kaingang, a brazilian indian tribe*. Albuquerque: University of New Mexico Press. Tese de Doutorado.

- BULL, W.E. (1960). *Time, tense, and the verb*. Berkeley: University of California Press.
- BYBEE, Joan & DAHL, Östen (1989). The creation of tense and aspect systems in languages of the world. *Studies in Language*, 13, p.51 -103.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso (1974). *Princípios de Lingüística Geral*. 4ª edição Revista e Aumentada. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 333p.
- CASTELNOVO, Walter (1991). Temporal perspectives. *Rivista di Linguistica* 3:93-106.
- _____. (1993). Progressive and actionality in Italian. *Rivista di Linguistica* 5:3-30.
- CASTILHO, Ataliba T. de (1968). Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. *Alfa*. Marília: Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, (12), p. 7-135.
- _____. (2002) Aspecto verbal no português falado. In M. B. Abaurre & A. C. S Rodrigues (orgs.), *Gramática do Português Falado. Volume III: Novos estudos descritivos*. Campinas, SP., Editora da UNICAMP, p.83-121.
- CAVALCANTE, Marita Pôrto (1987). *Fonologia e morfologia da língua Kaingáng: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná*. Campinas, SP: IEL-UNICAMP. Tese de doutorado.
- COMRIE, Bernard (1976). *Aspect. An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge/UK: Cambridge University Press.
- _____. (1983). *Language universals and linguistic typology*. Oxford: Basil Blackwell.
- _____. (1985). *Tense*. Cambridge/UK: Cambridge University Press.
- COMRIE, Bernard & SMITH, Norval (1977). *Lingua descriptive series: questionnaire*. *Lingua*, 42, p.1-72
- CHUNG, Sandra & TIMBERLAKE, Alan (1985). Tense, aspect, and mood. In T. Shopen (Ed.), *Language typology and syntactic description*. Cambridge/UK: Cambridge University Press, p. 202-258.
- CRYSTAL, David (1997). *A dictionary of linguistics and phonetics*. 4ª edição: London / Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers. 426p.
- DAHL, Östen (1981). On the definition of the telic-atelic (bounded-nonbounded) distinction. In Tedeschi & Zaenen. *Tense and aspect*. New York: Academic Press. 79-90.
- _____. (1985). *Tense and aspect systems*. Oxford: Blackwell.
- _____. (2000). The tense-aspect systems of European languages in a typological perspective. In Östen Dahl (Ed.), *Tense and aspect in the language of Europe*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, p. 3-25.
- _____. (2001). Languages without tense and aspect. In Karen H. Ebert and Fernando Zúñiga (Ed.), *Aktionsart and Aspectotemporality in Non-European Languages*. Zürich: Universität Zürich, Seminar für Allgemeine Sprachwissenschaft, p.159-72. <http://www.ling.su.se/staff/oesten/publications.htm>

- DAHL, Östen & HEDIN, Eva (2000). Current relevance and event reference. In Östen Dahl (Ed.), *Tense and aspect in the language of Europe*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, p.385-401.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha (1984). *Toldo Chimbangue: história e luta Kaingang em Santa Catarina*. Xanxerê, SC: Cimi-Regional Sul.
- _____. (1998). *Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica*. Campinas, SP: IEL-UNICAMP. Tese de doutorado, 2 vols.
- _____. (2002a). Kaingáng: questões de língua e identidade.(1996). *Liames 2*. Campinas: IEL-Unicamp. p. 105-128.
- _____. (2002b). *Para pensar aspecto no Kaingang*. Notas para um Colóquio do Departamento de Lingüística do IEL-UNICAMP. 28/05/2002. Campinas, SP. (não publicado).
- _____. (2004). O SIL e a Redução da Língua Kaingang à Escrita: um Caso de Missão “Por Tradução”. In Robin M. Wright (org.), *Transformando os Deuses: Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, p.199-217.
- _____. (2006a). *A língua Kaingang e seu estudo*. Disponível em: www.portalkaingang.org.
- _____. (2006b). *A língua kaingang*. Disponível em: www.portalkaingang.org.
- _____. (2006c). *Elementos para o projeto de licenciaturas específicas (3º grau) para a etnia Kaingang*. Fotocopiado (não publicado).
- D'ANGELIS, W. R.; CUNHA, Carla Maria & RODRIGUES, Aryon D. (Orgs.) (2002). *Bibliografia das línguas Macro-Jê*. Campinas, SP: DL/IEL/UNICAMP, 102 p.
- D'ANGELIS, W. R. & VEIGA, Juracilda (2000). Bilingüismo entre os Kaingáng: situação atual e perspectivas. Comunicação ao IV Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada. Campinas, Unicamp, 4 a 6 de set 1995. Publicada em L. T. Mota el alii, *Uri e Wãxi. Estudos Interdisciplinares dos Kaingáng*. Londrina: Ed. UEL, p. 307-326.
- DECLERCK, Renaat. (1979). Aspect and bounded/unbounded (telic/atelic) distinction. In *Linguistics*, 17, p. 761-794.
- _____. (1989). Boundedness and the structure of situations. *Leuvense Bijdragen* 78. p. 275-308.
- _____. (1991). *Tense in English: its structure and use in discourse*. London: Routledge.
- DEPRAETERE, Ilse (1995). On the necessity of distinguishing between (un) boundedness and (a) telicity. *Linguistics and Philosophy* 18. Dordrecht / Boston/ London: Kluwer Academic Publishers, p. 1-19.
- DE SWART, H. (1998). Aspect shift and coercion. *Natural Language and Linguistic Theory*, 16, p.347-385.

- _____. (2000). Tense, aspect and coercion in a cross-linguistic perspective. In M. Butt e T. H. King (Ed.), *Proceedings of the Berkeley Formal Grammar conference*. Berkeley: University of California. <http://csli-publications.stanford.edu>.
- DIK, S. C. (1997). *The theory of functional grammar*. Parte 1: The Structure of the clause. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- DINI, L. e BERTINETTO, P. M. (1995). *Punctual verbs and the linguistic ontology of events*. <http://alphalinguistica.sns.it/QLL/Welcome.html>.
- EBERT, Karen H. (2000). Aspect in Maltese. In Östen Dahl (Ed.), *Tense and aspect in the language of Europe*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, p.753-785.
- GAKRAN, Nanblá (2005). *Aspectos morfossintáticos da língua Laklänõ (Xokleng) Jê*. Campinas: IEL UNICAMP. Dissertação de Mestrado.
- GIORGI, Alexandra e PIANESI, Fabio (1997). *Tense and aspect - from semantics to morphosyntax*. Oxford: Oxford University Press.
- GIVÓN, T. (1984). *Syntax. A functional-typological introduction – Vol. I*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. Cap. 3 (*Word Classes*) e Cap. 8 (*Tense-Aspect-Modality*).
- _____. (2001). *Syntax - An introduction*. Amsterdam: Ed. Jonh Benjamins Publishing Company.
- GODOI, Elena. (1992). *Aspectos do aspecto*. Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP. Tese de Doutorado.
- GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur (1942) Estudos sobre a língua caingangue. Notas histórico-comparativas (dialeto de Palmas - dialeto de Tibagi) - Paraná. *Arquivos do Museu Paranaense*. Curitiba. II, p. 97-177.
- HANKE, Wanda (1947). Vocabulário del dialecto Caingangue de la Serra do Chagú, Paraná. *Arquivos do Museu Paranaense*, Curitiba, vol. 6, p. 99-106.
- _____. (1950). Ensayo de uma gramática del idioma Caingangue de los Cainganges de la Serra de Apucarana - Paraná. *Arquivos do Museu Paranaense*, Curitiba, vol. 8, p. 65-146.
- HEDIN, Eva (2000). The type-referring function of the Imperfective. In Östen Dahl (Ed.), *Tense and aspect in the language of Europe*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, p. 227-264.
- HOIJER, Harry (1957). The relation of language to culture. In A. L. Kroeber (Ed.), *Anthropology Today - An Encyclopedic Inventory*. Chicago: The University of Chicago Press, 1957. p. 554-573.
- _____. (1974). Cultural implications of some Navaho linguistic categories. *Language* 27. Millwood, New York: Kraus Reprint, p.111-120.
- HORNSTEIN, Norbert. (1991). *As time goes by: tense and Universal Grammar*. Londres/Cambrige: The MIT Press.
- ILARI, Rodolfo (2001). *A expressão do tempo em português*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 85 p.

- ILARI, R. & BASSO, R. M. (2004 -1ª versão). Capítulo: Verbo. A sair no vol. II do *Projeto da Gramática do Português Falado*. Inédito.
- JOHANSON, Lars (2000). Viewpoint operators in European languages. In Östen Dahl (Ed.), *Tense and aspect in the language of Europe*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, p. 27-187.
- KIBRIK, A. E. (1977). *The methodology of field investigation in linguistics*. Paris: Mouton.
- KLUCKHOHN, Clyde (1961). Notes on some anthropological aspects of communication. *American Anthropologist*, v. 63 (5). Menasha, Wisconsin, USA. p. 895-912.
- LENCI, Alessandro & BERTINETTO, P. M. (2000). Aspect, adverbs, and events - habituality vs. perfectivity. In J. Higginbotham, F. Pianesi & A. C. Varzi (orgs) *Speaking of Events*. New York: Oxford University Press. p. 245-287.
- LINDSTEDT, Jouko (2000). The perfect-aspectual, temporal and evidential. In Östen Dahl (Ed.), *Tense and aspect in the language of Europe*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, p.365-384.
- LYONS, John (1979). *Introdução à Lingüística Teórica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Cap. 3 (Categorias Gramaticais), p. 285 - 350.
- LONGACRE, R. E. (1964). *Grammar discovery procedures: a field manual*. Haia: Mouton.
- MABILDE, Pierre F. A. B. (1897). Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação coroados que habitam os sertões do Rio Grande do Sul. *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, ano XIII. P. 145-167.
- MAIA, Marcus Antonio Rezende (1986). *Aspectos tipológicos da língua Javaé*. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de Mestrado.
- MAIA, Marcus e col. (1997). *Comparação de aspectos da gramática em línguas indígenas brasileiras*. UFRJ, RJ. Texto apresentado no XI Encontro da ANPOLL.
- MEDINA, Pilar Guerrero (2001). Reconsidering aspectuality: interrelations between grammatical and lexical aspect. *Working papers in functional grammar* (wpfg), nº 75, Universidad de Córdoba, Espanha.
- MONSERRAT, Ruth; SOARES, Marília F.; SOUZA, Tânia C. de (1980), *Formulário tipológico para pesquisa em línguas indígenas*. Rio de Janeiro: Museu Nacional. Fotocopiado. 34 pp.
- MUSEU NACIONAL (1965), Formulário para estudos comparativos nas línguas indígenas. Rio de Janeiro: *Museu Nacional - Publicações Avulsas nº 49*. p. 27-36.
- PIANESI, Fábio & VARZI, Achille C. (2000). Events and event talk - an introduction. In J. Higginbotham, F. Pianesi & A. C. Varzi (orgs). *Speaking of Events*. New York: Oxford University Press, p. 3-47.
- REICHENBACH, Hans. 1947. *Elements of Symbolic Logic*. Londres: MacMillan.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna.(1999). Macro-Jê. In R. M. W. Dixon, A. Y. Aikhenvald (orgs.), *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 164 a 206.

- SAILDP (South American Indian Languages Documentation Project). *Questionário Gramatical*.
- SAMARIN, Willim J. (1967). *Field Linguistic: a guide to linguistic field work*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- SAPIR, Edward (1951). *Select Writings of Edward Sapir*. Ed. David G. Mandelbaum. Berkeley: University of California Press.
- SASSE, Hans-Jürgen (2002). Recent activity in the theory of aspect: Accomplishments, achievements, or just no progressive state? *Linguistic Typology* 6, p. 199-271.
- SIEWIERSKA, Anna (1991). *Functional Grammar*. London: Routledge.
- SMITH, Carlota S. (1991). *The parameter of aspect*. Dordrecht/Boston/Londres: Kluwer Academic Publishers.
- _____. (2003). Aspectual entities and tense in discourse. In P. Kempchinsky & S. Roumyana (Eds.). *The Syntax, Semantics and Acquisition of Aspect*. Kluwer. <http://uts.cc.utexas.edu/~carlota/papers/Iowa>.
- _____. (2004). The pragmatics and semantics of temporal meaning. In P. Denis, E. McCready, A. Palmer & B. Reese (eds.), *Proceedings, Texas Linguistics Forum 2004*. Cascadilla Press. <http://uts.cc.utexas.edu/~carlota/papers/Iowa>.
- _____. (2005). Time with and without tense. In J. Guéron and J. Lacombe (eds), *Proceedings, International Round Table on Tense and Modality*. Paris, December 2005. Cambridge, Mass: MIT Press. <http://uts.cc.utexas.edu/~carlota/>.
- SMITH, Carlota S & ERBAUGH, Mary (2005). Temporal interpretation in Mandarin Chinese. *Linguistics*, 43: 4, pp 713-756.
- SQUARTINI, Mario (1998). *Verbal periphrases in Romance: aspect, actionality, and grammaticalization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- TALMY, Leonard (1985). Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms. In T. Shopen (Ed.), *Language typology and syntactic description*. Cambridge/UK: Cambridge University Press, p. 57-149.
- TEDESCHI, P. & ZAENEN, A. (Eds.) (1981). *Syntax and semantics 14: Tense and aspect*. New York: Academic Press.
- TEIXEIRA, José Baltazar (1988). *Contribuição para a fonologia do dialeto Kaingang de Nonoai*. Campinas: IEL-Unicamp. Dissertação de Mestrado.
- URBAN, Greg (1985). Ergativity and accusativity in Shokleng (Gê). *International Journal of American Linguistics*. The University Chicago Press, vol. 51, n. 2, p. 164-187.
- VAL FLORIANA, Mansueto Barcatta de. (1918). Ensaio de Gramática Kainjgang. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, vol. 10, p. 529-563.
- _____. (1920). Dicionário Kainjgang-Portugues e Portugues-Kainjgang. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, vol. 12, p.1-392.

- VÁSQUEZ, Enriqueta Pérez (2003). El pronombre aspectual con verbos de movimiento y cambio de estado en español (Posibilidad de una explicación pragmática). *Quaderni del laboratorio di lingüística della Scuola Normale di Pisa*, 15, p. 189-213.
- VEIGA, Juracilda (1994). *Organização social e cosmovisão Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nominação em uma sociedade Jê Meridional*. Campinas, SP: IFCH-UNICAMP. Dissertação de Mestrado.
- VEIGA, Juracilda (2000). *Cosmologia e práticas rituais Kaingang*. Campinas: IFCH-UNICAMP. Tese de Doutorado.
- _____. (2004) Cosmologia Kaingang e suas práticas rituais. In K. Tommasino, L. T. Mota & F. S. Noelli (orgs), *Novas Contribuições aos Estudos Interdisciplinares dos Kaingang*. Londrina, PR.: Eduel, p. 267-284.
- _____. (2006) *Aspectos fundamentais da cultura Kaingang*. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 256p.
- VENDLER, Zeno (1967). *Linguistics in Philosophy*. New York: Cornell University Press.
- VERKUYL, H. J. (1972). *On the compositional nature of aspects*. Dordrecht: Reidel.
- _____. (1989). Aspectual classes and aspectual composition. *Linguistics and Philosophy* 12: 39-94.
- _____. (1993). *A theory of aspectuality. The interaction between temporal and atemporal structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- VET, Co. (1984). Tense - aspect: between semantics and pragmatics. In Paul J. Hopper (Ed). *Studies in Language* 8:2. 296 p.
- WEINRICH, Harald (1974). *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Versão espanhola de Federico Latorre. Madrid: Editorial Gredos.
- WHORF, Benjamin Lee (1936). The punctual and segmentative aspects of verbs in Hopi. *Language* 12: 127-31 (reprinted 1956 in J. B. Carrol (ed), *Language, Thought and Reality*, Cambridge: MIT Press, 51-56).
- _____. (1938). Some verbal categories of Hopi. *Language* 14:275-86 (reprinted in Whorf 1956).
- WIESEMANN, Ursula (1959). Notas sobre o proto Kaingáng: um estudo de quatro dialetos. Trad. de Miriam Lemle. *4ª Reunião da ABA*. Curitiba. Arquivo do Setor Lingüístico do Museu Nacional. RJ.
- _____. (1967). *Introdução na língua Kaingang*. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics (SIL). Arquivo do Setor Lingüístico do Museu Nacional. RJ. 47p.
- _____. (1971). *Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingáng*. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics (SIL). Reeditado em 1981.
- _____. (1972). *Die phonologische und grammatische Struktur der Kaingáng - Sprache*. Paris, The Hage: Mounon.
- _____. (1974). Time distinctions in Kaingáng. *Zeitschrift für Ethnologie*. Braunschweig, vol. 99, n. 1-2, p. 120-130.

_____. (2002) *Dicionário Kaingang-Português, Dicionário Bilingüe*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança. p. 156-157.